



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
GEOGRAFIA**

**RAÍSSA LOPES PAES**

**CIRCUITO ESPACIAL DA PIMENTA DO REINO:  
Implicações na reprodução socioeconômica dos produtores  
familiares no município de Cametá-PA.**

**Belém-Pará  
2022**



RAÍSSA LOPES PAES

**Circuito espacial da pimenta do reino: Implicações na reprodução socioeconômica dos produtores familiares no município de Cametá-PA.**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Geografia da UEPA (PPGG), Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE), como requisito à obtenção do grau de Mestre em Geografia, pela Universidade do Estado do Pará (UEPA).

**Área de concentração:** Análises socioespaciais e territoriais na Amazônia

**Linha de pesquisa:** Análises socioespaciais e territoriais do campo da Amazônia

**Orientador:** Dr. Benedito Ely Valente da Cruz (UEPA)



BELÉM-PA  
2022



**Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)**  
**Biblioteca do CCSE/UEPA, Belém – PA**

---

Paes, Raissa Lopes

Circuito espacial da pimenta do reino: implicações na reprodução socioeconômica dos produtores familiares no município de Cametá-PA / Raissa Lopes Paes: orientador Benedito Ely Valente da Cruz. Belém. – 2022.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade do Estado do Pará. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Belém, 2022.

1.Pimenta do reino-Aspectos econômicos-Cametá-PA. 2. Agricultura familiar-Cametá-PA. I. Cruz, Benedito, Ely Valente da Cruz (orient.) II. Título.

CDD 23 ed. 330.9

---

Ficha catalográfica elaborada por Regina Ribeiro CRB-739

**Belém**

2022

RAÍSSA LOPES PAES

**Circuito espacial da pimenta do reino: Implicações na  
reprodução socioeconômica dos produtores familiares no  
município de Cametá-Pará.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Geografia da Universidade do Estado do Pará, como requisito à obtenção do  
grau de Mestre em Geografia.

Data da avaliação: Belém, 26 de agosto de 2022.

Conceito: **Aprovado.**

**Banca examinadora:**



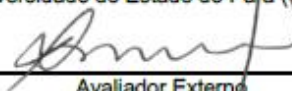
---

Orientador: Prof. Dr. Benedito Ely Valente da Cruz  
Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
(UNESP/SP)  
Universidade do Estado do Pará (UEPA).



---

Examinador Interno  
Prof. Dr. Fabiano de Oliveira Bringel  
Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/PE)  
Universidade do Estado do Pará (UEPA).



---

Avaliador Externo  
Prof. Dr. Márcio Cataia  
Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP)  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

**Belém**

2022

## DEDICATÓRIA

À **Deus** que desde o ventre de minha mãe tem me guardado e assegurado a vida. A minha **família**, representados aqui por minha mãe Ana Maria, a maior incentivadora que já encontrei nesta caminhada. A meu pai, Raimundo Paes, que retém toda minha admiração, ex-produtor de pimenta que inspirou a realização desta pesquisa. A minha avó Maria da Conceição que sempre cuidou/cuida de mim em suas orações e aos meus irmãos, Izael, Kézia, Kédma e Raquel, sobrinhos Douglas e Ana Livia que tanto amo.

Aos **produtores de pimenta** do reino das vilas de Porto Grande e Bom Jardim-Cametá/PA e a todos os **pesquisadores** que tiveram que fazer pesquisa em meio a pandemia do COVID-19, avante, AVANCE!

## AGRADECIMENTOS

---

*“Consagre ao Senhor tudo que você faz e seus planos serão bem-sucedidos”  
(Provérbios 16.3)*

Com a passagem bíblica acima início meus agradecimentos a Deus, a fé que me move faz-me entender que tudo se encaminhou segundo a sua vontade, onde pôde-se contemplar seu cuidado em todos os detalhes. Nos momentos em que pensei em desistir mostrou-me que poderia ir além, quando achei estar difícil colocou em meu caminho pessoas que tornaram a caminhada mais leve. Um parágrafo não seria suficiente para expressar toda minha gratidão, pois passar os anos de 2020/2021/2022 com saúde é prova do seu cuidado, *porque D’ele e por Ele são todas as coisas!*

Agradeço ao programa de pós-graduação em Geografia da UEPA (PPGG) na pessoa do coordenador professor Dr. Fabiano Bringel e todo corpo docente pelos esforços na criação do programa, na oferta das disciplinas e turmas, oportunizando a nós, geógrafos, o acesso a formação *stricto sensu*.

Meu agradecimento especial ao professor Dr. Benedito Ely Valente da Cruz pela parceria nesses últimos dois anos, pelas palavras de apoio, pelo entusiasmo, pela dedicação, paciência e comprometimento com que conduziu este trabalho. Aproveite ao destino (Deus) que meu orientador fosse um cametaense, assim como eu, e ex-produtor de pimenta do reino, teria como essa parceria não render boas conversas? Gostaria de expressar minha admiração pelo profissional que és prof. “Bené”, esse trabalho não teria a qualidade que tem sem seus direcionamentos, o sentimento de gratidão é o que prevalece!

Agradeço aos professores Dr. Fabiano de Oliveira Bringel (UEPA) e Dr. Márcio Cataia (UNICAMP) pela forma com que conduziram a avaliação deste trabalho desde quando era apenas um projeto de pesquisa (seminário de dissertação), a fase em que apresentara alguns resultados (qualificação) até o momento atual (Defesa). A continuidade desta parceria foi, sem dúvidas, crucial para o amadurecimento teórico analítico deste trabalho.

Ao professor, Fabiano Bringel (UEPA) que, além de coordenador do programa e professor, se mostrou muito solícito quanto ao convite para desempenhar a função de examinador, suas contribuições foram de grande valia para este trabalho.

Agradeço ao prof. Dr. Márcio Cataia (UNICAMP) que, na mesma solicitude, compôs essa banca examinadora, por aceitar dialogar com o nosso trabalho, por se mostrar sempre disponível para esclarecimento de dúvidas, por propor caminhos, por provocar inquietações, por demonstrar interesse na temática proposta. Pela gentileza e sutileza com que detectou falhas e propôs de bom grado conversas à parte da obrigação de avaliador, pelo simples fato de amar a geografia e suas possibilidades.

Agradeço a Fundação de Amparo à Estudos e Pesquisas (FAPESPA) pela bolsa que custeou a pesquisa nesse último ano de (2021 a 2022). Agradeço aos produtores e compradores de pimenta do reino das vilas de Porto Grande e Bom Jardim no distrito de Carapajó pela receptividade com que nos receberam em suas casas e por compartilharem suas experiências conosco. Não poderia deixar de citar o companheiro “Neto”, que permitiu que o acompanhasse na sua rotina de comprador no período da coleta de dados.

Estendo meus agradecimentos aos meus primos Paulo Antônio de Maria da Conceição pela estadia em Belém-PA no período que tive que me deslocar a capital para cumprir os compromissos do programa. Agradeço, também, ao professor Dr. Rosivanderson Baía (UFPA/CUNTINS), orientador da graduação e um grande amigo, que se disponibilizou em conversar sobre essa pesquisa, pelas indicações feitas sobre quem procurar e com quem falar na vila de Porto Grande!

E por fim, e não menos importante, agradeço a minha família, a minha **BASE**. A minha mãe Ana Maria, meu pai Raimundo Paes e a minha avó Maria da Conceição por acreditarem em mim para cumprir mais essa jornada. Gostaria de agradecer ao meu irmão Izael Paes que me acompanhou nos trabalhos de campo e a minha irmã Kédma Paes pelo apoio dado no período em que tive que dedicar a coleta e escrita dessa dissertação deixando de lado algumas tarefas que eram de nossas responsabilidades, muito obrigada meus irmãos! Agradeço as minhas irmãs Kézia Paes e Raquel Paes e aos meus sobrinhos, Ana Livia e Douglas, pelo apoio e incentivo durante este percurso. Muito obrigada minha amada família, essa **VITÓRIA** é nossa!

Raíssa Lopes Paes em janeiro de 2022.

*“Como a localização das diversas etapas do processo produtivo (produção propriamente dita, circulação, distribuição, consumo) pode doravante ser dissociada e autónoma, aumentam as necessidades de complementação entre lugares, gerando circuitos produtivos e fluxos cuja natureza, direção, intensidade e força variam segundo os produtos, segundo as formas produtivas, segundo a organização do espaço preexistente e os impulsos políticos” [Milton Santos, 1994, p.63].*

## RESUMO

---

PAES, Raíssa Lopes. **Circuito espacial da pimenta do reino:** Implicações na reprodução socioeconômica dos produtores familiares no município de Cametá-Pará. 2022. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2022.

O objetivo desta pesquisa consiste em analisar a dinâmica do circuito espacial da pimenta do reino em Cametá e como isso tem afetado a reprodução socioeconômica do produtor do município. Para atingir este objetivo foram adotados os procedimentos metodológicos como a revisão bibliográfica, levantamentos de dados (fontes secundárias e primárias) e trabalho de campo realizado nas vilas de Porto Grande e Bom Jardim, município de Cametá - Estado do Pará. O método de abordagem da pesquisa, que direciona nossas interpretações da realidade, é o *dialético* de onde partimos da gênese do processo, reconstrução e explicitação, para compreensão da realidade atual. A base teórico-conceitual da pesquisa está fundamentada na teoria dos circuitos produtivos, conceito que permite compreender o espaço a partir da produção, distribuição, troca e consumo e que enfatiza as particularidades que emergem da divisão territorial da produção e as sucessivas trocas/fluxos entre os espaços, permitindo compreender o espaço regional em sua interlocução com escalas mais amplas (MORAES, 1985; SANTOS; 1986; 2014a; 2014b; 2020; ARROYO, 2008; CASTILLO; FREDERICO, 2010; DANTAS, 2016). O conceito de situação geográfica (SILVEIRA, 1999; CLAVAL, 2011; CATAIA; RIBEIRO, 2015;) evidencia que uma produção situada geograficamente é resultado não só de fatores edafoclimáticos, mas de um conjunto de variáveis técnico-produtivas que explicam situações específicas do desenvolvimento da produção de pimenta do reino. Os principais resultados da pesquisa apontam que a capacidade de ganho dos produtores de pimenta do reino é afetada diretamente pela dinâmica de funcionamento do circuito espacial, que é global, como também pelo desenvolvimento da produção *stricto sensu* e da estrutura do comércio que ainda pressupõe a existência do comprador-intermediário. Uma série de fatores tais como os custos com a produção, preços, comércio intermediário, acesso a linhas de créditos, escassez de mão de obra e falta de assistência técnica explicam a situação geográfica da produção e comercialização da pimenta do reino no município, reproduzindo no lugar uma lógica produtiva global que separa os produtores dos resultados de seu trabalho, transferindo a mais valia do local para os circuitos regional, nacional e global em que se realiza acumulação de capital.

**Palavras chave:** Circuito espacial. Situação geográfica; Produção familiar.

## ABSTRACT

---

PAES, Raíssa Lopes. **Black pepper spatial circuit: Implications in the socioeconomic reproduction of family farmers in the city of Cametá-PA.** 2022. Dissertation (Masters in Geography) - University of Pará State, Belém, 2022.

This research aims to analyze the dynamics of the spatial circuit of black pepper in Cametá and its effects on the socioeconomic reproduction of the family farmer in the municipality. To achieve this objective, methodological procedures were adopted, such as a bibliographic review, data collection (secondary and primary sources) and fieldwork carried out in the villages of Porto Grande and Bom Jardim, municipality of Cametá - State of Pará. The research approach method, which directs our interpretations of reality, is the dialectic, from which we start from the genesis of the process, reconstruction and explanation, to understand the current reality. The theoretical-conceptual basis of the research rests on the theory of productive circuits, a concept that allows us to understand space from the point of view of production, distribution, exchange and consumption and that emphasizes the particularities that emerge from the territorial division of production and the successive exchanges/flows among areas, allowing us to understand the regional space in its dialogue with broader scales (MORAES, 1985; SANTOS, 1986; SANTOS, 1986; 2014a; 2014b; ARROYO, 2008; CASTILLO; FREDERICO, 2010; DANTAS, 2016). The concept of geographic situation (SILVEIRA, 1999; CLAVAL, 2011; CATAIA; RIBEIRO, 2015;) shows that a geographically situated production is the result not only of edaphoclimatic factors, but of a set of technical-productive variables that explain specific development related to pepper production. The main results of the research indicate that the earning capacity of black pepper producers is directly affected by the dynamics of the spatial circuit, which is global, as well as by the development of *stricto sensu* production and the trade structure that still presupposes the existence of the buyer-intermediary. A series of factors such as production costs, prices, intermediary trade, access to credit lines, shortage of labor and lack of technical assistance explain the geographical situation of the production and commercialization of black pepper in the municipality, reproducing locally a global productive logic which takes place and separates producers from the results of their work, transferring surplus value from the local to the regional, national and global circuits in which capital accumulation takes place.

**Keywords:** Spatial Circuits. Geographical situation; Family farming.

## ÍNDICE DAS FIGURAS

|   |     |
|---|-----|
| <b>Figura 1.</b> Grupo de sujeitos entrevistados nas vilas de Bom Jardim e Porto Grande, Cametá/Pará – ano 2021. ....   | 34  |
| <b>Figura 2.</b> Representação cartográfica elaborada pela faostat dos países produtores de pimenta – ano 2020.....   | 50  |
| <b>Figura 3.</b> Registro de área de cultivo, colheita e armazenamento de pimenta do reino em uma fazenda no município de Tomé-Açu, estado do Pará - ano 1950.....                | 61  |
| <b>Figura 4.</b> Registro de uma das embarcações utilizadas por cametaenses para se locomover em direção a outras cidades do estado do Pará, município de Cametá - ano 1930. .... | 67  |
| <b>Figura 5.</b> Registros aéreos da área urbana do município de Cametá - ano 1970. ...   | 69  |
| <b>Figura 6.</b> Primeira agência do banco da amazônia, município de Cametá -ano 1970. ....   | 70  |
| <b>Figura 7.</b> Registros de algumas embarcações utilizadas no transporte entre o município e Belém, município de Cametá - anos 1960 a 2000. ....                                | 73  |
| <b>Figura 8.</b> Vista aérea da “frente” da cidade, município de cametá – ano 2022.....   | 77  |
| <b>Figura 9.</b> “Rasas” de açaí para venda na feira livre de cametá – 2021.....  | 79  |
| <b>Figura 10.</b> Alguns serviços oferecidos próximo ao porto da balsa em carapajó, município de cametá- ano 2021. ....   | 83  |
| <b>Figura 11.</b> Embarcações atracadas no trapiche/porto localizado na vila de Porto Grande, Cametá-Pará - 2021.....   | 86  |
| <b>Figura 12.</b> Embarque de farinha produzida na terra firme para embarcações, vila de Porto Grande, município de Cametá – ano 2021. ....                                       | 87  |
| <b>Figura 13.</b> Vias de deslocamento para a sede das vilas de Porto Grande e Bom Jardim, Cametá-Pa - 2021. ....   | 88  |
| <b>Figura 14.</b> Vista do centro comercial das vilas de Bom Jardim e Porto Grande, 2021. ....  | 89  |
| <b>Figura 15.</b> Porto Grande, identificação do sítio Monte Carmelo, Cametá/Pa, 2021. ....   | 93  |
| <b>Figura 16.</b> Vista frontal do sítio Cají localizado na vila de Porto Grande, município de Cametá- 2021.....  | 97  |
| <b>Figura 17.</b> Algumas das sub-etapas do plantio da pimenta do reino, Porto Grande, Cametá/Pa - 2021. ....   | 106 |
| <b>Figura 18.</b> Grãos de pimenta do reino ao sol para secagem, Porto Grande, município de Cametá - 2021.....  | 108 |

|  |     |
|--|-----|
| <b>Figura 19.</b> Sistematização das sub-etapas da produção <i>stricto sensu</i> , Porto Grande e Bom Jardim, município de Cametá - 2021. ....                           | 109 |
| <b>Figura 20.</b> Cultivares desenvolvidas pelos pesquisadores da EMBRAPA- Amazônia Oriental, Pará - 2014. ....  | 112 |
| <b>Figura 21.</b> Defensivos com uso proibidos na atividade, Brasil - 2020.....  | 114 |
| <b>Figura 22.</b> Alguns pontos de compra de pimenta do reino, município de Cametá - 2021. ....  | 130 |
| <b>Figura 23.</b> Controle da origem da produção por uma empresa localizada no estado do Pará - 2020.....  | 138 |
| <b>Figura 24.</b> Estrutura do comércio da pimenta do reino, município de Cametá – ano 2021. ....  | 139 |
| <b>Figura 25.</b> Representação matemática da margem de lucro dos compradores-intermediários no processo de compra da pimenta do reino, município de Cametá - 2021. .... | 142 |
| <b>Figura 26.</b> Tipos de transporte da pimenta do reino dos estabelecimentos agropecuários até as sedes das vilas de Bom Jardim e Porto Grande, 2022. ....             | 151 |
| <b>Figura 27.</b> Transferência da pimenta do reino da vila de Porto Grande para a vila de Carapajó, 2021.....   | 154 |
| <b>Figura 28</b> carregamento de pimenta do reino em Bom Jardim com destino a Mocajuba-Pa, 2021. ....  | 155 |
| <b>Figura 29.</b> Garagem de um produtor de pimenta do reino com perfil familiar na vila de Porto Grande, Cametá/Pa - 2021.....  | 170 |

## ÍNDICE DOS MAPAS

|   |    |
|---|----|
| <b>Mapa 1.</b> Localização do município de Cametá-PA, 2021.....   | 23 |
| <b>Mapa 2.</b> Quantidade produzida (t.) Por grande região, Brasil – ano 2020. ....                           | 55 |
| <b>Mapa 3.</b> Concentração da produção de pimenta (t), Brasil – ano 2020. ....                               | 57 |
| <b>Mapa 4.</b> Divisão distrital, município de Cametá – ano 2022.....   | 81 |
| <b>Mapa 5.</b> Mapa de localização da sede da vila de Bom Jardim- Cametá/PA, 2021. ...                        | 90 |
| <b>Mapa 6.</b> Mapa de localização da sede vila de Porto Grande – Cametá/PA, 2021....                         | 91 |
| <b>Mapa 7.</b> Estabelecimentos agropecuários visitados na vila de Bom Jardim, município de Cametá-Pará. .... | 95 |

|   |     |
|---|-----|
| <b>Mapa 8.</b> Locais de origem da pimenta do reino comprada pelos compradores-intermediários, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021..... | 128 |
| <b>Mapa 9.</b> Espacialização dos pontos de compra de pimenta do reino nas vilas de Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021 .....           | 129 |
| <b>Mapa 10.</b> Distribuição espacial das empresas de exportação de pimenta do reino no Brasil, 2020. ....  | 136 |
| <b>Mapa 11.</b> Dinâmica 1 do circuito espacial da pimenta do reino escala local (Cametá) – 2021. ....  | 150 |
| <b>Mapa 12.</b> Dinâmica 3 do circuito espacial da pimenta do reino da escala local à microrregional - 2021.....  | 156 |
| <b>Mapa 13.</b> Dinâmica 2 do circuito espacial da pimenta do reino da escala microrregional a nacional – 2021. ....                                      | 157 |
| <b>Mapa 14.</b> Principais pontos de distribuição da pimenta do reino produzida no estado do Pará – 2021.....   | 159 |
| <b>Mapa 15.</b> Principais pontos de distribuição da pimenta do reino produzida pelo Brasil – ano 2021. ....  | 161 |

## ÍNDICES DAS TABELAS

|  |     |
|--|-----|
| <b>Tabela 1.</b> Quantidade produzida (t.) Por mesorregião pertencente ao estado do Pará e Espírito Santo, Brasil - ano 2020.....  | 58  |
| <b>Tabela 2.</b> Número de estabelecimentos agropecuários que produzem pimenta do reino – origem da orientação técnica, estados do Pará e Espírito Santo, Brasil - ano 2017. ....    | 59  |
| <b>Tabela 3.</b> Principais produtos agrícolas (temporárias e permanente), município de Cametá - 2020.....   | 80  |
| <b>Tabela 4.</b> Alguns estabelecimentos agropecuários que produzem pimenta do reino, município de Cametá - 2021. ....   | 94  |
| <b>Tabela 5.</b> Perfil do núcleo familiar e participação dos membros da família na atividade participantes da pesquisa, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021. .... | 99  |
| <b>Tabela 6.</b> Quantitativo dos pés cultivados pelos produtores pesquisados em Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021. ....   | 101 |
| <b>Tabela 7.</b> Tipologia dos produtores de pimenta do reino, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021. ....   | 101 |

|  |     |
|--|-----|
| <b>Tabela 8.</b> Tabela de preços paga ao coletor por kg/colhido em 2022.....  | 116 |
| <b>Tabela 9.</b> Planilha de custos do plantio para 1000 pés em um estabelecimento agropecuário de Porto Grande, município de Cametá- ano 2021. ....                   | 117 |
| <b>Tabela 10.</b> Principais preços pagos nas matérias primas utilizadas no processo produtivo, município de Cametá – ano 2021.....                                    | 118 |
| <b>Tabela 11.</b> Custos diretos da produção no primeiro ano de implantação dos pés de pimenta do reino – 2021.....  | 118 |
| <b>Tabela 12.</b> Capacidade ganho na atividade por produtor de pimenta do reino em um ano, porto grande e bom jardim, município de Cametá - 2021.....                 | 120 |
| <b>Tabela 13.</b> Empresas atuantes no comércio de exportação de pimenta do reino, Brasil - 2020. ....   | 134 |
| <b>Tabela 14.</b> Principais empresas para onde são enviadas a produção das vilas de Bom Jardim e Porto Grande, 2021. ....   | 138 |
| <b>Tabela 15.</b> Volume comprado segundo o grupo de compradores-intermediários, Bom Jardim e Porto Grande, 2021. ....   | 148 |
| <b>Tabela 16.</b> Destino do volume comprador pelos compradores intermediários locais segundo o grupo de compradores receptores, Bom Jardim e Porto Grande, 2021. .... | 148 |
| <b>Tabela 17.</b> Principais países importadores de pimenta do reino do Brasil, 2021....   | 162 |

## ÍNDICES DOS QUADROS

|   |     |
|---|-----|
| <b>Quadro 1.</b> Fontes de consulta para levantamento de dados secundários utilizados na pesquisa – 2020 a 2021. ....   | 30  |
| <b>Quadro 2.</b> Número de entrevistados segundo o locus de origem, Cametá/Pará – ano 2021. ....  | 35  |
| <b>Quadro 3.</b> Número de estabelecimentos agropecuários produzindo pimenta do reino segundo a tipologia, Brasil – ano 2017.....                               | 54  |
| <b>Quadro 4.</b> Nível de escolaridade dos produtores de pimenta do reino participantes da pesquisa, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021..... | 98  |
| <b>Quadro 5.</b> Produtores que recebem auxílio do governo, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021. ....   | 103 |
| <b>Quadro 6.</b> Tipo de atividades desenvolvidas pelos produtores participantes da pesquisa, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021.....        | 103 |

|   |     |
|---|-----|
| <b>Quadro 7.</b> Instrumentos da produção utilizados na produção <i>stricto sensu</i> , Porto Grande e Bom Jardim, município de Cametá - 2021. .... | 111 |
| <b>Quadro 8.</b> Total de pessoas contratadas na atividade em uma única propriedade em Porto Grande, município de Cametá -2021.....                 | 116 |
| <b>Quadro 9.</b> Origem da matéria prima utilizada na produção <i>stricto sensu</i> , Porto Grande e Bom Jardim, município de Cametá - 2021. ....   | 124 |
| <b>Quadro 10.</b> Preço pago ao produtor entre julho a outubro de 2021, Porto Grande e Bom Jardim, município de Cametá*. ....                       | 143 |

### ÍNDICES DOS GRÁFICOS

|  |     |
|--|-----|
| <b>Gráfico 1.</b> Área colhida (ha) e quantidade produzida (t.) Dos 5 primeiros produtores de pimenta do reino no mundo – ano 2020.....                              | 52  |
| <b>Gráfico 2.</b> Faixa etária dos produtores de pimenta do reino, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021.....  | 98  |
| <b>Gráfico 3.</b> Estado civil dos produtores de pimenta do reino, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá – 2021.....  | 99  |
| <b>Gráfico 4.</b> Taxa de concentração dos produtores por atividade desenvolvida nas vilas de Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021.....             | 104 |
| <b>Gráfico 5.</b> Porcentual de produtores com sistema de irrigação, Porto Grande e Bom Jardim, município de Cametá - 2021.....                                      | 109 |
| <b>Gráfico 6.</b> Principais cultivares plantadas pelos produtores em Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021.....                                     | 112 |
| <b>Gráfico 7.</b> Principais insumos utilizados na produção <i>stricto sensu</i> , Porto Grande e Bom Jardim, município de Cametá - 2021. ....                       | 113 |
| <b>Gráfico 8.</b> Contratação de mão-de-obra por sub-etapa da produção, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá – ano 2022. ....                              | 115 |
| <b>Gráfico 9.</b> Tipologia dos produtores segundo as áreas de cultivos, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá – ano 2021.....                              | 120 |
| <b>Gráfico 10.</b> Concentração das empresas com atividade de exportação da pimenta do reino por município, estado do Pará – 2020 a 2021. ....                       | 137 |
| <b>Gráfico 11.</b> Porcentual dos produtores segundo os valores de comercialização da produção, vilas de Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá – 2021. .... | 144 |
| <b>Gráfico 12.</b> Principais fatores que implicam na lucratividade dos produtores de pimenta do reino das vilas de Bom Jardim e Porto Grande, 2021. ....            | 165 |

|   |     |
|---|-----|
| <b>Gráfico 13.</b> Razões pelas quais os produtores de Bom Jardim e Porto Grande foram motivados a produzir pimenta do reino, 2021.....                       | 168 |
| <b>Gráfico 14.</b> Evolução do número de pés cultivados pelos produtores participantes da pesquisa, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá- 2021..... | 171 |

### **ÍNDICE DOS FLUXOGRAMAS**

|  |     |
|--|-----|
| <b>Fluxograma 1.</b> Cronologia dos principais acontecimentos que antecederam a expansão da pipericultura no estado do Pará..... | 65  |
| <b>Fluxograma 2.</b> Níveis de comercialização da pimenta do reino no circuito, município de cametá - 2021. ....                 | 147 |
| <b>Fluxograma 3.</b> Principais rotas de distribuição da pimenta do reino, município de cametá – 2021.....                       | 153 |

## **ÍNDICES DAS ABREVIATURAS**

**BDPA-** Bases de dados da Pesquisa Agropecuária

**COMEXSTAT-** Estatísticas do Comércio Exterior

**CONAB** – Companhia Nacional de Abastecimento

**EMBRAPA** – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

**FAO-** Food and Agriculture Organization of the United Nations

**FAOSTAT** - FAO STATISTICS

**FAPESPA-** Fundação Amazônia de Amparo à Estudos e Pesquisas do Pará

**MERCORSUL-** Mercado Comum do Sul

**MORVEN** - Metodologia para o Diagnóstico Regional

**NCM-** Nomenclatura Comum da Mercadoria

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

**IPC-** International Community Pepper

**SEDAP-** Secretaria do Estado de Desenvolvimento Agropecuário e da Pesca

**SEPLAN-** Secretaria de Planejamento e Administração do governo do Pará

**SIDRA-** Sistema IBGE de Recuperação Automática

**TRADE MAP-** (Mapa do Comércio) Estatísticas comerciais para o desenvolvimento de negócios internacionais

**UHE-** Usina Hidrelétrica

## ÍNDICES DOS PRINCIPAIS SITES CONSULTADOS

**B2BBRASIL**- plataforma de negócios entre empresas brasileiras e internacionais:

<https://b2brazil.com.br/>

**Bases de Dados da pesquisa agropecuária:**

<https://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/consulta/busca>

**Censo Agropecuário IBGE 2017:** <https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/>

**Comexstat:** <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>

**Comtrade base da ONU:** <https://comtrade.un.org/Data/mbs>

**Faostat:** <https://www.fao.org/faostat>.

**International Community Pepper:** <https://www.ipcnet.org/>

**Portal da EMBRAPA:** <https://www.embrapa.br/>

**Secretaria de estado de Desenvolvimento Agropecuário e da Pesca- SEDAP:**

<http://www.sedap.pa.gov.br/>

**Sistema IBGE de recuperação automática- SIDRA:** <https://sidra.ibge.gov.br/>

**The Observatory of Economic Complexity- OEC:** <https://oec.world/en>

**Trad Map:** <https://www.trademap.org/Index.aspx>

**Vitrine do Exportador:** <http://www.vitrinedoexportador.gov.br/bens/ve/br>

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>20</b> |
| Situação problema, objetivos gerais/específicos e hipótese da pesquisa .....   | 20        |
| O recorte espacial da pesquisa .....   | 21        |
| Justificativa da pesquisa .....  | 24        |
| Trajetória metodológica da pesquisa: Definindo o método de abordagem, de procedimentos e o tipo da pesquisa .....  | 26        |
| <b>2 CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO E SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DA PRODUÇÃO .....</b>   | <b>37</b> |
| 2.1. Definindo o conceito de circuito espacial produtivo .....   | 37        |
| 2.2. Definindo o conceito se situação geográfica .....   | 47        |
| 2.2.1. Situação geográfica da produção de pimenta do reino no mundo .....  | 49        |
| 2.2.2. Situação (ões) geográfica (as) da produção de pimenta do reino no Brasil .....  | 53        |
| <b>3. A INSERÇÃO DE CAMETÁ NO CIRCUITO ESPACIAL DA PIMENTA DO REINO .....</b>  | <b>61</b> |
| 3.1. Fatores que impulsionaram o desenvolvimento da pipericultura em Cametá-Pará .....   | 66        |
| 3.2. A gênese da formação do comércio intermediário da pimenta do reino em Cametá .....  | 70        |
| 3.3. Os tempos lentos da distribuição da pimenta do reino: O padrão rodoviário em substituição do padrão hidroviário e a perda da centralidade da cidade na dinâmica da circulação da produção ..... | 73        |
| <b>4. ORGANIZAÇÃO E DINÂMICA DE FUNCIONAMENTO DO CIRCUITO ESPACIAL DA PIMENTA DO REINO EM CAMETÁ.....</b>  | <b>77</b> |
| 4.1. Gênese da produção de pimenta do reino no distrito de Carapajó – Município de Cametá.....   | 82        |
| 4.1.1 Formação territorial e organização socioespacial das vilas de Porto Grande e Bom Jardim .....  | 85        |
| 4.2. A instância da produção <i>stricto sensu</i> : Qualificando o lugar da produção e os sujeitos da pesquisa .....   | 92        |
| 4.2.2. Sub-etapas do processo produtivo .....  | 105       |
| 4.2.3. A força de trabalho local nas áreas produtivas: Riqueza exportada e pobreza local .....   | 115       |
| 4.2.4. Os custos com a produção.....   | 117       |
| 4.2.5. A divisão territorial da produção e intensificação das trocas: A origem das mudas, estacas e adubos.....  | 123       |
| 4.3. Estrutura do comércio da pimenta do reino: Os agentes da troca....  | 124       |
| 4.3.1. Sistema local de precificação da produção .....   | 140       |
| 4.3.2. Níveis de comercialização do circuito espacial da pimenta do reino: Da escala local a escala nacional .....   | 145       |

|          |  |            |
|----------|--|------------|
| 4.4.     | Dinâmica (s) de funcionamento do circuito espacial da pimenta do reino .....       | 149        |
| 4.5.     | Implicações na reprodução socioeconômica do produtor de pimenta do reino .....     | 164        |
| <b>5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | <b>173</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>  | <b>181</b> |
|          | <b>ANEXO I – O trabalho de Campo .....</b>   | <b>190</b> |
|          | <b>ANEXO II- Questionários utilizados para coleta de dados em campo, 2021.....</b> | <b>192</b> |
|          | <b>ANEXO III- Termo de consentimento .....</b>                                     | <b>198</b> |
|          | <b>ANEXO IV. Principais tabelas consultadas .....</b>                              | <b>199</b> |

## INTRODUÇÃO

---

A presente dissertação é direcionada pela teoria dos circuitos espaciais produtivos e percorre os caminhos teóricos-metodológicos propostos por Milton Santos, para o quem o espaço geográfico é um “conjunto indissociável, solidário e também, contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2006, p.39), possibilitando assim, uma análise associada de sua forma como também das relações que sobre ele se desdobram, resultando em diferentes tipos de usos e em uma dinâmica explicativa do/no lugar e deste com o demais frações do espaço, pois os circuitos se dão no espaço (SANTOS, 2014a) e o espaço é condição para a sua materialização (DANTAS, 2016).

Para este estudo foi selecionada a produção de pimenta do reino (**Piper Nigrum L.**) uma das atividades agrícolas desenvolvidas no município de Cametá, estado do Pará, desde a década de 1960 e que no ano corrente de 2020, produziu o equivalente a 1.943 toneladas de pimenta preta seca<sup>1</sup>. A partir dessa atividade buscou-se compreender a dinâmica do circuito espacial da pimenta do reino, levando em consideração duas das principais vilas produtoras presentes no município de Cametá – Bom Jardim e Porto Grande -, a partir desses locais foi realizado uma imersão analítica sobre a **produção *stricto sensu***, a **troca** e a **comercialização** do produto envolvendo a escala local a global.

### SITUAÇÃO PROBLEMA, OBJETIVOS GERAIS/ESPECÍFICOS E HIPÓTESE DA PESQUISA

A partir do tema central propõe-se responder os seguintes questionamentos: *De que forma a dinâmica do circuito espacial da pimenta do reino tem afetado a reprodução socioeconômica do produtor no município de Cametá? Como subsídio às questões centrais têm-se como secundárias: Quais são as etapas e, quem são, os agentes que compõem o circuito espacial da pimenta do reino em Cametá? Qual a sua participação nesse circuito? Esta dinâmica tem afetado a reprodução*

---

<sup>1</sup> **Pimenta preta** - Para obter esse tipo de pimenta os cachos são colhidos em estágio intermediário de maturação, apresentando ainda coloração dos grãos amarelada, estes por sua vez separados dos cachos, postos a secagem natural, passam pela limpeza de impurezas (ventilação) e, após o processo de classificação e padronização, são armazenados em sacos de polipropileno (EMBRAPA, 2004; DUARTE et al, 2006; ZANCANARO, 2008; BRASIL,2006).

*socioeconômica do produtor de pimenta no município de Cametá, em especial o de perfil familiar? Se sim, de que forma?*

Diante dos questionamentos se tem como objetivo *analisar a dinâmica do circuito espacial da pimenta do reino tendo como foco central a reprodução socioeconômica produtiva no município de Cametá*. Como objetivos específicos priorizamos **1. Descrever e analisar as etapas do circuito espacial; 2. Explicar a dinâmica de funcionamento deste circuito no município e como este se inter-relaciona com as outras etapas de circulação; 3. Explicar como os produtores familiares do município de Cametá (Vila Bom Jardim e Porto Grande) se inserem nesse circuito e os fatores que afetam a sua reprodução socioeconômica e permanência na atividade.**

Explicitado estes direcionamentos iniciais, partimos da hipótese de que a atividade produtiva de pimenta do reino por fazer parte de um circuito espacial que é global e de um comércio de *commodity* agrícola é arriscada ao produtor familiar na medida em que a estrutura do mercado coloca o produtor em uma situação de vulnerabilidade comprometendo sua reprodução socioeconômica. Assim, entende-se que este cenário contribuiu para que a atividade, que outrora era uma atividade de suma importância para o produtor familiar e determinante na reprodução socioeconômica, seja, hoje, considerada uma atividade secundária, terciária e até mesmo complementar, ou como uma fonte de reserva.

## O RECORTE ESPACIAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no município de Cametá em termos históricos o município é um dos mais antigos do estado do Pará e do Baixo Tocantins<sup>2</sup>, foi fundado em 24 de dezembro de 1635, ainda grafando a denominação de “*Vila Viçosa de Santa Cruz de Camutá*”, em um local diferente onde está atualmente e elevada à condição de Cidade em 1848 pela “Lei provincial nº 145, de 24-10-1848” (IBGE/CIDADES, 2014). Quanto ao tipo de grupo populacional que formara o pequeno povoado “[...] a vila Viçosa de Santa Cruz dos Camutás (Cametá Tapera), era povoada de tribos indígenas destacando-se os Camarapins, Parissós e Pacajás” (SANTOS, 2015, p. 20).

---

<sup>2</sup> Cronologicamente os municípios foram fundados nos seguintes anos: “Cametá (1620), Oeiras do Pará (1653) e Baião (1694). Nos séculos seguintes surgiram as cidades de Barcarena (1709), Abaetetuba (1745), Mocajuba (1953) e Limoeiro do Ajuru (1956), Igarapé Miri (1710), Moju (1754), Acará (1839). A cidade de Tailândia tem sua origem no século XX, seu povoamento está ligado aos assentamentos rurais conduzidos pelo Instituto de Terras do para - ITERPA às margens da PA-150, na segunda metade da década de 1970” (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO- MDA, 2008, p. 12).

Dada essa particularidade o nome do município faz menção ao tipo de moradias dessas tribos indígenas que antes ali habitavam, a expressão *Caá* significa floresta, mato e *Mutá/Mutã* degraus, a junção dos termos expressam - casas construídas em árvores<sup>3</sup> (SANTOS, 2015).

Cametá, atualmente, é conhecida como *pérola do Tocantins*<sup>4</sup>, *cidade invicta*<sup>5</sup> e *cidade dos notáveis*<sup>6</sup> termos que foram concedidos a título de reconhecimento pela sua importância histórica, econômica, participação política, cultural e religiosa. A ocupação e formação territorial do município de Cametá foi direcionada pela coroa portuguesa, de onde seguiram para o baixo curso do rio Tocantins as expedições religiosas cujo objetivo era “catequisar/domesticar” os indígenas desta região, sob o pano de fundo estava a conquista de territórios com potencial econômico.

Em termos cartográficos o município está localizado no nordeste paraense com coordenadas geográficas delimitadas a 02° 14' 54” de latitude Sul e 49° 30' 12” de longitude a oeste de Greenwich<sup>7</sup>. Com uma extensão territorial de 3.081,37 km<sup>2</sup>, o município abrange tanto as áreas localizadas em curso das margens esquerda quanto as em curso das margens direita do rio Tocantins, sendo a cidade - área urbana - localizada a margem esquerda. Dada a geografia do município e sua extensão isso faz com que tenha limites político-administrativo definidos ao norte com o município de Limoeiro do Ajuru, a oeste com o município de Oeiras do Pará, ao sul com o município de Mocajuba e a leste com o município de Igarapé Miri (**Mapa 1**).

---

<sup>3</sup> Segundo Santos (2015) os indígenas-ribeirinhos Camutás aprenderam a “arte de construir montarias, remar ligeiramente em pirogas, viver trepados em árvores para caçar ou vigiar duas casas aéreas [...]” (p.23).

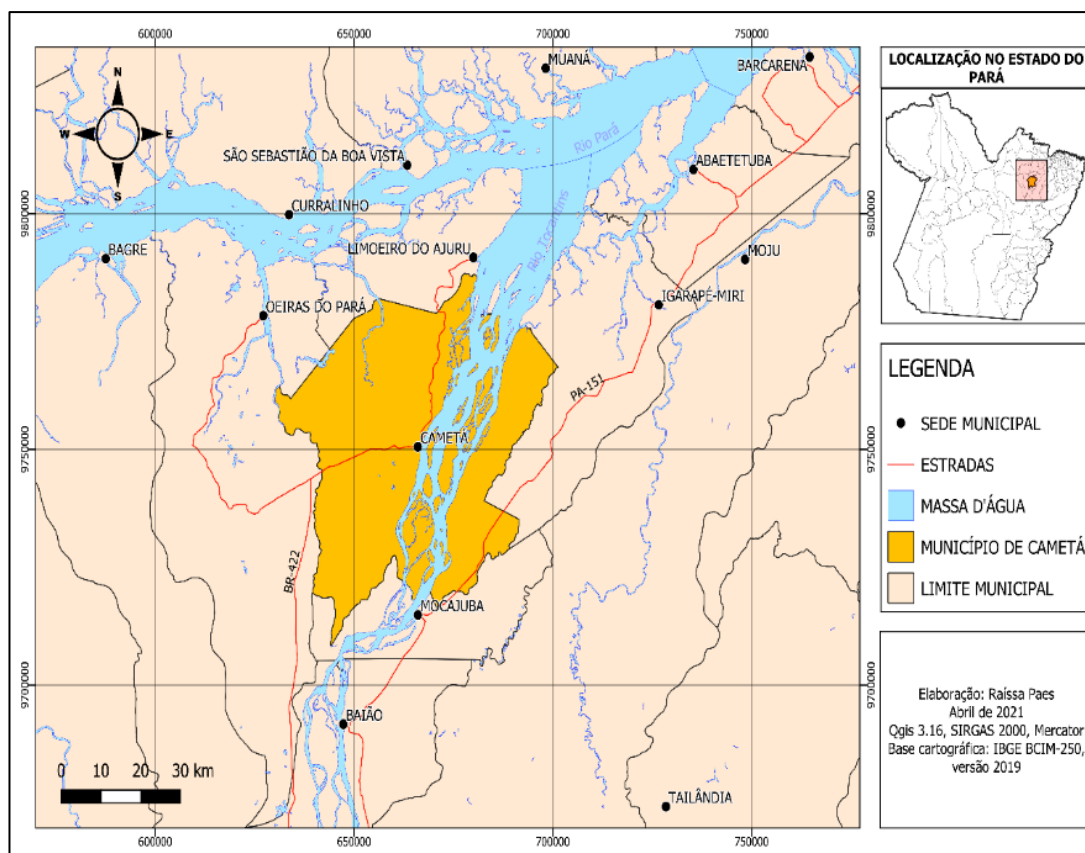
<sup>4</sup> Referências as belezas naturais do município localizado no baixo Tocantins.

<sup>5</sup> Durante o período da Cabanagem o município de Cametá é considerado símbolo de resistência a adesão do movimento que eclodiu no estado do Pará em 1835. Na praça central da cidade encontra-se o monumento em homenagem ao movimento cabanagem.

<sup>6</sup> Cidade dos notáveis uma homenagem aos filhos de Cametá que seja pela arte, figura política, conseguiram ganhar visibilidade e representatividade social, política e econômica.

<sup>7</sup> Ver relatório organizado pela FAPESPA, 2015.

Mapa 1. Localização do município de Cametá-PA, 2021.



Fonte: IBGE (2019). Org. Raíssa Paes, 2021.

Caro leitor, a escolha deste local deu-se, primeiramente, porque Cametá é o município de origem da autora que vos escreve e, em segundo lugar, porque é um importante centro de produção da *piper* não apenas na microrregião de Cametá, alcançando visibilidade estadual e nacional, estando entre os municípios brasileiros com produção acima de 1.000 toneladas, ocupando a 15<sup>o</sup> posição no *ranking* produtivo nacional a 5<sup>o</sup> melhor posição no estado do Pará em 2020 (IBGE/SIDRA, 2020).

Diante da extensão territorial do município e da territorialização da produção optou-se em selecionar as vilas de **Bom Jardim** e **Porto Grande**, localizadas no distrito de Carapajó, margens direita do rio Tocantins. A escolha dos locais não se deu de forma aleatória pois, apesar da ausência de dados quantitativos oficiais sobre a produção municipal, informações obtidas de forma verbal com compradores de

pimenta do reino<sup>8</sup> e em órgãos do município<sup>9</sup> apontavam estas vilas como os principais lócus de produção municipal, levando-nos a selecioná-los para efeito desta pesquisa!

## JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

As motivações para a realização da pesquisa emergem de experiências próprias da autora e de sua família com a produção de pimenta do reino. Por aproximadamente 11 anos (1999-2010) meu pai insistiu na atividade, com as mãos calejadas, debaixo de um sol escaldante desenvolvia a maior parte das etapas dos cultivos que exigiam grande esforço físico<sup>10</sup>. Nós filhos, que ao todo somam 5 pessoas, permanecíamos na cidade (Cametá) para estudar e no período da colheita, que coincidia com as férias escolares, nos deslocávamos para o Km 100 da BR-422 (Cametá-Tucuruí) no Ramal Paritá-Miri/Baião onde estava localizado as áreas de cultivo.

Observámos que o produto era comercializado e direcionado para a cidade de Cametá, pelo fato das áreas de cultivos estarem localizados em uma área distante da cidade a pimenta, quando em pequena quantidade (até 5 sacos o que equivale a 250 quilos<sup>11</sup>) era transportada por ônibus<sup>12</sup> quando a produção excedia esse montante o próprio comprador (empresário cidadão) enviava seus encarregados (representantes comerciais) de transportar o produto em caminhões, estes também desempenhavam a função de comprador, haja vista que compravam o produto e ganhavam uma comissão por quilo (R\$) comprado.

Em meados da década de 2000, a Fusariose (*Fusarium oxysporum*) levou à perda gradual as pimenteiras e até aquele momento não se tinha capital e domínio de técnicas suficiente para mitigar os efeitos da doença sobre os pimentais, culminando em tentativas falhas de reconstrução das áreas de cultivo. Somado a isso a

---

<sup>8</sup> Compradores localizados em Cametá e Bom Jardim, este último se deu por meio de conversa telefônica em maio de 2021.

<sup>9</sup> Segundo informações obtidas no departamento de Divisão Social da Secretaria de Agricultura de Cametá na instituição não há dados específicos sobre a atividade por distrito em Cametá, neste ano de 2021 a secretaria está realizando junto aos produtores o DRP- Diagnóstico Rural Participativo, é por meio desses dados que a secretaria pretende fazer o levantamento dos produtores e das culturas desenvolvidas no município, mas até o momento da escrita dessa seção os dados estavam em fase de tabulação.

<sup>10</sup> Carregava em seus ombros estacas de madeira, fazia perfurações no solo-cavação, capinas, empalhamento-cobertura morta, adubação e também colheita.

<sup>11</sup> Cada saco de pimenta do reino pesa, em média, 50 quilos.

<sup>12</sup> Veículos que realizavam o transporte de passageiros entre a cidade de Cametá e Tucuruí.

inconstância produtiva (pouca produção), oscilação dos preços, uso intensivo de capital e baixa geração de renda, obrigou-nos abandonar a atividade por completo, provocando a migração efetiva da família para a cidade de Cametá.

Esta situação não foi isolada havendo entre os moradores locais aqueles que decidiram abandonar a atividade e retornar para a cidade e a permanência de outros deve-se em grande parte pela substituição gradual da pimenta do reino por outras culturas, de fato os eventos que afetaram a permanência desses produtores na comunidade e na atividade dariam por si só um trabalho à parte e que poderá, porventura, ser investigado em uma outra oportunidade.

Diante deste relato experienciado sempre nos indagávamos: Para onde vai essa pimenta? – Em resposta sempre ouvíamos: Vai para Ananindeua, Belém, Castanhal ... vai para fora! A expressão “vai para fora” representava o distante! Com o passar dos anos realmente percebemos que a pimenta do reino “vai para fora”, o que nos levou a pensar: Quais os lugares/destinos dessa produção? Como poderíamos entender a organização da atividade em Cametá? Como isso tem afetado os produtores de pimenta do reino? A atividade se torna lucrativa para os produtores ou compradores intermediários? Inicialmente estes questionamentos foram decisivos para a elaboração deste projeto.

Do ponto de vista teórico observamos que este circuito é marcado por dois grandes momentos, em um primeiro momento a cidade exercia papel central na circulação do produto e enquanto lugar da troca, pois era onde os compradores estavam localizados, diante disso a produção seguia para a área urbana de onde era enviada para a capital do estado e a partir de então para outras regiões do Brasil (SOUSA, 2002).

Em um outro momento, principalmente a partir da década de 1970 quando se tem a abertura dos eixos rodoviários (PA-151) a cidade começa a perder a centralidade na circulação do produto e na comercialização, quando há uma reorganização do arranjo espacial deste circuito em que o lugar da produção, - Bom Jardim e Porto Grande -, passam a ser também o lugar da comercialização. Isso porque os produtores que ali habitam passaram a negociar o produto com compradores-intermediários nas vilas, estes por sua vez passaram a comercializar o produto com outro grupo de compradores intermediários localizados fora do município de Cametá e até mesmo diretamente com as empresas exportadoras. Com isso a

produção, que outrora seguia exclusivamente para a área urbana de Cametá, passa a seguir outras rotas definidas segundo os agentes envolvidos na comercialização.

Tal condição aponta para uma situação própria de um mercado que ao mesmo tempo que é competitivo, moderno e global, reproduz as velhas estruturas de comércio da Amazônia, configurando assim um arranjo espacial próprio, daí a necessidade de investigá-la. A priori o circuito espacial da pimenta do reino em Cametá estrutura-se sobre três grupos de agentes econômicos: *produtor-comprador intermediário-empresas*, dentre esses grupos há subgrupos de agentes econômicos, ou seja, dentre esses agentes é possível encontrar perfis diferenciados não apenas de produtores como de compradores, sendo assim observamos que este circuito envolve agentes com diferencial poder de acumulação e participação neste circuito. Levando-nos a propor uma análise investigativa sobre estes com enfoque nas implicações que isso tem causado no produtor de pimenta do reino.

Em síntese estes são os motivos que levaram a pesquisar sobre a temática, esperamos que os resultados da pesquisa não apenas encontrem respostas teóricas, mas que subsidie a tomada de decisão dos produtores e principalmente do setor público que tem a responsabilidade de induzir e mitigar os efeitos deletérios que tem essa *commodity* na vida dos produtores de pimenta do reino.

#### TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA: DEFININDO O MÉTODO DE ABORDAGEM, DE PROCEDIMENTOS E O TIPO DA PESQUISA

A metodologia, instrumental de coleta parte da pesquisa científica, exigiu de nós atenção redobrada pois, no campo da ciência, o método (conjunto de ideias e instrumentos metodológicos) é o principal meio a ser utilizado para atingir determinado objetivo e sua escolha pode favorecer o máximo de aproveitamento dos dados ou comprometê-los, levando a interpretações errôneas e divergentes da realidade e do fenômeno investigado. Dito isso, objetiva-se nessa seção realizar uma breve apresentação da trajetória metodológica da pesquisa em que se dá destaque para a *o método de abordagem, a caracterização do tipo da pesquisa e aos procedimentos metodológicos* considerados, por nós, elementos estruturantes desta dissertação.

A questão do método de abordagem sempre foi um divisor de águas no processo de construção deste trabalho e desde a disciplina *Métodos e Técnicas de*

*pesquisa em Geografia*<sup>13</sup> surgiram os questionamentos: *Qual método consegue contemplar e/ou explicitar os objetivos da proposta? Ou melhor, como chegar aos resultados?* Diante disso foi preciso emergir na discussão sobre o próprio método e sua definição.

Segundo Japiassú e Marcondes (2001) o método é considerado um conjunto de procedimentos, regras e ideias que tem por objetivo atingir uma verdade científica. O método, segundo a definição de Ander (1978):

[...] opera dentro de determinados marcos y con ciertos elementos que proporcionan los recursos e instrumentos intelectuales con los cuales se ha de trabajar para construir el sistema teórico de la ciencia, estudiar los hechos que son objeto de la misma y comunicar los descubrimientos. El sistema conceptual, hipótesis, definiciones, variables e indicadores, suelen considerarse los elementos básicos del método científico (ANDER, 1978, p. 13).

Deste modo, o método científico visto como um sistema de conceitos (teóricos e empíricos) e instrumentais de coleta levam o pesquisador a descobrir, compreender e explicar os “porquês”, confrontando realidade (fenômeno) e ideias (teoria), a grosso modo, é um “roteiro científico” que possibilita ao pesquisador trilhar os caminhos da investigação em prol de um objetivo específico, pois o interesse maior é deixar claro ao seu público-alvo os resultados e como estes o foram alcançados.

Lakatos e Marconi (2003) discutem o método segundo dois grandes eixos explicativos, subdividindo-o em *método de abordagem* e *métodos de procedimentos*<sup>14</sup>, o primeiro condiz com o posicionamento filosófico seguido para a explicitação dos fenômenos este, segundo as autoras, necessita de um esforço intelectual mais intenso tendo em vista que se utiliza de categorias/leis para compreensão da realidade. Enquanto que o segundo faz menção a um conjunto de etapas operacionais que são desenvolvidas no decorrer da pesquisa, ou seja, as técnicas de coletas de dados. Deste modo, método de abordagem e de procedimentos operam de forma conjunta, ambos se apresentam como elementos essenciais para a elaboração de produções científicas.

No campo da ciência um método por excelência, que consiga contemplar todas as áreas do conhecimento, todavia, para a ciências humanas alguns desses métodos

---

<sup>13</sup> Disciplina ministrada pelos professores Dr. Benedito Ely Valente da Cruz e Dr. Willame Ribeiro a turma de 2020 do PPGG-UEPA.

<sup>14</sup> Ver o Capítulo 4. **Métodos científicos**. Sub-tópico 4.7 em que fala sobre os *Métodos específicos das Ciências sociais* do Livro Fundamentos de Metodologia Científica, de autoria de Marconi e Lakatos (2003).

se tornaram conhecidos tendo em vista seu uso recorrente em pesquisas científicas<sup>15</sup>. Não é nosso interesse prolongar a discussão sobre os tipos de métodos nem transformar a metodologia um capítulo à parte da dissertação, haja vista que a temática em questão vem sendo desenvolvida com muita maestria por autores que tornaram a própria metodologia como objeto de estudo<sup>16</sup> e que foram utilizados como suporte e instrumento metodológico.

O fato é que a escolha do método não deve ser encarada pelo pesquisador como uma simples exigência acadêmica é preciso estar atento, conforme Gil (2008, p.9), “a natureza do objeto que se pretende pesquisar, dos recursos materiais disponíveis, do nível de abrangência do estudo e, sobretudo, da inspiração filosófica do pesquisador”. Deste modo, entende-se que esta escolha deve pautar-se em fundamentos lógicos e coesivos capazes de demonstrar sua operacionalidade e aplicabilidade no desenvolvimento das sub-etapas de determinada pesquisa.

Não somos adeptos a discussões em que o método seja tratado de forma “encoberta”, onde o leitor tenha que adivinhar ou supor qual seja o adotado pelo pesquisador e, mediante o expositivo inicial, deixamos explícito nossa aproximação a *abordagem dialética* (CRUZ, 2017)<sup>17</sup>. O motivo de escolha está baseado na forma como o fenômeno investigado fora tratado/analísado e as leis que regem este método, ou seja, o posicionamento de interpretação da realidade adotado para dar prosseguimento a esta análise.

É consenso entre os pesquisadores que os métodos de abordagem não surgiram do “nada” são resultados de esforços intelectuais de diversos pensadores e de um longo período de maturação teórico-metodológica e, em concordância com Pradanov e Freitas (2013), reconhecemos que cada método de abordagem segue os princípios/posicionamentos pré-determinados por algum tipo de corrente filosófica. Dito isso, o método dialético é uma extensão analítica própria do materialismo histórico dialético, fundamentada na corrente filosófica marxista, é um método de interpretação da realidade que tem como principal idealizador Karl Marx e contém

---

<sup>15</sup> Os principais métodos conhecidos nas ciências sociais são: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico (GIL, 2008).

<sup>16</sup> **Sugestão de revisão bibliográfica para metodologia de trabalhos científicos:** Ver os livros de Ezequiel Ander (1978); Augusto Nivaldo Silva Trivãos (1987); Pedro Demo (1995); Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2003); Antônio Carlos Gil (2008); Cleber Cristiano Pradanov e Ermani Cesar de Freitas (2013).

<sup>17</sup> Expressão usada por Cruz (2017, p.27) ao considerar o uso do método dialético no “[...] sentido aproximativo do objeto pesquisado, o qual está situado em um contexto socioespacial”.

elementos de análise pautados nas mudanças/contradições concretas da realidade (TRIVÑOS, 1987; DEMO, 1995).

Conforme o expositivo, tomamos como ponto de partida de que há uma realidade do tempo presente que vem sendo construída ao longo de um tempo passado (*gênese e construção histórica*), esta realidade manifesta contradições internas e ao mesmo tempo externas, ou seja, variáveis explicativas que emergem de fatores particulares do lugar (*particularidade*) e fora deste (*totalidade*), e essas contradições são contempladas em análises que são próprias da abordagem dialética, tendo em vista que este método, conforme os destaques realizados na definição abaixo:

[...] parte da premissa de que, **na natureza, tudo se relaciona, transforma-se e há sempre uma contradição inerente a cada fenômeno**. Nesse tipo de método, para conhecer determinado fenômeno ou objeto, o pesquisador **precisa estudá-lo em todos os seus aspectos, suas relações e conexões, sem tratar o conhecimento como algo rígido, já que tudo no mundo está sempre em constante mudança** (PRADANOV; FREITAS, 2013, p. 35).

Desse modo, tendo como base o compromisso com o método escolhido, no momento atual, vislumbramos tendências de um circuito espacial que reproduz e mantém as velhas estruturas de comercialização, que pressupõe a existência do comprador-intermediário, também conhecido como atravessador. Este agente atua como regulador do comércio local e grande distribuidor do produto, não é o comprador final, mas como o próprio nome deixa explícito, situa-se entre o produtor e o grande comprador, encontrando “lugar” na troca – circulação e na comercialização.

O comércio da pimenta do reino é moderno porque exporta então o explicaria a presença do comprador-intermediário tendo em vista que a atividade de exportação é realizada por empresas deste ramo? Para responder este questionamento é preciso reunir elementos/variáveis que resultaram na realidade atual ou seja, voltar ao passado (*gênese*) e investigar o conjunto de variáveis explicativas que contribuem para a permanência deste tipo de comercialização (*reconstrução*), é com base nesses questionamentos que direcionaremos nossas análises.

Para atingir o objetivo proposto da pesquisa os procedimentos metodológicos para a tessitura dessa dissertação foram seguidos a seguinte ordem **1**. Levantamento e revisão da bibliografia a ser utilizada; **2**. Coleta de dados secundários (coleta documental); **3**. Tratamento dos dados secundários; **4**. Planejamento do trabalho de campo e coleta de dados primários; **5**. Análise e tratamento dos dados obtidos em

campo. Na fase da *pesquisa bibliográfica*<sup>18</sup> (pesquisa bibliográfica/revisão de literatura), reuniu-se as principais obras que proporcionaram embasamento teórico da pesquisa, de posse dos conceitos-base da pesquisa construiu-se uma matriz teórica com autores que foram considerados essenciais no entendimento do conceito de *circuítos espaciais de produção*. Finalizado esta etapa deu-se início a coleta de *dados secundários* (Dados/informações já pesquisadas)<sup>19</sup> (vide **Quadro 1**) onde buscou-se fazer o levantamento de dados sobre:

- ✓ A produção *stricto sensu* (área colhida, quantidade produzida e rendimento médio) do produto;
- ✓ Número de estabelecimentos agropecuários que produzem pimenta do reino (Brasil, Pará e Cametá);
- ✓ Dados sobre a comercialização (exportação e importação);
- ✓ Levantamento amostral de empresas atuantes nesse comércio.

**Quadro 1.** Fontes de consulta para levantamento de dados secundários utilizados na pesquisa anos de referência 2020 a 2021<sup>20</sup>.

|   |
|---|
| <b>Dados sobre a produção de pimenta do reino:<br/>Mundo/Brasil/Pará/Cametá</b>   |
| FAOSTAT- Food and Agriculture Organization of the United Nations;<br>Sistema IBGE de Recuperação automática (SIDRA) - Banco de Tabelas e Estatísticas;<br>Síntese Agropecuária- SEDAP (Secretaria do estado de Desenvolvimento Agropecuário e Pesca).   |
| <b>Número de estabelecimentos agropecuários no Brasil</b>   |
| Censo Agropecuário 2017 – IBGE;   |
| <b>Dados sobre importação e exportação do produto: Mundo/Brasil/Pará</b>  |
| COMEXSTAT- Sistema de consulta do comércio exterior brasileiro integrado ao SICOMEX;<br>TRADE MAP- Sistema de estatística comerciais vinculado ao International Trade Centre (ITC), agência conjunta da Organização Mundial do Comércio e das Nações Unidas;<br>International Pepper Community (IPC);<br>OEC- Observatory Economic Complexity;<br>Banco de Dados COMTRADE DA ONU. |
| <b>Identificação/ localização de empresas que atuam no ramo</b>   |

<sup>18</sup> Para conhecimento geral das definições/significados das técnicas de coletas de dados utilizadas neste trabalho vide obras de MARCONI; LAKATOS (2003) e GIL (2008).

<sup>19</sup> A coleta documental<sup>19</sup> (GIL, 2008) também foi utilizada para a construção da dissertação tendo por base a revisão de boletins agropecuários e relatórios econômicos sobre o produto.

<sup>20</sup> **Notas:** As principais tabelas consultadas e o endereço para acesso estão disponíveis no **Anexo IV.**

International Pepper Community (IPC);  
B2BBRASIL- plataforma de negócios entre empresas brasileiras e  
internacionais; Google pesquisa.  
Vitrine do exportador – Diretório de empresa brasileiras

Organização: Raíssa Paes, 2021.

Diante do levantamento de informações e extração de dados em sites oficiais se torna mister descrever como fora o realizado o passo-a-passo deste tipo de consulta.

1. No site do IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas na plataforma SIDRA- Sistema IBGE de Recuperação automática obtivemos dados **Censo Agropecuário** – Total e Tipologia dos estabelecimentos agropecuários que produzem pimenta do reino; Origem da orientação Técnica ano de referência 2017, período em que ocorreu o último censo agropecuário. E sobre a **Produção Agrícola Municipal**- Informações sobre Culturas permanentes (áreas destinadas à colheita; área colhida; quantidade produzida; rendimento médio e valor da produção das lavouras permanentes) ano de referência 2020<sup>21</sup>.
2. No site do **COMEXSTAT**- *Portal de estatísticas do comércio exterior do Brasil*, foi realizado o levantamento geral da exportação e importação de pimenta do reino do Brasil, identificação dos locais de origem da mercadoria (**UF de origem do produto**) identificação dos locais onde a produção é despachada (**URF**- Unidade da Receita Federal), modos de deslocamentos (**Via**) e destino final (**Países de destino**), estes mesmos dados foram retirados em três níveis escalares: nacional, estadual e municipal todos esses foram referentes ao ano de 2021 (12 meses)<sup>22</sup>.
3. Já nos sites da FAOSTAT, TRADE MAP, OEC e COMTRADE DA ONU obtivemos informações sobre a situação global da produção obtendo dados sobre a produção, exportação e importação dos grãos de pimenta do reino no comércio global, tendo como referência o período de investigação anos 2020, tendo em vista que a publicação dos dados ano 2021 só estão disponíveis mediante atualização dos sites, estando fora do cronograma para efeito deste trabalho.

---

<sup>21</sup> Apesar da publicação desta dissertação datar o ano de 2022 os dados aqui analisados condizem ao ano de 2020, tendo em vista que a levantamento de informações e dados foram realizados em 2021, e os sites oficiais utilizam dados referentes ao ano anterior.

<sup>22</sup> O site do COMEXSTAT apresenta dados contínuos e referentes ao ano corrente.

4. Já nos sites International Pepper Community (IPC); B2BBRASIL- plataforma de negócios entre empresas brasileiras e internacionais; Google pesquisa. Vitrine do exportador – Diretório de empresa brasileiras nos atentamos para o levantamento de empresas que apresentaram algum tipo de atividade ligada à exportação de pimenta do reino.

A pimenta do reino é um produto mundialmente consumido e no cenário global há, pelo menos, alguns subtipos comercializados, mas para este estudo foram utilizados a classificação para a comercialização, segundo a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM). Segundo esse sistema de classificação o **Tipo 1**. Pimenta em grão, não triturada e nem moída, que seria a pimenta *in natura* em sua forma granulada (pimenta seca)<sup>23</sup> e o **Tipo 2**. Pimenta triturada em pó ou moída, grãos que já passaram por algum tipo de processamento (pimenta processada)<sup>24</sup>. Sendo o **Tipo 1**- pimenta em grão, não triturada e nem moída, subtipo que representa maior volume de comercialização no mercado global, tendo em vista que é mais seguro, do ponto de vista alimentar, importar pimenta do reino em sua forma *in natura* e realizar no país importador o seu processamento, trataremos desse tipo específico em nossas análises.

Contudo, a principal fonte de coleta de dados primários foi o trabalho de campo. Este foi realizado entre os meses de **maio** de 2021 a **dezembro** de 2022, ao todo foram realizados **6 trabalhos de campos**, o andamento do levantamento de informações se estendeu devido a pesquisa ser desenvolvida no período pandêmico do Covid-19 o que impossibilitou a coleta contínua de dados. Tendo isso como obstáculo foi preciso adaptar as técnicas iniciais de coleta à nova realidade que nos foi “imposta”.

Em um período onde os sistemas de comunicações estão cada vez mais instantâneos e difusos entre a população, estes tornaram-se uma ferramenta indispensável para dar prosseguimento a pesquisa empírica. Infelizmente, esta não é a primeira nem a última crise sanitária que enfrentaremos e dentre os obstáculos que são próprios da pesquisa científica, a necessidade do isolamento que não foram apenas no sentido geográfico (distanciamento em KM), mas também no sentido social, mostrou que fazer pesquisa requer o uso de técnicas de coletas pioneiras já

---

<sup>23</sup> Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM: 09041100)

<sup>24</sup> Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM: 09041200).

utilizadas e a capacidade de pensar e aplicar novas. Deste modo, em um primeiro momento a coleta de informações deu-se mediante conversação telefônica com sujeitos da pesquisa (comprador-intermediário e produtor) localizados nos centros de produção<sup>25</sup> e com produtores de pimenta do reino localizados na cidade<sup>26</sup>.

Neste momento primamos pelas seguintes perguntas-chaves: Para **os produtores**:

1. Para quem você vende a pimenta?
2. Onde você vende?
3. Você conhece outros produtores de pimenta que possam falar sobre o assunto?

Para **os compradores**:

1. Para quem você compra pimenta do reino?
2. É filiado alguma empresa de exportação?
3. Essa pimenta vai para a cidade- área urbana ou diretamente para as sedes das empresas?
4. Onde estão localizadas essas empresas?
5. Como é feito o transporte?
6. Você conhece outros compradores que podem nos falar mais um pouco sobre o assunto?

A técnica inicial utilizada é conhecida como Bola de Neve (*Snowball*) tendo como principal método de coleta as informações prestadas por sujeitos que detém conhecimento sobre a temática e que se desdobra na indicação de outros que podem assim fornecer informações, segundo Vinuto (2014) para esse tipo de coleta são selecionados sujeitos “com o perfil necessário para a pesquisa [...] em seguida solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal” (VINUTO, 2014, p. 203). Dessa maneira, a seleção da amostra foi construída pela indicação dos entrevistados, o grupo de pessoas a serem analisadas foram subdividas segundo o

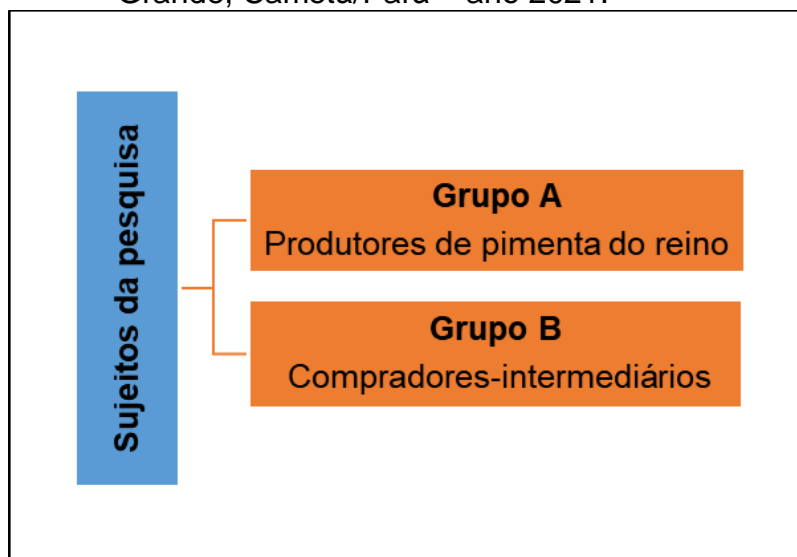
---

<sup>25</sup> Diante do cenário pandêmico em que se deu a realização da pesquisa (2020/2021) se tornou inviável dá início a coleta de dados primários juntos a produtores e compradores de pimenta do reino das vilas de Porto Grande e Bom Jardim. Como alternativa entramos em contato com pessoas que das vilas e que pudessem indicar outras pessoas (produtores ou compradores) que pudessem prestar informações sobre a atividade.

<sup>26</sup> Conversamos com 01 produtor de pimenta do reino da vila de Bucubarana-Cametá/PA que possui morada fixa na área urbana.

público-alvo das perguntas: o **Grupo A**- Produtores de pimenta do reino; e o **Grupo B**- Compradores-intermediários (**Figura 1**).

**Figura 1.** Grupo de sujeitos entrevistados nas vilas de Bom Jardim e Porto Grande, Cametá/Pará – ano 2021.



Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022.

Já em campo nos valem da *observação*, considerada uma técnica de coleta (MARCONI; LAKATOS, 2003), que executada de forma dirigida permitiu identificar na área de estudo elementos visuais pertinentes à **produção** (áreas de cultivos, mão-de obra, nível técnico da atividade, instrumentos da produção e etc.); a **comercialização** (negociação entre produtores e compradores-intermediários locais, negociação entre compradores-intermediários locais e de fora); e **distribuição** (modos de deslocamento da produção, qualidade das estradas, tipo de transporte, retirada da produção por compradores de fora, tipo de transporte utilizado). Eixos analíticos basilares de uma pesquisa que se propõe em compreender a organização espacial da produção a partir não só das formas como também das ações que sobre elas são impostas.

Como instrumentos de coletas optou-se por utilizar as entrevistas dialogadas (informações qualitativas) e aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas (informações quantitativas), ao todo foram entrevistados e aplicados 21 questionários com produtores de pimenta do reino e 10 questionários a compradores (**Quadro 2**), deste modo o universo amostral da pesquisa é de **31 pessoas entrevistadas**. Para não tornar a explicitação desta técnica de coleta extensa optamos por descrever no **ANEXO I – O trabalho de Campo** e **ANEXO II- Questionários** utilizados para coleta de dados em campo, 2021.

**Quadro 2.** Número de entrevistados segundo o locus de origem, Cametá/Pará – ano 2021.

| <b>Grupo de sujeitos investigados</b>  | <b>Bom Jardim – Distrito Carapajó</b> | <b>Porto Grande-Distrito Carapajó</b> | <b>Área urbana-Cametá-PA</b> | <b>Mocajuba-PA</b> |
|--|---------------------------------------|---------------------------------------|------------------------------|--------------------|
| <b>Produtores de pimenta do reino</b>  | 10                                    | 11                                    | -                            | -                  |
| <b>Compradores de pimenta do reino</b> | 4                                     | 3                                     | 2                            | 1                  |

Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022.

Diante da explicitação do passo-a-passo da metodologia utilizada para a construção deste trabalho, de acordo com Pradanov e Freitas (2013), comprovamos que é quase impossível classificar uma pesquisa em um único sistema teórico-metodológico haja vista que “os critérios[...] variam de acordo com o enfoque dado, os interesses, os campos, as metodologias, as situações e os objetos de estudos” (PRADANOV; FREITAS, 2013, p. 43). Dito isso, os autores em tela elaboram, a partir de Silva (2004), um esquema metodológico capaz de auxiliar diversos pesquisadores nessa tarefa, tendo como proposição de que as pesquisas científicas podem ser classificadas segundo a “natureza, os objetivos, os procedimentos técnicos e a abordagem do problema” (*IBID.*, p.51).

De posse desses direcionamentos entende-se que esta pesquisa do ponto de vista de sua *natureza* é considerada uma **pesquisa básica** tendo por objetivo-fim a geração de um produto científico com enfoque na análise regional em suas múltiplas escalas a partir do circuito espacial da pimenta do reino no município de Cametá, próprio de uma realidade local e que pode ou não servir de base para pesquisas futuras. Quanto aos *objetivos* é **descritiva** e **explicativa**<sup>27</sup>, isto porque vai além da descrição dos fenômenos em que o cientista social pretende, apenas, narrar os fatos, somado a isso buscou-se a partir da discussão explicar da realidade que envolve o objeto (circuito espacial da pimenta do reino) e os sujeitos da pesquisa (reprodução socioeconômica do produtor familiar em Cametá).

<sup>27</sup> “Nas pesquisas descritivas, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles [...]” (PRADANOV; FREITAS, 2013, p. 52) já nas pesquisas explicativas “o pesquisador procura explicar os porquês das coisas e suas causas, por meio do registro, da análise, da classificação e da interpretação dos fenômenos observados” (PRADANOV; FREITAS, 2013, p. 53).

E por fim, quando levamos em consideração a *abordagem do problema* (PRADANOV; FREITAS, 2013) esta pesquisa é considerada **quali-quantitativa** pois trabalha de forma associada com a quantidade (dados numéricos) e a qualidade das informações (relatos, dados observáveis, experiências e etc). Para o autor a pesquisa quantitativa “considera tudo que pode ser quantificável” e a qualitativa “não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas” (PRADANOV; FREITAS, 2013, p. 69-70). Diante disso, por ser uma temática que envolve economia local-global seria quase impossível não levar em consideração números do mesmo modo que parte de uma problemática social e não há como deixar de direcionar nossas análises para as proposições de quem vivencia esta realidade.

Em suma, a partir do momento em que o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar a dinâmica do circuito produtivo da pimenta do reino, tendo como foco central a reprodução socioeconômica produtiva, no município de Cametá, tudo aquilo que envolva essa temática ou que possibilite atingir este objetivo é considerado elemento de análise.

Explicitado a trajetória teórico-metodológica da pesquisa como resultado desse esforço se tem um trabalho que está estruturado em capítulos, a **INTRODUÇÃO** é considerada o primeiro capítulo onde expusemos os elementos teóricos-metodológicos da pesquisa. O **capítulo 2 - CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO E SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DA PRODUÇÃO**, é apresentado a discussão teórica sobre os circuitos espaciais da produção e de situação geográfica, a fim de que pudéssemos adentrar a análise da atividade a nível global e nacional, partindo do geral para análise do particular, para então discutir o **capítulo 3**. No capítulo 3 - **A INSERÇÃO DE CAMETÁ NO CIRCUITO ESPACIAL DA PIMENTA DO REINO**, foi realizado uma imersão sobre a pipericultura no estado do Pará para então reconstruir na história o circuito espacial da pimenta do reino que resultaram na forma na dinâmica de funcionamento deste circuito na atualidade. O **capítulo 4 - ORGANIZAÇÃO E DINÂMICA DE FUNCIONAMENTO DO CIRCUITO ESPACIAL DA PIMENTA DO REINO EM CAMETÁ**, dedica-se a pesquisa empírica realizada nas vilas de Bom Jardim e Porto Grande, tendo por base os direcionamentos teóricos e as informações levantadas em campo com os sujeitos investigados e interconexão com o sistema de conceitos da pesquisa.

Aos interessados, boa leitura!

## 2 CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO E SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DA PRODUÇÃO

---

Buscar-se-á neste primeiro momento articular argumentos que demonstrem a você, caro leitor, a linha teórica que fundamenta a pesquisa. Para tanto, foram selecionados autores<sup>28</sup> que, em nossa perspectiva, são determinantes na construção do conceito dos circuitos espaciais de produção a saber são eles: **Sonia Barrios** (1980:2014), **Alejandro Rofman** (1980:2016), **Antônio Carlos Robert de Moraes** (1985) e **Milton Santos** (1986;1994;2014a;2014b;2020). Estes autores, são considerados os pioneiros na formulação deste conceito na geografia e, em um segundo momento, retomamos as discussões a partir das formulações de **Monica Arroyo** (2008), **Ricardo Castillo e Samuel Frederico** (2010) e **Aldo Dantas** (2016). A partir desse segundo conjunto de autores, pode-se vislumbrar o desdobramento atual das teorizações sobre circuito espacial produtivo. São esses autores e suas formulações que subsidiaram a análise do **Circuito espacial da pimenta do reino no município de Cametá**.

Tendo em vista que a produção de pimenta do reino é uma atividade “situada geograficamente” o conceito de situação geográfica é complementar a essa discussão. Para isso utilizaremos **Márcio Cataia e Luís Henrique Leandro Ribeiro** (2015), **María Laura de Silveira** (1999) e **Paul Claval** (2011) para compreensão da ideia central para em seguida analisar as diferentes situações da produção de pimenta do reino no contexto global-nacional.

### 2.1. Definindo o conceito de circuito espacial produtivo

*A repartição das atividades entre lugares, a divisão territorial do trabalho pode nos dar apenas uma visão mais ou menos estática do espaço de um país, um retrato onde cada porção do espaço revela especializações mais ou menos nítidas, nascidas à luz de processos antigos e modernos. Mas, para entender o funcionamento do território é preciso captar o movimento, daí a proposta de abordagem que leva em conta os circuitos espaciais de produção. Estes são definidos pela circulação de bens e produtos e, por isso, oferecem uma visão dinâmica, apontando a maneira como os fluxos perpassam o território (SANTOS; SILVEIRA, 2020, p. 143) (Grifo nosso).*

---

<sup>28</sup> A preferência pelos autores revisados não os coloca como únicas fontes de consulta, mas flui diretamente da forma como estruturamos o diálogo com a teoria.

A epígrafe que inaugura este capítulo traz a definição do conceito dos circuitos espaciais de produção<sup>29</sup> que na atualidade tem se mostrado uma ferramenta teórica-conceitual de suma importância para aos estudos geográficos principalmente para a geografia econômica. Este conceito já foi cognominado de *circuitos regionais de acumulação* (ROFMAN, 1980:2016), *circuito mercantil* (BRAUDEL, 2009) e na atualidade é avocado por *circuito espacial de produção* ou simplesmente *circuitos produtivos* (SANTOS, 1986; 1994; 2014a; 2014b; 2020).

Segundo o dicionário de língua portuguesa o termo circuito traduz a ideia de movimento, caminho a ser percorrido, o que rodeia ou circunda um ponto específico. Na eletrodinâmica foi utilizado para explicar os circuitos elétricos que em uma circularidade fechada geram a corrente elétrica. Já na geografia foi utilizado para dar explicações geográficas sobre a produção, distribuição, troca e consumo, ou seja, sobre a circulação da produção no espaço e o processo de acumulação do capital que se distingui espacialmente.

Não há consenso, na ciência geográfica, sobre a origem do conceito, mas há indícios de que esse tenha sido incorporado pela disciplina a partir do método de análise da economia política proposto por Karl Marx<sup>30</sup> e operacionalizado, inicialmente, no projeto MORVEN- Metodologia para o Diagnóstico Regional<sup>31</sup> pelos pesquisadores do Centro de Documentacion e Informacion em Planificacion da Venezuela – CENDES, em 1980 (MORAES, 1985; CASTILLO; FREDERICO, 2010).

Apesar de ser uma discussão própria da economia, para Antônio Carlos Robert de Moraes (1985), a proposta marxista já apresentava recomendações importantes para o entendimento dos circuitos produtivos partir do momento em que o autor considera a produção, em sua totalidade, como um conjunto associado que envolve as instâncias da *produção-distribuição-troca-consumo* (MARX, 1859:2009). Este é o ponto chave para o refinamento teórico do conceito, isso porque, o processo produtivo não termina no próprio ato de produção, tendo em vista que o próprio Marx (2009)

---

<sup>29</sup> Ver definição dada por Milton Santos na obra *Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI*. Record: Rio De Janeiro, 2020

<sup>30</sup> Na primeira parte do livro a Contribuição à crítica a economia política (2008), Karl Marx, conclui que a produção é composta por etapas (produção-distribuição-troca-consumo (MARX, 2008).

<sup>31</sup> O projeto MORVEN é composto pelos textos: *Dinamica Social y Espacio* (BARRIOS, 1980); *Notas Sobre Sub-sistemas Espaciales y Circuitos de Acumulación Regional* (ROFMAN, 1980); *Metodología Socio-Política del MORVEN* (CARIOLA; MORENO, 1980), os textos foram publicados originalmente pelo CENDES- Centro de Documentacion e Informacion em Planificacion, em janeiro de 1980.

alerta que a estrutura econômica-produtiva é formada sub-etapas e, apesar não serem idênticas, são complementares e interdependentes.

O termo circuito não é utilizado por Karl Marx, mas é uma atribuição de Moraes (1985) para se referir a circulação de mercadoria (resultado material da produção propriamente dita) no espaço<sup>32</sup>. Karl Marx só vai falar diretamente da circulação quando cita a troca, o autor escreve expressamente que “a própria circulação é apenas um momento da troca, ou ainda, é a troca considerada em sua totalidade” (MARX, 2009, p.256). No livro I de *O Capital*, o autor deixa em evidência que a troca é o próprio mercado, ou seja, onde a mercadoria é trocada por outras mercadorias de valores equivalentes<sup>33</sup> (MARX, 2013). No volume II do mesmo livro o autor a denomina como “esfera da circulação” (MARX, [s/d], p.266).

Karl Marx chega à conclusão de que:

[...] não é que a produção, a distribuição, a troca, o consumo, são idênticos, mas que todos eles são membros de uma totalidade, diferenças em uma unidade. A produção excede-se tanto a si mesma, na determinação antitética da produção, que ultrapassa os demais momentos. O processo começa sempre de novo a partir dela. Compreende-se que a troca e o consumo não possam ser o elemento predominante. O mesmo acontece com a distribuição como distribuição dos produtos. Porém, como distribuição dos agentes de produção, constitui um momento da produção. Uma [forma] determinada da produção determina, pois, [formas] determinadas do consumo, da distribuição, da troca, assim como relações recíprocas determinadas desses diferentes fatores. A produção, sem dúvida, em sua forma unilateral, é também determinada por outros momentos; por exemplo, quando o mercado, isto é, a esfera das trocas, se estende, a produção ganha em extensão e divide-se mais profundamente. Se a distribuição sofre uma modificação, também varia a produção; por exemplo, com a concentração do capital, com uma distribuição diferente da população na cidade e no campo etc. Enfim, a necessidade de consumo determina a produção. Uma ação recíproca ocorre entre os diferentes momentos. Esse é o caso para cada todo orgânico (MARX, 2009, p. 257).

Dado o contexto inicial de construção teórico-metodológica do conceito, Antônio Carlos Robert de Moraes em seu famoso texto “*Os circuitos espaciais da produção e os círculos de cooperação no espaço*” apresentado ao próprio Milton Santos em 1985, constrói sua discussão sobre o tema em uma perspectiva interdisciplinar<sup>34</sup>, ora usando conceitos da economia, ora da geografia, que seria a

---

<sup>32</sup> Segundo Moraes (1985, p. 3) “o encadeamento dos vários momentos é posto como “circulação”. Daí o sentido de circuito, circularidade. Eis uma primeira indicação”

<sup>33</sup> No capítulo II de *O Capital*- Livro I, Karl Marx escreve sobre o *processo de troca*, durante o curso do capítulo deixa em evidência que “as mercadorias não podem ir por si mesmas ao mercado e trocar-se uma pelas outras” (MARX, 2013, p. 219).

<sup>34</sup> Antônio Carlos Robert de Moraes se apoia, na economia, em Nahuel Moreno (1977), Leon Trotsky (1977), George Novack (1973) ao estabelecer relação da temática em foco com a lei do desenvolvimento desigual e combinado. Já na geografia se vale de Edward Soja (1983) e Stephen

própria geografia econômica. Para o autor em tela “[...] discutir os circuitos espaciais da produção é discutir a **especialidade da produção-distribuição-troca-consumo como movimento circular constante**. Captar seus elementos determinantes é dar conta da essência de seu movimento” (MORAES, 1985, p. 4).

Nesta definição o termo especialidade nos chama a atenção, Milton Santos (2014 [1988]) a define como “[...] mutável, circunstancial, produto de uma mudança histórica” (p.80), isto nos remete a ideia de que a espacialização da produção-distribuição-troca-consumo tende a sofrer modificações. Dito isso, para os geógrafos o entendimento do processo produtivo deve ser compreendido partir da especialidade que resulta da circulação de mercadorias. O conceito retém a base da organização econômica dos circuitos e o enfoque dado a circulação de mercadorias como parte determinante do processo produtivo.

Deste modo, entendemos de o porquê Moraes (1985) encontrar em Karl Marx elementos para a construção desse conceito pois, o campo de interesse da geografia reside no fato de que as sub-etapas da produção se materializam em frações do espaço, o que requer o ajustamento de uma análise que incorpore este como parte do processo e condição de realização. Daí Castillo e Frederico (2010) enfatizarem o motivo do conceito deixar explícito em sua nomenclatura referências aos termos chaves de análise, o termo circuito como sinônimo de circulação de mercadorias, espacial como sinônimo de especialidade da produção e produtivo porque trata de um circuito que surge a partir de uma atividade produtiva específica.

Já a formulação direta dos circuitos espaciais produtivos é atribuída ao MORVEN, que apesar de possuir uma denominação diferente da qual conhecemos hoje<sup>35</sup> se propôs, efetivamente, em discutir essa temática que por muito tempo ficou na linha tênue entre a economia e a geografia<sup>36</sup>. A proposta do MORVEN compreendia os circuitos produtivos a escala regional, neste caso a região era considerada como “expresión de las múltiples vinculaciones que se establecen entre los diferentes agentes sociales actuantes en los planos económico y político ubicados diferencialmente en el ámbito geográfico” (Barrios, 1980, p.4). O projeto é formado

---

Hymer (1978) ao discorrer sobre a teoria do desenvolvimento geograficamente desigual (MORAES, 1985).

<sup>35</sup> Segundo Silva (2019, p. 43) “nesse momento, todavia, essa noção ainda guardava em sua grafia o conceito/categoria região (regional) e não o de espaço (espacial), e de acumulação em vez de produção, ou seja, circuitos regionais de acumulação”.

<sup>36</sup> De acordo com Moraes (1985) a economia e geografia procuravam, em comum, entender a problemática da distribuição das atividades e como se daria a articulação entre os lugares.

pelos textos de Barrios (1980:2014), Rofman (1980:2016), Cariola e Moreno (1980) e em m primeiro momento buscou a compreensão da organização social do espaço (BARRIOS, 1980:2014); os processos parciais de acumulação gerados nos encadeamentos da produção-distribuição-troca-consumo (ROFMAN, 1980:2016); e em uma perspectiva mais interna de funcionamento, propõe uma discussão que se dedica a analisar as contradições sócio-políticas dos circuitos (CARIOLA; MORENO, 1980).

Não é nosso interesse esgotar a discussão sobre o conceito, mas a definição mais clara é encontrada no MORVEN e deixa em evidência que estes circuitos emergem de uma atividade produtiva específica de onde podem ser identificados as sub-etapas de transformação do produto até atingir estágio final de consumo, para estes autores, um circuito econômico de acumulação regional seria formado pelas unidades da produção, distribuição, troca e consumo que são comuns de serem analisadas quando se trata de uma atividade produtiva (BARRIOS; 1980; 2014; ROFMAN, 1980:2016; SANTOS, 1986). Ideia que vem sendo exaustivamente reproduzida no meio acadêmico<sup>37</sup> a qual concordamos e tomamos como referencial teórico da pesquisa, conforme segue a definição abaixo:

“Esses circuitos de produção e acumulação se estruturam a partir de uma atividade produtiva definida como primária ou inicial” e compreende uma série de fases ou escalões correspondentes aos distintos processos de transformações por que passa o produto principal da atividade até chegar ao consumo final”. A essa primeira definição Sonia Barrios acrescenta, para completa-la: “Uma atividade pertencerá a um dado circuito quando seu insumo principal provier da fase anterior do mencionado circuito; caso contrário, considera-se que a partir desse ponto se desenvolve outro circuito, que deve ser analisado separadamente” (SANTOS, 1986, p. 121-122)

Apesar do projeto MORVEN ser considerado uma discussão pioneira na ciência geográfica, acerca da temática são Antônio Carlos Robert de Moraes (1985) e Milton Santos (1986) que apresentam mais nitidamente a dinâmica de funcionamento dos circuitos produtivos, estes por sua vez darão visibilidade a escola brasileira de geografia e se tornariam referências importantes para estes estudos.

Estes autores formularam suas ideias após a publicação do MORVEM e ambos concordam que os circuitos de acumulação precisam ser compreendidos não apenas

---

<sup>37</sup> Ver obras de Milton Santos: Metamorfoses do espaço habitado (1988); Espaço e Método (1985); Circuitos espaciais de produção: Um comentário (1986); O Brasil: Território e Sociedade no século XXI (2020). Consultar Castillo e Frederico (2010); Arroyo (2008); Dantas (2016); Arroyo, Cataia e Dantas (2017).

a escala regional de análise, tendo em vista que os circuitos regionais sofrem implicações direta também do espaço mundial, havendo a necessidade, portanto, de incluir nas discussões temas como a “internacionalização do capital”, “mundialização do espaço geográfico” “globalização das relações sociais de produção” (MORAES, 1985, p. 3; 24), os “capitais fixos”, “capital constante (fixo e circulante)” e “fixo e circulante” (SANTOS, 1986, p.132), a circularidade mundial das mercadorias e dos capitais (MORAES, 1985). Daí o conceito ser visto como método de análise da divisão espacial do trabalho em múltiplas escalas não apenas local/regional (MORAES, 1985).

Com isso a perspectiva dos circuitos regionais de acumulação tendeu a ser substituída, em partes, pois apesar de mudar a grafia a ideia central do conceito permanece e seu uso está no fato de que, hoje, a produção-distribuição-troca-consumo não estejam, obrigatoriamente, restritos a única fração do espaço e/ou, exclusivamente, a trocas entre áreas contíguas a este (circuitos regionais). Neste sentido, o termo adequado a se usar é a de circuito espacial de produção pois, “eles nos dão a **situação relativa dos lugares**, isto é, a definição, num dado momento, da respectiva fração de espaço em função da divisão do trabalho sobre o espaço total de um país” (SANTOS, 1986, p.130).

Do MORVEN até a publicação dos textos de Moraes (1985) e Santos (1986) pôde-se constatar um salto teórico na definição do conceito não apenas pela mudança em sua nomenclatura, mas pela inserção de um termo que muda significativamente o entendimento da teoria, o espaço enquanto condição *sine qua non* do processo produtivo e consequência direta do mesmo processo, haja vista que da mesma forma que o homem produz mercadoria está produzindo e sendo agente transformador do próprio espaço (SANTOS, 2004) que assim subsidia determinado processo produtivo.

As discussões mais recentes de Milton Santos<sup>38</sup> aborda o conceito dos circuitos espaciais produtivos como resultado da divisão territorial da produção, distribuição, troca e consumo, mas somado a isso o autor enfatiza que essa separabilidade espacial faz com que haja sempre uma constante necessidade de complementação entre os lugares e essa complementação resulta em trocas cada vez mais distantes (SANTOS, 1994). Para este autor “os circuitos produtivos são definidos pela

---

<sup>38</sup> Ver *Espaço e Método* (1985); *Metamorfoses do espaço Habitado* (1986); *técnica, espaço e Tempo: Globalização e meio técnico científico informacional* (1994) e *O Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI* (2001).

circulação de produtos, isto é, de matéria” (SANTOS, 1994, p. 63) que podem ainda ser compreendidos mediante diferentes níveis de análise (*Ibid.*,1994) reafirmando a importância de se trabalhar as escalas em estudos como esse.

A mundialização da produção e do consumo têm potencializado a insurgência dos circuitos espaciais de produção a partir do momento em que há uma intensificação das trocas que incorpora o mais pequeno lugar direta e/ou indiretamente em circuitos globais. Efeito da função que lhe é conferida pelo desenvolvimento de quaisquer uma das sub-etapas, de onde lhe provém os insumos necessários para confeccionar a matéria prima, pela sua participação como “nó” na rede física de circulação da mercadoria, pela existência da comercialização do produto ou mesmo pelo consumo (SANTOS, 2014 [1988]; ARROYO, 2008).

Desse modo, o papel regulador das funções locais tende a escapar, parcialmente ou no todo, menos ou mais, ao que ainda se poderia chamar de sociedade local, para cair nas mãos de centros de decisão longínquos e estranhos às finalidades próprias da sociedade local (SANTOS, 2014b [1988], p. 25).

Diante disso os estudos dos circuitos produtivos não consistem em apenas identificar/localizar as sub-etapas da produção no espaço é preciso compreender as interações no próprio espaço e entre os espaços, para isso o uso dos conceitos de *fixos* e *fluxos* ganham relevância na análise. Pois, o próprio Milton Santos (1988b [2014]) define os fixos – objetos/formas - como resultado do trabalho e que possuem localização exata são “objetos localizados” (IBIDI, p.86), já os fluxos – movimento - condizem ao todo tipo de movimento, sejam ele de pessoas, mercadorias, dinheiro, e etc., seria a circulação em si, neste caso “nós temos coisas fixas, fluxos que se originam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas. Tudo isso, junto, é o espaço” (IBIDI, p. 85).

A circulação implica em movimento, movimento geram fluxos, tudo aquilo que se movimenta transporta algo (pessoas, bens, mercadorias) e no caso dos circuitos espaciais estamos falando do movimento de mercadoria<sup>39</sup>. É a circulação que permite “as trocas e transferências, que dinamiza os processos e possibilita as interações entre os lugares nos autorizando a falar em circuito espacial” (DANTAS, 2016, p.195).

---

<sup>39</sup> “De maneira geral considera-se circulação o deslocamento de bens materiais e de pessoas (circuito espacial produtivo) e comunicação os fluxos de informações (círculos de cooperação). O que coloca os primeiros mais relacionados às redes de transportes e o segundo às redes de telecomunicações. Essa separação não deve ser rígida, pois tanto objetos como pessoas portam informações” (DANTAS, 2016, p.193).

Dada as considerações iniciais ao emergir sobre as teorizações atuais sobre os circuitos produtivos Monica Arroyo (2008), Castillo e Frederico (2010), Aldo Dantas (2016), Cataia *et al* (2017) em seus estudos ou mesmo em pesquisas orientadas por este conceito<sup>40</sup> ganham visibilidade. Arroyo (2008) chama atenção que, além de ser composto por sub-etapas, os circuitos são formados também por empresas e podem apresentar-se concentrado em uma única fração do espaço (concentração espacial das atividades) ou disperso geograficamente (desconcentração espacial das atividades), como é o caso do circuito espacial do vestuário da região metropolitana de São Paulo<sup>41</sup>, segundo Silva (2012, p.59) o “ramo do vestuário caracteriza-se por ter etapas do circuito altamente concentradas em alguns lugares, em geral em áreas de especializações (bairros, cidades ou regiões especializadas) ”.

Para Castillo e Frederico,

[...] os circuitos espaciais de produção pressupõem a circulação de matéria (fluxos materiais) no encadeamento das instâncias geograficamente separadas da produção, distribuição, troca e consumo, de um determinado produto, num movimento permanente; os círculos de cooperação no espaço, por sua vez, tratam da comunicação, consubstanciada na transferência de capitais, ordens, informação (fluxos imateriais), garantindo os níveis de organização necessários para articular lugares e agentes dispersos geograficamente, isto é, unificando, através de comandos centralizados, as diversas etapas, especialmente segmentadas, da produção (CASTILLO; FREDERICO, 2010, p. 464).

Os autores têm reforçado a importância do conceito na atualidade e conforme deixam claro os circuitos reúnem em uma só discussão a circulação, o espaço e um ramo produtivo específico. Os mesmos alertam, também, para a confusão conceitual entre os conceitos de *circuitos produtivos* e *cadeia produtiva* que apesar de apresentarem uma certa verossimilhança, as duas categorias de análises não correspondem aos mesmos objetivos<sup>42</sup> e tratam de forma diferenciada o objeto de estudo (CASTILLO; FREDERICO, 2010).

O conceito de cadeia produtiva “vincula-se a uma crescente demanda por organização das atividades empresariais, frente ao atual paradigma produtivo [...]” (CASTILLO; FREDERICO, 2010, p. 467) já o conceito de circuitos espaciais

---

<sup>40</sup> Ver obra *Dos circuitos da economia urbana aos circuitos espaciais de produção: Um diálogo com a teoria de Milton Santos*, 2017.

<sup>41</sup> Ver tese de doutoramento intitulada “*Circuito espacial produtivo das confecções e explorações do trabalho na metrópole de São Paulo. Os dois circuitos da economia urbana nos bairros do Brás e Bom Retiro*” de autoria de Cristina Silvana da Silva, 2012.

<sup>42</sup> Para Castillo e Frederico (2010, p. 466) “[...] *cadeia produtiva* e [...] *circuito espacial produtivo* pertencem a corpos teóricos distintos, mas compartilham vários pressupostos e alguns procedimentos analíticos [...]”.

produtivos enfoca as “[...] o papel ativo do espaço geográfico na lógica da localização das atividades econômicas, na atividade produtiva e na dinâmica dos fluxos” (IBIDI, p. 467-468), ou seja, cadeia produtiva pode estar em qualquer lugar, por isso a necessidade de identificar, localizar, especificar o lugar para o estudo dos circuitos produtivos.

Outro ponto importante a se destacar é a contribuição metodológica dos autores para a identificação de um circuito produtivo, levando em consideração “*atividade predominante*”, “*agentes e seus círculos de cooperação*”, “*logística*” e “*uso e organização do território*” (CASTILLO E FREDERICO, 2010, p.465). Munidos desse esquema e das leituras podemos, assim, afirmar que identificada a atividade predominante se torna mais fácil identificar/localizar os agentes econômicos envolvidos, surgindo os questionamentos: *Quem são? Onde estão? Qual sua função no circuito? Como transportam? Para onde transportam? Com quem comercializam?* Questionamentos que precisam ser investigados segundo o objeto de estudo e o ramo produtivo analisado.

Outro autor que merece destaque em nossas arguições é Aldo Dantas (2016) o autor alcunha de *mobilidade* o composto de circulação e comunicação, mobilidade é definido como “um conjunto que possibilita o deslocamento de bens materiais e imateriais” (IBID., p.194), que dá sustentação ao uso e operacionalidade dos circuitos produtivos. O autor compreende o lugar como *lócus* de realização particular. Aliando teoria e empiria, para este estudo específico – *Circuito espacial da pimenta do reino* - é bem verdade que o município de Cameté (lugar) participa de um circuito muito maior (Pará, Brasil, Mundo), cumpre analisar a dinâmica deste circuito no município como expressão particular da realidade local, pois não é o circuito que confere especificidade ao lugar, mas o lugar que faz com que os circuitos sejam únicos (DANTAS, 2016) e é isso que vai explicar a dinâmica de funcionamento dos circuitos produtivos.

Finalizamos essa exposição teórica com a proposição de que um circuito produtivo apresenta, portanto, uma dinâmica que envolve a instância produtiva - produção *stricto sensu* (áreas de cultivos); distributiva- canais de distribuição do produto (rotas do produto, tipo de transporte, modalidade do transporte e etc.); comercial (etapa onde acontece o processo de troca do produto) e consumo (consumo final ou produtivo) tudo isso concatenado com a dimensão espacial e a circulação.

Podemos considerar, ainda, o conceito como interdisciplinar, representativo de uma geografia renovada, onde o foco está no próprio objeto de estudo, o espaço geográfico. De Karl Marx o conceito retém a base econômico-produtiva ou a própria organização do circuito: *produção-distribuição-troca-consumo*, do MORVEN a necessidade do entendimento de sua materialização espacial ou espacialidade como nos propõe Moraes (1985). E de Santos (1986; 2014a; 2014b; 2020), Castillo e Frederico (2010) e Dantas (2016) a discussão centrada na circulação, um circuito espacial produtivo é, portanto, um fluxo de mercadorias, este fluxo percorre diferentes sub-espacos e não estão, obrigatoriamente, limitados a uma única fração do espaço.

O conceito permite a compreensão do encadeamento da produção-distribuição-troca-consumo e/ou a própria espacialidade da produção-distribuição-troca-consumo (ROFMAN, 1980:2016; MORAES, 1985); a divisão espacial do trabalho em escalas macro-globais (MORAES, 1985); o papel do lugar na divisão territorial do trabalho (SANTOS, 1986); os diferentes usos do território (SANTOS; SILVEIRA, 2020); a centralidade da circulação no processo produtivo (ARROYO, 2008; CASTILLO; FREDERICO, 2010; DANTAS, 2016); a atuação de empresas no processo produtivo geral (ARROYO, 2008); a geração, captação e acumulação do excedente (ARIEL; ROFMAN, 2020) dentre outras possibilidades.

Aliando teoria e empiria, a proposta desse constructo leva em consideração a dinâmica do **circuito espacial da pimenta do reino que tem origem no município de Cameté e que se interconecta com diferentes sub-espacos e em diferentes escalas**. Para este estudo analisamos a *produção propriamente dita* e a *Troca (circulação e comercialização)*. Na produção, segundo Marx (2009, p. 244) “os membros da sociedade apropriam-se dos produtos da natureza para as necessidades humanas”, “[...] aparece assim como um ponto inicial [...]”. A produção *stricto sensu* envolve um grupo de produtores que se distinguem segundo sua capacidade de ganho neste circuito. As áreas de produção de pimenta do reino estão concentradas no distrito de Carapajó, próximo ao eixo rodoviário da PA-151, com segmentos produtivos em áreas rurais pertencentes ao distrito-sede Cameté, próximos ao eixo rodoviário da BR-422. Apresenta baixo nível técnico quanto ao uso de instrumentos da produção mecanizados, sendo o trabalho manual o mais utilizado e a maior parte da matéria prima (mudas, estacas, adubos/fertilizantes) advém de outros municípios.

Já a troca “tem a vantagem de ser de fácil observação. Tudo nela é agitação e lhe assinala os movimentos” (BRAUDEL, 2009, p.12) a matéria prima é

comercializada, ainda *in natura* – pimenta preta em grão e seca -, por meio de compradores-intermediários, este por sua vez comercializam com empresas exportadoras que, localizadas em pontos diferentes do território, compram o produto à escala local e comercializam a escala nacional-global, é um comércio que reúne agentes e empresas, onde percorrem fluxos de dinheiro e da própria mercadoria.

Tendo em vista que elementos externos ao lugar contribuem para que a produção e comércio da pimenta do reino estejam estruturados dessa forma, o conceito de situação geográfica se torna importante para esta análise tendo fins explicativos o qual passaremos a discutir no próximo sub-tópico.

## 2.2. Definindo o conceito de situação geográfica

De acordo com Cataia e Ribeiro (2015, p.1) o conceito de situação geográfica “permite analisar e articular variáveis, atores, agentes e processos em diversas escalas a partir de um foco particular”, esta definição encontra nexos com as teorizações dos circuitos produtivos, pois, procuram em comum compreender o lugar como resultado das interações do homem e a fração do espaço onde ele está inserido. Diante disso, buscamos a partir deste conceito compreender a atual situação da produção de pimenta do reino, a nível global, nacional e local.

Para o uso do conceito como método de análise não devemos desprezar a posição dos espaços (CLAVAL, 2011) os aspectos políticos-geográficos (RITTER, 1987), fatores culturais e históricos (CLAVAL, 2011), circulação (LA BLACHE, 1921), os eventos (SILVEIRA, 199), relações internas e externas (CATAIA; RIBEIRO, 2015), o uso o território (*IBID.*, 2015) entre outros.

As primeiras proposições sobre este conceito estiveram fundamentadas na posição dos lugares na explicitação dos fenômenos e sua correlação com o eixo central da terra. Segundo Claval (2011) esse tipo de análise considerava que “[...] em um ponto as relações que existem entre os diferentes elementos do meio dependem de sua distância em relação ao equador” (*ibid.*, p.147). Diante disso, os aspectos físicos-geográficos (tipo de clima, vegetação, relevo e etc.) resultavam do posicionamento (latitude e longitude) dos lugares. Isto foi essencial, por exemplo, para que hoje pudéssemos compreender o porquê de alguns países estão sujeitos a ocorrências sucessivas de abalos sísmicos, a existências de áreas desérticas e polares, a sazonalidade de determinadas atividades agrícolas e etc., temáticas comumente discutidas na geografia física.

Mas, considerar apenas este fator incorreria em uma discussão mais próxima da geografia tradicional e é por isso que “o termo “posição” ficou fora de moda. Fala-se hoje preferencialmente de situação” (CLAVAL, 2011, p.147) que conduz a uma análise que leva em consideração múltiplas possibilidades explicativas, não apenas situações pré-definidas pelas condições naturais, mas criadas pela ação do homem sobre o espaço.

O termo situação é resultado de uma análise que parte sempre de um lugar específico (*sítio*), o homem ao sabor de suas necessidades modifica, transforma, destrói e constrói o *sítio*, este deixa de ser tratado como “uma localização apropriada para um hábitat ou atividade e função de características físicas e de entorno imediato” (SILVEIRA, 1999, p.22) – *posição absoluta* - para ser compreendido a partir dos seus usos, sendo assim “o sítio, usado, praticado e herdado, condiciona a sociedade na medida em que é materialidade animada pela ação” (CATAIA; RIBEIRO, 2015, p. 1) – *posição relativa*<sup>43</sup>.

Em épocas anteriores, quando o meio exercia muito mais influência sobre o homem, as distâncias eram consideradas maiores, o isolamento geográfico só vai ser gradativamente rompido quando o próprio homem passa a ter domínio das técnicas para construir um meio que proporcione a fluidez territorial e, conseqüentemente, “reduzir” a distância entre os lugares e aumento das trocas. Daí a circulação – de bens, pessoas, mercadorias, ideias, valores, conhecimento e etc - ser incorporada na análise por La Blache (1921) Ratzel (1987) e anos mais tarde por Pierre George (1969) conforme deixa claro Cataia e Ribeiro (2015, p.5)

O fenômeno da circulação, possibilitada pelo progresso técnico, se fará mais presente na análise da situação geográfica. Para esses autores o progresso técnico permite que os grupos humanos relativizem os condicionantes do meio físico local em que vivem.

É neste ponto que vislumbramos a proximidade dos conceitos de situação geográfica e circuitos produtivos pois, cada sub-espço possui um papel na divisão internacional do trabalho<sup>44</sup> e sua importância advém da capacidade de centralizar diferentes fluxos. Nos lugares os circuitos espaciais produtivos apresentam dinâmicas de funcionamento diferenciadas que se convertem em situações específicas pois, “no sítio não incidem apenas vetores locais, mas também interesses exógenos nacionais

---

<sup>43</sup> “A análise aborda em seguida a posição relativa, ou seja, a disposição dos lugares e dos países uns em relação aos outros” (CLAVAL, 2011, p. 147).

<sup>44</sup> Santos (1986).

e, muitas vezes também globais, mudando, portanto, a situação dos lugares e suas relações com o mundo” (CATAIA; RIBEIRO, 2015, p.7). A dinâmica de um circuito produtivo não se manifesta da mesma maneira entre os espaços, tendo em vista que o próprio espaço não é um homogêneo vindo a apresentar particularidades que resultam em situa(ações) únicas.

Sobre isso podemos considerar a dinâmica de funcionamento do circuito espacial da pimenta do reino no município de Cametá resultado de uma situação geográfica que reúne relações que se articulam em termos de escalas (local-global), condições edafoclimáticas específicas, conjunto de produtores que desenvolve a atividade e uma estrutura de comercialização herdada da economia da borracha que coloca em evidência o comprador-intermediário. Diante disso,

A situação é, sobretudo, um instrumento metodológico, fértil para abrigar, num esquema lógico e coerente, os conteúdos do espaço geográfico a cada momento, atualizando assim os conceitos. E, por isso, ela exige um esforço de **seleção** e **hierarquização das variáveis** numa estrutura significativa do real em cada período histórico (SILVEIRA, 199, p.27).

Conforme deixa em evidência a autora é preciso observar atentamente as variáveis condicionantes, María Laura Silveira (199) propõe que a análise situacional leve em consideração os **eventos**, prossegue a autora que “a situação reafirma a especificidade do lugar e, metodologicamente, aparece como uma instância de análise e síntese” (*IBID.* p. 27).

Deste modo, as condições edafoclimáticas não explicam por si só o fato de a produção de pimenta do reino está localizada em partes específicas do globo terrestre, conforme veremos no sub-tópico 2.2.1, mas um conjunto de ações e reações do homem ao longo de um período histórico sobre o sítio – lugar - daí o termo situação ser considerado por Cataia e Ribeiro (2015) uma junção dos termos “sítio + ação”. No sub-tópico 2.2.2 pretendemos analisar a mesma produção a nível da escala da formação socioespacial, destacando fatores edafoclimáticas, históricos e técnicos-produtivos que resultam em duas grandes situações da produção no Brasil.

### 2.2.1. Situação geográfica da produção de pimenta do reino no mundo

As pimentas do gênero **piper** possuem historicamente um alto valor econômico e esteve no centro de disputas comerciais, um conjunto de fatores explicam a concentração da produção em algumas regiões do globo. *A priori* o êxito no cultivo da piper depende diretamente de condições edafoclimáticas específicas, ou seja, associação do tipo de clima e solo e, por ser uma planta própria dos Trópicos Úmidos,

boa parte das áreas de cultivos estão localizadas próximas a linha do equador (ALBUQUERQUE; CONDURÚ, 1971; DEVASAHAYAM; ZACHARIAH ET AL, 2015).

Daí a explicitação da produção situada geograficamente a partir da posição absoluta destes espaços pois, de acordo com a literatura revisada a combinação da variável clima, índices pluviométricos e tipo do solo são condições naturais que garantem a boa adaptação da planta, dito isso, deve-se optar por regiões de clima quente e úmido, com níveis de precipitação pluviométricas anuais proximais de 1.500 mm e 3.000 mm e solos com características topográficas planas, evitando cultivar em solos excessivamente arenosos e encharcados (EMBRAPA, 2004; DUARTE *ET AL*, 2006).

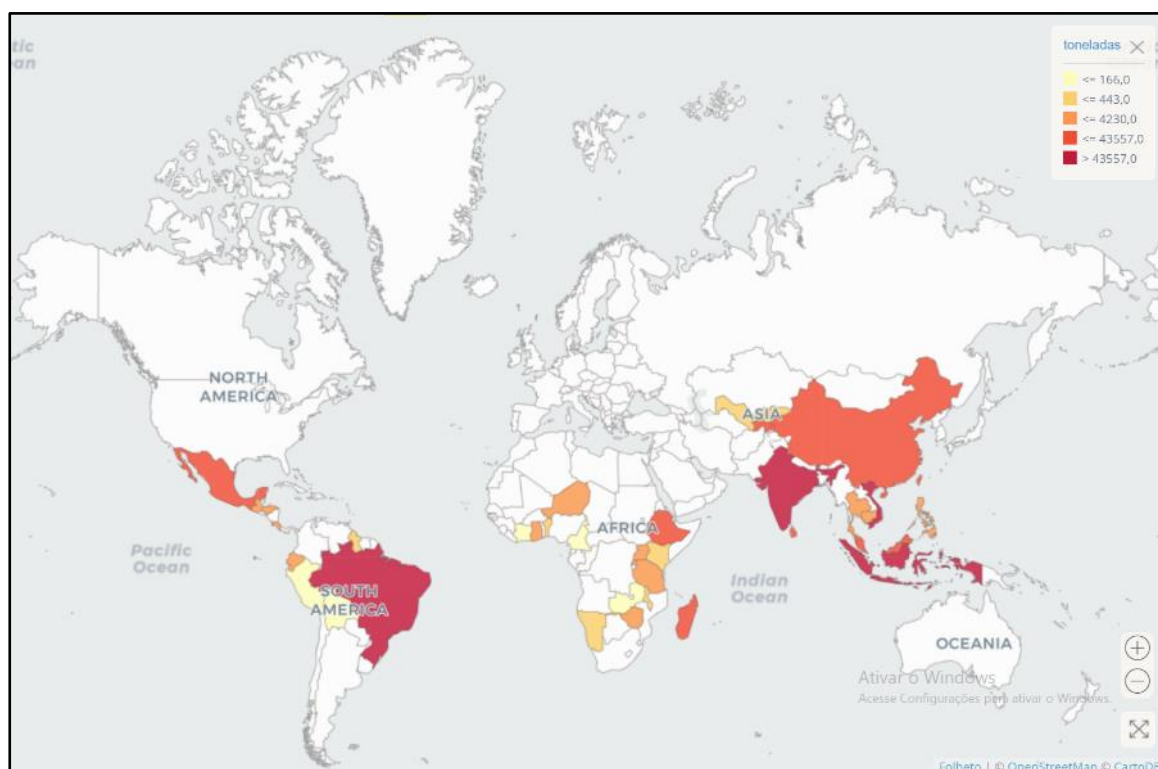
As principais regiões produtoras de pimenta do reino, no mundo, são a região da Ásia que sozinha representa 78,3% da produção global, colocando em evidência o maior número de países produtores, seguido pelas Américas com 18,6%, sendo a produção brasileira a mais significativa da América do Sul, e África com 3,1% (FAOSTAT, 2021)<sup>45</sup>. A Figura 2 apresenta a cartografia da produção de pimenta do reino no mundo colocando em evidência Vietnã, Brasil, Indonésia, Índia e Sri Lanka como os principais produtores dos grãos no mundo<sup>46</sup>.

---

<sup>45</sup> Até o ano de 2021, quando se deu a coleta inicial dos dados da pesquisa, o site da FAO-Food And Agriculture Organization of the United Nations apontava a Etiópia como principal produtora de pimenta do reino no mundo. Com a atualização do banco de dados em 2022 é possível observar que desde de 2010 este cenário tem consolidado os países asiáticos Vietnã, Indonésia, Índia nesta condição o que nos leva ao entendimento que houve um erro na publicação dos dados.

<sup>46</sup> Vietnã (270.192 mil t.); Brasil (114.749 mil t.); Indonésia (89.041 mil t.); Índia (66.000 mil t.); Sri Lanka (43.557 mil t.) entre outros que podem ser consultados no endereço: [https://www.fao.org/faostat/en/#rankings/countries\\_by\\_commodity](https://www.fao.org/faostat/en/#rankings/countries_by_commodity). Acesso: janeiro de 2021.

**Figura 2.** Representação cartográfica elaborada pela FAOSTAT dos Países produtores de pimenta – ano 2020.



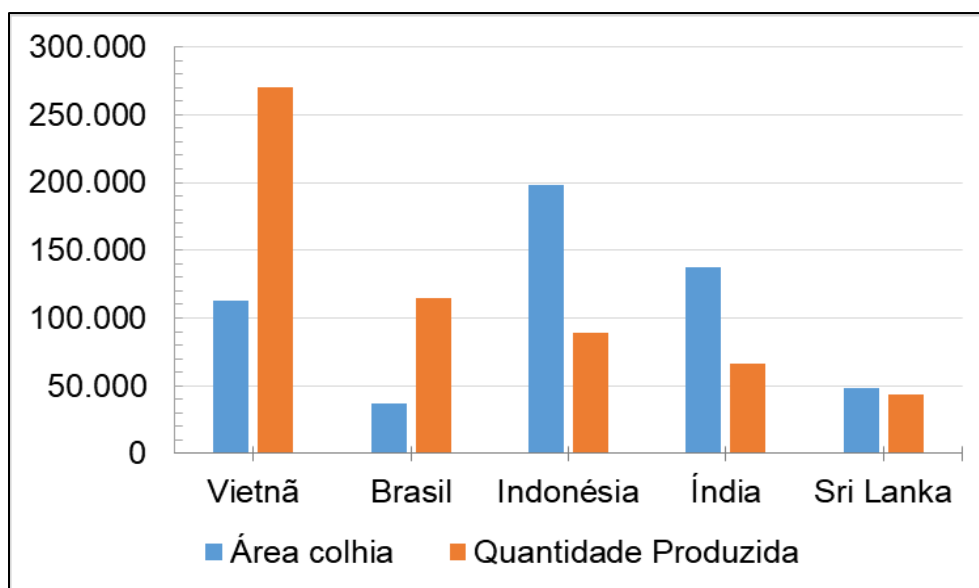
Fonte: Elaborado por FAOSTAT (2020)<sup>47</sup>.

Com exceção do Brasil os demais países, Vietnã, Indonésia Índia e Sri Lanka, são localizados todos na Ásia e tem produção acima de 40.000 mil toneladas anuais, os países asiáticos apresentam as maiores áreas colhidas<sup>48</sup> e, dentre estes, o Brasil é o único produtor com uma área de produção inferior a 40 mil hectares (FAOSTAT, 2020). Os números apontam para uma boa produtividade (Quilo colhido por hectare – KG/HA) dos pimentais brasileiros, haja vista que dentre os países produtores é o país que detém menor número de áreas colhidas, o que explica sua posição de destaque (**Gráfico 1**).

<sup>47</sup> Disponível em: <http://www.fao.org/faostat/>. Acesso: 05 de janeiro de 2022.

<sup>48</sup> Dentre os países produtores o país com maior número de áreas colhidas é a Indonésia cerca de 198.123 mil hectares, seguido pela Índia com 137.000, Vietnã com 112.881, Sri Lanka com 48.274 (FAO, 2020).

**Gráfico 1.** Área colhida (Ha) e Quantidade produzida (T.) dos 5 primeiros produtores de pimenta do reino no mundo – ano 2020.



Fonte: FAOSTAT, 2020. Org. Raíssa Paes, 2021.

O continente asiático foi o berço da produção de pimenta do reino, especificamente a região sul onde se teve a identificação das primeiras áreas de cultivos, daí a importância histórica e econômica deste continente para a economia da pimenta do reino e de o porquê a maior parte dos países produtores estarem localizados nesta região do globo.

Na condição de grandes produtores Vietnã, Brasil, Indonésia, Índia, se apresentam como quatro maiores exportadores de pimenta do reino no mundo, o país vietnamita representa 41,6% exportações mundiais, seguido pelo Brasil com 15,1% e Indonésia com 12,6%. Quanto à importação identifica-se Estados Unidos, Emirados Árabes Unidos, Alemanha os três maiores importadores do produto (FAOSTAT, 2020; TRADE MAP, 2020). Deste modo, os países considerados de primeiro mundo-desenvolvidos - se tornaram os principais mercados desta especiaria, enquanto que os países periféricos e de economias baseadas na exploração de produtos agrícolas são hoje produtores/exportadores deste produto, tendo em vista a apresentarem condições edafoclimáticas propícias ao plantio.

*A priori* as condições naturais não explicam por si só a concentração da produção em algumas regiões do globo isso porque há um conjunto de fatores cingidos sobre o sítio (lugar) que resultaram na configuração espacial da produção de pimenta do reino no mundo hoje. Observa-se ainda que o modo de produção capitalista consolida de um lado países que, historicamente, ocupam na divisão

internacional do trabalho a tendência de servir como fornecedor de matéria prima para os países desenvolvidos. Daí a importância de considerar a análise situacional (SILVEIRA, 1999) a partir do cruzamento de variáveis que resultam não apenas da posição absoluta destes espaços, como também, da posição relativa (CLAVAL, 2011).

Tendo o Brasil importante contribuição neste mercado é preciso entender situação geográfica da produção na formação socioespacial do país, discussão proposta para o próximo sub-tópico.

### 2.2.2. Situação (ões) geográfica (as) da produção de pimenta do reino no Brasil

*“O Brasil foi o primeiro país do hemisfério ocidental a produzir pimenta em escala comercial. Os colonos japoneses foram em grande parte instrumentais na produção de pimenta “brasileira” em quantidades crescentes” (IPC, 2021, [s/p]).*

A importância do Brasil para a economia da pimenta do reino é reconhecida mundialmente, o país é responsável por quase totalidade da quantidade produzida pela América do Sul e tornou-se o segundo maior produtor do grão no mundo, o início dos cultivos de pimenta do reino no Brasil resultou de um conjunto de fatores que a priori foram essenciais para sua inserção no mercado global.

De acordo com Furtado (2003) o Brasil do século XIX vivenciava a queda vertiginosa das exportações de açúcar e ascensão da economia cafeeira, contudo a escassez de mão de obra escrava, resultado do fim do tráfico negreiro, fez com que o país passasse a pensar a políticas de imigração como uma solução viável para o problema da economia. É nesse contexto que se estabelece o Tratado de Amizade entre o Brasil e o Japão que desencadeou em várias expedições imigratórias japonesas para o país<sup>49</sup>.

É em uma dessas expedições que as mudas de pimenta do reino chegam ao Brasil, especificamente no estado do Pará na década de 1930, onde passam a ser cultivadas e aclimatadas dando novos rumos para a economia paraense e agricultura amazônica. Com a ampliação das áreas de cultivos e excedente da produção do estado do Pará o Brasil adentra o mercado da pimenta do reino atingindo a fase áurea produtiva na década de 1980 (HOMMA, 2016). Estes eventos, não únicos, contribuíram para que o Brasil obtivesse êxito não apenas na produção da piper como

---

<sup>49</sup> Sugestão de obras que discutem o movimento imigratório de japoneses para o Brasil: **NOGUEIRA, Arlinda Rocha** (1984), **HANDA, Tomoo** (1987), **LEÃO NETO, Valdemar Carneiro** (1989), **Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa** (1992), **SUZUKI, Teiiti** (1995), **YAMAMURA, Roberto Jimmy Hideki** (1996) **NINOMIYA, Masato** (1996), **MUTO, Reiko** (2010), ver detalhes das obras nas referências bibliográficas.

também na sua comercialização, retomaremos essa discussão mais detalhadamente no **capítulo 3**. O fato é que o Brasil consegue adentrar o *rol* dos países produtores e exportadores dessa *commodity* agrícola e apesar das constantes crises produtivas que são próprias da atividade consegue manter-se no topo deste mercado.

Em análise atual observa-se que o Brasil colheu, em 2021, 35.469 hectares que resultaram em 118.057 mil toneladas, apesar de ter colhido menos áreas que no ano de 2020 o total produzido pelo Brasil é superior a safra de 2020 quando produziu 114.749 mil toneladas de pimenta do reino (IBGE/SIDRA, 2021). O bom desempenho da produção brasileira nos anos finais desta década 2010-2020 deve-se em grande parte pela produção do Espírito Santo (SE) pois, no momento atual a produção de pimenta do reino no Brasil tem passado por um processo de desconcentração espacial, com destaque para a produção deste estado.

Os cultivos de pimenta do reino se dão em pontos diferentes do território brasileiro e pelo menos 12 estados<sup>50</sup> possuem produção da piper congregando 279 municípios, ou seja, 5% do total de municípios produzem o mínimo de 1 t. e máxima de 22.000 t. do produto. No país há, aproximadamente, 32.799 mil estabelecimentos agropecuários produzindo o grão, 83% desses estabelecimentos são enquadrados na condição de agricultura familiar<sup>51</sup> (CENSO AGROPECUÁRIO, 2017; IBGE/SIDRA, 2020) (**Quadro 3**).

**Quadro 3.** Número de estabelecimentos agropecuários produzindo pimenta do reino segundo a tipologia, Brasil – ano 2017.

| <b>Categoria</b> | <b>Agricultura Não-Familiar</b> | <b>Agricultura Familiar</b> |
|------------------|---------------------------------|-----------------------------|
| Brasil           | 5.556                           | 27.243                      |

Fonte: Censo Agropecuário 2017. Org. Raissa Paes (2021).

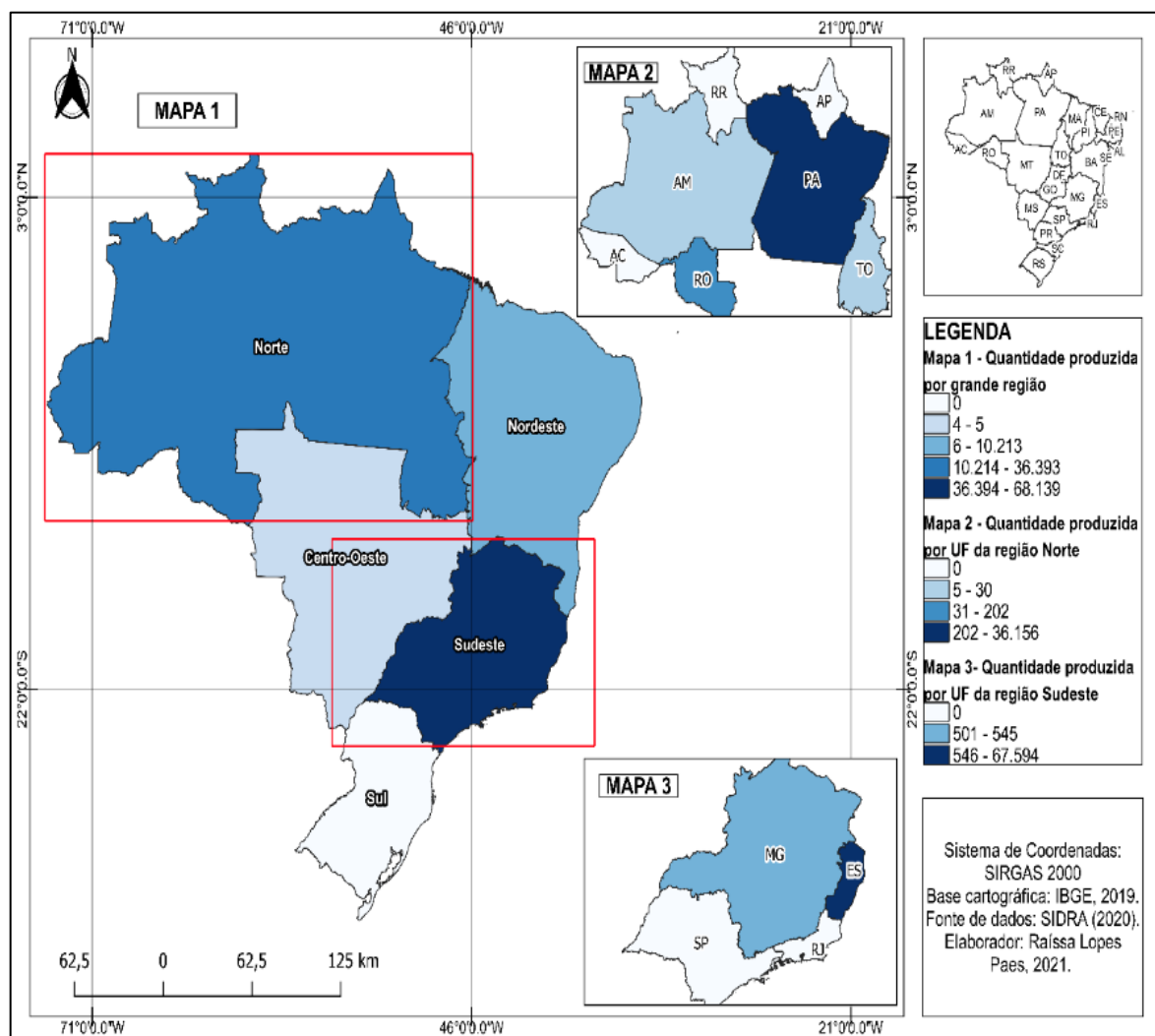
Em análise por grande região há um protagonismo das regiões norte e sudeste na produção brasileira, estas duas regiões representam 90% do total produzido pelo país<sup>52</sup>, isso porque é nessas regiões que estão localizados os dois maiores polos de produção, o estado do Pará (PA) na região norte e Espírito Santo (ES) na região sudeste (**Mapa 2**).

<sup>50</sup> Segundo os dados do IBGE (2021) os estados que apresentam dados sobre essa atividade são: Espírito Santo, Pará, Bahia, Alagoas, Minas Gerais, Rondônia, Paraíba, Rio Grande do Norte, Amazonas, Maranhão, Tocantins e Mato Grosso.

<sup>51</sup> Conforme o estabelecido, considera-se um agricultor familiar aquele que utilize a mão-de-obra da família, possua renda originária das atividades que desenvolve e dirija seu estabelecimento em conjunto com integrantes da família (LEI Nº 11.326, DE 24 DE JÚNHO DE 2006).

<sup>52</sup> Região Norte: 36.393 t; Região Sudeste: 68.139 t; Região Nordeste: 10.213 t; Região Sul: 0 t; Região Centro-Oeste: 4 t. (IBGE, 2021).

**Mapa 2.** Quantidade produzida (T.) por grande região, Brasil – ano 2020.



Fonte: IBGE/SIDRA (2020). Org. Raissa Paes (2021).

O Estado do PA corresponde a 99,3% da produção nortista e o estado do ES a 92,2 % da produção do Sudeste, sendo que esses dois estados acusam as maiores taxas de concentração de área colhida (ha) e quantidade produzida (t) do Brasil. A cartografia da pipericultura revela uma concentração espacial da produção em pontos específicos do território, revelando-se como verdadeiros espaços do “fazer/plantar” configurando as áreas de cultivos, nas palavras de Milton Santos estes espaços, o da produção propriamente dita, são “[...] tributário de um pedaço determinado, adremente organizado por uma fração da sociedade para o exercício de uma forma particular de produção” (SANTOS, 2014 [1985], p. 81).

Levando em consideração esses dois sub-espacos foram identificadas duas grandes situações da produção de pimenta do reino no Brasil, uma que é própria da

**produção paraense (PA)** e outra da **produção do Espírito Santo (ES)**. Cumpre aqui realizar uma análise mais aprofundada e particular dessas duas UF's levando em consideração os fatores técnicos-produtivos da atividade nestes sub-espacos

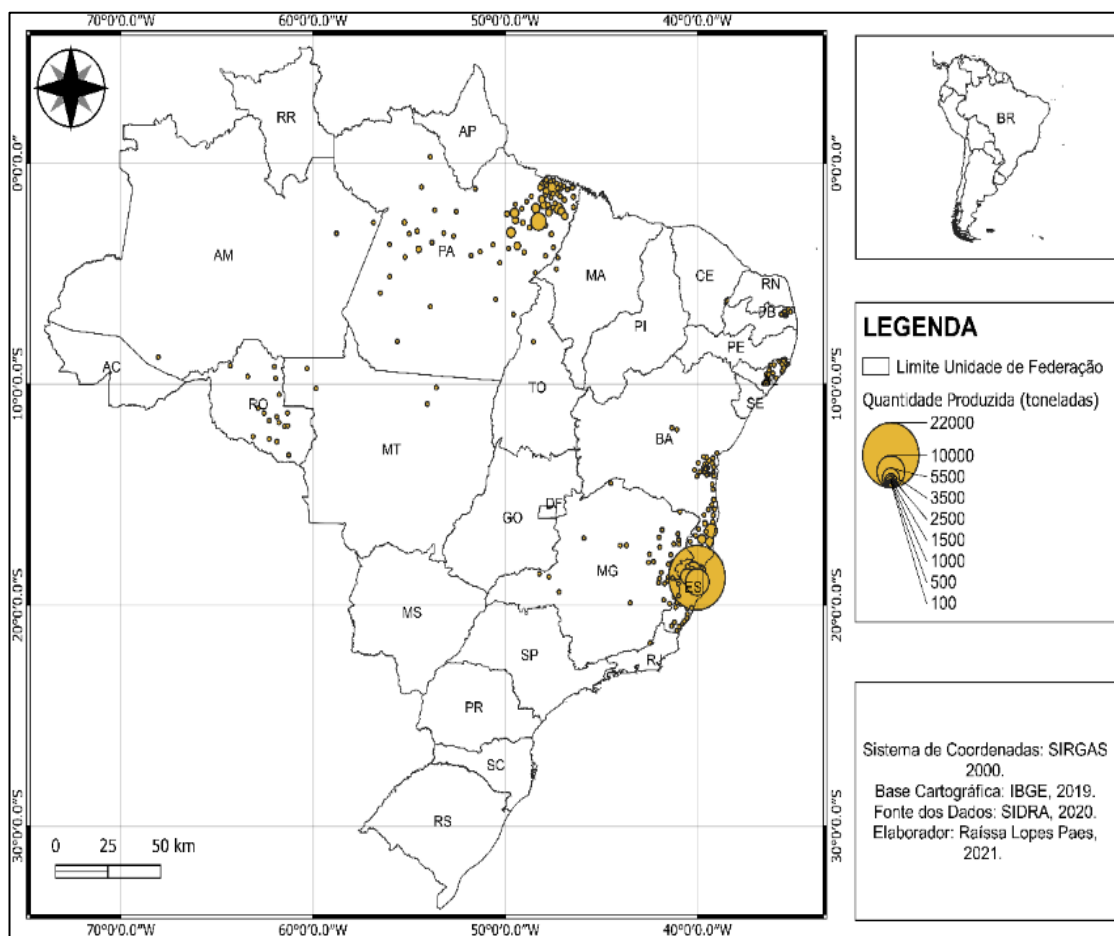
Até o ano de 2017 a produção brasileira concentrava-se na região norte, especialmente no estado do PA, as mudanças na organização espacial da atividade no Brasil se dá a partir de 2018 quando o país assiste a ascensão do estado do ES na condição de principal produtor. Fatores relacionados a produtividade, ao nível técnico, preços, a ampliação das áreas de cultivos no ES, diferentes períodos de maturação dos grãos em ambas regiões<sup>53</sup>, baixa produtividade dos pimentais paraenses<sup>54</sup> contribuíram para a desconcentração espacial da pipericultura na região norte para o sudeste e nordeste do país (ALBUQUERQUE; CONDURÚ, 1971; EMBRAPA, 2004; EMBRAPA, 2004; VIDAL, 2020) (Vide **Mapa 3**).

---

<sup>53</sup> No ES há dois períodos de maturação dos grãos (março a abril e outubro e novembro) o que faz com que a colheita se estenda durante todo ano, enquanto que no PA há, somente, um período de maturação (junho a setembro) desse modo a colheita é realizada apenas uma vez, haja vista que o tempo entre maturação e colheita seja de 6 meses (EMBRAPA, 2004).

<sup>54</sup> Fatores relacionados a baixa produtividade dos pimentais paraenses devem-se em grande parte pelos problemas fitossanitários da cultura desencadeando uma a redução do tempo de vidas das pimenteiras, aumento nos custos da produção (aquisição de adubos e fertilizantes) e a necessidade constante de abrir novas áreas de cultivos, que só produzem em nível ótimo após 3 anos de vida das pimenteiras (ALBUQUERQUE; CONDURÚ, 1971; EMBRAPA, 2004).

**Mapa 3.** Concentração da produção de pimenta (T), Brasil – ano 2020.



Fonte: IBGE/SIDRA, 2020. Org. Raíssa Paes (2021).

A produção paraense está concentrada espacialmente no nordeste do estado, foi uma iniciativa dos produtores japoneses que passaram a estabelecer moradias no município de Tomé-Açu (HOMMA, 2016), principal polo produtivo com 4.800 toneladas produzidas em 2020. Dos 144 municípios 71 produzem a pimenta evidenciando que é uma atividade desenvolvida em 49,3% dos municípios.

Já a produção do Espírito Santo está concentrada no litoral norte do estado, tendo como principal município produtor São Mateus com 22.000 mil toneladas produzidas. Dos 78 municípios, 47 são produtores da piper representando 60,2% dos municípios deste estado (IBGE, 2020) (**Tabela 1**).

**Tabela 1.** Quantidade produzida (T.) por mesorregião pertencente ao estado do Pará e Espírito Santo, Brasil - ano 2020.

| UF | Mesorregião                     | Qtde. Produzida (T.) | Total de municípios produtores (Unid.) |
|----|---------------------------------|----------------------|--|
| PA | Nordeste paraense               | 29.152               | 45                                     |
|    | Metropolitana de Belém          | 3.021                | 5                                      |
|    | Sudeste Paraense                | 2.022                | 10                                     |
|    | Baixo Amazonas                  | 1.491                | 8                                      |
|    | Sudoeste paraense               | 400                  | 12                                     |
|    | Marajó                          | 70                   | 1                                      |
|    | <b>Total</b>                    | <b>36.156</b>        | <b>71</b>                              |
| ES | Litoral Norte Espírito-santense | 48.549               | 14                                     |
|    | Noroeste Espírito-santense      | 18.717               | 17                                     |
|    | Central Espírito-santense       | 282                  | 12                                     |
|    | Sul Espírito-santense           | 46                   | 4                                      |
|    | <b>Total</b>                    | <b>67.594</b>        | <b>47</b>                              |

Fonte: IBGE/SIDRA, 2020. Org. Raíssa Paes (2021).

Dentre os principais municípios produtores do estado do PA destaca-se **Tomé-Açu, Igarapé Açu, Capitão Poço, Baião, Cametá, Acará, Concórdia do Pará, Garrafão do Norte, Breu Branco, Bujaru e Mocajuba, Aurora do Pará e Castanhal** municípios com produção acima de 1.000 toneladas na safra de 2020<sup>55</sup>, 76,9% destes municípios estão localizados no nordeste paraense. Em todo o estado há pelo menos 17.477 mil estabelecimentos agropecuários produzindo pimenta do reino, 88,7% (15.511 mil) são dirigidos por agricultores familiares e 11,2% (1.966 mil) por produtores não familiares, reafirmando assim o perfil familiar dessa atividade no estado (CENSO AGROPECUÁRIO, 2017; IBGE/SIDRA, 2020).

Quanto ao estado do ES, a pipericultura vem sendo desenvolvida desde a década de 1970 tendo, inicialmente, áreas de cultivos em expansão no norte do estado, até a década de 1981 apenas 13 municípios apresentavam produção, em 2020 este número saltou para 47 (EMBRATER/EMBRAPA/EMATER-ES/EMCAPA, 1981; SERRANO; LIMA; MARTINS, 2006; IBGE/SIDRA, 2020).

Entre os municípios **São Mateus** se apresenta como principal produtor do estado, e do Brasil, com 22.000 t. produzidas, seguido por **Jaguaré, Vila Valério, Rio Bananal, Nova Venécia, Pinheiros, São Gabriel da palha, Sooretama, Conceição**

<sup>55</sup> Ver **Tabela 1613.** Área destinada à colheita, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção das lavouras. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1613#resultado>. Acesso: novembro de 2021.

da Barra, Boa Esperança, Linhares e Pedro Canário municípios com produção acima de 1.000 toneladas (IBGE/SIDRA, 2020).

O estado do ES possui um maior número de estabelecimentos agropecuários não-familiares produzindo pimenta do reino, 23,8% do total, o que corresponde a uma atividade mais empresarial-rural que a paraense. Outro fator que diferencia estas duas situações da produção brasileira é o acompanhamento técnico prestado ao produtor, 7,7% (1.346 unidades) dos estabelecimentos agropecuários do estado do Pará recebem algum tipo de acompanhamento técnico enquanto que no ES esse percentual é de 33,1% (3.891 unidades) (CENSO AGROPECUÁRIO, 2017) (**Tabela 2**).

**Tabela 2.** Número de estabelecimentos agropecuários que produzem pimenta do reino – Origem da orientação técnica, estados do Pará e Espírito Santo, Brasil - ano 2017.

| Unidade da Federação                  |  | Pará         | %     | Espírito Santo | %     |
|---------------------------------------|--|--------------|-------|----------------|-------|
| Origem da orientação técnica recebida | Governo (federal, estadual ou municipal) | 715          | 53,1% | 795            | 20,4% |
|                                       | Própria ou do próprio produtor           | 288          | 21,3% | 1.556          | 39,9% |
|                                       | Cooperativas                             | 154          | 11,4% | 1.034          | 26,5% |
|                                       | Empresas integradoras                    | 109          | 8%    | 326            | 8,3%  |
|                                       | Empresas privadas de planejamento        | 34           | 2,5%  | 82             | 2,1%  |
|                                       | Organização não-governamental (ONG)      | 13           | 0,9%  | 6              | 0,15% |
|                                       | Sistema S                                | 6            | 0,4%  | 47             | 1,2%  |
|                                       | <b>Total</b>                             | <b>1.346</b> |       | <b>3.891</b>   |       |

Fonte: Censo Agropecuário, 2017. Org. Raíssa Paes, 2021.

Em geral, em ambos os casos o estado não forneceu o suporte técnico necessário para a atividade pois, os números mostram que entre produtores assistidos pelo governo, a diferença em PA (715) e ES (795) é muito pequena. Todavia, os produtores do estado do Pará são muito mais dependentes do estado (53,31%) do que os produtores do Espírito Santo (20,4%). Há de se frisar que a maior parte dos estabelecimentos agropecuários do ES recebem assistência técnica do setor privado (cooperativas) (39,9%) (CENSO AGROPECUÁRIO, 2017) reafirmando assim o perfil empresarial desta atividade e uma tendência ao desenvolvimento de uma agricultura mais tecnificada que a paraense.

Diante do que foi discutido conclui-se que no Brasil a produção da pimenta do reino é bipolarizada, isso consiste em dizer que vem sendo desenvolvida em espaços que se diferenciam quanto ao nível técnico-produtivo, condições edafoclimáticas favoráveis ao seu cultivo e com perfis diferentes de produtores, a situação atual corrobora com os estudos econômicos já realizados em que evidenciavam que o estado do ES era o único estado que poderia alcançar o mesmo nível da produção paraense ou até mesmo sobrepor, como foi visto em 2018.

O desenvolvimento da pipericultura no estado do Pará levou outras regiões do Brasil a produzir a *piperácae*, a desconcentração espacial da produção no território brasileiro não retira do estado a notoriedade que detém sobre a economia da pimenta, a forte relação cultural-simbólica que os produtores têm com essa atividade reafirma a importância desta UF tanto a nível nacional como internacional.

Há de se mencionar que a posição dessas duas UF's também acentua as diferenças entre essas duas situações, tendo em vista o ES está localizado em uma das regiões que concentram os maiores fluxos de capitais do país que é a região concentrada e consolidação do agronegócio. Já o estado do PA está localizado na região norte, um espaço ainda não plenamente incorporado pelo meio-técnico-científico informacional, dando subsídios para que se estabeleça uma atividade com perfil familiar.

É dentro dessa lógica produtiva global-nacional que a produção cametaense está inserida, diante disso se faz necessário compreender como se deu a gênese da produção no município e a estrutura do comércio, discussão que será realizada no capítulo 3 abaixo.

### 3. A INSERÇÃO DE CAMETÁ NO CIRCUITO ESPACIAL DA PIMENTA DO REINO



**Figura 3.** Registro de área de cultivo, colheita e armazenamento de pimenta do reino em uma fazenda no município de Tomé-Açu, estado do Pará - ano 1950.

Fonte: Homma (2014).

A figura acima é um dos primeiros registros das áreas de cultivos de pimenta do reino no município de Tomé-Açu, berço da produção paraense, tendo em vista isso, não há como falar de produção de pimenta do reino em Cametá sem deixar de citar no estado do Pará a importância deste como *lócus* da produção e os imigrantes japoneses como agentes de desenvolvimento, reafirmando a sua importância histórico-geográfica no entendimento da organização espacial da atividade no estado.

O estado do Pará foi o primeiro estado do Brasil a cultivar e comercializar a pimenta do reino à escala mundial e, em concordância entre a literatura revisada, observa-se que a espécie **Piper Nigrum** foi “enxertada” na economia pela comunidade japonesa por volta da década de 1930<sup>56</sup>. Em conjunto ao movimento imigratório de japoneses para a região amazônica houve a transferência das mudas que, plantadas em terras paraenses, serviram de matriz de reprodução e propagação dos cultivos no município de Tomé-Açu<sup>57</sup>, local concedido aos japoneses para constituírem núcleos/lotes de povoamento (ALBUQUERQUE; CONDURÚ, 1971; HOMMA, 2016).

A época do início dos primeiros cultivos de pimenta do reino no estado do Pará o comércio deste grão, no Brasil, ainda era muito embrionário, haja vista que a produção brasileira subsidiava, principalmente, o consumo interno do produto e não apresentava quantidades produzidas suficiente para o mercado agroexportador, monopolizado pela produção de países asiáticos.

Dito isso, um evento importante que vai marcar a “entrada” do país no mercado internacional é a segunda guerra mundial e seus rebatimentos na economia da Malásia e Indonésia, até então os principais polos produtivos no mundo, as tropas japonesas entraram na linha de frente contra estes países e assolaram suas áreas de cultivos, resultando na fragilidade da economia da pimenta (HOMMA, 2016). Com isso a oferta do produto decresce de sobremaneira, e pela lei geral do mercado, quando a demanda é superior à oferta os preços tendem a subir e redirecionar os rumos do comércio da piper.

Não há como afirmar que as investidas das tropas japonesas foram pensadas estrategicamente para favorecer o comércio da pimenta brasileira, o fato é que o Brasil começa a exportar o produto a partir da década de 1950<sup>58</sup>

---

<sup>56</sup> Ver: FLOHRSCHÜTZ ET AL. **O processo de Desenvolvimento e nível Tecnológico de culturas perenes: O caso da pimenta-do-reino no nordeste paraense** (1983); HOMMA. **Oferta e demanda de pimenta-do-reino a nível mundial: perspectivas para o Brasil** (1981); HOMMA; FILHO. **Análise da Estrutura da Produção de pimenta-do-reino no estado do Pará – 1977/78** (1979) e demais obras dos autores Alfredo Kingo Oyama Homma, engenheiro agrônomo da EMBRAPA ORIENTAL e economista uma das principais referências para os estudos sobre Imigração japonesa e culturas da região norte.

<sup>57</sup> Segundo Homma (2016) em uma das expedições imigratórias imigrantes japoneses trouxeram consigo 20 mudas de pimenta do reino para o estado do Pará, mas somente 2 mudas conseguiram resistir ao tempo de viagem de Cingapura até o município de Tomé-Açu.

<sup>58</sup> Observa-se que as primeiras exportações brasileiras só vão ocorrer em 1956, inicialmente, para países da América do Sul (Argentina), Europa central (Alemanha) e América do Norte (Estados Unidos da América) (ALBUQUERQUE; CONDURÚ, 1971; HOMMA, 2014;2016).

período que coincide com o pós 2<sup>o</sup> guerra mundial (ALBUQUERQUE; CONDURÚ, 1971; HOMMA, 2014;2016).

Com a abertura do mercado internacional para a exportação da pimenta do reino paraense os produtores passaram a investir em novas áreas de cultivos, estima-se entre 1960 a 1974 foram cultivados cerca de 6 milhões de pés em Tomé-Açu (HOMMA, 2016), daí a produção *stricto sensu* está diretamente ligada ao consumo, ou seja, a demanda. Com o aumento da demanda pelo produto e enfraquecimento dos principais polos produtivos o Brasil ganha espaço na comercialização e sendo o estado do Pará pioneiro na produção este torna-se o principal fornecedor de pimenta do reino no Brasil.

A economia da pimenta do reino até então tinha, áreas produtivas, mão-de-obra e mercado, mas com a monocultura da espécie, no final da década de 1957 e início da década de 1960, os cultivos paraenses começam a sofrer com o surgimento de doenças<sup>59</sup>, dentre elas a Fusariose (*Fusarium solani f. piperis*), que provocaram grandes crises na produção no estado (ALBUQUERQUE; DUARTE, 1991). A Fusariose, até então sem medidas fitossanitárias eficazes para seu controle, levou os produtores a percas produtivas em um curto período de tempo, provocando sucessivas crises produtivas e encarecimento da atividade, é o que afirma Barbosa e Falesi (2011, p. 10):

[...] a Fusariose nos pimentais que já se propagava desde a década anterior, trouxe falências, desemprego, emigração de produtores, abandono e venda de propriedades a baixo preço de mercado e alterações no sistema de cultivo, resultando na queda da produção e das exportações. O uso de defensivos agrícolas passou a integrar o pacote tecnológico dessa cultura, e a pesquisa agrônômica se intensificou.

A incidência de doenças vai desencadear a primeira grande crise na produção paraense que desde então passa a conviver com sérios problemas fitossanitários da cultura. Com o aparecimento das doenças há um uso intensivo de fertilizantes e adubos e a constante necessidade de se abrir novas áreas (FLOHRSCHÜTZ ET AL, 1983). O espalhamento das doenças possibilitou a abertura de novas áreas de cultivo em regiões distantes do município afetado, com isso a produção que, ordinariamente estava concentrado em Tomé-Açu,

---

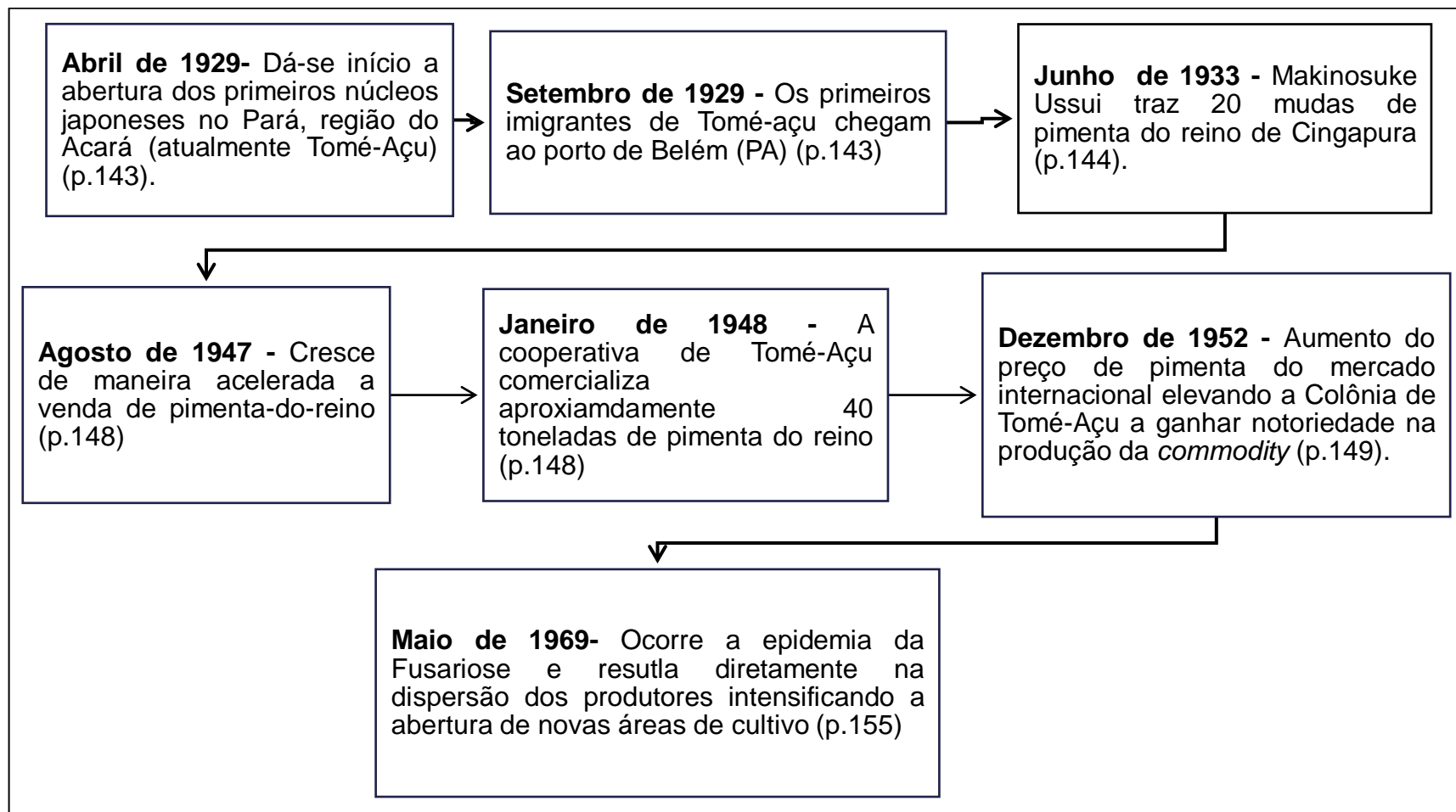
<sup>59</sup> Segundo Duarte Et al (2006) as principais doenças que afetam a pimenteira do reino são: Podridão-do-pé (*Phytophthora capsici*), Queima fio (*Koleroga noxia*), Antracnose (*Colletotrichum gloeosporioides*), Rubelose (*Corticium salmonicolor*), Galha-das-raízes (*Meloidogyne incógnita*, *M. Javanica*), Murcha-amarela (*Fusarium oxysporum*), Queima-do-fio (*Koleroga noxia*), Mancha-de-alga (*Cephaleuros virescens*).

passa a desconcentrar-se espacialmente, formando novas microrregiões produtivas no estado do Pará, inclusive no Baixo Tocantins, onde se tem a abertura das primeiras áreas de cultivos no município de Cametá (HOMMA, 2016) conforme é evidenciado no relato de Silvio Shibata, presidente da Associação Cultural de Tomé-Açu – ACTA.

No caso da área de Cametá e Moju, a maioria dos trabalhadores vieram para cá, trabalharam e aprenderam cultivar a pimenta, já esse outro lado, por exemplo Santa Izabel, Castanhal, Capitão Poço, essa outra área foram os próprios japoneses que saíram para escapar da doença, foram atrás de outras áreas para plantar (SHIBATA em entrevista, 2020).

Em síntese os fatores atrativos e repulsivos contribuíram para a migração de produtores em função da produção de pimenta do reino, a atividade sempre foi marcada pelas constantes oscilações produtivas e de preços, que ora apresentava períodos de alta rentabilidade ora apresentava períodos de baixa rentabilidade. No **Fluxograma 1** é descrito as fases iniciais da implantação da piper no estado do Pará até o momento em que a atividade passa a desconcentrar-se espacialmente no estado.

**Fluxograma 1.** Cronologia dos principais acontecimentos que antecederam a expansão da pipericultura no estado do Pará.



Fonte: ARECA. Caminho dos imigrantes japoneses - Brasil - século 20.

De posse desse contexto geral passemos a discorrer mais detalhadamente sobre a “chegada” da atividade no município de Cametá e os fatores que consolidaram a produção de pimenta no quadro efetivo da economia cametaense.

### **3.1. Fatores que impulsionaram o desenvolvimento da pipericultura em Cametá-Pará**

Antes mesmo de emergimos sobre a discussão sobre a produção de pimenta do reino, é preciso compreender que a economia cametaense pode ser analisada por ciclos econômicos, essa análise é realizada por Sousa (2002) em sua dissertação de mestrado, seus estudos apontam que entre os anos de 1850 a 1960 predominava em Cametá o extrativismo da borracha; entre 1970 a 1990 a economia da pimenta e a partir da década de 1990 começa a ser desenvolvida a fruticultura.

Concentremo-nos nossas análises no final da década de 1960 e início da década de 1970, pois, com a saturação dos seringais cametaenses e os problemas próprios do mercado da borracha, a pimenta do reino se torna uma válvula de escape para a economia em Cametá, até então ancorada no extrativismo de produtos florestais<sup>60</sup>. No período de transição da economia da borracha para a economia da pimenta, o município de Tomé-Açu vivenciava a fase áurea da produção desencadeando uma corrente migratória de trabalhadores de diversas regiões do estado do Pará, inclusive de cametaenses que subiram o alto do rio Tocantins em direção aos núcleos japoneses. Estima-se que o movimento de trabalhadores da região do Baixo Tocantins para o município de Tomé-Açu tenha iniciado entre a décadas de 1940 e 1950<sup>61</sup> (SOUSA, 2002; HOMMA, 2016).

Os primeiros cametaenses que decidiram seguir este destino utilizaram pequenas embarcações, típicas da região amazônica (canoas/cascos), para se locomover, dada a distância entre os dois municípios a viagem se estendia por

---

<sup>60</sup>Segundo Sousa (2002, p.87) “Na década de 1960, a economia em Cametá já se arrastara por um longo período de crise e apresentava sintomas de decadência. A borracha, que permitirá o contato com economias monetizadas, perdera espaço no mercado; as fabricas que beneficiavam produtos como andiroba e ucuúba, para a produção de sabão, já haviam entrado em decadência pela impossibilidade de concorrência com as empresas de outras regiões do Brasil. A economia de Cametá estava baseada fundamentalmente no açaí nativo, no pescado e na agricultura de subsistência. Grandes massas de trabalhadores cametaenses se deslocavam para o município de Tomé-Açu, a fim de trabalharem nos plantios de pimenta-do-reino de propriedade da colônia japonesa situada naquele município, que passou a constituir a principal ocupação de mão-de-obra de Cametá”.

<sup>61</sup> “Com o sucesso da lavoura de pimenta-do-reino que começou a despontar no final da década de 1940, houve uma corrida de trabalhadores braçais procedentes da bacia do Rio Tocantins, como Cametá, Baião e Mocajuba, para trabalhar em Tomé-Açu e Acará (NAGAI, 2002) (HOMMA, 2016, p.149).

semanas até completar seu percurso<sup>62</sup> (HOMMA, 2016; SHIBATA, 2021). A **Figura 4**, apesar de não retratar uma das viagens dos cametaenses para o Tomé-Açu, comprova o modo de deslocamento dos cametaenses as canoas movidas pela força humana movimentavam o ir e vir sobre o rio Tocantins, revelando os tempos lentos da circulação.

**Figura 4.** Registro de uma das embarcações utilizadas por cametaenses para se locomover em direção a outras cidades do estado do Pará<sup>63</sup>, município de Cametá - ano 1930.



Fonte: Arquivo pessoal de Luís Perez. Org. Raíssa Paes, 2022.

Durante o trabalho de campo foram identificados produtores que tomaram a decisão de seguir para Tomé-Açu, a saída desses produtores em direção a este município revela que a produção *stricto sensu* atrai diferentes fluxos, inclusive de pessoas. Deste modo, o município de Cametá serviu inicialmente como provedor de mão-de-obra, conforme pode ser observado no relato abaixo:

No princípio do meu trabalho eu passei para Tomé-Açu em “68” para mim pegar o primeiro ano lá, na safra com os japônês, trabalhei 8 mês com o japonês, pegando prática, tendo conhecimento do trabalho, ai aprendi muita coisa nesse trabalho junto com o “japonesada”, sempre eu fazia com confiança que ele [...] nós fazia, primeiramente o campo do quadro do

<sup>62</sup> Informação verbal retirada da palestra ministrada pelo sr. Silvio Shibata, presidente da ACTA- Associação Cultural de Tomé-Açu, a Turma de 2020 em março de 2021 na disciplina (Des) Envolvimento Territorial na Amazônia, ministrada pelo professor Dr. Benedito Ely Valente da Cruz.

<sup>63</sup>Registro de uma das viagens em direção a Marabá em 1930.

pimental, preparar a roçagem, depois vem a queimação junto com a “destuca” do campo, aquele campo bem limpo, tirava tudo os “tucos”, naquele tempo a gente queimava, hoje a gente não queima porque serve de adubo ! E aí a gente ia trabalhar na marcação das estacas, aí que eu ia entrar na cavação, fazer a primeira caixa, fazia a gaveta par pôr à estaca, aí a gente puxa aquela terra preta da frente que a gente tinha “montoado”, né? Para servir de adubo, chama-se a terra de cima de terra “A” e a debaixo de terra “B”, a gente juntava tudo e fazia a cova e a catacumba que eles falavam, né! Já ficava pronto para receber a muda (**Produtor de pimenta do reino** em entrevista, Porto Grande 2021).

Com isso os produtores que foram à Tomé-Açu, ao executar as etapas da produção *stricto sensu*, adquiriam experiência na atividade elemento essencial para o bom desenvolvimento de uma cultura até então nova para os cametaenses. O objetivo principal desses produtores não era estabelecer moradia fixa no município, mas capitalizar-se e assim retornar para Cameté para abrir suas próprias áreas de cultivos.

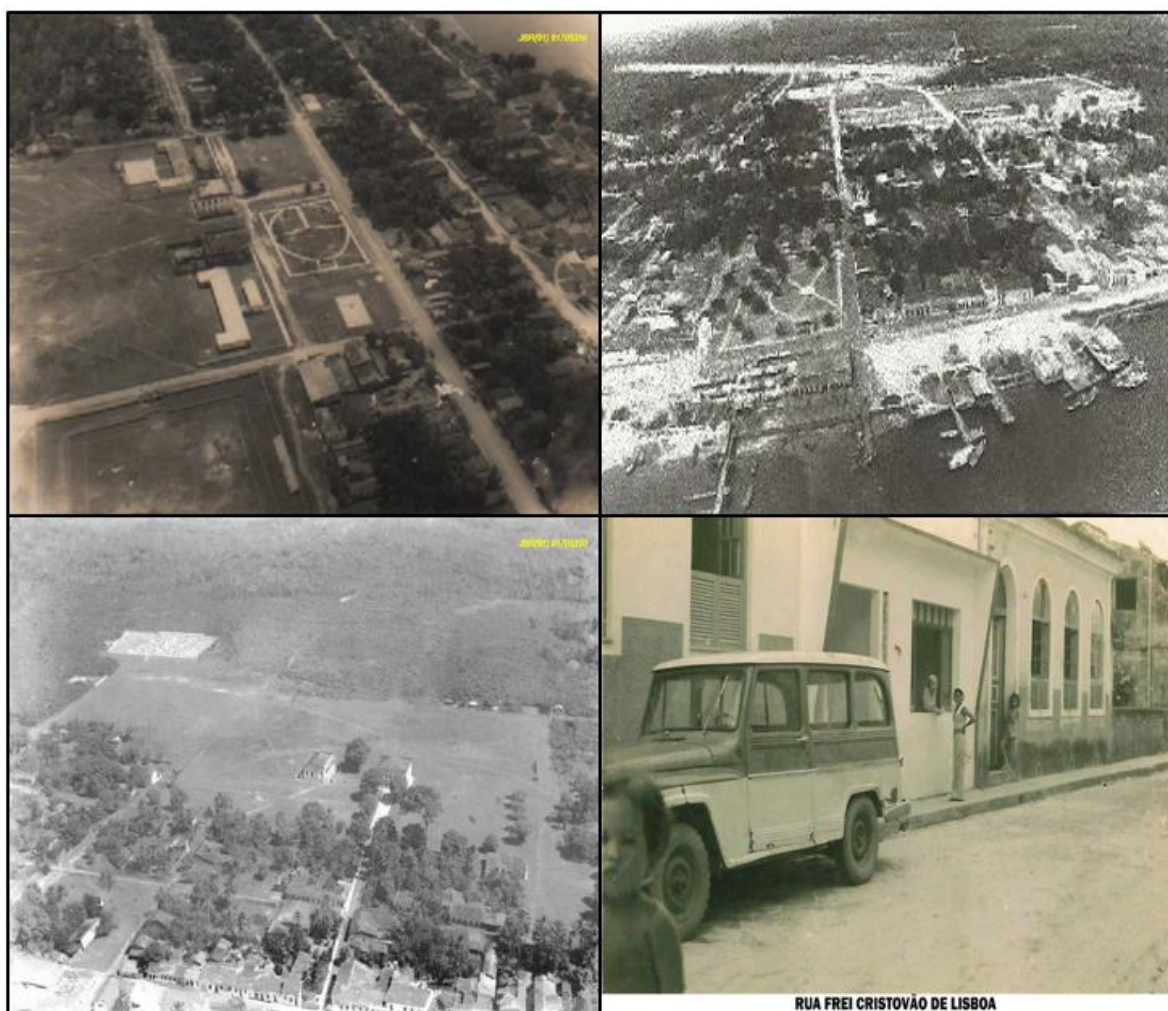
Ainda neste período de promoção da pipericultura no município o número de produtores era bastante reduzido, isso porque a atividade estava restrita a produtores com potencial poder aquisitivo tendo em vista o uso intensivo de capitais, mão de obra e matérias primas os considerados “grandes produtores” (SOUSA, 2002), restava aos produtores, que ainda não cultivavam a espécie, servir de mão de obra assim como o eram em Tomé-Açu.

O fato de a pimenta do reino ser um produto em continua valorização no mercado os pequenos produtores, até então trabalhadores, solicitavam “empréstimos” e/ou financiamentos de matérias primas aos seus patrões para abertura de suas próprias áreas de cultivo. Esse tipo de empréstimo os colocavam em dupla jornada de trabalho pois, além de trabalhar nos pimentais dos seus patrões trabalhavam aos fins de semana em suas próprias áreas de cultivos (**Produtor de pimenta do reino** em entrevista, Porto Grande, 2021). Deste modo, os produtores de pimenta passaram a financiar pequenos/novos produtores, os que recebiam o empréstimo comprometiam-se em restituir o valor em forma de produto, sendo assim a primeira safra era sempre do fiador/financiador.

Somado a isso a Igreja Católica e instituições bancárias tiveram papéis importante na promoção da pipericultura no município. A igreja católica assistia produtores congregados na tentativa de mitigar os efeitos da pobreza local e facilitar o acesso a linhas creditícias dos bancos, já as instituições bancárias forneciam empréstimos para os considerados “grandes produtores”, ou seja, produtores já capitalizados e com condições de pagar os empréstimos concedidos (SOUSA, 2002).

O rebatimento da economia da pimenta do reino no município pode ser contemplado em análises espaciais, observa-se que a partir da década de 1970, Cametá começa a vivenciar um período de intensas transformações socioespaciais (**Figura 5**). Neste período poder-se-ia citar a implantação de escritórios de assistência técnica, agências bancárias e abertura de rodovias PA-151 e BR-422, antiga PA-156, principais eixos rodoviários utilizados para escoamento da produção, daí a compreensão do espaço como subsidio para o desenvolvimento de um processo produtivo específico (**Figura 6**) (SOUSA, 2002; MALHEIROS; TRINDADE JR, 2009).

**Figura 5.** Registros aéreos da área urbana do município de Cametá - ano 1970.



Fonte: Arquivo pessoal de Luís Perez.

**Figura 6.** Primeira agência do Banco da Amazônia, município de Cametá - 1970.



Fonte: Arquivo pessoal de Luís Perez.

A presença desses fixos fez com que o município de Cametá exercesse uma centralidade na circulação de capitais e da produção na microrregião de Cametá. A produção saía da área rural em direção a área urbana, onde o produto era comercializado e armazenado. Os fatores relacionados a imigração de cametaenses para o município de Tomé-Açu, a boa adaptação da espécie ao solo, as linhas de créditos fornecidas pela igreja católica, pelos bancos e até mesmo pelos produtores, impulsionaram o desenvolvimento da cultura no município.

### **3.2.** A gênese da formação do comércio intermediário da pimenta do reino em Cametá

Eu seu livro *Dinâmica do capitalismo (1987)* e *Civilização material, economia e capitalismo séculos XV-XVIII*, volume II- *Os jogos da Troca (2009)* Fernand Braudel procura compreender como se constrói na cidade o processo da troca, ou seja, o próprio mercado. O autor usa a expressão “comércio de longa distância” formado por

uma rede de compradores ligados a um grande comprador/distribuidor que comandava o comércio mesmo sem ir diretamente comprar o produto (locus de origem). O comércio de longa distância é formado por compradores-intermediários que são como pontes entre o abismo social e econômico que há entre o grande comprador e os detentores da mercadoria. Assinala o autor que:

Em cada interseção, em cada escala, podemos imaginar, estabelecido ou de passagem, um mercador. [...]. Toda rede comercial liga uns aos outros certos números de indivíduos, de agentes, pertencentes ou não a mesma firma, situados em vários pontos de um circuito ou de um feixe de circuitos. O comércio vive desses revezamentos, dessa cooperações e ligações que se multiplicam como que por si só com o crescente sucesso do interessado (BRAUDEL, 2009, p. 125).

Mas o que define um comprador-intermediário? Braudel (1987) classifica o intermediário como um *terceiro homem da troca* o autor em tela acrescenta, ainda, que estes agentes “insinuam-se entre produtores e compradores, limitando-se a comprar e a vender sem nunca fabricar com suas mãos (pelo menos não inteiramente) as mercadorias que oferecem” (BRAUDEL, 2009, p. 48). Uma das vantagens dos compradores-intermediários reside, também, no fato de não comprarem o produto, unicamente, com capitais próprios, possuem relação comercial tanto com produtores como com os compradores/atravessadores e condições de pagar pelo produto “à vista” (BRAUDEL, 1987, p.64). De posse desses esclarecimentos o comércio da pimenta do reino é utilizado por Braudel (1987;2009) para exemplificar este tipo de comercialização, o que nos remete ao entendimento de que este comércio sempre foi marcado pelo envolvimento de diferentes tipos de mercadores.

Observa-se que a estrutura do comércio da pimenta do reino no município de Cametá foi uma adaptação do sistema de aviamento<sup>64</sup> praticado na época da economia borracha (SOUSA, 2002). Este sistema de comercialização caracteriza-se pelo adiantamento de mercadorias, instrumentos de produção e/ou dinheiro (MCGRATH, 1999; ARAMBURU, 1992), revela uma relação estabelecida em acordos comerciais baseados na interdependência e subordinação. Interdependência porque tanto o produtor como o financiador, dependiam um do outro para “sobreviver” no mercado, mas o produtor estava sempre subordinado ao seu financiador pelas dívidas e pelas mercadorias que recebia.

De acordo com Sousa (2002):

---

<sup>64</sup> “Um sistema voltado para apropriar o excedente do produtor através da troca, em vez da produção” (MCGRATH, 1999, p.60).

Em Cametá, não tardou a formação de uma rede de comerciantes que se encarregou de estabelecer a conexão entre os consumidores do então chamado primeiro mundo e os produtores de pimenta-do-reino situados no município. As famílias Menezes, Moreira e Lordes, Cardoso, Braga, entre outras, foram responsáveis, em Cametá, pela compra de pimenta, para as empresas exportadoras [...] (SOUSA, 2002, p. 100).

Os produtores encontravam nos empresários o capital, adquirido sem burocracia, para ser empregue na atividade e como garantia se comprometiam em entregar a pimenta já seca como pagamento pelo empréstimo recebido (*troca de matérias primas*). Esse tipo de relação comercial favoreceu grandes empresários que à época ficaram conhecidos como os *Barões da pimenta*, sinônimo de enriquecimento da classe empresarial. Como estes compradores estavam localizados na cidade a produção saía do campo para a área urbana, de onde seguia para municípios específicos da região metropolitana de Belém para então romper com a escala estadual de circulação do produto<sup>65</sup> (SOUSA, 2002; MALHEIROS; TRINDADE JR. 2009).

A distância entre o posicionamento geográfico do produtor e as empresas exportadoras fez do comprador-intermediário um elemento considerado indispensável para a distribuição do produto. Atualmente os compradores-intermediários preferem ser conhecidos como “corretores da pimenta”, haja vista que os termos, intermediário e/ou atravessador, são vistos com maus olhos entre os produtores. Assim explica um comprador-intermediário:

Não somos atravessadores, somos corretores, nós só procuramos onde está para a venda e fazemos intermédio da venda, o atravessador tem um misticismo dizendo que “logra” [expressão utilizada para se referir a roubo – *grifo nosso* ], o corretor não, acha o produto e acha o vendedor, é igual corretagem de imóveis, o atravessador, vamos supor, tem um serviço de mal índole, entendeu? (**Comprador-intermediário local**, Porto Grande).

A prática de “corretagem da pimenta do reino” pouco se diferencia do que era praticado em épocas anteriores apontando para um processo de reprodução das velhas estruturas de comercialização, mantendo sempre as trocas de favores comerciais, adiantamento de mercadorias como base das negociações. Os compradores-intermediários possuem papel fundamental na comercialização e circulação da produção, no financiamento dos produtores, e na distribuição da pimenta

---

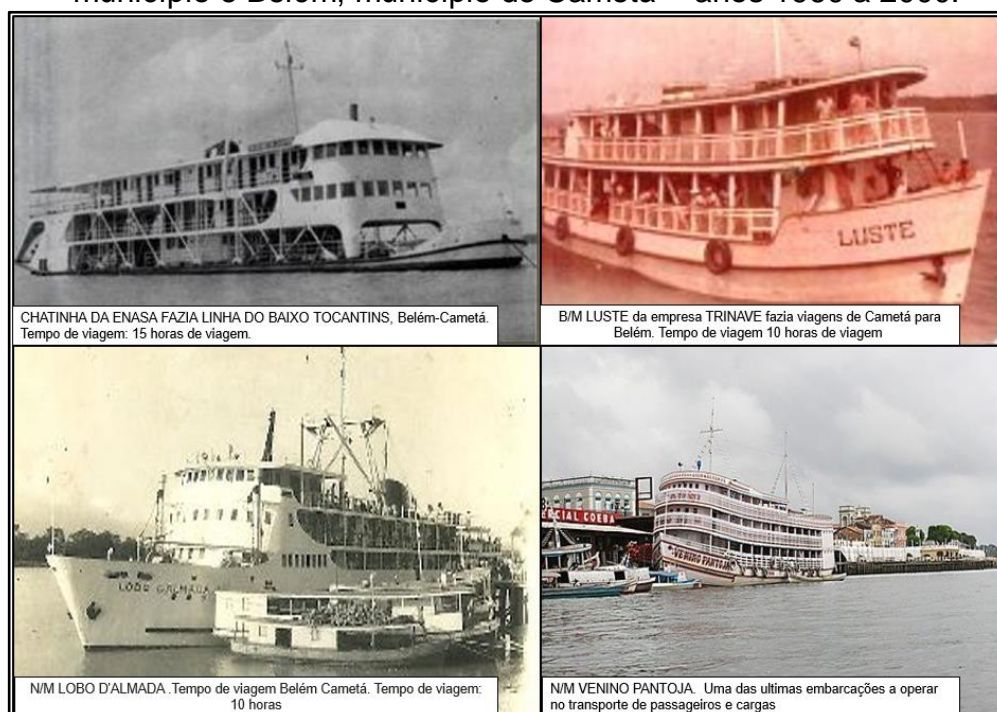
<sup>65</sup> Assim, Sousa (2002), descreve o fluxo da circulação da pimenta do reino “As famílias [...] foram responsáveis, em Cametá, pela compra de pimenta-do-reino diretamente do produtor, situados na região de terra firme, para as empresas exportadoras que montaram filiais em Belém, Castanhal e Ananindeua. Daí enviavam o produto para a representante exportadora estabelecida em São Paulo, onde era embarcado para o mercado consumidor” (SOUSA, 2002, p. 100).

do reino, conforme será discutido no **capítulo 4**. Tendo em vista a organização espacial da produção e comercialização da pimenta do reino em épocas anteriores se faz necessário compreender como se operava o escoamento da produção em um período em que o sistema de circulação do município ainda era pouco desenvolvido do ponto de vista técnico.

### 3.3. Os tempos lentos da distribuição da pimenta do reino: O padrão rodoviário em substituição do padrão hidroviário e a perda da centralidade da cidade na dinâmica da circulação da produção

Antes da abertura das rodovias PA-151 e BR-422 a principal via de deslocamento de bens, pessoas e mercadorias de Cametá até os grandes centros urbanos era comandada pelo ritmo do rio e das grandes embarcações. E a quase inexistência de sistemas de engenharia<sup>66</sup> no município fez do porto de Cametá o principal ponto de escoamento dos produtos nativos (frutos, madeiras, pescados) e, também, de pessoas para a capital Belém (**Figura 7**).

**Figura 7.** Registros de algumas embarcações utilizadas no transporte entre o município e Belém, município de Cametá - anos 1960 a 2000.



Fonte: Arquivo Pessoal de Flávio Gaia.

<sup>66</sup> “Conjunto de fixos naturais e sociais” (SANTOS, 2014 b, p. 87)

A importância do porto para o comércio extra-local pode ser compreendida no trecho retirado da obra Flodoaldo dos Santos (2015), onde o mesmo afirma que “o uso político do porto, de interesse Imperial, centrou-se nas relações comerciais entre a produção, armazenamento e exportação da borracha para Belém e desta para os grandes centros consumidores [...]” (SANTOS, 2015, p.49). Na época da economia da Borracha o produto chegava ao município e seguia pelo porto da cidade para as casas aviadoras de Belém (SOUSA, 2002). Deste modo, “o município de Cametá, historicamente caracterizado como uma economia predominantemente extrativista, tornou-se de fato um centro importante de extração e exportação dos produtos da floresta” (SOUSA, 2002, p. 64).

Segundo os estudos realizados por Bruno Malheiro e Saint Clair Trindade Júnior (2009), em três cidades ribeirinhas da microrregião de Cametá<sup>67</sup>, a partir da década de 1960 a abertura de estradas fez com que o rio perdesse, parcialmente, a importância na dinâmica nos fluxos materiais para a capital Belém em função das estradas. É conveniente destacar que dada a geografia da região o rio se apresenta como barreira natural, visto que ainda era e ainda é obrigatório o uso de embarcações rebocadoras (balsas) sobre o Rio Tocantins que separa a área urbana do município de parte do território cametaense. Todavia com a presença das rodovias a partir da década de 1970 “se o rio aparece como muito importante no passado, [...], ele perde um pouco de sua importância. Por outro lado, a estrada que no passado era pouco importante [...] hoje é muito importante” (MALHEIRO; TRINDADE JR., 2009, p. 18).

A abertura dos eixos rodoviários PA-151 (Belém-Cametá) modificou o modo e o tipo de deslocamento da pimenta do reino que, outrora era exportado por embarcações, passando a ser transportada por caminhões baús e pela estrada. As rodovias potencializaram, também, a entrada de compradores-intermediários residentes fora do município de Cametá, provocando uma descentralização do papel da cidade na dinâmica de funcionamento neste circuito enquanto lugar da troca e enfraquecimento do monopólio dos compradores da cidade. Observemos o relato abaixo:

Eu mesmo comprei para os compradores daqui de Cametá, meu primeiro patrão de pimenta foi o Agnaldo Batista, aí depois comprei um pouco para o seu Laudelino, comprei para os compradores de Mocajuba, e aí eu peguei um contado do primeiro patrão de exportador foi meu patrão \*\*\*\*\* (Proprietário da TJ Comércio LTDA- Castanhal- *grifo nosso*), eu estava vindo de Cametá

---

<sup>67</sup> Os autores analisaram as cidades de Cametá, Baião e Mocajuba, ambos fazem parte da microrregião de Cametá.

na balsa [...]. Ele veio nesse momento atrás de comprador, inclusive os caras de lá, de Cametá (área urbana – *grifo nosso*), não quiseram fechar negócio com ele, ele veio embora sem comprador, eu fui o primeiro comprador dele em Cametá. A partir de lá eu comecei a comprar pimenta só para ele, eu estou com 17 a 18 anos comprando pimenta para a TJ. Até 2006 eu comprava a pimenta e enviava para a cidade. Hoje a empresa manda o caminhão a gente embarca aqui mesmo e já vai direto para Castanhal (**Comprador-intermediário local** em entrevista, Bom Jardim, 2021).

A maior parte dos produtores que participaram desta pesquisa negociam a pimenta do reino com o grupo de compradores-intermediários localizados nas próprias vilas pois, a presença de compradores no lugar da produção propriamente dita tem reduzido a dependência dos produtores dos compradores-intermediários situados na cidade. Todavia, há o grupo de sujeitos investigados que mantém a venda com os compradores-intermediários da cidade como forma de retribuição pelas ajudas concedidas em épocas anteriores, mantendo os vínculos comerciais e o sentimento de estar sempre em dívida com o financiador.

A partir das análises até aqui realizadas foram identificadas duas dinâmicas de funcionamento da circulação da produção no município de Cametá - **Dinâmica 1**. Neste caso a cidade ainda continua exercendo papel fundamental na comercialização do produto<sup>68</sup>; **Dinâmica 2**. A cidade perde essa centralidade no circuito enquanto lugar da troca e as vilas assumem protagonismo na comercialização do produto<sup>69</sup> conforme é evidenciado nos relatos abaixo:

[...] compro daqui da estrada de Tucuruí (Br-422 – *grifo nosso*), do Florestão para cá, do 90, de tudo essa localidade é, Bucubarana, Nova Colônia, é, Marambira, América, da Transcametá até o Limoeiro, estrada do Juaba. Eu compro essa pimenta que vem dos ônibus, os ônibus pararam aqui no trevo (Pracinha do Trevo)<sup>70</sup>, as vezes eu vou para estrada buscar, comprar do pessoal, ver quem tem e quem não tem, quando já tem uma quantidade, dia de sábado o caminhão vai buscar lá, o carro é por conta dele (**Comprador-intermediário local**, área urbana, 2021).

Esses compradores estão mais fracos (compradores da cidade- *grifo nosso*), essa concorrência que entrou agora (compradores de Mocajuba e Castanhal- *grifo nosso*), ela fez alavancar mais os preços, o preço ficou mais forte, aí o que acontece, não querem entrar mais aqui (compradores da cidade- *grifo nosso*). Aí, os dois vai junto nos preços (compradores de Mocajuba e

<sup>68</sup> Os compradores da cidade têm maior influência comercial sobre os produtores que estão do mesmo “lado” que a área urbana (margem esquerda- BR-422).

<sup>69</sup> Isso porquê no “outro lado” (margem direita do rio Tocantins- PA-151) há um número expressivo de compradores de fora do município, o que leva muitos produtores e atravessadores a negociar o produto no próprio lugar da produção.

<sup>70</sup> A pracinha do Trevo está localizada no Bairro de Santa Maria em Cametá, é uma pequena praça onde os ônibus que fazem linha para a cidade de Tucuruí, Baião, Oeiras do Pará pararam para embarque e desembarque de passageiros. Produtores que moram ao longo da BR-422 vão para a beira onde embarcam e chegam à cidade.

Castanhal- *grifo nosso*) e o comprador da cidade ficaram um pouco para trás, não quiserem acompanhar o preço, ou seja, a concorrência, e o que manda na pimenta é o preço (**Comprador-intermediário local**, Porto Grande, 2021)

Em síntese, um conjunto de eventos culminaram na atual situação geográfica na produção e comercialização da produção no município de Cametá, quando predominava o padrão hidroviário de circulação da produção existia um protagonismo da sede enquanto controlador na troca, a produção estava dispersa, na medida em que há essa substituição do padrão hidroviário pelo rodoviário há um aumento da fluidez territorial e, conseqüentemente da circulação da produção, isso vai possibilitar com que as vilas de Bom Jardim e Porto Grande ganhem protagonismo não só na produção como na comercialização do produto, graças a formação de um grupo de compradores-intermediários cada vez mais autônomos e desvinculados aos compradores situados na cidade. Essa discussão será aprofundada no sub-tópico **4.2 - A instância da produção *stricto sensu*: Qualificando o lugar da produção e os sujeitos da pesquisa** no capítulo abaixo.

#### 4. ORGANIZAÇÃO E DINÂMICA DE FUNCIONAMENTO DO CIRCUITO ESPACIAL DA PIMENTA DO REINO EM CAMETÁ

---

O município de Cametá é banhado pelo Rio Tocantins que como barreira natural separa a área urbana do restante do território contribuindo para a formação de um conjunto de ilhas ao longo do rio. Segundo o último censo demográfico<sup>71</sup> a população cametaense estava em torno de 120.896 mil habitantes, podendo hoje estar próximo a 140.000 mil pessoas<sup>72</sup>. Os números revelam, ainda, que a maior parte destas pessoas corresponde aos moradores da área rural – camponeses e ribeirinhos (68.058 mil hab.) e o restante concentra-se em áreas consideradas urbanas (52.838 mil hab.), da população considerada urbana apenas 39.977 mil habitantes estão localizados na cidade (IBGE, 2010). A cidade de Cametá é considerada ribeirinha, não apenas por estar à margem do rio, mas por este ser elemento determinante na dinâmica econômica, social, política, comercial e cultural da cidade (TRINDADE JÚNIOR *et al.*, 2011) (**Figura 8**).

**Figura 8.** Vista aérea da “frente” da cidade, município de Cametá – ano 2022.



Fonte: Arquivo pessoal de Toninho Castro, 2020.<sup>73</sup>

---

<sup>71</sup> Toma-se como referência o Censo de 2010 atualmente em vigor, haja vista que a coleta para o Censo de 2020 teve que ser adiado devido à pandemia da Covid-19.

<sup>72</sup> Segundo as estimativas do IBGE para o ano de 2021 é possível que este número total esteja próximo de 139.364 mil habitantes (IBGE, 2021).

<sup>73</sup> Todas as fotos foram autorizadas pelo fotógrafo Toninho Castro para fins ilustrativos desta pesquisa, reservando a ele os direitos autorais das imagens.

Padinha (2010) em sua dissertação de mestrado chega à conclusão de que o fato da cidade de Cametá apresentar os principais serviços oferecidos a população<sup>74</sup> faz com que a mesma apresente uma centralidade na rede urbana na microrregião de Cametá. Já na cidade é possível observar a expansão do comércio e dessas atividades em função do eixo rodoviário da BR-422 e a expansão da malha urbana e da abertura de novas áreas de moradia e de bairros periféricos populosos em seu entorno. Apesar da cidade de Cametá estar entre uma das cidades que apresentam um sistema de infraestrutura básico (saúde, educação, comércio, instituições bancárias, e etc.) essa por si só não consegue suprir as necessidades mais urgentes e complexas da população sendo necessário ainda deslocar-se para a capital Belém (PADINHA, 2010).

O rural cametaense é formado, segundo Padinha (2010), por dois grandes ambientes, um que diz respeito ao conjunto de ilhas (área de várzeas), um “rural não restrito a terra, mas, marcado pela interação rio-terra” (IBID., 2010, p.109) e a formação de uma identidade territorial que é próprio de um modo de vida ribeirinho; e um rural que se formou ao longo de estradas (terras firmes) dando origem a constituição de uma classe e um modo de vida, que na geografia costumou-se a chamar campesinato/camponês (SHANIN, 2008).

O rural-ribeirinho faz menção ao conjunto de pessoas que residem no conjunto de ilhas que são delineadas pelo curso do rio Tocantins, de onde provém um dos principais produtos da economia cametaense que é o açaí (**Figura 9**). O extrativismo/manejo do açaí e a pesca se tornam uma das principais atividades econômicas do conjunto de ilhas do Baixo Tocantins, diariamente ribeirinhos se deslocam para a área urbana para vender seus produtos e também efetuar compras de produtos básicos, o ir e vir de embarcações movimentam o porto da cidade.

---

<sup>74</sup> Dentre eles pode se destacar os serviços bancários (6 agências bancárias); educação (Universidades particulares e públicas); saúde (2 hospitais, incluindo 1 hospital regional que atende população do Baixo Tocantins, UPA- Unidade de Pronto Atendimento); comércio; feira livre e etc.

**Figura 9.** “Rasas” de açaí para venda na Feira Livre de Cametá – 2021.



Fonte: Arquivo pessoal de Toninho Castro, 2020.

A pesca artesanal além de abastecer a feira municipal se tornou uma das principais expressões culturais dos ribeirinhos localizados no município, na primeira semana de março há a *abertura da pesca do Mapará*, espécie bastante apreciada pelos cametaenses, o evento reuni pessoas de diversas ilhas e que, recentemente, tem alcançado reconhecimento nacional<sup>75</sup>. A população ribeirinha cametaense sentiu os impactos ambientais e econômicos decorridos da construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí- UHE, com a barreira sobre o rio algumas espécies de peixes começaram a ficar raras, todavia a presença desses grandes objetos nesta região marca o início das transformações socioespacial no município.

Já na porção territorial mais elevada (terra firme) predominam o cultivo de mandioca, cacau, pimenta do reino, o deslocamento desses produtores e dos produtos agrícolas se dá pela estrada - BR-422- que adentram a cidade por meio de ônibus que realizam viagens intra e intermunicipal e por veículos próprios (carros, motocicletas, caminhões, tratores). Este grupo de pessoas tem o fator terra como principal fonte de renda, da terra que cultivam.

Diante disso a circulação de pessoas e produtos no município de Cametá se dá efetivamente pelos rios e estradas, resultado da geografia da região tocantina, tipo de população e do sistema de infraestrutura do município.

---

<sup>75</sup> A pesca do Mapará foi uma das reportagens exibidas pelo programa Globo Rural, em comemoração aos 36 anos do programa. A proposta de comemoração apresentou diferentes reportagens no ano de 2016, a reportagem pode ser visualizada no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=R1K7d32iEOw>. Acesso: setembro de 2022.

O açaí, mandioca, cacau e a pimenta do reino se apresentam como os principais produtos agrícolas produzidos no município (**Tabela 3**), em 2020 o município produziu 159.540 mil toneladas do fruto do açaí, produto com notoriedade que a tende tanto à demanda local como a extra-local, seguindo para diferentes regiões do estado do Pará e do Brasil.

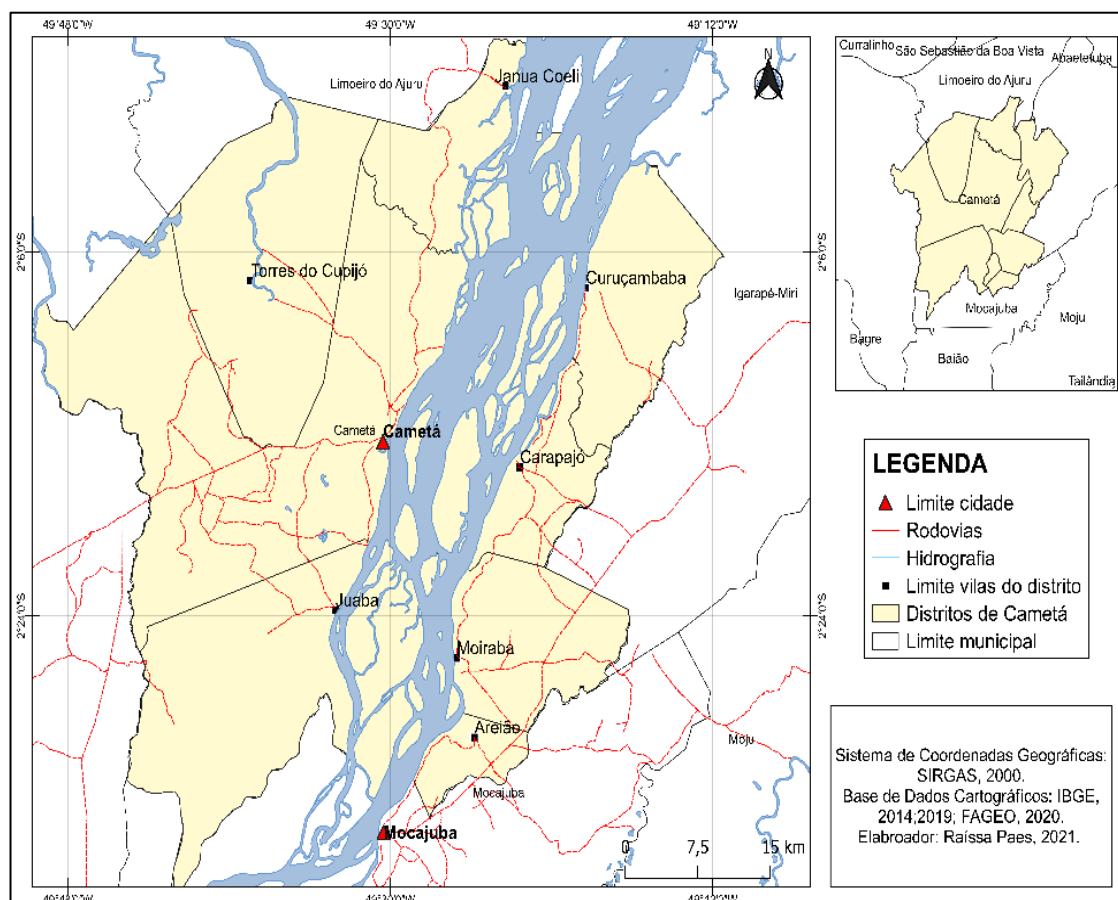
**Tabela 3.** Principais produtos agrícolas (temporárias e permanente), município de Cametá - 2020.

| <b>Produto</b>   | <b>Área Colhida (Ha)</b> | <b>Quantidade produzida* (T.)</b> |
|------------------|--------------------------|-----------------------------------|
| Açaí             | 30.00                    | 159.540                           |
| Mandioca         | 6.500                    | 63.557                            |
| Cacau            | 6.396                    | 2.885                             |
| Pimenta do reino | 600                      | 1.943                             |
| Coco-da-Baía     | 30                       | 420 (mil frutos)                  |
| Limão            | 23                       | 360                               |
| Laranja          | 20                       | 300                               |
| Milho            | 264                      | 211                               |
| Abacaxi          | 16                       | 192 (mil frutos)                  |
| Arroz            | 250                      | 180                               |
| Banana           | 20                       | 178                               |
| Tangerina        | 15                       | 141                               |
| Feijão           | 180                      | 108                               |
| Café             | 16                       | 10                                |

Fonte: IBGE/SIDRA, 2020. Org. Raíssa Paes (2021). **\*Nota:** O IBGE alterou a unidade de medidas “número de frutos (mil frutos) para “peso de frutos (toneladas), com exceção aos produtos em destaque, as lavouras que antes eram expressas em mil frutos (Banana, laranja, limão) passaram a ser expressas em toneladas.

Dadas as considerações iniciais da formação territorial e economia do município, do ponto de vista político-administrativo o município está subdividido em oito (8) distritos administrativos, além do distrito-sede Cametá têm-se os distritos de Areião, Carapajó, Curuçambaba, Joana Coeli, Juaba, Moiraba, Torres do Cupijó e Vila do Carmo do Tocantins, segundo Padinha (2010) os distritos não possuem autonomia administrativa e estão sob juízo do poder administrativo municipal (**Mapa 4**).

**Mapa 4. Divisão distrital, município de Cametá – ano 2022.**



Fonte: FAGEO<sup>76</sup>; IBGE, 2014:2019. Org. Raíssa Paes (2021).

Conforme o mapa acima os distritos de Joana Coeli, Torres do Cupijó e Juaba situam-se do mesmo lado que o distrito-sede Cametá são direcionados pelo eixo rodoviários da BR-422. Mas, pelo menos, quatro distritos – Curuçambaba, Carapajó, Moiraba e Areião -, estão localizados às margens direita do rio Tocantins, isso faz com que a população destes tenha sempre que utilizar embarcações para deslocar-se até a área urbana tendo a PA-151 como principal eixo rodoviário.

Dada a sua extensão e o número de distritos e vilas que o compõe, de fato não teríamos fôlego nem tempo suficiente para realizar o levantamento de dados em todo território cametaense. Dito isso, enfoquemos nossos esforços no distrito de Carapajó, local onde está situado as vilas de Bom Jardim e Porto Grande, os dois principais polos de produção e comercialização da pimenta do reino no município de Cametá.

<sup>76</sup> Os Shapefiles utilizados na confecção dos mapas foram encontrados no banco de dados da Faculdade de Geografia (FAGEO) do campus Universitário do Tocantins (CUNTINS), UFPA, Cametá.

#### 4.1. Gênese da produção de pimenta do reino no distrito de Carapajó – Município de Cametá

O distrito de Carapajó que, assim como a vila do distrito, está localizado às margens direita do rio Tocantins lado oposto ao distrito-sede e a área urbana de Cametá. Dada sua posição geográfica e o fato de estar entre o rio Tocantins e a estrada (PA-151), o mesmo adquire importância na rede física de circulação de bens, pessoas e mercadorias. Pois, para adentrar ou sair da cidade<sup>77</sup> pelo eixo rodoviário que dá acesso a capital Belém e outros municípios<sup>78</sup> é preciso, obrigatoriamente, iniciar/completar o percurso por balsas (veículos/pessoas/mercadorias) ou voadeiras (pessoas/mercadorias), que realizam a travessia do Rio Tocantins entre o Porto da Balsa da cidade e o Porto da Balsa na vila de Carapajó<sup>79</sup>.

Ao embarcar/desembarcar no porto de Carapajó é comum ser abordado (a) por carregadores<sup>80</sup> de bagagem e mototaxistas que aguardam ansiosamente as embarcações e os ônibus para transporte de bagagens e pessoas. Próximos ao porto estão concentrados serviços próprios do circuito inferior da economia urbana (SANTOS, 2009), atividades que possuem baixo nível técnico, não necessitam de altas quantias de capitais para ser desenvolvida, a exemplo dos vendedores de café, mingau, sopa e entre outros, estrategicamente localizados no corredor que dá acesso aos trapiches de embarque e desembarque dos passageiros.

Não podemos esquecer-nos de mencionar a “venda” de senhas da rede de internet e dos “aluguéis” de banheiros, expliquemos melhor, quem deseja ter acesso à rede Wi-fi enquanto aguarda seu transporte pode pagar pela senha da rede, isso porque não são todas as operadoras telefônicas que possuem cobertura local, igualmente aos banheiros, alguns estabelecimentos o construíram especificamente para isso cobrando 2,00 R\$ por pessoa (**Figura 10**).

---

<sup>77</sup> Referimo-nos ao deslocamento realizado por via terrestre pela PA-151 que interliga Cametá as cidades de Baião, Mocajuba, Abaetetuba, Igarapé Miri, Moju, Barcarena até a capital Belém.

<sup>78</sup> (Moju, Igarapé Miri, Mocajuba, Abaetetuba).

<sup>79</sup> O percurso entre o distrito-sede Cametá e o distrito Carapajó pode ser realizado tanto por voadeiras como balsas, este pode ser completado em até 1 hora e 30 minutos por balsas e até 50 minutos por voadeiras.

<sup>80</sup> Pessoas que transportam malas dos passageiros do porto até os ônibus ou vice-versa, ganhando por volume carregado.

**Figura 10.** Serviços oferecidos próximo ao porto da Balsa em Carapajó, município de Cametá- ano 2021.



Fonte: Trabalho de Campo, 2021. Org. Raíssa Paes.

O distrito de Carapajó foi um dos primeiros distritos do município de Cametá a possuir áreas de cultivos de pimenta do reino, segundo os estudos de Prazeres (2019), o pároco João Boonekamp foi responsável por comandar a implantação dos *sítios agrícolas* nesta área, cooperando com os produtores, doando terras, financiando capitais, instrumentos de produção e mudas para o cultivo da espécie.

O início do cultivo no distrito coincide com o *boom* da pimenta do reino no município de Tomé-Açu o que explica a tendência dos produtores a cultivar a espécie nas colônias e se configurava como um dos produtos de maior liquidez no mercado,

estima-se que pelo menos “cem trabalhadores rurais puderam viver a experiência do cultivo da pimenta-do-reino por meio dos sítios agrícolas [em Carapajó- *grifo nosso*]” (PRAZERES, 2019, p. 70).

O projeto foi uma estratégia idealizada pela prelazia de Cametá para mitigar a questão da pobreza local que estava diretamente relacionada com a distribuição de terras e ausência de capitais para serem investidos em novos ramos produtivos. O padre “Joãozinho do Carapajó”, como ficou conhecido, foi um grande articulador da promoção da pipericultura neste distrito conduzindo um pequeno grupo de produtores a atividade, responsabilizando-se pela questão burocrática e técnica para a obtenção das linhas de créditos fornecidas pelas instituições bancárias e que tinham a igreja católica como “avalista”<sup>81</sup> (PRAZERES, 2019).

A produção de pimenta do reino foi desenvolvida, inicialmente, por um pequeno grupo de produtores capitalizados pela prelazia de Cametá, a instituição religiosa, na pessoa do Padre Joãozinho, objetiva proporcionar melhorias na vida dos produtores rurais e não a acumulação de capitais com base na exploração do trabalho. A atuação do religioso também beneficiou os produtores nas vilas de Bom Jardim e Porto Grande, que receberam do padre mudas de pimenta do reino para serem cultivadas, dando origem as primeiras áreas de cultivos nessas áreas.

Em síntese, antes mesmo de emergimos na própria discussão nas vilas investigadas, se tornou importante enfatizar a geografia de Cametá para a compreensão da dinâmica de funcionamento do circuito espacial da pimenta do reino no município, isso porque o distanciamento do distrito de Carapajó da área urbana do município explica o porquê o produtor preferir comercializar a pimenta no lugar da produção do que na cidade, pois a distância entre um lugar e outro não é medido apenas por extensão (quilômetros) mas também pela logística de escoamento do produto (estradas e rios).

Todos esses elementos quando analisados em conjunto resultam em uma situação específica da atividade no município de Cametá, dito isso é preciso conhecer

---

<sup>81</sup> “Nessa modalidade de financiamento junto ao Banco do Brasil, a Prelazia de Cametá acessou o crédito e, por meio de um projeto institucional denominado Custeio Rural Educativo, repassou o valor para os agricultores. Todavia, esse valor era repassado conforme as etapas da produção, ou seja, a própria entidade fazia o controle financeiro e também era responsável pelo acompanhamento técnico. Acreditamos que essa situação não poderia ser diferente, pois a Prelazia de Cametá era entidade credora junto ao Banco do Brasil e, se houvesse algum imprevisto por parte dos produtores, ela seria responsabilizada, pois todo o processo de financiamento estava sob sua responsabilidade” (PRAZERES, 2019, p. 81)

mais detalhadamente o *locus* da produção *stricto sensu*, onde os produtores se tornam efetivamente produtores.

#### 4.1.1 Formação territorial e organização socioespacial das vilas de Porto Grande e Bom Jardim

O que vai diferenciar os estudos dos circuitos espaciais produtivos das cadeias de produção é o enfoque dado ao objeto de estudo (CASTILLO; FREDERICO, 2010), cadeia produtiva pode estar em qualquer lugar, o próprio Antônio Carlos Robert de Moraes (1985) evidencia a divisão territorial do trabalho resulta em dois processos controversos “unificação e singularização”, ou seja, unificação não é sinônimo de homogeneização, os espaços diferem-se quanto ao nível técnico, a fluidez territorial, a presença/ausência de capitais fixos, entre outros elementos, por isso a necessidade de identificá-lo nos estudos dos circuitos produtivos.

Dito isso, estamos discutindo uma atividade produtiva que é desenvolvida em duas vilas pertencentes ao distrito de Carapajó, município de Cametá, estado do Pará, Brasil. As vilas de Porto Grande e Bom Jardim estão localizadas em lados opostos à vila de Carapajó, estes espaços apresentam similitudes quanto a sua formação territorial. Ambos surgiram a partir do momento em que ribeirinhos passaram a estabelecer moradia nas áreas de terra firme, que até então eram utilizadas apenas para cultivar a mandioca e pimenta do reino (o território usado como recurso). Vejamos alguns relatos dos moradores locais acerca do processo de ocupação desses dois locais:

O Bom Jardim era o “centro<sup>82</sup>”, essas pessoas que trabalhavam eram das ilhas, essas ilhas, Tabatinga por exemplo, aí como tinha que cultivar, fazer roça, vinham para cá, trabalhavam e voltavam para a ilha. Aí chegou um período que eles começaram a ficar direto em Bom Jardim, que foi a família da Dona Domingas, lá perto da igreja a primeira a morar aqui [é o que dizem!], daí o povo já foi chegando, já foram deixando a ilha e foram morando em Bom Jardim (**Moradora local** em entrevista, 2021)

Em relação a Porto Grande no lugar onde está a vila havia apenas “um porto, as pessoas saíam da parte da várzea e iam trabalhar na terra firme, começou assim, era um porto onde as pessoas deixavam as embarcações, era um porto grande, daí o nome Porto Grande, de embarque e desembarque de gente, madeira, farinha e pimenta do reino” (**Morador local** em entrevista, 2021).

---

<sup>82</sup> Termo utilizado para se referir aos espaços de terra firme utilizado para cultivar produtos agrícolas próprios das áreas de terra firme.

Diante da historiografia observa-se que Porto Grande apresentava uma certa centralidade na circulação de produtos extrativos da floresta pela presença do “porto/trapiche”, daí a necessidade de compreender os elementos fixos em conjunto com os fluxos que dele se originam. Na atualidade a dinâmica dos fluxos nessa área é intensa, diariamente atracam nos trapiches embarcações de diferentes tamanhos, trazendo consigo pessoas e produto. O porto é o lugar de colisão entre diferentes atores, onde se estabelecem trocas simbólicas, são “[...] pontos de encontro da cidade com o rio, dos cosmos citadino e ribeirinho, das mercadorias vindas do rio e das que saem da cidade por ele” (MALHEIRO; TRINDADE JR., 2009, p. 14) (Vide **Figura 11** e **Figura 12**).

**Figura 11.** Embarcações atracadas no trapiche/porto localizado na vila de Porto Grande, Cametá-Pará - 2021.



Fonte: Trabalho de Campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022.

**Figura 12.** Embarque de farinha produzida na terra firme para embarcações, vila de Porto Grande, município de Cametá – ano 2021.



Fonte: Trabalho de Campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022.

O uso e ocupação do território nestes espaços é, inicialmente, motivado por interesses econômicos, daí compreendemos o território em um primeiro momento como recurso, conforme assinala Santos (2000, p. 12), “garantia de realização de seus interesses particulares”, isso consiste em dizer que a partir do momento em que os moradores passam a estabelecer moradia fixa nessas áreas e estabelecer relações com o lugar e com outros moradores, o território passa torna-se abrigo pois, “os atores [...] recriam estratégias que garantam sua sobrevivência” (*Ibid.* p.12-13), todavia o uso destes espaços não deixam de ter dupla finalidade, tendo em vista que do mesmo modo que, hoje o território seja o lugar de pertencimento dos produtores, é também o espaço usado para produzir, criar, e comercializar, sendo este também usado como recurso.

O rio não é única via de acesso as vilas e mudam conforme o posicionamento geográfico de quem desejar conhecê-las, sendo assim foram identificadas duas rotas: **Rota 1.** Para quem está na área urbana de Cametá, pode ser realizada tanto pelo modal hidroviário como pelo modal hidro-rodoviário<sup>83</sup>; **Rota 2.** Para quem está localizado na vila de Carapajó o trajeto também pode ser feito por embarcações ou por estradas, o tempo gasto para chegar às vilas saindo de Carapajó depende do

---

<sup>83</sup> O percurso para se chegar as vilas pode ser realizado por completo por meio de embarcações (porto de Cametá até o porto das respectivas vilas) ou parcialmente por embarcações (porto de Cametá até o porto de Carapajó) e após isso seguir pelas estradas (PA-379).

veículo utilizado e das condições da estrada que é de terra (**Figura 13**), a dinâmica da circulação é reveladora do uso de um sistema de engenharia precário e mínimo (trapiches – pequenos portos- e estradas), principalmente no período chuvoso (inverno amazônico).

**Figura 13.** Vias de deslocamento para a sede das vilas de Porto Grande e Bom Jardim, Cametá-PA - 2021.



Fonte: Trabalho de Campo, 2021. Org. Raíssa Paes.

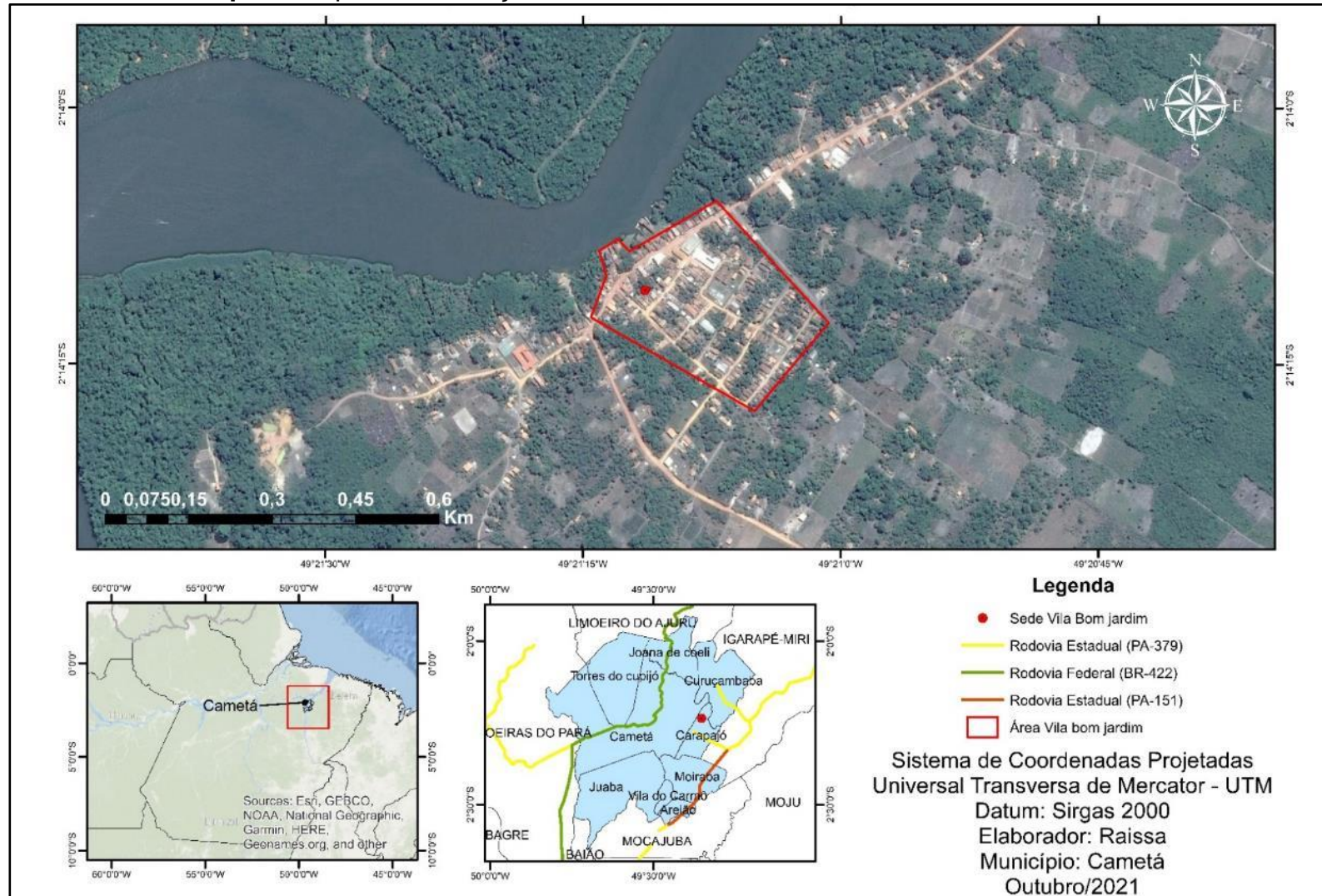
As vilas de Bom Jardim e Porto Grande apresentam serviços básicos a população como a presença de espaços de lazer (pequenas praças, balneários), educação (escolas de ensino fundamental e médio) e saúde (UBS), todavia, para a resolução de caso mais complexos buscam auxílio na área urbana de Cametá ou mesmo na vila de Carapajó. As populações urbanas dessas vilas residem nas sedes onde há um número expressivo de pessoas e domicílios particulares (**Figura 14**) (vide **Mapa 5** e **Mapa 6**).

**Figura 14.** Vista do centro comercial das vilas de Bom Jardim e Porto Grande, 2021.



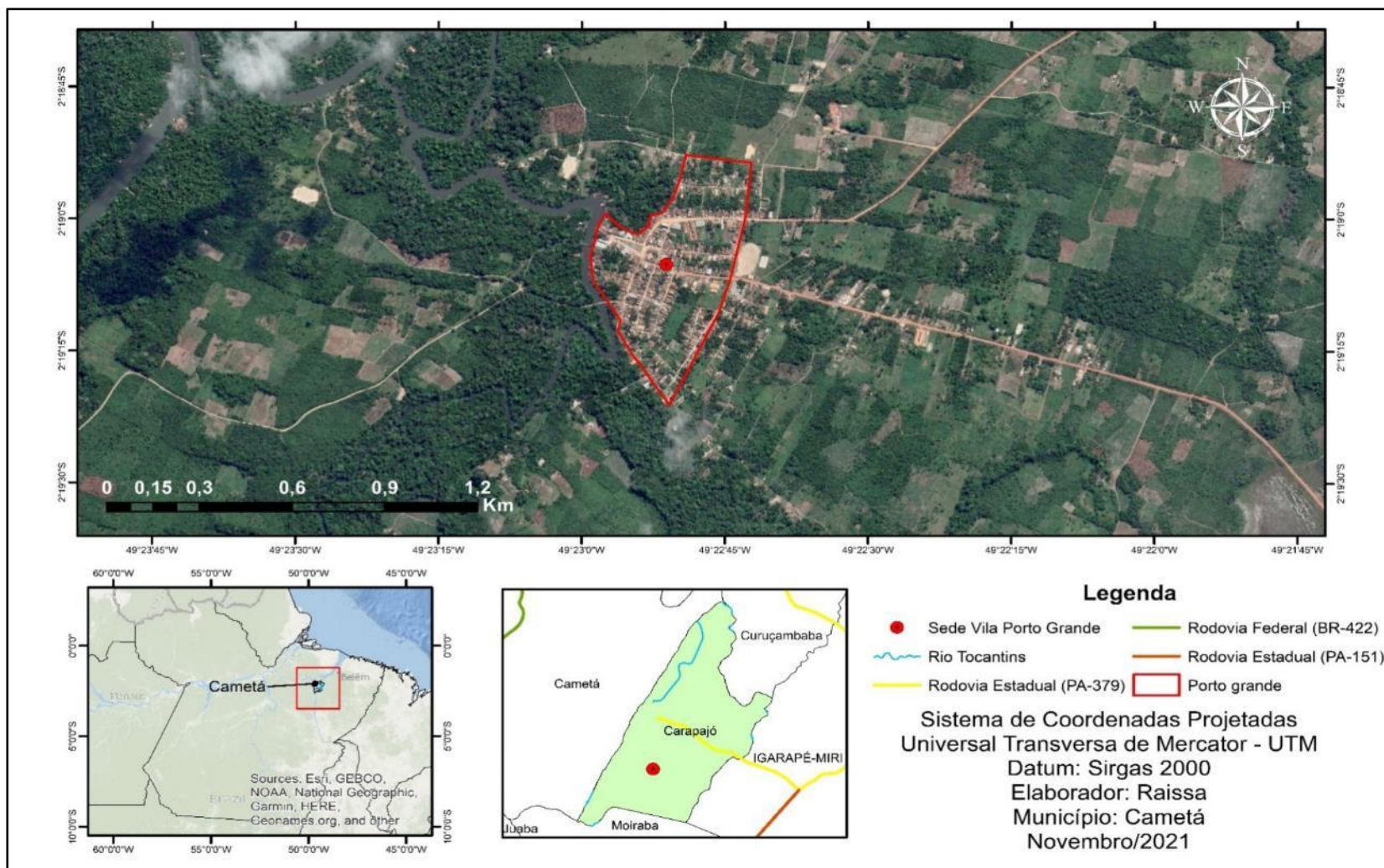
Fonte: Trabalho de Campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2022).

**Mapa 5.** Mapa de localização da sede da vila de Bom Jardim- Cametá/PA, 2021.



Fonte: Trabalho de Campo, 2021. Org. Raissa Paes.

**Mapa 6.** Mapa de localização da sede vila de Porto Grande – Cametá/PA, 2021.



Fonte: Trabalho de Campo, 2021. Org. Raíssa Paes.

Diante dos mapas acima observamos que as áreas de cultivos – retângulos bem definidos em cores mais claras – ficam cada vez mais visível na paisagem das vilas, isso porque os cultivos são a pleno sol e com retirada total da cobertura vegetal do terreno, ressaltando a transformação do espaço pelas ações do homem.

Quanto à distribuição espacial da população das vilas de Porto Grande e Bom Jardim, Cametá-Pa, aqueles que não residem na área urbana das vilas estão sempre às margens do rio e das estradas (principais e/ou secundárias), as duas principais vias de deslocamento que direcionam a vida cotidiana dos moradores. A população pode, ainda, ser considerada ribeirinha com características camponesas, isso porque os modos de vidas dessas pessoas têm forte relação com o rio e com as atividades agrícolas desenvolvidas nas áreas de terra firme. Pois, tal como Maestri (2016)

Compreendemos como unidade produtiva camponesa, o núcleo dedicado a uma produção agrícola e artesanal autônoma e que, apoiado essencialmente na força e na divisão familiar do trabalho, por um lado orienta sua produção para satisfação das necessidades familiares de subsistência e, por outro lado, mercantiliza parte da produção a fim de obter recursos monetários necessários à compra de produções e serviços que não produz [...] (*IBID.*, 2016, p. 72)

Ao longo do rio predominam o manejo de açaí (***Euterpe oleracea***) e das estradas o cultivo mandioca (***Manihot esculenta***), cacau (***Theobroma cacao***) e a própria pimenta do reino (***Piper nigrum***), estes dois últimos são destinados, exclusivamente, para a comercialização enquanto que o açaí e a mandioca atende, primeiramente, o consumo familiar e em segundo lugar o comércio.

#### 4.2. A instância da produção *stricto sensu*: Qualificando o lugar da produção e os sujeitos da pesquisa

Em se tratando a produção de pimenta do reino, pôde-se constatar que a mesma é uma cultura predominante nas duas vilas pesquisadas e apesar de não haver um controle específico do número de produtores nestas áreas, não é difícil encontrar quem a produza.

As áreas de cultivos – lugar da produção *stricto sensu* - ficam mais evidente conforme nos afastamos das sedes das vilas, os estabelecimentos agropecuários são popularmente conhecidos por *sítios*, estes podem ser habitados ou não<sup>84</sup>, são propriedades rurais onde os produtores cultivam efetivamente a pimenta do reino,

---

<sup>84</sup> *Sítios “inabitados”* são áreas de produção que não possuem residências ou qualquer estrutura de moradia, apenas áreas de cultivos de pimenta do reino. Nestes casos os produtores possuem moradia fixa nas sedes das vilas e vão aos sítios apenas para desenvolver atividades da cultura.

estas propriedades podem estar próximas as estradas principais que dão acesso a sede das vilas ou localizar-se distantes necessitando ainda a abertura de pequenos caminhos no meio da mata para completar o percurso conforme está demonstrado na Figura 15.

**Figura 15.** Porto Grande, Identificação do Sítio Monte Carmelo, Cametá/PA, 2021.



Fonte: Trabalho de Campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2022).

Durante a pesquisa foram visitados 18 estabelecimentos agropecuários que produzem pimenta do reino, 12 estavam localizadas na vila de Porto Grande e 6 na vila de Bom Jardim, a partir do cruzamento de dados obtidos no escritório da EMATER-Cametá, pôde identificar mais 16 estabelecimentos, totalizando 34

estabelecimentos (Tabela 4 e Mapa 7) estes representam 4,1% do total que produzem pimenta do reino no município de Cametá (IBGE, 2020)<sup>85</sup>.

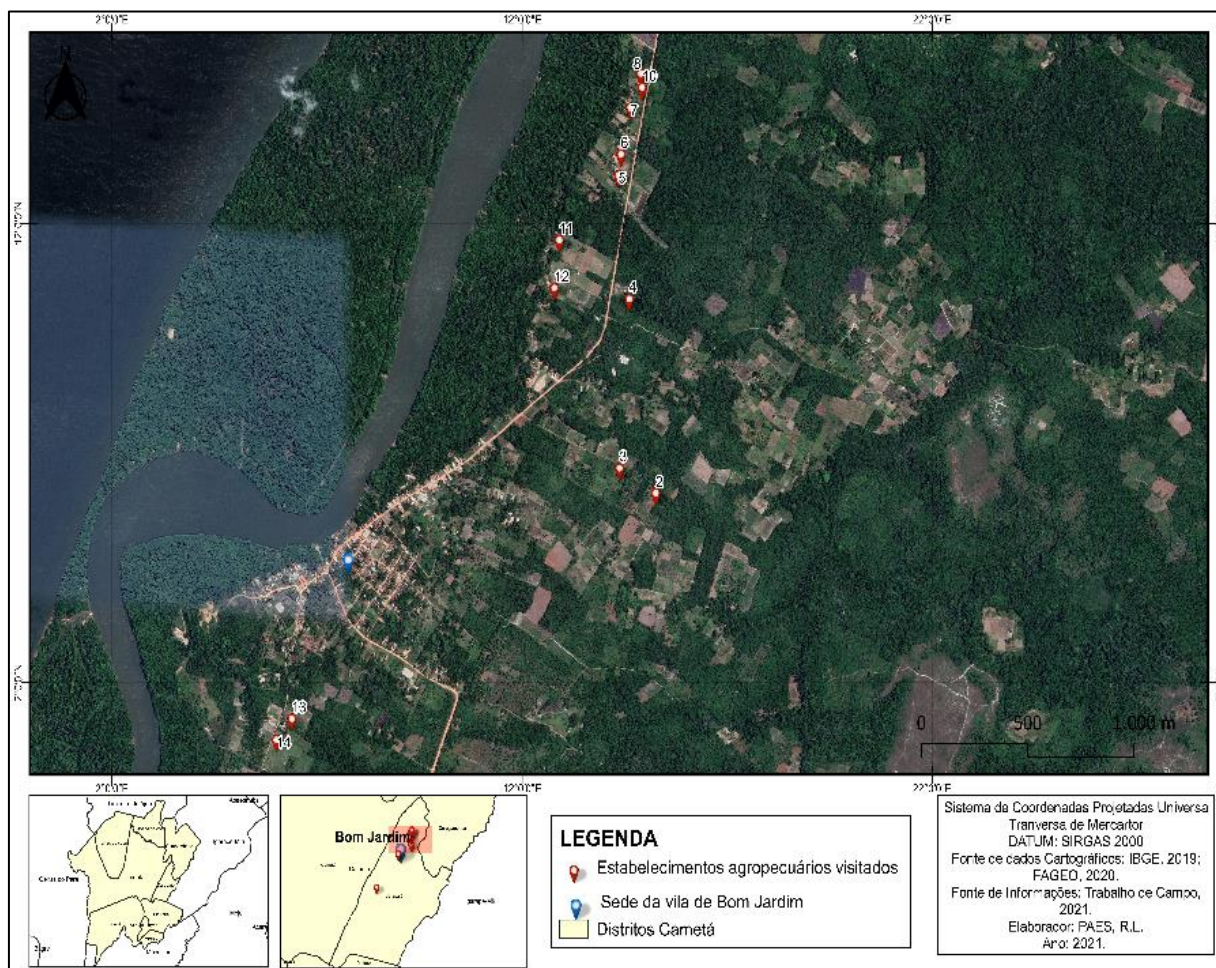
**Tabela 4.** Alguns estabelecimentos agropecuários que produzem pimenta do reino, município de Cametá - 2021.

| Nome da propriedade   | Localização                          | Pesquisadas |
|-----------------------|--------------------------------------|-------------|
| Sítio Transbeirasão   | Ramal Bituba                         | -           |
| S/denominação         | Ramal Bituba                         | -           |
| Sítio Barrinha        | Colônia Maxixe Assado- Porto Grande  | -           |
| Sítio Chácara Alegria | Colônia Belos Prazeres- Porto Grande | -           |
| Fazenda Agrícola      | Colônia Santa Maria do Icatú         | -           |
| Sítio Ajará           | Colônia Ibituba                      | -           |
| Sítio Umarizal        | Ramal do Curuçambaba                 | -           |
| Sítio Boa Esperança   | Ramal de Porto Grande                | -           |
| Sítio São João        | Ilha Tartaruga- Porto Grande         | -           |
| S/denominação         | Ilha Tartaruga – Porto Grande        | -           |
| S/denominação         | Bom Jardim                           | -           |
| Sítio Pantoja         | Carapajó                             | -           |
| S/denominação         | Castanheiro – Carapajó               | -           |
| S/denominação         | Carapajó                             | -           |
| Sítio São José        | Carapajó                             | -           |
| S/denominação         | Bom Jardim                           | X           |
| Fazenda Três Irmãos   | Porto Grande                         | X           |
| S/denominação         | Bom Jardim                           | X           |
| Sítio Mangal          | Porto Grande                         | X           |
| S/denominação         | Bom Jardim                           | X           |
| S/denominação         | Porto Grande                         | X           |
| S/denominação         | Bom Jardim                           | X           |
| S/denominação         | Porto Grande                         | X           |
| Sítio Ramal Cajá      | Porto Grande                         | X           |
| S/denominação         | Bom Jardim                           | X           |
| Sítio Santa Cruz      | Porto Grande                         | X           |
| Sítio Ajará           | Porto Grande                         | X           |
| S/Denominação         | Porto Grande                         | X           |
| Sítio Cajá            | Porto Grande                         | X           |
| S/denominação         | Porto Grande                         | X           |
| S/denominação         | Bom Jardim                           | X           |
| S/denominação         | Porto Grande                         | X           |
| Sítio Santa Cruz      | Bom Jardim                           | X           |

Fonte: EMATER-CAMETÁ (2019). Trabalho de Campo (2021). Org. Paes (2021).

<sup>85</sup>Segundo os dados mais recentes do IBGE (2017) Cametá possui, aproximadamente, 813 estabelecimentos agropecuários produzindo pimenta do reino, 94% destes estabelecimentos são dirigidos por agricultores familiares (768 unidades). Ver **Tabela 6956** (IBGE/SIDRA, 2017). Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/6956#resultado>. Acesso: Jan de 2022.

**Mapa 7.** Estabelecimentos agropecuários visitados na vila de Bom Jardim, município de Cametá-Pará.



Fonte: Trabalho de Campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022.

O tamanho desses estabelecimentos varia entre 3 a 50 hectares de terra. É importante destacar que os lotes de terras não são contínuos podendo estarem situados em locais diferentes de onde está a residência dos produtores. Outro dado importante de ser analisado diz respeito a titulação dessas propriedades, 80% dos produtores entrevistados não possuem título da terra, isso explica-se pela forma com que adquiriram esses lotes, o principal meio de aquisição fora pelo recebimento de herança de seus pais, por meio de compras realizadas informalmente e/ou doações, havendo apenas cartas de anuência<sup>86</sup> como documento comprobatório da posse, diante disso, a maior parte dos produtores de pimenta do reino são considerados posseiros.

<sup>86</sup> Carta de Anuência é uma espécie de documento de doação em que o doador declara a posse da terra para o atual proprietário.

A falta dessa titulação prolonga a entrada do processo a aposentadoria na condição de produtor rural, haja vista que este documento é essencial para comprovação do exercício da atividade. Também, tem intensificado a dependência do produtor ao comprador-intermediário como fornecedor de capitais e mercadorias, haja vista que para concessão de empréstimos em instituições bancárias é necessário passar por um processo burocrático de comprovação do exercício da atividade e garantia de retorno dos valores adquiridos, por outro lado, os empréstimos concedidos pelos compradores-intermediários não possuem garantia formal, é realizado com base na confiança e entrega da pimenta como forma de pagamento.

Os estabelecimentos agropecuários apresentam semelhanças quanto à organização espacial, pois além das residências, possuem as áreas de cultivos (pimentais) e área destinada à secagem do produto<sup>87</sup>. As casas de madeiras vêm sendo substituída por construções de alvenaria, essa mudança é associada à renda obtida com a venda da produção de pimenta e a eletrificação rural que tem proporcionado a substituição das lamparinas<sup>88</sup> por lâmpadas, a aquisição de eletrodomésticos (geladeiras, televisores, ar-condicionado, máquinas de lavar roupa e etc.) telefone rural, rede de internet rural e mecanização do processo de debulha da pimenta do reino (máquina de debulhar e irrigação de alguns pimentais) (**Figura 16**).

---

<sup>87</sup> Área aberta que está localizada sempre próximo da residência facilitando assim o reparo do produto no período de secagem.

<sup>88</sup>Um pedaço de tecido é umedecido em óleo ou gasolina, produzindo chama na parte superior, muito utilizado para iluminar as residências quando não havia energia elétrica.

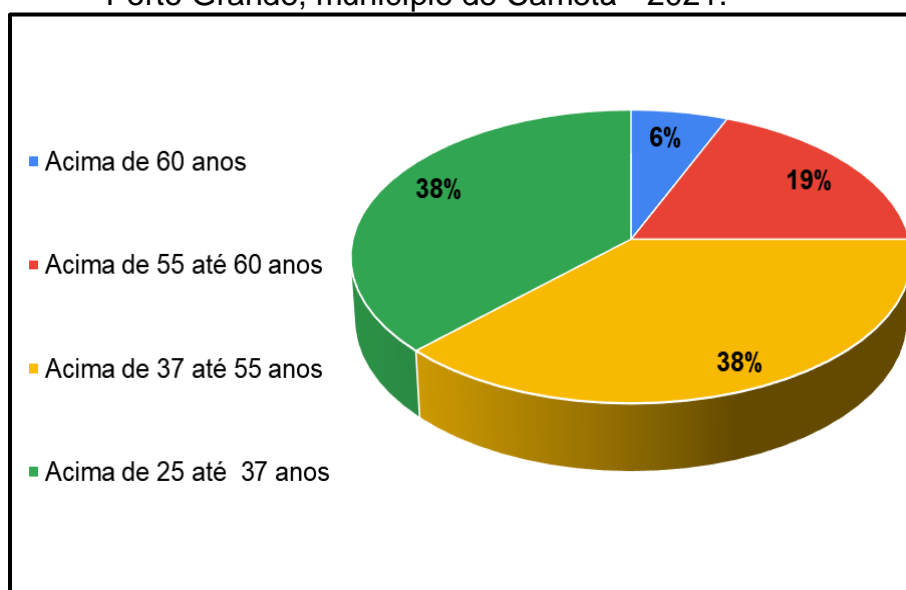
**Figura 16.** Vista frontal do Sítio Cají localizado na vila de Porto Grande, município de Cametá- 2021.



Fonte: Trabalho de Campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022.

A maior parte dos estabelecimentos visitados são dirigidos por homens em idade adulta entre 25 a 59 anos e idosos acima de 60 anos de idade, nos chama a atenção para o envolvimento de produtores jovens na atividade, evidenciando que desde sempre estiveram envolvidos no processo produtivo, herdando dos pais o “gosto” pelo trabalho (**Gráfico 2**). A insistência dos produtores com idade acima de 60 anos na atividade consiste no fato de os valores que recebem das pensões por aposentadoria ser insuficiente para manter a família.

**Gráfico 2.** Faixa etária dos produtores de pimenta do reino, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes,2022.

O envolvimento precoce desses produtores explica o fato de a maior parte apresentar o ensino fundamental incompleto, deixando de frequentar os espaços escolares para trabalhar (**Quadro 4**).

**Quadro 4.** Nível de escolaridade dos produtores de pimenta do reino participantes da pesquisa, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021

| Nível de escolaridade   | Porto Grande | Bom Jardim |
|-------------------------|--------------|------------|
| Fundamental incompleto  | 8            | 5          |
| Fundamental completo    | 2            | 2          |
| Ensino médio completo   | 3            | -          |
| Ensino médio incompleto | -            | -          |
| Ensino superior         | -            | -          |

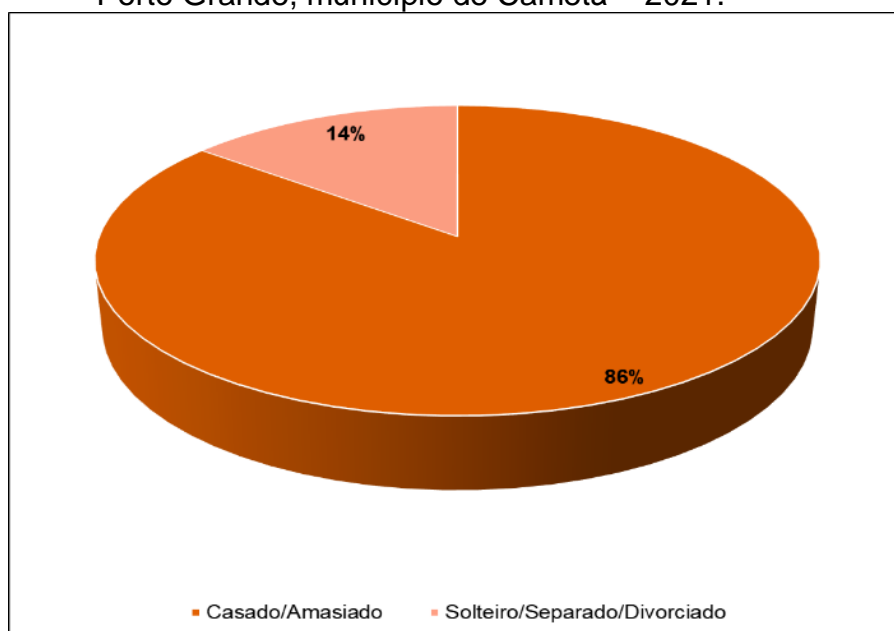
Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes,2022.

Tal situação é revelador de que a dinâmica de desenvolvimento da atividade não exige algum tipo de qualificação profissional, o fator terra, matérias primas e a própria força de trabalho são a base da produção *stricto sensu*.

Quanto a composição do núcleo familiar, 86% dos produtores entrevistados são casados/amasiados<sup>89</sup> e apenas 14% são solteiros (**Gráfico 3**) e o total de membros das famílias variam entre 2 (marido e esposa) até 9 pessoas incluindo pai, mãe, filhos e netos.

<sup>89</sup> Amasiado: termo utilizado para a união estável entre duas pessoas sem certidão de casamento ou qualquer tipo de documento reconhecido na esfera civil e religiosa.

**Gráfico 3.** Estado civil dos produtores de pimenta do reino, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá – 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022.

O tamanho do núcleo familiar incide diretamente no envolvimento dos membros da família na atividade e na contratação de mão-de-obra de fora pois, no próprio núcleo familiar há uma divisão do trabalho em que o pai e os filhos homens estão envolvidos diretamente no trabalho que exige maiores esforços físicos (plantio, tratos culturais, colheita, pré-beneficiamento e pós-beneficiamento) e a esposa e filhas, além de seres responsáveis pelos serviços domésticos, pode também, junto com as crianças (filhos e/ou netos) participar da sub-etapa da colheita (**Tabela 5**).

**Tabela 5.** Perfil do núcleo familiar e participação dos membros da família na atividade participantes da pesquisa, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021.

| Produtor | Total de membros da família | Total de membros da família que trabalham na atividade | Quem são essas Pessoas?                |
|----------|-----------------------------|--|--|
| P1       | 9                           | 6  | Produtor, esposa e Filhos              |
| P2       | 5                           | 5  | Produtor, esposa e Filhos              |
| P3       | 4                           | 3  | Produtor, esposa e Filhos              |
| P4       | 3                           | 1  | Produtor e Pai                         |
| P5       | 2                           | 1  | Produtor e mão de obra contratada      |
| P6       | 5                           | 5  | Produtor, pai, irmãos, esposa e filhos |

Continua

| Produtor | Total de membros da família | Total de membros da família que trabalham na atividade | Quem são essas Pessoas?           |
|----------|-----------------------------|--|-----------------------------------|
| P7       | 6                           | 4  | Produtor, esposa e Filhos         |
| P8       | 3                           | 2  | Produtor, esposa e Filhos         |
| P9       | 5                           | 5  | Produtor, esposa e Filhos         |
| P10      | 5                           | 5  | Produtor, esposa e Filhos         |
| P11      | 9                           | 3  | Produtor, esposa e Filhos         |
| P12      | 4                           | -  | Mão de obra contratada            |
| P13      | 4                           | 4  | Produtor, esposa e Filhos         |
| P14      | 3                           | 1  | Produtor e mão de obra contratada |
| P15      | 7                           | 4  | Produtor, esposa e Filhos         |
| P16      | 2                           | 2  | Produtor e esposa                 |
| P17      | Solteiro                    | 3  | Produtor, pai e irmão             |
| P18      | 2                           | 2  | Produtor e esposa                 |
| P19      | 4                           | 1  | Produtor e Mão de obra contratada |
| P20      | 6                           | 2  | Produtor e Filho                  |

Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022.

Nos núcleos familiares onde há poucos membros envolvidos na produção *stricto sensu* a força de trabalho é formada pelo produtor responsável e mão de obra contratada, em outros casos há cooperação do pai e irmãos. Há exceções em que a não participação dos membros da família na atividade seja explicada pelo fato de os filhos residirem em cidades como Cameté e/ou Belém, para onde são enviados para estudar e com sua inserção no mercado de trabalho estabelecem moradias fixas e só retornam as vilas esporadicamente para visitas, em outros casos isso acontece por ainda não possuírem idade suficiente para o trabalho (crianças).

De posse dessas informações foi observado que a maior parte dos produtores se consideravam **pequeno produtor familiar**, mas o que faz com que esses produtores se autodenominem assim? Os termos “pequeno- sentido quantitativo” e “familiar-sentido qualitativo” fazem menção ao número de pés e o uso/finalidade renda bruta proveniente da atividade. Legalmente definido, um produtor familiar é aquele que seja **I-** titular de até 4 módulos fiscais de terra; **II-** a força de trabalho é constituída em sua maior parte por membros da família; **III-** a renda ser procedente das atividades que desenvolve nos próprios estabelecimentos (BRASIL, 2006).

De posse desses dados foi constatado que dos 21 produtores entrevistados, 23,8% possuíam menos de 1.500 pés cultivados, 33,3% possuía acima de 1.500 pés

a 2.500, 28,5% possuem acima de 2.500 a 5.500 pés e um pequeno grupo acima de 5.500 até 10.000 pés (Error! Reference source not found.).

**Tabela 6.** Quantitativo dos pés cultivados pelos produtores pesquisados em Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021.

| Número de pés           | Total de produtores | %     |
|-------------------------|---------------------|-------|
| Menos de 1.500 pés      | 5                   | 23,8  |
| Acima de 1.500 a 2.500  | 7                   | 33,3% |
| Acima de 2.500 a 5.500  | 6                   | 28,5  |
| Acima de 5.500 a 10.000 | 3                   | 14,2% |

Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022.

Com bases nas informações quantitativas os produtores participantes desta pesquisa são classificados em **pequenos** e **médios** produtores, sendo a maior parte pequeno produtor. Todavia, qualificar esses agentes apenas pelo total de pés cultivados levaria a uma interpretação errônea de sua real condição socioeconômica havendo, portanto, a necessidade de qualificar qualitativamente esses agentes.

Seguindo esses direcionamentos foram identificados produtores com 7.000 mil pés e 10.000 mil pés e com quantidade produzida igual ou superior 10 toneladas de pimenta do reino, que apresentam perfil familiar, isso porque a renda obtida com a venda da produção, segundo os produtores “não dá para enriquecer, mas dá para viver” (**Produtor de pimenta** em entrevista, Porto Grande, 2011). Da mesma forma que foi identificado produtores com 4.500 pés, mas que apresenta perfil-empresarial rural, e por não depender diretamente da pipericultura para subsistência pois, geralmente desenvolve atividades ligadas ao comércio.

Os produtores com perfil empresarial-rural são aqueles em que a renda da família é a somatória constituída com a receita proveniente da venda da produção de pimenta do reino e de atividades comerciais. Diante disso classificamos os produtores de pimenta do reino em dois grandes grupos tendo por base as seguintes variáveis (**Tabela 7**).

**Tabela 7.** Tipologia dos produtores de pimenta do reino, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021.

| Variável analítica               | Perfil familiar                   | Perfil empresarial-rural        |
|----------------------------------|-----------------------------------|---------------------------------|
| Nível de comercialização         | Comprador intermediário Local     | Comprador intermediário de fora |
| Tipo predominante de mão de obra | Mão de obra familiar e contratada | Mão de obra contratada          |

Continua

| Variável analítica                                      | Perfil familiar | Perfil empresarial-rural |
|---|-----------------|--------------------------|
| Função na atividade                                     | Só produtor     | Produtor/Comprador       |
| Capacidade de armazenar a pimenta por mais de uma safra | Baixa           | Alta                     |
| Desenvolve outra atividade além da agropecuária         | Não             | Sim                      |
| Recebem algum tipo de auxílio do governo                | Sim             | Não                      |
| Desenvolve atividade ligada ao comércio                 | Não             | Sim                      |

Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022.

Os produtores com perfil empresarial rural conseguiram romper o nível de comercialização local, tendo em vista que não possuem nenhum vínculo com os compradores-intermediários locais para adiantamento de capitais e/o matérias primas, sistema de negociação comum entre produtores familiares que ainda dependem diretamente dos compradores-intermediários locais, tanto para a venda do produto como para o adiantamento de mercadorias e capitais.

A força de trabalho utilizada pelo produtor de perfil familiar é, predominantemente, formada por membros do próprio núcleo, já os produtores de perfil empresarial-rural apresentam condições financeiras de manter mão de obra contratada responsável pela condução das atividades. Apesar de os produtores familiares utilizarem a mão de obra familiar durante a atividade, é comum a contratação de mão-de-obra contratada de forma temporária, em sub-etapas do processo produtivo que exigem maior número de pessoas.

Além de produzir, os produtores com perfil empresarial podem, também, comprar pimenta haja vista que possuem capitais para isso, já o produtor familiar apenas produz. Diante disso, os produtores familiares desempenham apenas a função de produtor neste processo, enquanto que os produtores com perfil-empresarial apresentam “dupla” função, produtor e também comprador.

Os produtores com perfil empresarial-rural possuem a capacidade de armazenar/guardar a pimenta do reino por mais de uma safra cujo objetivo é acumular capitais, diferentemente dos produtores com perfil familiar que podem ou não armazenar o produto. Quanto isso acontece, a venda a “varejo” da pimenta é uma

forma que os produtores encontraram para extrair renda da pimenta do período da entressafra com a finalidade de manter a atividade e os membros da família.

Quanto ao perfil socioeconômico foi identificado que 71,4% dos produtores de perfil familiar recebem algum tipo de auxílio/benefício do governo, dentre os principais benefícios citados destacam-se o auxílio da colônia dos pescadores<sup>90</sup>, auxílio bolsa família e pensão por aposentadoria que somatizam com a renda bruta deste grupo de produtores (**Quadro 5**).

**Quadro 5.** Produtores que recebem auxílio do governo, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021.

| Total de produtores | Tipo de auxílio          |
|---------------------|--------------------------|
| 09                  | Colônia dos pescadores   |
| 02                  | Bolsa Família            |
| 03                  | Pensão por aposentadoria |

Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022.

Quanto ao uso desses capitais 80% dos produtores investem parte dos recursos provenientes dos auxílios na própria atividade e apenas 20% afirmaram que usam esses capitais para outras finalidades que não estão diretamente ligadas a produção de pimenta do reino. Um pequeno grupo dos produtores entrevistados afirmaram que não recebem benefício do governo, mas desenvolvem atividades ligadas ao comércio (**Quadro 6**).

**Quadro 6.** Tipo de atividades desenvolvidas pelos produtores participantes da pesquisa, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021.

| Total de produtores | Tipo de atividades desenvolvidas               |
|---------------------|--|
| 03                  | Proprietários de comércios de artigos diversos |
| 01                  | Proprietário de sorveteria                     |

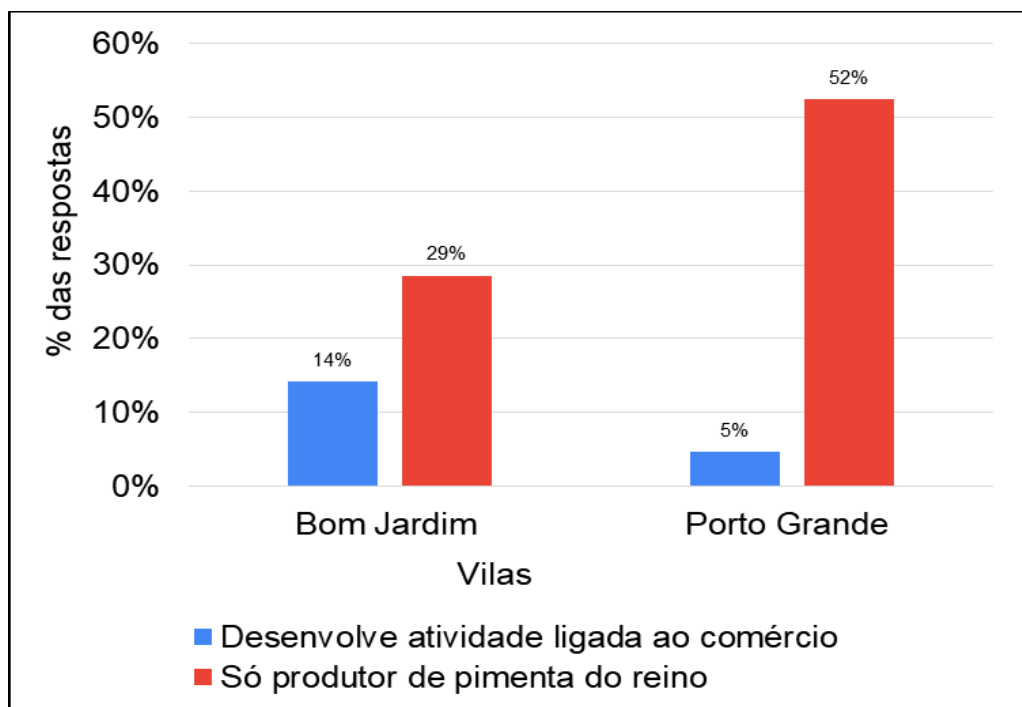
Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022.

O envolvimento dos produtores no comércio deu-se a partir dos investimentos dos capitais obtidos com a venda da produção de pimenta. A vila de Bom Jardim apresenta um maior número de produtores que desenvolvem atividades comerciais em conjunto a produção de pimenta, já em Porto Grande esse número é muito pequeno em relação aos que só produzem pimenta do reino (**Gráfico 4**). A renda

<sup>90</sup> O auxílio colônia dos pescadores, conhecido como “seguro defeso”, é um benefício concedido a pescadores para compensar a suspensão da atividade no período de reprodução das espécies. Tal situação pode ser explicada pelo fato de os produtores de pimenta do reino desenvolverem, associado a produção de mandioca e pimenta do reino, atividades como o manejo do açai e a pesca artesanal. O desenvolvimento dessas atividades decorre, também, pela topografia dos terrenos os sítios, que apresentam áreas de várzeas (relevo mais baixo) e de terra firme (relevo elevado) próprias para o manejo do açai e à proximidade ao rio.

obtida com o comércio é diária, assim o produtor não fica dependente exclusivamente da produção de pimenta do reino.

**Gráfico 4.** Taxa de concentração dos produtores por atividade desenvolvida nas vilas de Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021<sup>91</sup>.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022.

Em Porto Grande predominam produtores que dependem exclusivamente da agropecuária, enquanto que na vila de Bom Jardim já se pode observar uma inclinação dos produtores para o pequeno comércio, isso consiste em dizer que em Bom Jardim há uma tendência a formação de uma classe de produtores com perfil empresarial-rural. É importante deixar claro que nem sempre um produtor que seja proprietário de comércio pode ser classificado com perfil empresarial-rural isso porque pequenos comércios não conseguem por si só fornecer renda suficiente para mitigar a dependência da produção de pimenta do reino, são apenas para suprir a demanda no período da entressafra.

Questionados sobre a participação do valor obtido com a venda da pimenta do reino na renda bruta da família, para os produtores com perfil familiar, este valor fica entre 10% a 80% do total obtido em um ano. Já para os produtores com perfil

<sup>91</sup> Deve-se levar em consideração que o número de produtores entrevistados em Bom Jardim e Porto Grande não foram os mesmos, em Porto Grande foram entrevistados 10 produtores em Bom Jardim foram 11 entrevistados.

empresarial-rural este valor oscila entre 10% a 50%. No período da entressafra é a própria pimenta do reino que mantém o produtor com perfil familiar, estes a armazenam e comercializam em pequena quantidade para suprir as necessidades da família e manter a atividade, já os produtores com perfil empresarial rural mantém-se, principalmente, pela renda obtida pelo comércio.

Tal situação explica o nível de dependência desses produtores da pipericultura, para os produtores com perfil empresarial-rural não há necessidade imediata de comercializar o produto, já para os produtores com perfil familiar, sim, pelo menos uma parte da produção é comercializada logo após o período da colheita e a outra é comercializada em pequenas quantidades para a subsistência.

Em suma, os produtores com perfil familiar têm a produção de pimenta do reino como a principal fonte de renda e subsistência, enquanto que os produtores com perfil empresarial se apresentam menos dependentes da atividade e as desenvolve objetivando a acumulação. O que vai diferenciar estes produtores é o uso e investimento do excedente, ou seja, a capacidade de gerar e captar a mais-valia, deste modo, é preciso emergir no próprio processo da produção *stricto sensu* para a compreensão de como se dá a distribuição e movimentação de capitais no próprio processo produtivo.

#### 4.2.2. Sub-etapas do processo produtivo

A produção *stricto sensu* pode ser analisada por sub-etapas (**plantio, tratamentos culturais, colheita, secagem, beneficiamento e armazenamento**), é um processo demorado que pode durar até 03 anos entre o plantio e a primeira safra considerada em níveis ótimos de produtividade. Diante disso passemos a escrever sobre este processo.

O produtor de pimenta inicia suas atividades no início do chamado inverno amazônico (entre dezembro a janeiro), época propícia para os cortes das mudas e abertura das áreas de cultivos. As áreas de cultivos não possuem um tamanho por hectare padrão, a extensão das mesmas varia conforme o número de pés que serão plantados. Neste mesmo período o produtor realiza a limpeza da área que, apesar de apresentar o uso de maquinário, é realizado em sua maior parte de forma manual<sup>92</sup>.

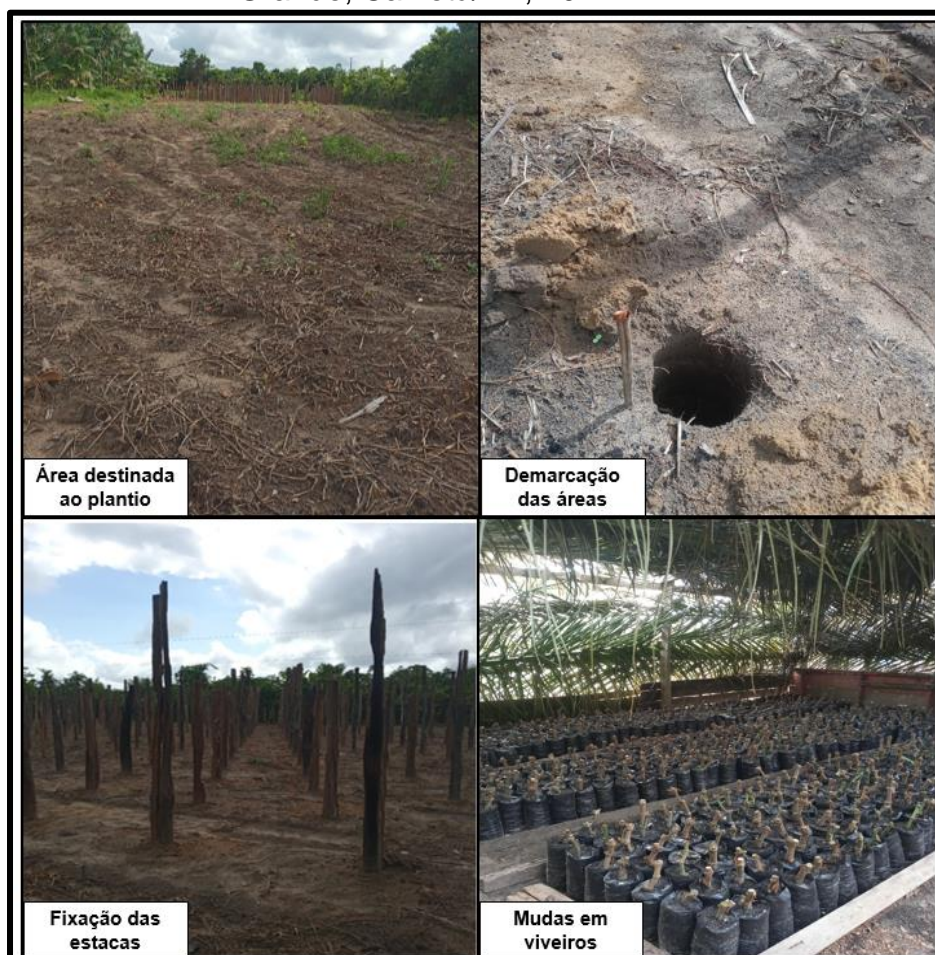
---

<sup>92</sup> É possível observar a presença de máquinas de aradar no preparo da terra, isso porque a prefeitura municipal, por meio da secretaria de agricultura e desenvolvimento do município (SEMADRE), tem disponibilizado aos produtores que realizaram o cadastro no DRP- Diagnóstico Rural Participativo, a prioridade para recebimento desse tipo de maquinário.

Após isso se é iniciado o processo de demarcação, onde são delimitadas a posição das fileiras de estacas (piqueteamento), cavação (abertura de covas circulares e retangulares- catacumbas) e fixação das estacas<sup>93</sup>, esse processo gira em torno de 90 dias (primeiro trimestre do ano) para cada mil pés plantados.

No mesmo período em que ocorre a abertura das áreas os produtores iniciam os cortes das mudas que são armazenadas em viveiros/canteiros que podem ser facilmente desmontados, haja vista que só são úteis no primeiro trimestre da produção. Após o período de brotamento, que gira em torno de 60 a 90 dias, as mudas são transferidas para os pimentais e fixadas junto às estacas para, efetivamente, receberem os tratos culturais até o início do ciclo produtivo (**Figura 17**).

**Figura 17.** Algumas das sub-etapas do plantio da pimenta do reino, Porto Grande, Cametá/PA, 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022.

<sup>93</sup> Para esse tipo de cultivo existem 2 subtipos de estacas: **1.** “Estaca de primeira” é aquela que ainda não fora utilizada em outros plantios (estacas novas). **2.** “Estaca de segunda” são estacas que já foram utilizadas em plantios anteriores (estacas antigas), neste caso seu valor é inferior as estacas de primeira (Figura 14). Os produtores chegam a pagar o valor mínimo de R\$ 8,00 reais em uma estaca de segunda e até R\$ 15,00 na de primeira no local de origem.

Nos primeiros três anos após o plantio o produtor atua na manutenção das pimenteiras, realizando atividades ligadas ao **trato cultural** (amarrio<sup>94</sup>, capinas<sup>95</sup>, empalhação<sup>96</sup> e adubação<sup>97</sup>), práticas consideradas indispensáveis para que as mudas cresçam saudáveis e comecem a frutificar. Além dessas práticas, os produtores dão atenção especial para a adubação (química e orgânica), neste momento o uso de fertilizantes e adubos é obrigatório.

As mudas de pimenta do reino começam a apresentar brotos – floreamento - no primeiro bimestre do ano e para auxiliar na composição nutricional os produtores utilizam os insumos<sup>98</sup> que devem ser administrados antes da colheita dos grãos, a fim de evitar que os cachos sejam expostos a produtos tóxicos. A adubação orgânica é realizada de forma conjunta a química, nesse tipo de adubação podem ser citados a chamada “cama de galinha”<sup>99</sup> e a “cobertura morta”<sup>100</sup>, o uso alternativo da adubação orgânica é uma forma de mitigar os custos com a adubação química.

O período de **colheita** dos grãos ocorre no segundo semestre do ano, final de julho a setembro, podendo estender-se até novembro, os cachos são colhidos manualmente exigindo do coletor nos primeiros dias da safra a coleta selecionada dos cachos<sup>101</sup>, após isso os grãos são separados dos cachos em debulhadores que foram adaptados do modelo original para estruturas de madeiras.

Após passar pelo processo de separação os grãos são postos para secar onde permanecem ao sol por no máximo 4 dias. As lonas de polietileno são estendidas em locais abertos e planos livres de cobertura vegetal que possam obstruir a incidência solar direta nos grãos (**Figura 18**).

---

<sup>94</sup> No primeiro ano de plantio as mudas precisam ser amaradas (com barbantes) para que as raízes possam fixar as estacas.

<sup>95</sup> Limpeza dos pimentais, retiradas de matos que crescem nas áreas de cultivos.

<sup>96</sup> Cobertura das pimenteiras com palhas.

<sup>97</sup> Aplicação de adubos, químicos e/ou orgânicos, para controle de pragas e doenças assim como para correção nutricional do solo.

<sup>98</sup> A pimenta começa a florescer em janeiro, fevereiro, ela floresce, aí tem que adubar com NPK, orgânico, o primeiro adubo que joga é o calcário, que é essencial tanto para plantar como para colheita. Aí vem o NPK que é 10-20-20 que é o mais forte, tem o 10-10-10 que é mais fraco que é para muda nova, o 10-20-20 já tem que está formado. Depois disso é continuar com a poda na cabeça e na saia, o ideal é menos um palmo acima da terra, mas quando a gente usa a Cama morta (**Produtor de pimenta do reino**, Vila Bom Jardim, 2021).

<sup>99</sup> Adubos feitos a partir das fezes de aves.

<sup>100</sup> É feito a partir de talos de pimenta, caroço de açaí, palhas e outros materiais orgânicos.

<sup>101</sup> Entre os produtores utiliza-se a expressão “Catar”, ou seja, escolher somente os cachos de pimenta que estejam em tempo de maturação para colheita, deixando os cachos imaturos para a próxima “catação”.

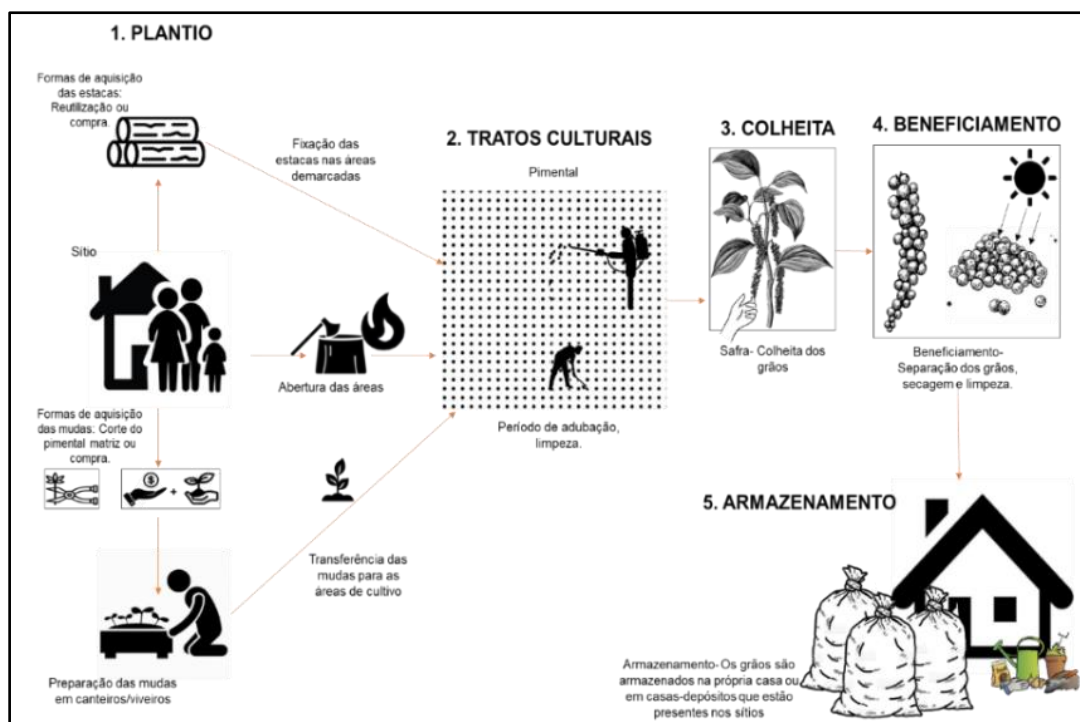
**Figura 18.** Grãos de pimenta do reino ao sol para secagem, Porto Grande, município de Cametá - 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes,2022.

Depois de secos os grãos passam por um processo de limpeza das impurezas como os coliformes fecais de animais, pó, pimentas chochas e outros agentes que possam comprometer a qualidade dos grãos. Esse processo é chamado de **ventilação**, meio pelo qual os produtores através de ventiladores manuais, eliminam partes desses elementos. Diante do que foi relatado as atividades ligadas diretamente a produção *scrito sensu* podem ser resumidas no esquema expresso na **Figura 19**.

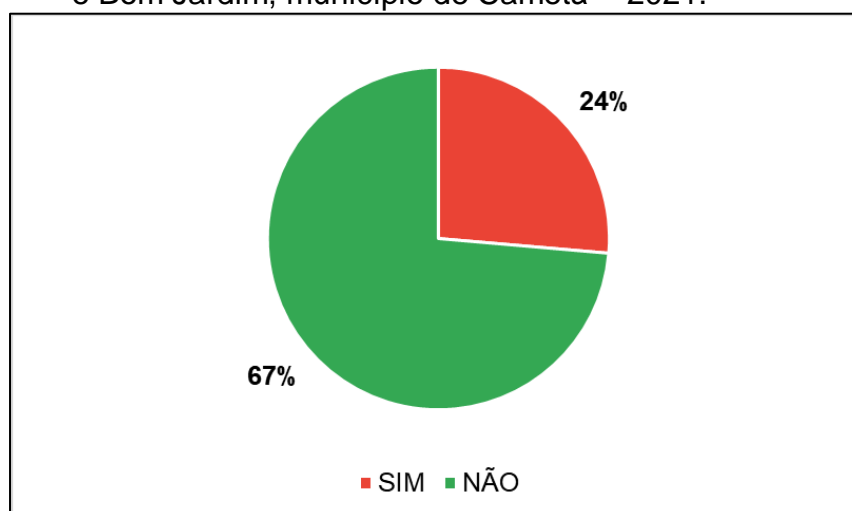
**Figura 19.** Sistematização das sub-etapas da produção *stricto sensu*, Porto Grande e Bom Jardim, município de Cametá - 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Paes (2021).

Diante do que foi discutido, neste sub-tópico, sobre a produção *stricto sensu*, das informações levantadas em campo e observação sistemática da atividade foi identificado que a maior parte dos pimentais não é irrigado<sup>102</sup> (**Gráfico 5**).

**Gráfico 5.** Porcentual de produtores com sistema de irrigação, Porto Grande e Bom Jardim, município de Cametá - 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2021).

<sup>102</sup> Das 18 propriedades visitadas apenas 5 possuíam sistema de irrigação, 4 estavam localizadas na vila de Bom Jardim e 1 na Vila de Porto Grande.

O baixo índice de cultivos irrigados deve-se em grande parte pelos níveis de precipitação na região durante o período do inverno e os custos para a implantação dos sistemas de irrigação. Das áreas com sistema de cultivos irrigados todas eram pertencentes a produtores com perfil familiar, isso demonstra que estes produtores vêm investindo no nível técnico da atividade.

Outro fator de relevância para esta análise é o fato de os produtores de pimenta do reino não possuírem assistência técnica contínua, nem tampouco realizaram análise do solo para auxiliar no uso de insumos para correção nutricional da cultura e nos próprios tratamentos culturais da atividade. A falta desse acompanhamento gera, paralelamente, o acesso a de informações técnicas-científicas sobre a cultura levando os produtores ao desconhecimento das práticas agrícolas adequadas, de acordo com relatos - “tem gente que coloca um tanto de veneno e ele não sabe se aquela quantidade é adequada para colocar” (**Produtor de pimenta do reino** em entrevista, Porto Grande, 2021).

Quanto a isso a Secretaria Municipal de Agricultura e Desenvolvimento – SEMADRE - informou que as visitas técnicas são realizadas periodicamente nas vilas e que cada uma possui um técnico agrícola responsável por atender as demandas/solicitações dos produtores. As próprias empresas exportadoras têm produzido cartilhas com instruções técnicas-produtivas para direcionar os produtores no desenvolvimento das sub-etapas da produção *stricto sensu* conforme as normas e medidas de segurança alimentar.

É evidente que uma das fragilidades da atividade está na prestação de assistência técnica efetiva aos produtores de pimenta do reino, o problema não está na inexistência de produções científicas, pelo contrário estamos diante de uma cultura que é alvo de constantes investigações, só na base de dados da pesquisa agropecuária da EMBRAPA foram encontradas 1.236 publicações sobre a pimenta do reino (BDPA, 2022). Todavia, é necessário que os produtores da microrregião de Cametá tenham acesso a esses produtos mais deliberadamente, é preciso intensificar as ações já existentes tanto pelo poder público como pelo privado no próprio município.

Quanto aos instrumentos da produção, observamos que com a associação de instrumentos técnicos ao processo produtivo direto os produtores passaram a ter maior celeridade em desenvolver as sub-etapas da produção *stricto sensu*, hoje é possível observar o uso de máquinas de arados no processo de preparação da terra,

a substituição da peneira por máquinas de debulhar, da enxada pela roçadeira conforme o **Quadro 7**.

**Quadro 7.** Instrumentos da produção utilizados na produção *stricto sensu*, Porto Grande e Bom Jardim, município de Cametá - 2021.

| Sub-etapa da produção | Instrumento da Produção | Finalidade                               |
|-----------------------|-------------------------|--|
| Plantio               | Arecas                  | Abertura das covas das estacas           |
|                       | Enxadeco                | Abertura das catacumbas/caixas das mudas |
|                       | Tesoura                 | Corte de mudas                           |
| Tratos culturais      | Roçadeira               | Campina/limpeza dos pimentais            |
|                       | Enxadas                 | Campina/limpeza manual                   |
|                       | Barbantes               | Amarrio das pimenteiras                  |
|                       | Bombas de Borrifação    | Aplicação de adubos foliares             |
| Beneficiamento        | Peneira                 | Separação dos grãos- manual              |
|                       | Debulhador              | Separação dos grãos - mecânica           |
| Secagem               | Lonas/Enseirados        | Secagem da pimenta                       |
| Beneficiamento        | Ventilador              | Limpeza dos grãos                        |
| Armazenamento         | Sacos de polipropileno  | Armazenamento                            |

Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022.

Todavia há, portanto, poucas inovações tecnológicas do ponto de vista do uso dos instrumentos da produção na atividade, com exceção da roçadeira, todos os instrumentos atuais são os mesmos antes já utilizados e reprodução das técnicas aprendidas no decorrer do desenvolvimento da atividade.

Quanto à produção de mudas, as instituições de pesquisas têm concentrado seus esforços em desenvolver cultivares geneticamente modificadas visando mitigar os problemas da produtividade, boa adaptação da planta ao solo e resistência a doenças e pragas (**Figura 20**).

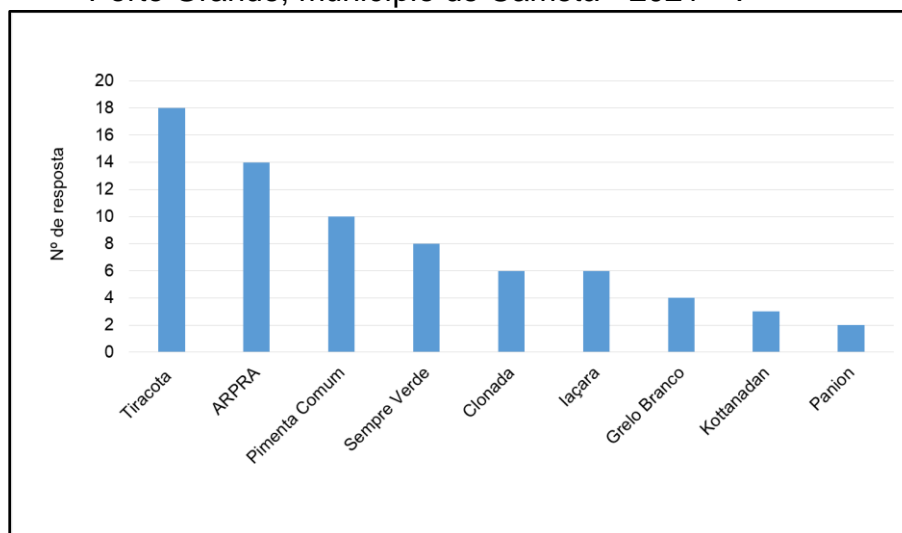
**Figura 20.** Cultivares desenvolvidas pelos pesquisadores da EMBRAPA- Amazônia Oriental, Pará - 2014.

| <b>das cultivares</b> |                       |                     |                      |  |                 |                               |
|-----------------------|-----------------------|---------------------|----------------------|--|-----------------|-------------------------------|
|                       | Espigas (média em cm) | Peso (espigas em g) | N° de frutos/espigas | Rendimento médio (pimenta-preta kg/ha) | Ciclo maturação | Resistência à murchar-amarela |
| Apra                  | 12                    | 14                  | 78                   | 3100                                   | set/nov         | alta                          |
| Bragantina            | 14                    | 14                  | 77                   | 2700                                   | jun/out         | média                         |
| Cingapura             | 8                     | 6                   | 27                   | 2300                                   | jun/out         | alta                          |
| Guajarina             | 12                    | 12                  | 68                   | 2900                                   | jun/out         | sem resistência               |
| Laçará                | 10                    | 8                   | 40                   | 2500                                   | set/nov         | alta                          |
| Kottanadan            | 11                    | 12                  | 54                   | 2800                                   | set/nov         | alta                          |
| Thiravally            | 12                    | 13                  | 75                   | 2700                                   | set/nov         | alta                          |

Fonte: POLTRONIERI; LEMOS (2014, p. 1).

A partir do cruzamento das informações levantadas no período de trabalho de campo foi identificado que os produtores de pimenta das vilas têm acesso a diferentes tipos de cultivares, evidenciando que os plantios são diversificados (**Gráfico 6**).

**Gráfico 6.** Principais cultivares plantadas pelos produtores em Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021<sup>103</sup>.



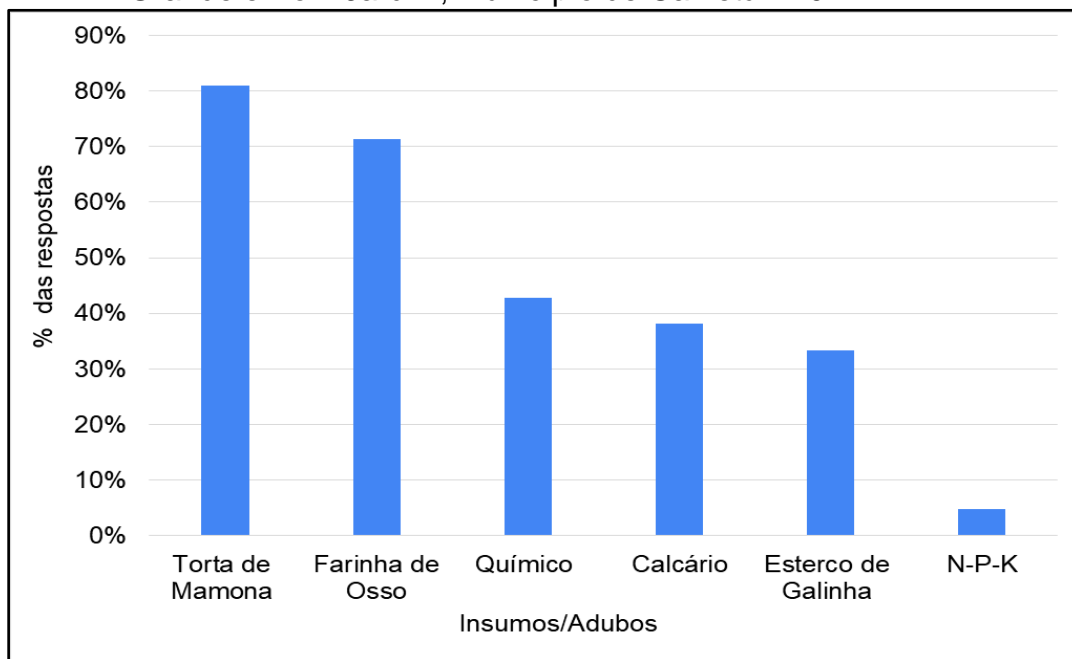
Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022.

Nos cultivos de pimenta do reino é cada vez mais frequente o uso de insumos químicos e/ou orgânicos ricos em Magnésio, Potássio, Nitrogênio, Fósforo e Cálcio (**Gráfico 7**) nutrientes que auxiliam no crescimento e produtividades das pimenteiras.

<sup>103</sup> As mudas são popularmente conhecidas por estes nomes.

Para Karl Marx (2009) esse tipo de consumo é conhecido como consumo produtivo, isso consiste em dizer que as matérias primas são utilizadas na própria produção para gerar ou compor outros produtos. Aqui está um dos principais custos que encarecem a produção<sup>104</sup> pois são utilizados em todas as fases de crescimento da piper, no combate a doenças e pragas e na produtividade das pimenteiras.

**Gráfico 7.** Principais insumos utilizados na produção *stricto sensu*, Porto Grande e Bom Jardim, município de Cametá - 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2022).

O consumo produtivo desta atividade é restritivo e obedecem a lógicas exógenas ao lugar da produção *stricto sensu* (**Figura 21**). O cuidado no uso destes deve-se em grande parte pela venda de um produto que precisa obedecer a padrões rígidos de comercialização livre de contaminação e segurança alimentar.

<sup>104</sup> Esterco de galinha - R\$ 450,00 (T.); Torta de Mamona - R\$ 1.600,00 (T.); Farinha de Osso- R\$ 70,00 (Unid.); Calcário -R\$ 28,00 (Unid.); Químico- R\$ 138,00 (Unid.) fonte.....

Figura 21. Defensivos com uso proibidos na atividade, Brasil - 2020.

**AVISO IMPORTANTE**

DE ACORDO COM MERCADO INTERNACIONAL, SERÃO REJEITADOS TODOS OS LOTES DE PIMENTA-DO-REINO COM A PRESENÇA DA MOLÉCULA **CLORPIRIFÓS**, QUANDO INDICADO PELAS ANÁLISES DE LABORATÓRIO, O QUE IMPOSSIBILITARÁ A COMPRA E A VENDA, E OCASIONARÁ PREJUÍZOS FINANCEIROS E DEVOLUÇÃO DA **PIMENTA-DO-REINO CONTAMINADA**.

COM ISSO, ESTÁ PROIBIDO O USO DE QUALQUER PRODUTO COMERCIAL QUE TENHA A PRESENÇA DE CLORPIRIFÓS. TRATA-SE DE UMA QUESTÃO INEGOCIÁVEL.

EXEMPLOS DE PRODUTOS QUE CONTÉM A MOLÉCULA: **DURSBAN, LORSBAN E KLORPAN**

**CLORPIRIFÓS** OFERECE **GRANDES RISCOS A SAÚDE HUMANA** E ESTÁ ASSOCIADA AO USO DE PESTICIDAS (**INSETICIDAS PRINCIPALMENTE**). DESSA FORMA, A TROPOC REFORÇA A IMPORTÂNCIA DA NÃO UTILIZAÇÃO DE PESTICIDAS, VISANDO O TOTAL ATENDIMENTO DO MERCADO INTERNACIONAL, QUE TEM SIDO CADA VEZ MAIS EXIGENTE QUANTO A **QUALIDADE DO PRODUTO E SEGURANÇA DOS CONSUMIDORES**.

**Lorsban® 480 BR**  
INSETICIDA  
**PROIBIDO**

**Dursban®**  
INSETICIDA  
**PROIBIDO**

**Klorpan® 480 EC**  
**PROIBIDO**

**PERIGO**  
**VENENO**

**NIM INDIANO - ALTERNATIVA SUSTENTÁVEL**

O Nim traz muitos benefícios para a agricultura, seus derivados são usados na defesa natural de plantas contra um grande número de pragas. É também indicado no controle de doenças provocadas por fungos e bactérias. O Nim demonstrou ser totalmente isento de efeitos nocivos a quem faz sua aplicação, e é uma **alternativa sustentável** em termos de controle de **insetos e pragas**, trata-se de um controle natural e eficiente para esses casos e que tem auxiliado agricultores conscientes em diversos países.

FSSC 22000 FDA ISO K HACCP

Fonte: Cartilha TROPOC, 2020.

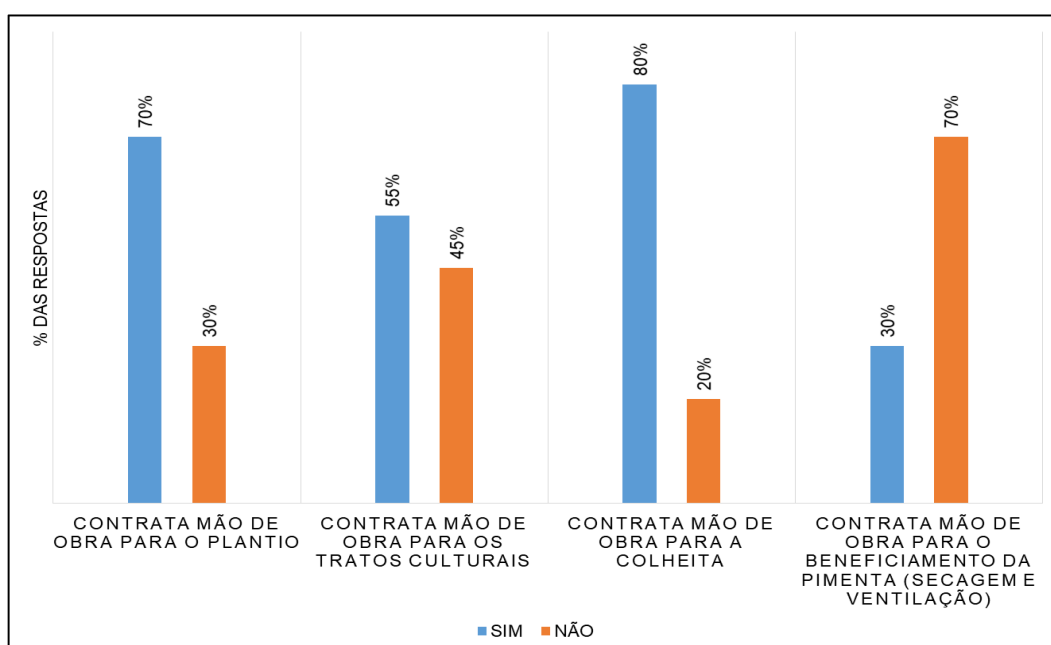
Deste modo, o círculo de cooperação da atividade envolve instituições de ensino e pesquisa, parcerias estabelecidas entre o setor público e privado. De tudo que foi exposto, para efeito deste trabalho interessa-nos a compreensão de que produção de pimenta do reino é uma atividade de dupla intensidade - intensa em capital e mão de obra -, todavia isso não consiste em dizer que ela seja tecnologicamente avançada, tendo em vista o baixo nível tecnológico em termos de instrumentos de produção, onde predomina o trabalho manual. Além de ser grande absorvedora em insumos e utilizar matérias primas com valores considerados altos.

O tempo é determinado em grande parte pelo tempo natural e lento a depender do ciclo produtivo desta *piperácea*, ou seja, os produtores passam um longo período na dispensação de capitais para manutenção da atividade até obter retorno com as safras que ocorrem a partir de 03 anos decorrente do plantio. A produção *stricto sensu* se vincula a outros ramos produtivos, a questão da tecnologia e conhecimento científico utilizado para produzir novas cultivares e insumos/fertilizantes não conseguem resolver os problemas das doenças que incidem diretamente na produtividade, quantidade produzida e tempo de vidas das pimenteiras, elevando os custos com a produção.

### 4.2.3. A força de trabalho local nas áreas produtivas: Riqueza exportada e pobreza local

Durante o processo da produção *stricto sensu* as sub-etapas do plantio e da colheita são as que mais exigem contratação de trabalhadores de fora (Gráfico 8), isso porque na sub-etapa do plantio demandam maior esforço físico e na colheita as pimentas precisam ser retiradas em tempo certo de maturação sem que haja percas dos frutos evitando assim que haja uma quantidade expressiva de pimentas “chochas<sup>105</sup>” nos grãos.

**Gráfico 8.** Contratação de mão-de-obra por sub-etapa da produção, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá – ano 2022.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raissa Paes, 2022.

Conforme o gráfico acima, 70% dos produtores contratam mão de obra para realizar atividades ligadas ao plantio da pimenta do reino e 80% desses produtores contratam para a colheita dos grãos. A sub-etapa da colheita é a principal absorvedora de mão de obra contratada, 56% dos entrevistados afirmaram que contratam de 6 a 10 pessoas, 25% contratam entre 11 a 15 pessoas e 13% acima de 20 até 30 pessoas.

O baixo índice de contratação de mão de obra nas sub-etapas dos tratos culturais e beneficiamento do produto são explicados pelo fato de os próprios

<sup>105</sup> Grãos leves (ocos).

produtores, junto com integrantes da família, realizarem as atividades consideradas menos exigentes.

O sistema de contratação varia segundo o contratante, podendo ser por diárias (dia trabalhado), o valor pago gira em torno de 30 a 50 reais, empreitas (pelo total trabalhado) ou quilo colhido (R\$/kg), esta última prática é a mais comum no período da colheita. O preço médio pago ao coletor nesse ano chegou a R\$ 0,78 centavos/kg conforme apresentado na tabela abaixo.

**Tabela 8.** Tabela de preços paga ao coletor por Kg/colhido em 2022.

| Nº de respostas | Valor (KG/Colhido) |
|-----------------|--------------------|
| 1               | R\$ 0,60 centavos  |
| 5               | R\$ 0,70 centavos  |
| 2               | R\$ 0,80 centavos  |
| 1               | R\$ 1,00 real      |
| Média           | R\$ 0,78 centavos* |

Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022. \*Valor médio obtido no programa Windows Word Excel 2013.

No período da safra, um único trabalhador chega a colher entre 100 a 150 kg/por dia (**Produtor de pimenta do reino** em entrevista, Porto Grande, 2021) este volume depende diretamente do número de pés e da espécie cultivada<sup>106</sup>, ao final do dia trabalhado os produtores pesam a quantidade colhida e realizam o pagamento de acordo com a necessidade do coletor, podendo ser por dia ou por semana. As atividades a serem desenvolvidas exigem muito mais experiência empírica do que qualificação profissional, daí a produção de pimenta do reino ser uma das principais atividades agrícolas que mantém um número expressivo de pessoas ocupadas no campo (**Quadro 8**).

**Quadro 8.** Total de pessoas contratadas na atividade em uma única propriedade em Porto Grande, município de Cametá -2021.

| Sub-etapa        | Nº de pessoas envolvidas |
|------------------|--------------------------|
| Plantio          | Entre 5 a 10 pessoas     |
| Tratos culturais | Até 5 pessoas            |
| Colheita         | Entre 5 a 30 pessoas     |
| Beneficiamento   | Até 5 pessoas            |

Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022.

<sup>106</sup> As espécies de pimenta do reino produzem cachos que variam segundo o tamanho, a exemplo da pimenteira conhecida popularmente como *Pretinha*, seus cachos são bem menores do que a espécie *Tiracota*, por exemplo, com isso o número de grãos é menor que daqueles que contêm nos cachos da *Tiracota*.

Apesar de ser uma atividade desenvolvida em sua maior parte por agricultores com perfil familiar somente a força de trabalho da família não consegue suprir a demanda do trabalho, havendo necessidade de contratar pessoas de fora, somando a isso os custos com a produção o que dependendo da cotação do produto no mercado internacional pode torná-la viável ou não economicamente.

#### 4.2.4. Os custos com a produção

*O custo da pimenta é muito alto, hoje em dia se você colher cinco toneladas, duas você tem que soltar para lá, o cara tem que “tariar”<sup>107</sup> três para ficar para comer para se manter, manter o pimental, até porque quando melhora um pouco o preço para nós, aumenta o preço de tudo, adubo, estaca, muda... (Produtor de pimenta do reino em entrevista, Porto Grande, 2021).*

Este sub-tópico é considerado crucial para o entendimento desta pesquisa, mas para análise dos custos da produção é preciso que algumas situações estejam claras. Primeiramente, a produção de pimenta do reino só se efetiva após, no mínimo, após 03 anos decorridos do plantio. Constatamos que o plantio de pimenta do reino gira em torno de 12 meses, a grosso modo, o primeiro semestre são dedicados a abertura das áreas, compra de estacas, mudas, já o outro semestre dedica-se a manutenção das pimenteiras. Durante todo esse período o produtor não deixa de investir capitais no processo produtivo. Para se ter uma dimensão desses custos organizou-se uma tabela de despesas para o plantio de 1.000 pés de pimenta <sup>108</sup> levando em consideração apenas os elementos essenciais para a abertura de novas áreas de cultivos (Error! Reference source not found.).

**Tabela 9.** Planilha de custos do plantio para 1000 pés em um estabelecimento agropecuário de Porto Grande, município de Cametá- ano 2021.

| Descrição    | Quantidade | Valor unitário               | Valor total          |
|--------------|------------|------------------------------|----------------------|
| Estacas      | 1.000      | R\$ 10,00 <sup>109</sup>     | R\$ 10.000,00        |
| Mudas        | 1.000      | R\$ 3,50                     | R\$ 3.500,00         |
| Insumos      | 1.200      | Não informado                | R\$ 2.100,00         |
| Mão de obra  | 4 pessoas  | Não informado <sup>110</sup> | R\$ 4.000,00         |
| <b>TOTAL</b> |            |                              | <b>R\$ 19.600,00</b> |

Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022. **Notas:** Valores gastos no período de 01 ano decorrido do plantio.

<sup>107</sup> Expressão utilizada para se referir a comercialização a varejo, com poucas quantidades.

<sup>108</sup> Orçamento elaborado com base nas informações de um produtor de pimenta da vila de Porto Grande, Cametá-PA. Todos os valores foram fornecidos pelo próprio produtor.

<sup>109</sup> Valor fornecido pelo produtor, todavia os preços das estacas podem chegar até R\$ 15,00 reais.

<sup>110</sup> O informante não conseguiu estimar o valor unitário gasto na mão de obra somente o valor total.

Observamos que o cultivo de 1.000 pés de pimenta do reino possui um investimento inicial alto e está próximo de R\$20.000,00 reais ratificando que a atividade é intensa em capital. As estimativas de preços não devem ser consideradas únicas, tendo em vista que estes valores podem exceder ano após ano segundo a oferta de matérias primas utilizadas e os preços a que são comercializados (**Tabela 10**) por isso, tendem a sofrer alterações.

**Tabela 10.** Principais preços pagos nas matérias primas utilizadas no processo produtivo, município de Cametá – ano 2021.

| Valor (Unid.)<br>Mudas | Valor (Unid.)<br>Estacas | Tipo de insumos    | Valor                    |
|------------------------|--------------------------|--------------------|--------------------------|
| R\$ 2,00               | R\$ 5,00                 | Esterco de galinha | R\$ 450,00 (T.)          |
| R\$ 3,00               | R\$ 6,00                 | Torta de Mamona    | R\$ 1.600,00 (T.)        |
| R\$ 3,50               | R\$ 8,00                 | Farinha de Osso    | R\$ 70,00 (Unid. /Saco)  |
| R\$ 4,00               | R\$ 10,00                | Calcário           | R\$ 28,00 (Unid. /Saco)  |
|                        | R\$ 13,00                | Químico            | R\$ 138,00 (Unid. /Saco) |
|                        | R\$ 15,00                |                    |                          |

Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org, Raíssa Paes, 2022. **Notas:** Os valores relativos aos insumos referem-se as informações de dois produtores.

As matérias primas identificadas nas tabelas 9 e 10 são consideradas essenciais para a abertura de novas áreas e bom desenvolvimento das pimenteiras, tendo em vista isso, para diagnose geral das implicações socioeconômicas dos custos da produção analisemos estas variáveis segundo os produtores investigados<sup>111</sup> (**Tabela 11**).

**Tabela 11.** Custos diretos da produção no primeiro ano de implantação dos pés de pimenta do reino – 2021.

|                 | Nº de pés | Qtde. Produzida | Adubo/<br>Insumos | Muda  | Estacas | Mão de Obra | Total gasto com despesas |
|-----------------|-----------|-----------------|-------------------|-------|---------|-------------|--------------------------|
| P1 <sup>1</sup> | 4.000     | 9.700           | 12.000            | 4.000 | -2      | 25.000      | 41.000                   |
| P2              | 1.300     | 2.000           | 5.780             | -2    | -2      | 5.000       | 10.780                   |
| P3              | 2.000     | 2.600           | 2.400             | -2    | -2      | 4.000       | 6.400                    |
| P4              | 1.500     | 2.500           | 3.500             | -2    | -2      | 3.000       | 6.500                    |
| P5 <sup>1</sup> | 2.200     | 900             | 2.600             | 2.800 | 8.000   | 6.530       | 19.930                   |
| P6 <sup>1</sup> | 2.000     | 3.000           | 12.250            | -2    | 17.000  | -2          | 29.250                   |
| P7 <sup>1</sup> | 2.300     | 600             | 600               | 5.200 | 3.200   | -2          | 3.800                    |
| P8 <sup>1</sup> | 2.300     | 3.000           | 7.500             | -2    | -       | 10.000      | 22.700                   |
| P9 <sup>1</sup> | 3.000     | 5.000           | 6.100             | 1.500 | 3.000   | 25.200      | 34.300                   |

Continua

<sup>111</sup> É importante destacar os valores aqui demonstrados correspondem aos últimos 12 meses de trabalho de campo – ano 2021

Continuação

|                  | Nº de pés | Qtde. Produzida | Adubo/ Insumos | Muda           | Estacas        | Mão de Obra    | Total gasto com despesas |
|------------------|-----------|-----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|--------------------------|
| P10 <sup>1</sup> | 2.500     | 3.000           | 1.440          | - <sup>2</sup> | 10.000         | 6.900          | 19.840                   |
| P11              | 3.000     | 1.600           | - <sup>2</sup> | - <sup>2</sup> | - <sup>2</sup> | - <sup>2</sup> | 0                        |
| P12              | 4.500     | 8.000           | 20.550         | - <sup>2</sup> | - <sup>2</sup> | 27.200         | 47.750                   |
| P13              | 5.000     | 2.000           | 19.400         | - <sup>2</sup> | - <sup>2</sup> | 7.000          | 26.400                   |
| P14              | 600       | 500             | 500            | - <sup>2</sup> | - <sup>2</sup> | - <sup>2</sup> | 500                      |
| P15              | 500       | 140             | 260            | - <sup>2</sup> | - <sup>2</sup> | - <sup>2</sup> | 260                      |
| P16              | 700       | 800             | 1.740          | - <sup>2</sup> | - <sup>2</sup> | - <sup>2</sup> | 1.740                    |
| P17              | 2.500     | 5.000           | 2.400          | - <sup>2</sup> | - <sup>2</sup> | 19.500         | 21.900                   |
| P18 <sup>1</sup> | 3.000     | 2.500           | 15.500         | 400            | - <sup>2</sup> | 10.000         | 25.900                   |
| P19              | 7.000     | 9.000           | 21.400         | - <sup>2</sup> | - <sup>2</sup> | 16.800         | 38.200                   |
| P20              | 10.000    | 8.000           | 20.000         | - <sup>2</sup> | - <sup>2</sup> | - <sup>2</sup> | 20.000                   |
|                  | 0         |                 |                |                |                |                |                          |
| P21              | 8.000     | 5.000           | 26.800         | 10.500         | - <sup>2</sup> | 20.000         | 57.300                   |

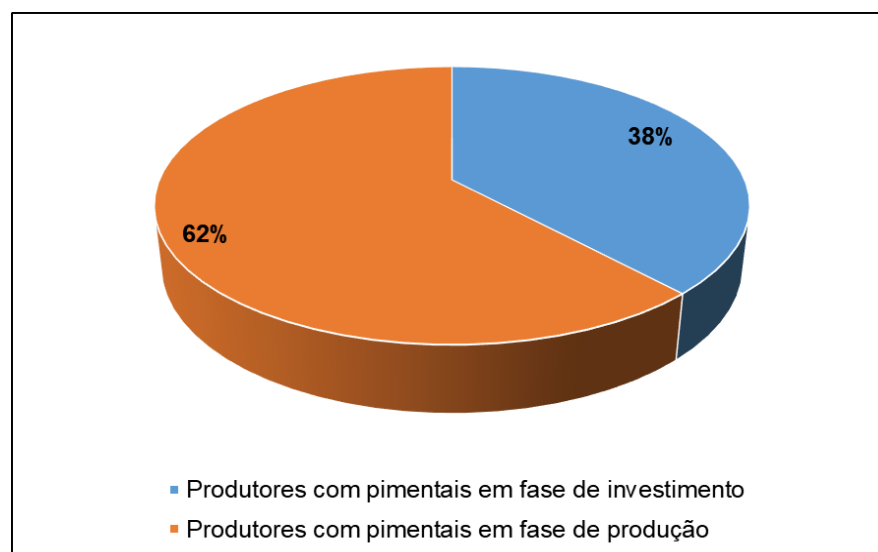
Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022. **Notas:** ■ Produtor com áreas em fase de investimentos ■ Produtor com áreas em fase de produção. <sup>1</sup>abriram novas áreas de cultivo em 2021. <sup>2</sup>até a aplicação do questionário não havia gastado com o elemento em questão (reutilizam estacas/retiram mudas dos próprios pimentais/utilizam só mão de obra da família). \*Os valores são relativos aos custos no ano corrente em que ocorreu a pesquisa de campo (2021).

De modo geral, é visível que os custos com adubos e mão de obra são elevados e ampliam-se conforme o número de pés cultivados, com isso há a constante uso de força de trabalho (familiar e contratada) e de insumos/adubos. Os custos com estacas e mudas são comuns a produtores que estão continuamente ampliando suas áreas de cultivo. Dito isso, esta análise se torna complexa pois, não é estática, estamos diante de realidades diferentes, ou seja, produtores com perfis desiguais e estágios de cultivos diferenciados.

Há, portanto, produtores com **áreas em fase de investimentos** (pimentais novos – sem produção efetiva) e produtores com **áreas em fase de produção** (pimentais frutivos<sup>112</sup> - produção efetiva). A maior parte dos produtores analisados apresentam pimentais em fase de produção (62% dos entrevistados; 13), isso indica que suas principais despesas estão relacionadas a manutenção das pimenteiros (insumos/adubos e mão de obra). Os demais possuem áreas de produção em fase de investimentos (38% dos entrevistados; 8) (**Gráfico 9**), ou seja, abrem novas áreas de cultivo, isso consiste em dizer que somado as despesas comuns a atividade tem-se os custos com matérias primas utilizadas nessa sub-etapa (mudas, estacas).

<sup>112</sup> Expressão utilizada para se referir aos pimentais com produção efetiva dos grãos.

**Gráfico 9.** Tipologia dos produtores segundo as áreas de cultivos, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá – ano 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org, Raíssa Paes, 2022.

Os produtores que não abriram novas áreas de cultivos gastaram, no período analisado, em média R\$ 18.287,00 mil reais<sup>113</sup> com despesas relacionadas a atividade, enquanto que os produtores que abriram novas áreas gastaram, em média, R\$ 24.590,00 mil reais<sup>114</sup>, 34,4% a mais, este valor só não é superior pelas alternativas que os produtores se valem como a reutilização de estacas e corte das mudas de pimentais antigos- matriz, isso explica na tabela 11 a ausência de despesas com estes elementos. Tendo isso esclarecido e havendo, portanto, a necessidade de identificar quem são os produtores que mobilizam maiores recursos na atividade, ou seja, quem consegue gerar mais renda com a venda da pimenta do reino, foi realizado o cruzamento das informações da tabela 11 com a tabela 12.

**Tabela 12.** Capacidade ganho na atividade por produtor de pimenta do reino em um ano, Porto Grande e Bom Jardim, município de Cametá – 2021

|                 | Qtde. Vendida (KG) | Renda bruta | Despesas/gastos | Renda Líquida <sup>1</sup> | Total comprometido com as despesas (%) | Continua Margem de renda (%) |
|-----------------|--------------------|-------------|-----------------|----------------------------|--|------------------------------|
| P1 <sup>1</sup> | 5.000              | 54.000      | 41.000          | 13.000                     | 75,90%                                 | 24,1%                        |
| P2              | 2.000              | 36.200      | 10.780          | 25.420                     | 29,70%                                 | 70,2%                        |
| P3              | 2.000              | 8.000       | 6.400           | 1.600                      | 80%                                    | 20%                          |

<sup>113</sup> Valor médio calculado no programa Windows Excel, foram agrupadas as despesas segundo o grupo de produtores e a média gera automaticamente pela função do programa.

<sup>114</sup> Valor médio calculado no programa Windows Excel, os valores referentes as despesas foram analisadas em conjunto, segundo a variável “produtores em fase de produção” e “produtores em fase de colheita”.

Continuação

|                       | Qtde. Vendida (KG) | Renda Bruta    | Despesas/Gastos | Renda Líquida <sup>1</sup> | Total comprometido com as despesas (%) | Margem de renda (%) |
|-----------------------|--------------------|----------------|-----------------|----------------------------|--|---------------------|
| P4                    | -                  | -              | 6.500           | -                          | -                                      | -                   |
| <b>P5<sup>1</sup></b> | <b>900</b>         | <b>15.300</b>  | <b>19.930</b>   | <b>-4.630</b>              | <b>-130%</b>                           | <b>-30,2%</b> ↓     |
| P6 <sup>1</sup>       | 3.000              | 34.400         | 29.250          | 5.150                      | 85%                                    | 14,9%               |
| P7 <sup>1</sup>       | 600                | 7.750          | 3.800           | 3.950                      | 49%                                    | 50,9%               |
| P8 <sup>1</sup>       | 3.000              | 54.000         | 22.700          | 31.300                     | 42%                                    | 57,9%               |
| P9 <sup>1</sup>       | 2.800              | 56.000         | 34.300          | 30.800                     | 61,20%                                 | 55%                 |
| P10 <sup>1</sup>      | 3.000              | 45.000         | 19.840          | 25.160                     | 44%                                    | 55,9%               |
| P11*                  | 1.000              | 17.000         | 0               | 17.000                     | 0%                                     | 100%                |
| <b>P12</b>            | <b>20.000</b>      | <b>400.000</b> | <b>47.750</b>   | <b>352.250</b>             | <b>11,90%</b>                          | <b>88,1%</b> ↑      |
| P13                   | 2.000              | 34.000         | 26.400          | 7.600                      | 77,60%                                 | 22,3%               |
| P14                   | 500                | 8.500          | 500             | 8.000                      | 5,80%                                  | 94,1%               |
| P15                   | 140                | 2.380          | 260             | 2.120                      | 10,90%                                 | 89%                 |
| P16                   | 700                | 12.600         | 1.740           | 10.860                     | 13,80%                                 | 86,1%               |
| P17*                  | -                  | -              | 21.900          | -                          | -                                      | -                   |
| P18 <sup>1</sup>      | 2.500              | 50.000         | 25.900          | 24.100                     | 51,80%                                 | 48,20%              |
| P19                   | 4.300              | 81.700         | 38.200          | 43.500                     | 46,70%                                 | 53,20%              |
| P20                   | 8.000*             | -              | 20.000          | -                          | -                                      | -                   |
| P21 <sup>1</sup>      | 5.000              | 90.000         | 57.300          | 32.700                     | 63,60%                                 | 36,30%              |

Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2021). **Notas:** ■ Produtor com áreas em fase de investimentos □ Produtor com áreas em fase de produção. <sup>1</sup>abriram novas áreas de cultivo em 2021. \*Até a aplicação deste questionário não havia comercializado o produto. <sup>1</sup> Valor resultado da subtração do da receita e despesas.

Diante das variáveis destacadas na tabela 12 é preciso deixar claro que:

- Renda bruta:** Toda receita proveniente da venda de pimenta do reino;
- Despesas/gastos:** Desembolsos necessários para se chegar ao produto final;
- Renda Líquida:** O que de fato os produtores conseguem receber pelo seu trabalho dedicado a atividade;
- Total comprometido com as despesas (%):** Porcentual referente a taxa de comprometimento
- Margem de renda (%):** Porcentual referente a taxa de renda líquida.

Para a compreensão da renda obtida pelos produtores em relação a atividade é preciso avaliar cuidadosamente cada caso.

Dentre os produtores, apenas um (**P5**) apresenta saldo negativo, ou seja, os investimentos foram maiores do que a renda líquida obtida com a venda da produção, este apresenta perfil familiar e pertence ao grupo de produtores com pimentais em

fase de investimentos. De acordo com a **Tabela 11** este produtor possui 2.200 pés de pimenta do reino, todavia a quantidade produzida (600 kg) resulta de apenas 900 pés (pés frutivos), os 1.300 pés restantes são novos ainda em fase de maturação. Este produtor está em uma fase de investimento, isso só vai mudar a partir do terceiro ano se a produtividade e preço cobrirem os custos da plantação, eis aqui o ponto chave de nossa pesquisa! Reafirmando a hipótese de que a capacidade de ganho do produtor é afetada diretamente pelos custos com o desenvolvimento da produção *stricto sensu* e o fato de não ter controle dos preços, o coloca em condição de vulnerabilidade do ponto de vista de sua situação econômica.

O **P4** não apresenta dados pois, até o momento da aplicação da pesquisa, ainda não havia comercializado seu produto, inviabilizando chegar ao entendimento da renda obtida com a venda de sua produção.

Salvo essas exceções, 15% dos produtores com perfil familiar (**P1, P6, P1**) obtiveram 25% de renda sobre a venda da produção, 30% dos produtores (**P7, P8, P9, P10, P18 e P19**) conseguiram obter entre 30 a 60% da renda. Os produtores que apresentam entre 80% a 100% de renda correspondem a um pequeno grupo que possuem até 750 pés de pimenta do reino (**P11, P14, 15 e P16**), esse percentual é explicado pelo fato de os poucos números de pés cultivados requerem quantidades menores de insumos e baixo uso de mão-de-obra.

Consideramos o **P12** o único produtor que poderíamos considerar com perfil empresarial rural, este produtor apresentou 88,1% de lucro em 2021, é um caso à parte e se torna mister explicitar tal situação. O **P12** não comercializa a pimenta há, pelo menos 5 anos<sup>115</sup>, desde a última venda até o ano corrente (2021) decidiu armazenar o produto somando 60 toneladas de pimenta do reino, resultado de sua própria produção (safras colhidas) e de outros produtores (Compra do produto).

Comercializou em 2021 apenas 20 toneladas das 60 que possuía, motivado pelos preços que chegaram a R\$ 20,00 reais o quilo, esta operação resultou em R\$ 400.000 mil reais. Os custos que obteve nos últimos 12 meses na atividade foram relativos aos insumos e mão de obra, tendo em vista que não ampliou suas áreas de cultivos. Do total subtrai-se os gastos com as despesas que totalizaram R\$ 47.750,00 reais, neste caso seu lucro foi de R\$ 352.250 mil reais resultado de 5 anos, parte desse capital foi utilizado para resolver pendências do seu comércio, outra parte voltou

---

<sup>115</sup> 2016 foi o último ano que comercializou o produto devido à alta nos preços que chegaram a alcançar R\$ 30,00 reais o quilo.

a ser reinvestido na manutenção da atividade e o restante depositado em contas bancárias.

Diante do expositivo, concluímos que os produtores com perfil familiar, conseguem extrair da produção de pimenta do reino renda considerada razoável, o suficiente para manter a atividade e a subsistência, em algumas exceções acumular capitais. Todavia são os produtores com perfil empresarial-rural que conseguem gerar as maiores porcentagens de lucro com a venda de pimenta do reino e na atividade, isso se deve em grande parte pelo desenvolvimento de outras atividades ligadas ao comércio, a capacidade de armazenamento do produto por um longo período de tempo, logo a produção de pimenta do reino é considerada um investimento a longo prazo para esse grupo de produtores, é uma reserva de valor e a principal forma de acumulação.

Os principais custos com a produção estão relacionados ao uso/consumo de matérias primas e mão de obra, quanto as matérias primas utilizadas no processo produtivo a maior parte delas não são oriundas do município de Cametá, conforme será discutido no sub-tópico a seguir.

#### **4.2.5. A divisão territorial da produção e intensificação das trocas: A origem das mudas, estacas e adubos.**

Na condição de produtor de matéria prima (pimenta do reino) as vilas de Porto Grande e Bom Jardim do mesmo modo que são geradoras de fluxos de mercadoria acabam, também, sendo receptora de fluxos da mesma natureza, isso porque durante o processo da produção *stricto sensu* são utilizados matérias primas que têm diferentes origens. As trocas estabelecidas entre esses espaços reafirmam que, “o mais pequeno lugar, na mais distante fração do território, tem, hoje, relações diretas ou indiretas com outros lugares de onde lhe vêm matéria-prima, capital, mão-de-obra, recursos diversos e ordens” (SANTOS, 2014 [1985], p. 15).

Estas matérias primas podem ser produzidas dentro da própria região em que o município de Cametá como em diversas partes do território brasileiro, diante disso, observa que “o proceso productivo requiere insumos o entrega de produtos en su proceso de integración vertical y/u horizontal, que pueden ser producidos dentro o fuera da región” (GARCIA; ROFMAN, 2020, p. 26).

93% dos produtores entrevistados relataram que compraram estacas no município de Moju-Pará. Em relação das mudas, 75% dos produtores compram de

outros produtores da própria vila onde reside, o restante (25%) declararam que compram dos municípios de Baião e Mocajuba. Quanto os insumos utilizados na atividade a maior parte deles são comprados nas próprias vilas nos pontos de compra dos compradores de pimenta do reino, quando indagados sobre a origem desses adubos, observamos que são originários do estado do Pará e fora deste (**Quadro 9**).

**Quadro 9.** Origem da matéria prima utilizada na produção *stricto sensu*, Porto Grande e Bom Jardim, município de Cametá - 2021.

| <b>Matéria prima</b> | <b>Local de origem</b>  |
|----------------------|---|
| Estacas              | Moju-Pa   |
| Mudas                | Baião-Pa  |
| Adubos               | <b>PARÁ:</b> Benevides-Pa, Santa Izabel do Pará-PA.<br><b>BRASIL:</b> Ceará, São Paulo, Bahia e Maranhão. |

Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2021)

Com base nas informações foram identificados dois grandes fluxos materiais levando em consideração a escala de análise – **Fluxo 1:** A escala Estadual, quando analisamos o tipo de fluxo foram identificados 3: **Fluxo 1-** Fluxo de mudas que tem origem no município de Baião-PA e Mocajuba-PA; **Fluxo2-** Fluxo de estacas que tem origem no município de Moju-PA; **Fluxo 3-** Fluxos de adubos que tem origem em municípios do estado do Pará (Benevides-PA e Santa Izabel do Pará-PA). O **Fluxo 2:** A escala Nacional, condiz ao fluxo de insumos que tem origem em quatro estados do Brasil (Ceará, São Paulo, Bahia e Maranhão).

Isso consiste em dizer que a microrregião de Cametá disponibiliza, apenas, parte da matéria prima utilizada na produção em consequência disso ampliam-se os círculos de cooperação do circuito, dependência e inovação em termos de ampliação da produção, que conseqüentemente acaba intensificando as trocas. Daí compreendemos os circuitos não apenas a sua escala regional e sim espacial, resultado de trocas que escapam cada vez mais o lugar da produção propriamente.

#### **4.3.** Estrutura do comércio da pimenta do reino: Os agentes da troca

Conforme exposto no capítulo 3 o comércio da pimenta do reino mantém uma estrutura e dinâmica que reúne diferentes tipos de compradores, que se interpõem entre o produtor e o comprador final, são popularmente conhecidos como “atravessadores”, ou seja, comercialização efetuada através de. Estes agentes percorrem caminhos, estradas, vicinais e rios, antecipando o processo da troca e,

geralmente, não utilizam capitais próprios para isso, representando outros compradores (BRAUDEL, 1987:2009).

Tem-se então uma rede de compradores que nutre o que Braudel (2009) chamou de *colaboração mercantil*, haja vista, “toda rede comercial liga uns aos outros certos números de indivíduos, de agentes, pertencentes ou não a mesma firma, situados em vários pontos de um circuito ou um feixe de circuitos” (IBID., p.125). Quanto maior o circuito, ou seja, quanto mais distante está o produtor inicial do comprador final, maior a necessidade e, conseqüentemente, mais importante se torna esse agente para a comercialização do produto, “assim, as extensas cadeias mercantis estendem-se entre a produção e o consumo” (BRAUDEL, 1987, p.37).

Estamos analisando a dinâmica de um circuito em um município que está situado geograficamente na região amazônica, em que o comprador final não se desloca até o lugar da produção para negociar o produto, mas o produto que é direcionado para este, tendo em vista que ocupa posição privilegiada no circuito espacial.

Para a tessitura deste sub-tópico foram utilizados os relatos e dados informados por 02 intermediários localizados na área urbana, 03 na vila de Bom Jardim, 04 na vila de Porto Grande, 01 do município de Mocajuba, totalizando 10 compradores intermediários. A partir da localização destes agentes observa-se que este comércio coloca em evidência três grandes grupos de compradores de pimenta do reino: **Grupo 1:** Compradores-intermediários locais (fixos no lugar da produção); **Grupo 2:** Compradores intermediários da cidade (Fixos na área urbana); **Grupo 3:** Compradores-intermediários de fora do município de Cametá (Fixos em Mocajuba, Baião e Castanhal); **Grupo 4:** Empresas exportadoras externas ao município de Cametá (Castanhal-PA e Itu – SP).

Passemos, a partir de agora, a falar mais detalhadamente sobre cada desses agentes, para que então possamos entender a dinâmica de funcionamento deste comércio.

**Grupo 1:** Os compradores locais residem no lugar da produção, geralmente possuem um ponto de compra localizado na sede das vilas, onde armazenam o produto. Podem ainda ser proprietários de comércio, produzir a pimenta e ainda financiar (capitais e mercadorias) para produtores. De fato, é mais fácil um produtor tornar-se comprador do que um comprador se tornar um produtor, pois “vender pimenta dá muito mais lucro do que plantar” (**Comprador local**, em entrevista, 2021).

Isso por que produzir a piper requer o consumo de insumos, capitais e tempo exigindo do produtor dedicação exclusiva ao trabalho do campo.

Os compradores-intermediários locais estão sempre a serviço de um patrão (compradores-intermediários e/ou empresas exportadoras), deslocam-se diariamente em um movimento pendular entre a sede da vila e os estabelecimentos agropecuários, negociando o produto. São conhecedores dos principais produtores da área e apesar da competitividade que a própria estrutura do comércio os impõe, estes colaboram mutuamente, comercializando entre si o produto quando necessário.

Foram entrevistados 07 compradores pertencentes a esse grupo<sup>116</sup>, sendo 04 em Porto Grande e 03 em Bom Jardim. Todos os localizados em Porto Grande afirmaram comprar o produto para compradores-intermediários da cidade de Mocajuba e da área urbana de Cametá. Dos localizados em Bom Jardim, 02 compram para compradores-intermediários de Mocajuba e da área urbana de Cametá, apenas 01 afirmou que compra diretamente para empresas exportadoras localizadas em Castanhal-PA.

Apesar de ser uma amostra reduzida é possível afirmar que os compradores-intermediários locais em Porto Grande estão mais próximos dos compradores-intermediários de Mocajuba-PA do que das empresas exportadoras, isso porque a maior parte deles atuam na informalidade. Já em Bom Jardim a presença de um comprador filiado a empresa exportadoras é explicada pelo fato de não ser mais informal, possuindo registro como pessoa jurídica.

**Comprador 1** – Localizado na vila de Porto Grande, representa um comprador de Mocajuba, permanece em um ponto alugado pelo patrão, atua juntamente com 05 funcionários (carregadores), os quais paga por dia trabalhado R\$ 50,00. Além da compra da pimenta do reino, vende adubos e insumos para atividade, recebe por quilo comprado R\$ 0,80 centavos.

**Comprador 2** – Localizado na vila de Porto Grande, possui seu próprio ponto de compra onde armazena o produto. É proprietário de um pequeno comércio, já comprou pimenta do reino para empresas exportadoras localizadas na cidade de Castanhal, mas ultimamente tem comprado para apenas compradores-intermediários de fora, localizados na cidade de Mocajuba.

---

<sup>116</sup> Este total aqui condiz a amostra da pesquisa.

**Comprador 3** – Localizado na vila de Porto Grande, é proprietário de um ponto de compra onde, também, vende insumos e adubos para os produtores de pimenta do reino, além de comprar produz também pimenta do reino. Compra o produto para pelo menos 4 compradores-intermediários de fora do município, destes 2 estão localizados no município de Mocajuba, 1 Castanhal e 1 Baião.

**Comprador 4** – Localizado na vila de Porto Grande, é funcionário público municipal, não possui ponto de compra, utiliza a própria casa para negociar e armazenar o produto, iniciou a compra da pimenta devido as dificuldades que tinham em vender sua produção a um preço melhor, compra o produto para o mesmo comprador-intermediário de Mocajuba, recebendo por quilo comprado.

**Comprador 5** – Localizado na vila de Bom Jardim, compra o produto tanto para um comprador-intermediário localizado na área urbana de Cametá e Mocajuba. Além da compra é produtor de pimenta e proprietário de posto de gasolina e de uma lancha que transporta passageiros da vila para a área urbana de Cametá. Iniciou investindo no ramo com capital próprio, R\$ 50 mil reais que obteve com a venda de sua produção. Conforme nos relata:

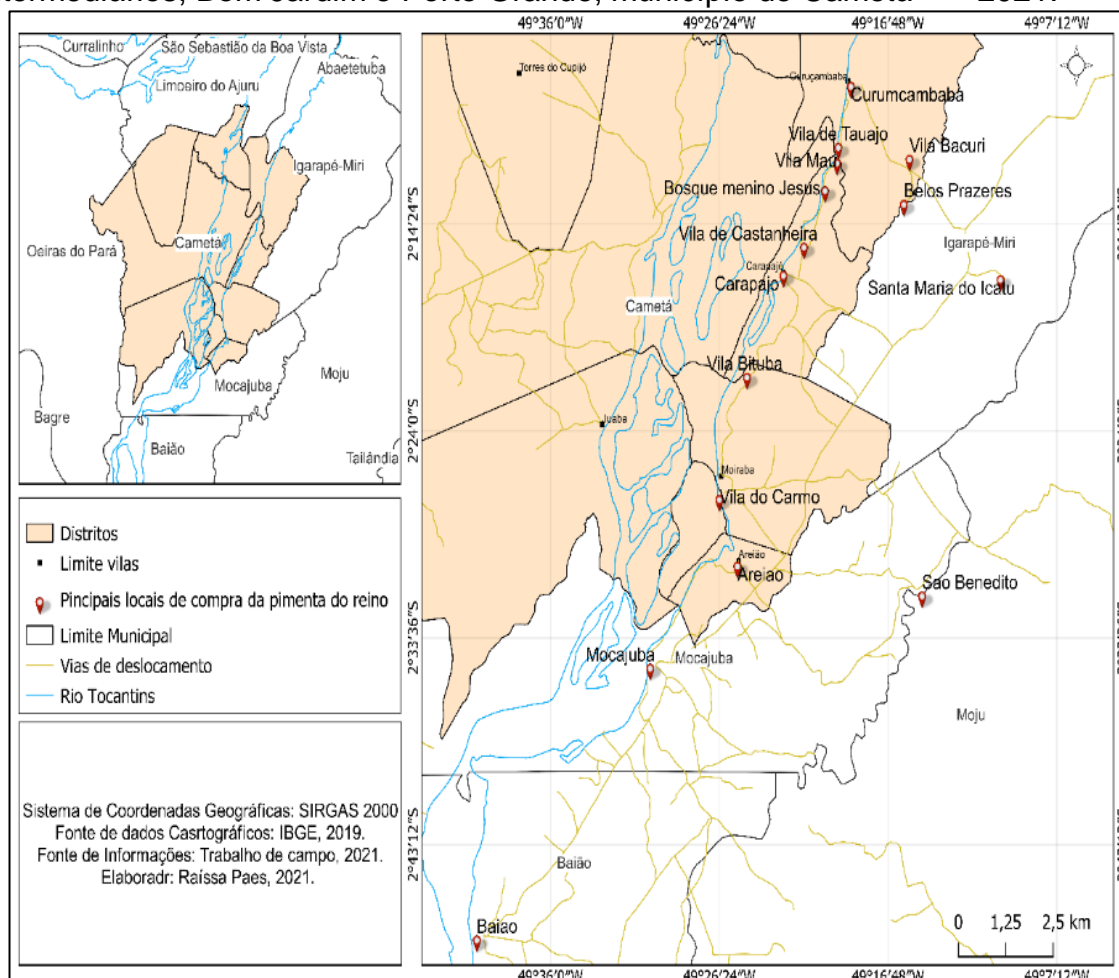
Quando iniciei investir 50 mil, comprei 10 toneladas de pimenta do reino, vendi a 30, na época deu 340 mil, era muito dinheiro, comprei uma lancha de alumínio com motor a diesel, mandei fazer um posto, aí eu comprei trator, caminhonete, montei loja de material de construção para o meu filho, comprei um caminhão para o meu filho (**Comprador 5** em entrevista, Bom Jardim, 2021).

**Comprador 6** – Localizado na vila de Bom Jardim, compra o produto para um comprador-intermediário da cidade de Cametá e de Castanhal-PA. É produtor e proprietário de uma pequena sorveteria. Financia os produtores no período do inverno e cobra entre 5 a 7% de juros em cima do valor inicial, na compra da pimenta ganha por quilo comprado.

**Comprador 7** – Localizado na vila de Bom Jardim, é o único comprador entrevistado que compra o produto diretamente para empresas exportadoras o mesmo possui alvará de funcionamento como empresa comercial, é filiado a 2 empresas ambas localizadas na cidade de Castanhal. Recebe o capital para a realização da compra por meio de contas bancárias jurídicas e chegou a movimentar em 2021 em torno de 3 milhões de reais durante todo ano para efetuar a compra do produto.

Os compradores-intermediários locais possuem maior mobilidade espacial e estão sempre em movimento ou colocam seus carregadores<sup>117</sup> em constante deslocamento para ir ao encontro dos produtores e efetuar a compra da pimenta (**Mapa 8**Mapa 8).

**Mapa 8.** Locais de origem da pimenta do reino comprada pelos compradores-intermediários, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cameté<sup>118</sup> - 2021.



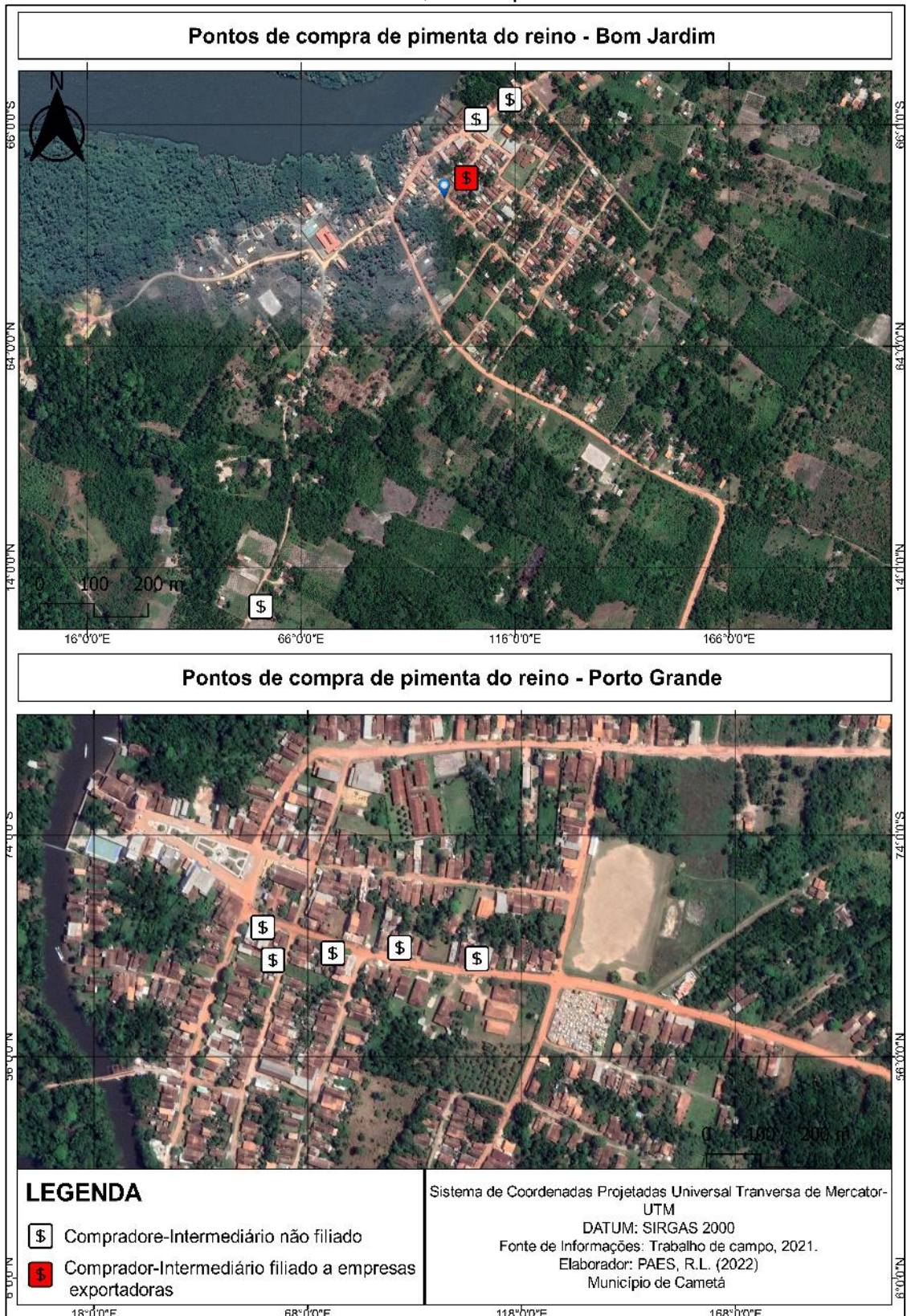
Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2021)

A de compra da pimenta do reino não é restrita as vilas de Bom Jardim e Porto Grande e ao município de Cameté, a presença dos compradores-intermediários nestes espaços faz com que a produção seja deslocada das propriedades produtoras para a sede das vilas onde são armazenadas em locais, popularmente, conhecidos como pontos de compra (**Mapa 9 e Figura 22**)

<sup>117</sup> Pessoas contratadas para transportar o produto, pesar e ensacar.

<sup>118</sup> Representação cartográfica realizada com base nas informações fornecida pelos compradores.

**Mapa 9.** Espacialização dos pontos de compra de pimenta do reino nas vilas de Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2022).

Esses locais são utilizados para armazenamento do produto, espaços que possuem, pelo menos, uma balança para pesagem e um ventilador para limpeza. Durante o período de levantamento de dados foram visitados dez (10) depósitos de compra, cinco (05) em Porto Grande e três (03) em Bom Jardim e dois (02) na área urbana (**Figura 22**).

**Figura 22.** Alguns pontos de compra de pimenta do reino, município de Cametá - 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2021).

A pimenta permanece nestes locais até o carregamento do produto, momento em que o comprador responsável efetua a sua retirada que será discutida no subtópico 4.4.

**Grupo 2:** Este grupo é formado por compradores que estão localizados na área urbana do município de Cametá, tiveram forte influência em épocas anteriores, todavia no período atual, têm perdido espaço entre os produtores das vilas que pouco

negociam diretamente com eles<sup>119</sup>. Este grupo de compradores é mais atuante na compra do produto das áreas produtoras que estão localizadas, próximas a BR-422 (Transcametá). Apesar disso, muitos compradores-intermediários locais e produtores de pimenta do reino das vilas pesquisadas têm mantido a comercialização com esses agentes como uma forma de retribuição pela ajuda que receberam do passado, conforme os relatos: “eu vendo para o Laudelino porque ele nunca me negou nada, sempre que vou com ele, ele me ajuda” (**Comprador-intermediário local** em entrevista, Bom Jardim, 2021).

No período do levantamento do trabalho de campo pôde-se observar a atuação de um grande empresário comprador, este por sua vez, faz parte da Família Cardoso, uma das famílias que no passado, segundo Sousa (2002), estiveram envolvidas na gênese do comércio da pimenta do reino.

**Comprador 1** – Representante do comprador da Família Cardoso, compra a maior parte da produção de áreas produtoras localizadas no sentido da BR-422. Segundo o relato o empresário compra a pimenta no município de Cametá e revende para empresas exportadoras localizadas na cidade de Castanhal. A produção que é comprada ao longo do BR-422 é direcionada para a área urbana de Cametá, onde está localizado o ponto de compra do empresário. A logística de escoamento dessa produção envolve o transporte via caminhões baús e a necessidade de atravessar o rio Tocantins por balsas até seguir pela rodovia PA-151. A produção comprada das áreas produtoras localizadas nas vilas de Porto Grande e Carapajó é direcionada para o ponto de compra que possui na vila de Carapajó e após isso segue para as empresas exportadoras.

**Comprador 2** – Localizado na área do porto da cidade de Cametá, este comprador atua no comércio da pimenta há pelo menos 30 anos, é mais atuante nas comunidades do Livramento e Bom Futuro – BR-422, possui em Porto Grande um pequeno ponto de compra com uma pessoa responsável por esta transação. Apesar disso, o comprador depende de outros compradores-intermediários (de Cametá e de Mocajuba) para comercializar o produto tendo em vista que não possui registro de empresa (CNPJ) para comercializar com as empresas exportadoras.

---

<sup>119</sup> Durante o período de entrevistas foi constatado que os produtores que “entregam” a pimenta para os compradores da cidade são aqueles que, no passado, já obtiveram ajuda financeira do mesmo para a atividade e, apesar de venderem parte da produção para os compradores locais, não deixam de vender para os mesmos caso haja procura.

**Grupo 3-** Este grupo de compradores não residem no município de Cametá, por isso mantém vínculos com compradores-intermediários locais para quem transferem a função de compra do produto. Segundo o levantamento de informações foram identificados compradores-intermediários das cidades de Mocajuba, Castanhal e Baião. Para efeito desta pesquisa foi entrevistado apenas um comprador-intermediário de fora do município de Cametá.

**Comprador-intermediário da cidade Mocajuba** - Este comprador reside na cidade de Mocajuba, mantém contato com 04 compradores-intermediários locais em Porto Grande e com pelo menos 4 empresas exportadoras. Motivado pelo lucro gerado pela comercialização do produto, iniciou a compra da pimenta do reino no município de Mocajuba e, tendo em vista que em Cametá as vilas de Porto Grande e Bom Jardim apresentam quantidades expressivas do produto, passou a comprar destes locais

Para isso buscou contatar pessoas para que pudesse efetuar a compra, esses agentes são considerados “representantes”, em suas palavras “a gente tem representantes, aqui no Porto Grande eu tenho 4, já teve outros compradores, mas eles conhecem os produtores, vão atrás deles é mais fácil de localizar a produção” (**Comprador-intermediário de Mocajuba** em entrevista, Porto Grande, 2021).

Entre comprador-intermediário de Mocajuba e compradores-intermediários locais há uma comunicação contínua onde os preços são fechados e os prazos são estipulados para a entrega da produção. Antes de efetuar a compra do produto o comprador realiza uma espécie de pesquisa de mercado, contatando seus representantes, verificando a quantidade de pimenta a ser comprada e fechando o negócio. De posse dessas estimativas entra em contato com as empresas “oferecendo” o produto e recebendo por isso conforme pode ser observado no relato:

A compra começa assim, a gente tem as empresas que conhecem a gente e a partir desse momento a gente vai localizar a pimenta, esse produtor vai identificar o volume de pimenta que ele tem. A partir desse momento a gente combina o preço, aí nessa combinação a gente repassa para as empresas, fazem a cotação, vê se tem margem, e aí a partir desse momento começa a ser feito a comercialização, a empresa manda o dinheiro na conta da gente, a gente faz o pagamento, arrecadação da pimenta, armazena e depois envia para as empresas (**Comprador de Mocajuba**, em entrevista, 2021).

A compra é realizada formalmente mediante assinatura de contrato de compra com prazo de entrega pré-definido (semanal e/ou mensal), sendo que o produto deve atender as exigências fitossanitárias sem risco de contaminação por *salmonela* ou agrotóxico. A produção *stricto sensu* acaba gerando um fluxo extra-local de

compradores em direção as vilas de Bom Jardim e Porto Grande. O deslocamento desses compradores para as vilas revelam a importância destes locais não apenas como centro de produção, mas na comercialização do produto.

Dito isso, observa-se na atualidade e no fenômeno investigado o que Fernand Braudel já havia identificado ao analisar a dinâmica da economia de mercado e suas sucessivas trocas, descrevendo que:

[...] reúne, sobretudo, produtores – camponeses, camponesas, artesãos – e clientes, uns do próprio burgo, os outros das aldeias vizinhas. No máximo, haverá uma vez por outra dois ou três comerciantes, isto é, entre o cliente e o produtor o terceiro homem: o intermediário. E esse comerciante pode, ocasionalmente, perturbar o mercado, dominá-lo, influir sobre os preços por manobras de estocagem; mesmo um pequeno revendedor pode, contra os regulamentos, antecipar-se aos camponeses na entrada de um burgo, comprar a preços mais reduzidos as mercadorias deles e em seguida oferecê-las ele próprio aos compradores: essa é uma fraude elementar, presente na periferia de todos os burgos e mais ainda de todas as cidades, capaz, quando se amplia em grandes proporções, de fazer subir os preços (BRAUDEL, 1987, p. 35).

**Grupo 4:** O comércio da pimenta do reino envolve empresas de diferentes portes e escala geográfica de ação corroborando com o que Arroyo (2008) já havia afirmado sobre a participação de diferentes organizações em circuitos produtivos. Neste caso, identificá-las geograficamente é tomar conhecimento de sua topologia, ou seja, a presença desses estabelecimentos resulta de seus interesses particulares (SANTOS; SILVEIRA, 2020). Durante o levantamento de informações no site da IPC-International Pepper Community, Vitrine do Exportador e B2BBRAZIL identificamos no Brasil há um número expressivo de empresas exportadoras do produto, dada sua importância na produção da piper e no comércio global<sup>120</sup>.

Dentre as que estão listada na tabela 13 o estado do Pará concentra o maior número, 38% do total, seguido pelo estado do Espírito Santo com 17%, São Paulo com 15%, Bahia com 10%, Minas Gerais com 6%, Alagoas, Paraná e Pernambuco com 4% e Ceará com 2% (IPC, 2021; VITRINE DO EXPORTADOR, 2021; B2BBRAZIL, 2021) (**Tabela 13**).

---

<sup>120</sup> A lista aqui não representa o total de empresas que atuam no Brasil, são listadas aquelas que foram identificadas segundo o site de consulta: IPC; BB2BRASIL e VITRINE DO EXPORTADOR, podendo este número ser superior ao apresentado aqui.

**Tabela 13.** Empresas atuantes no comércio de exportação de pimenta do reino, Brasil - 2020<sup>121</sup>

| <b>EMPRESA</b>                                | <b>UF</b> |
|---|-----------|
| Brazil Trade Business Group/ Brazspice Spices |           |
| International                                 | CE        |
| CSG trade                                     | SP        |
| SUNRISE DO BRASIL                             | PA        |
| Tecnospices Ind. Com. Esp E Tem Ltda          | PR        |
| AlephAgro International                       | SP        |
| ACEPE - Assoc. Capix. Exportadores Pimentas   | ES        |
| TEMPO SOLUTIONS NATUGIBRA                     | SP        |
| Carneiro Mendonca Ind. E Exp. Ltda.           | ES        |
| Premium COMEX Ltda                            | ES        |
| CAMTA-Coop. A. Mista De Tomé-Açu              | PA        |
| Comercial Vencedora Ltda.                     | PA        |
| Braspep Agrocomercial Exportadora Ltda.       | PA        |
| Agropel Comercio Imp. E Exp. Ltda.            | PA        |
| Amazon Spice Com. E. Exp. Ltda.               | PA        |
| Com. Imp. E. Exp. Cepal Ltda.                 | PA        |
| Pepperbrax Com. Exp. Ltda.                    | PA        |
| Medeiros Com. Imp. E. Exp. Ltda.              | PA        |
| Okajima Agroindústria E. Comercio Ltda.       | PA        |
| Ruelle Spices Ltda                            | SP        |
| Sial - Santa Izabel Alimentos Ltda.           | PA        |
| Amazon Piper Imp. E Exp. Ltda                 | PA        |
| SKO Imp. E Exp. Ltda.                         | PA        |
| Luiz Otavio Ferreira                          | PA        |
| Katz Comercio De Produtos Alimentícios Ltda.  | SP        |
| Fazendas Santo Antônio                        | MG        |
| Frudux Alimentos Ltda.                        | PE        |
| RL Comércio E Exportações                     | PA        |
| Agropa Agrocomercial Paraense Ltda.           | PA        |
| Imp. E Exp. Guriri Ltda.                      | PA        |
| Tropoc Prod. Trop. De Castanhal Ltda.         | PA        |
| Regional Comercial Imp. E Exp. Ltda.          | PA        |
| Rio Negro Importação E Exportação Ltda        | ES        |
| Malcher & Farias Exp. Imp. Repres. Ltda       | PA        |
| Taperoá comercial agrícola                    | BA        |
| Guia importação e exportação Ltda             | SP        |
| MS COMEX                                      | BA        |
| José Geraldo Silva                            | MG        |
| JW ALIMENTOS                                  | SP        |
| Righetti agrícola Ltda                        | AL        |
| Pimenta santa rosa                            | AL        |
| PRIMEPEPPER                                   | ES        |

Continua

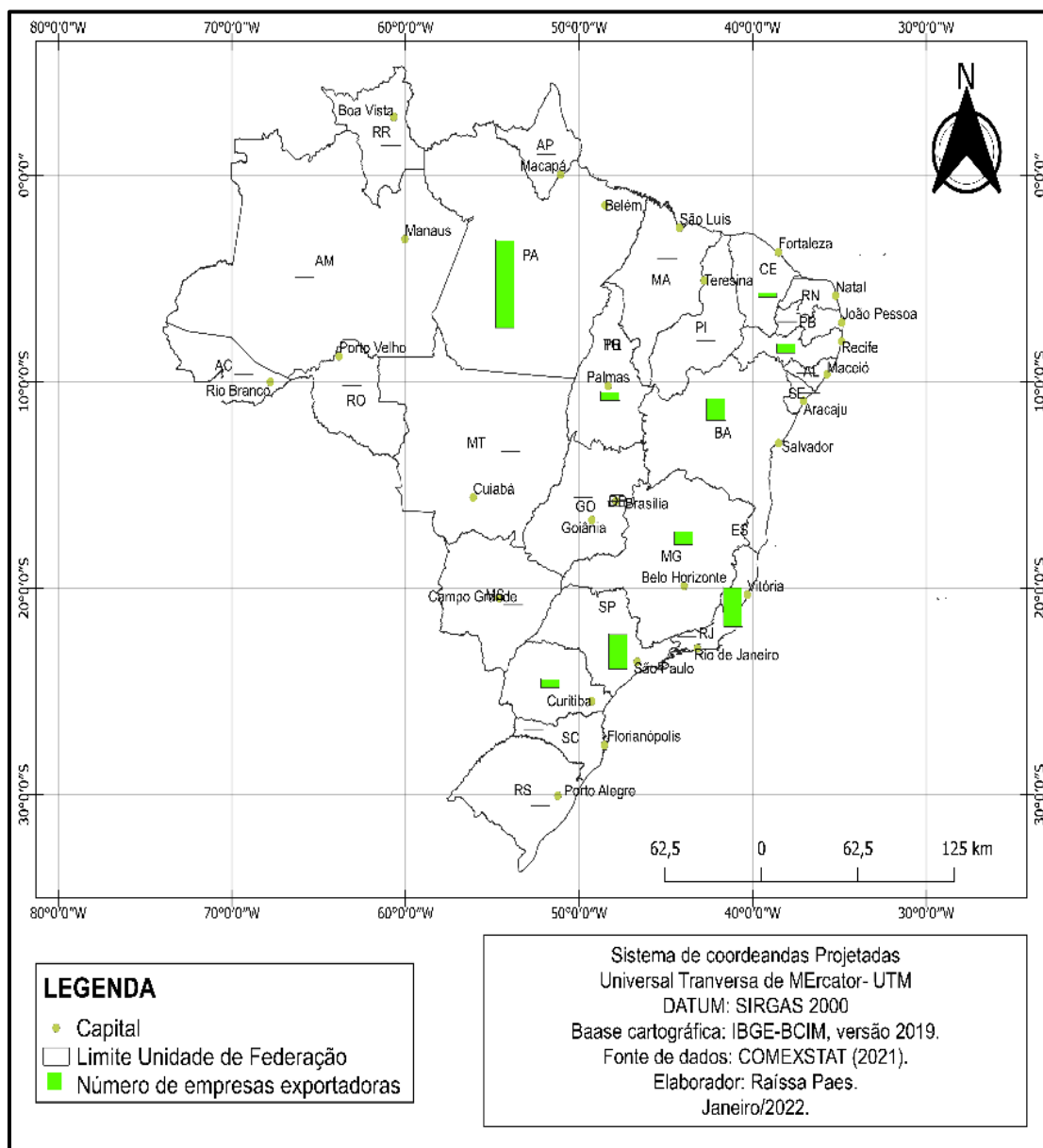
<sup>121</sup> O ano de referência condiz com o período em que foi realizado o levantamento de informações.

| <b>EMPRESA</b>   | <b>UF</b> |
|--|-----------|
| BRASIL ESPECIARIAS   | ES        |
| PPVCOMEX exportação e importação   | MG        |
| AGROW EXP comercio e exportação agrícola   | BA        |
| POLO FOUR COMÉRCIO EXTERIOR Ltda.  | ES        |
| MR Comércio Exterior & Consultoria Ltda.   | ES        |
| RB Coutinho  | BA        |
| Karavel - Simplifyng Food Distribution Around the World                                    | SP        |
| JJRA comercial/ Café Radaelli  | Es        |
| Ferrette Comércio e Exportação   | BA        |
| SAMBA Internacional Comércio Importação e Exportação de produtos manufaturados Ltda.       | PR        |
| Comercial Palmas (Nome Fantasia) JAD Importação, Exportação, Comércio e Distribuição Ltda. | PE        |

Fonte: IPC; BB2BRASIL; VITRINE DO EXPORTADOR (2021). Org. Raíssa Paes (2021).

A (des) concentração espacial dessas empresas no território brasileiro e ao mesmo tempo a concentração em estados específicos (**Mapa 10**) demonstram a proximidade dos agentes hegemônicos do capital das áreas de produção e dos pontos de distribuição do produto, essas mesmas empresas o comercializam com outras empresas de alcance global no mercado. Deste modo, “as grandes empresas organizam suas atividades criando circuitos espaciais de produção. Para funcionar, elas devem seus processos produtivos – hoje dispersos no território -, sua circulação, sua contabilidade e etc.” (SANTOS; SILVEIRA, 2020, p. 153).

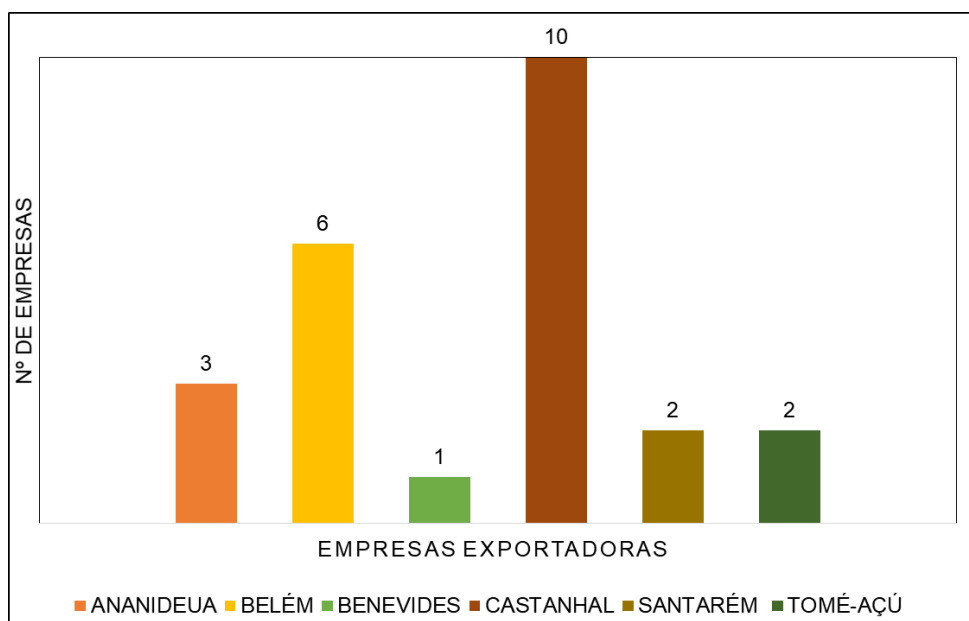
**Mapa 10.** Distribuição espacial das empresas de exportação de pimenta do reino no Brasil, 2020.



Fonte: IPC; BB2BRASIL; VITRINE DO EXPORTADOR (2021). Org. Raíssa Paes (2021).

Conforme a tabela 13 e mapa 8 o estado do Pará apresenta o maior número de empresas exportadoras do produto, das 24 empresas que atuam neste ramo 41% estão localizadas no município de Castanhal, 25% na capital Belém, 12,5% em Ananindeua, 8,3% em Santarém e Tomé-Açu, a presença dessas empresas faz com que estes lugares exerçam centralidade na comercialização e circulação da produção originária das regiões produtivas do estado do Pará (**Gráfico 10**).

**Gráfico 10.** Concentração das empresas com atividade de exportação da pimenta do reino por município, estado do Pará – 2020 a 2021.



Fonte: International Pepper Community (IPC)<sup>122</sup>. Org. Raíssa Paes (2021).

As empresas desempenham no circuito espacial da pimenta do reino atividades do circuito superior da economia urbana, segundo Milton Santos na cidade coexistem dois grandes circuitos econômicos, um primeiro a que denomina de circuito inferior reúne um conjunto de atividade com baixo nível tecnológico, pouca movimentação de capitais, baixo volume comercializado, já o circuito superior é formado por atividades que, diferentemente do circuito inferior, dispõe de tecnologia, movimenta altas quantias de capitais e volume comercializado (SANTOS, 2009).

As empresas exportadoras compram a pimenta seca que atendam os padrões de qualidade estabelecidos pela Instrução Normativa 10/2006 a qual determina que “a pimenta-do-reino deverá se apresentar limpa, seca e isenta de odores ou sabores estranhos ou impróprios ao produto” (BRASIL, 2006, p.3). Tendo em vista isso são rigorosas quanto ao controle fitossanitário dos grãos, identificando a origem da produção, produtor e quantidade comprada (**Figura 23**).

<sup>122</sup> O total de empresas corresponde a lista disponível no site da International Pepper Community (IPC, seção Exportadores e Importadores. In: <http://www.ipcnet.org/direxim/?p=cntd&cid=32&pcomp=1&pg=4>. Acesso em 06 de junho de 2020.

**Figura 23.** Controle da origem da produção por uma empresa localizada no estado do Pará - 2020.

| CÓDIGO RASTREAB.       |  | NOME DO PRODUTOR | DATA     | NFP.NR. | QUANTIDADE KG | G/L |
|------------------------|--|------------------|----------|---------|---------------|-----|
| AGENTE/PRODUTOR: JRG.  |  |                  |          |         |               |     |
| LOCALIDADE: Bom Jardim |  |                  |          |         |               |     |
| 001/JRG                |  | MANOEL JOSÉ      | 22/01/21 | 0001    | 5.000         |     |
| 002/JRG                |  | FRANCISCO        | -        | 0002    | 5.000         |     |
| 003/JRG                |  | JOSÉ             | -        | 0003    | 5.000         |     |
| 004/JRG                |  | JOSÉ FRANCISCO   | -        | 0004    | 5.000         |     |
| TOTAL                  |  |                  |          |         | 20.000        |     |

Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2021)

Este tipo de rastreamento facilita a identificação da produção desde as unidades produtoras até o consumidor final, já na sede das empresas a pimenta volta a passar por um novo processo de limpeza dos grãos, testes laboratoriais para então serem comercializadas. Caso a pimenta do reino seja considerada imprópria para a comercialização o produto retorna para as empresas que por meio do sistema de rastreabilidade consegue identificar o produtor exato e local de origem.

Em suma, as empresas exportadoras que participam da dinâmica do circuito espacial da pimenta do reino em Cametá estão localizadas tanto no estado do Pará como fora deste (**Tabela 14**). São para estas empresas que os compradores-intermediários enviam a produção de pimenta do reino das vilas de Bom Jardim e Porto Grande.

**Tabela 14.** Principais empresas para onde são enviadas a produção das vilas de Bom Jardim e Porto Grande - 2021.

| Empresa   | Localização  |
|---|--------------|
| TROPOC – Produtos Tropicais de Castanhal LTDA.          | Castanhal-PA |
| GRANCAFE comércio importação e exportação de café LTDA. | Castanhal-PA |
| Golden Spices agrícola LTDA.                            | Castanhal-PA |
| M.C comércio e exportação LTDA.                         | Castanhal-PA |
| TJ comércio LTDA  | Castanhal-PA |
| PERPPERBRAX comercial exportadora LTDA.                 | Itu-SP.      |
| KATZ SPICES   | Itu- SP.     |

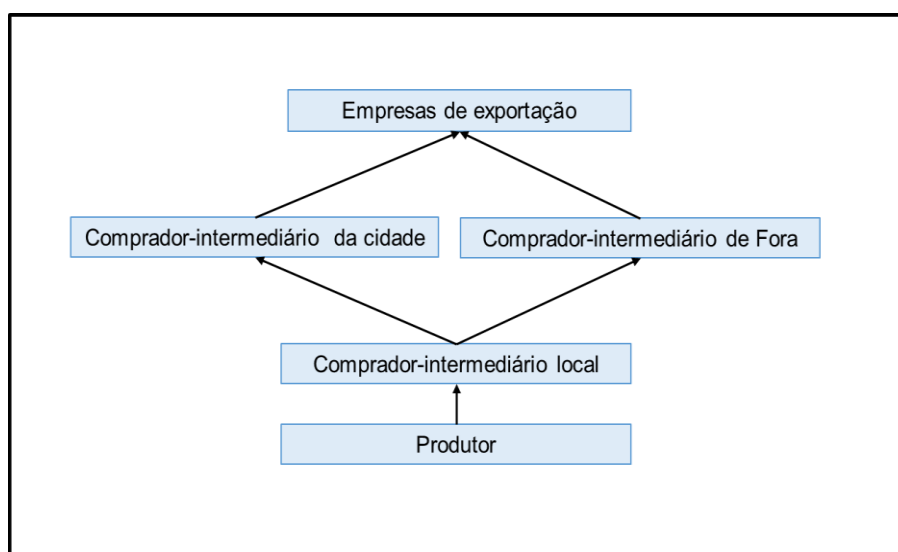
Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2021).

A empresa TROPOC- Produtos Tropicais de Castanhal LTDA, a principal absorvedora da produção de pimenta produzida nas vilas de Bom Jardim e Porto Grande, integra o FUCHS- FRUCHS GRUPPE, uma empresa global localizada em

Dissen-Alemanha para onde envia o produto. Desde modo, a pimenta do reino comprada nesses dois lugares do município Cameté, em um primeiro momento por compradores-intermediário (Grupo 1 e 2), são direcionadas para empresas exportadoras (Grupo 4) que voltam a encaminhar o produto para filiais e/o diretamente para a sede das empresas globais (Grupo 5)<sup>123</sup>, deste modo a produção é drenada em diferentes escalas tendo em vista a formação de grandes círculos de cooperação no espaço<sup>124</sup> entre empresas (pequeno, médio e grande porte) nacionais e internacionais, agentes (compradores informais) distribuídos em diferentes pontos do território.

Com a identificação dos agentes envolvidos na comercialização do produto pôde-se chegar ao entendimento de como este comércio está estruturado, estes agentes e empresas articulam-se de forma hierárquica, no topo estão as empresas exportadoras, abaixo delas situam-se os compradores-intermediários e na base deste comércio estão os produtores (**Figura 24**).

**Figura 24.** Estrutura do comércio da pimenta do reino, município de Cameté – ano 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022.

Diante da identificação da estrutura do comércio da pimenta do reino vimos que a atuação de uma rede de compradores-intermediários e/ou atravessadores cooperam hierarquicamente entre si. Estes agentes situam-se em uma zona

<sup>123</sup> Foge aos objetivos e tempo da pesquisa investigar mais detalhadamente este grupo de agentes envolvidos neste circuito, as informações e dados aqui apresentados foram consultados no site oficial do Grupo FUCHS.

<sup>124</sup> Segundo Santos e Silveira (2020) os círculos de cooperação no espaço condizem a circulação informacional de mensagens, capitais e ordens entre diferentes agentes.

privilegiada do comércio, sabem quem produz e quem compra, assume para si a responsabilidade de ir até os produtores, como também de ir até os compradores. Para os produtores de pimenta do reino o custo com o transporte de pimenta do reino tornaria a atividade ainda menos rentável do que já é, e isso faz com que a atuação desses compradores-intermediários se torne essencial, principalmente para o transporte do produto, adiantamento de capitais e matérias primas para os produtores e para as empresas exportadoras porque não há necessidade de “deslocar” uma estrutura empresarial para estes locais, tendo em vista que se utilizam (in)diretamente da estrutura de comercialização já existente.

Mas como se estabelece os preços mediante um comércio que é formado por diferentes agentes e empresas? É o que pretendemos explicar no próximo sub-tópico.

#### 4.3.1. Sistema local de precificação da produção

Os preços da pimenta do reino são cotados em dólar (USD) e são caracterizados pela inconstância que resulta diretamente da oferta e demanda externa do produto. Vimos que a comercialização da pimenta do reino não é direta e resultam em trocas complexas e que envolvem diferentes agentes e empresas que cooperam e competem entre si. A identificação desse sistema de precificação é de suma importância para compreensão da participação do intermediário/atravessador na dinâmica de funcionamento do circuito espacial da pimenta do reino.

Os preços da pimenta do reino obedecem uma lógica exógena ao lugar da produção *stricto sensu* que é global, todavia há a existência de um sistema de precificação local que funciona, a grosso modo, da seguinte forma: compradores-intermediários de fora do município fecham negócio com as empresas exportadoras a um valor X e repassam aos compradores-intermediários locais com um valor abaixo, para obter margens de lucros maiores. Do mesmo modo que os compradores-intermediários locais repassam aos produtores com um novo valor. Observemos o relato sobre esta questão:

“Eles [Comprador de fora – *grifo nosso*] repassam a R\$17,00 e eu compro do produtor a R\$16,00 ou R\$16,50 por quilo, porcentagem por quilo. Eu que repasso o preço, por exemplo agora tá R\$18,00 reais, ele repassou a 17,50 para mim, eu revendo a 17,00 aí é assim vai” (**Comprador-intermediário local** em entrevista, Porto Grande, 2021).

Deste modo, o preço inicial do produto sofre reduções conforme se ampliam o número de compradores-intermediários envolvidos neste processo. Atualmente, na safra de 2022, os preços caíram para média de R\$ 11,00 reais causando bastante

apreensão entre os produtores, pois, ao barateamento do produto compromete a renda gerada com a venda do produto, não conseguindo cobrir os custos que com as matérias primas, mão de obra e insumos e demais investimentos que foram realizados durante o período da *produção stricto sensu*.

Daí entendermos de o porquê os produtores colocaram o comprador-intermediário como um dos principais obstáculos para a sua ascensão econômica pois, o fato de não negociarem diretamente com as empresas exportadoras afetam diretamente a capacidade de obter maior ganho com a venda do produto, de modo que suprimindo a intermediação, em tese, suprime-se parte do valor reduzido pelos compradores-intermediários ampliando assim a rentabilidade do produtor.

Esta tese encontra fundamento lógicos no fato de os preços não sofrerem apenas uma única alteração e, apesar das reduções serem em centavos, esse reajuste implica diretamente na capacidade de ganho do produtor (para menos) e para os compradores-intermediários (para mais), deste modo, os lucros dos compradores-intermediários estão paralelamente condicionados ao preço oferecido aos produtores.

Os compradores-intermediários administram os riscos que há em comprar o produto com capitais de terceiro, isso explica-se pelo fato de o comércio da pimenta do reino movimentar um volume alto de capitais e estar sujeitos e constante oscilação dos preços, a combinação desses fatores somado a inadimplências dos produtores na entrega do produto “exige” dos compradores-intermediários, em determinadas situações, cobrir os valores e o produto antes negociado. O relato abaixo explicita o funcionamento do sistema local de precificação da produção:

A gente pega o dinheiro com preço fechado, vamos dizer que hoje esteja 10 reais o quilo, se eu pegar de 10 toneladas ele vai me repassar 100 mil. Aí eu vou comprar essa pimenta, se essa pimenta aumentar de 10 e for para 12 eu vou precisar de 120 mil para mim completar ela, então esses 20 mil eu vou ter que “inteirar”. É um negócio fechado. Então eu já tive vários prejuízos, já tive prejuízo de até 200 mil. De caso de aumentar e não ter comprado ainda, tive que inteirar. A empresa não quer dinheiro, quer a tonelada, não tem retorno. Tem um prazo, tem que eu comprar dentro do prazo, aí você não consegue, ah a pimenta ta baixando, você não consegue segurar o dinheiro, porque você tem um prazo para comprar, pegou dinheiro tem que sair para comprar (**Comprador-Intermediário de Mocajuba**, em entrevista, Bom Jardim, 2021).

A situação descrita acima pode ser equacionada da seguinte maneira:

**Figura 25.** Representação matemática da margem de lucro dos compradores-intermediários no processo de compra da pimenta do reino, município de Cameté - 2021.

$$\begin{aligned} & \text{Preço inicial "x"} = \text{Preço final "y"} = \text{Lucro} \\ & \uparrow \text{Preço inicial "x"} > \downarrow \text{Preço final "y"} = +\uparrow \text{Lucro} \\ & \downarrow \text{Preço inicial "x"} < \uparrow \text{Preço final "y"} = \downarrow \text{Prejuízo} \end{aligned}$$

Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022.

A equação acima pode ser explicitada em três situações hipotéticas possíveis:

**Situação 1.** Se o comprador se dispõe a comprar determinada quantia de pimenta do reino a um preço inicial “x” e esse preço permanecer inalterado até que se complete a carga o mesmo consegue obter lucro, haja vista que o mesmo repassa um valor abaixo do acordado entre as empresas.

**Situação 2.** O comprador que se dispõe a comprar uma quantia a um preço inicial “x” e antes que tenha completado a carga o preço corrente apresenta queda em relação ao valor recebido para a compra, o comprador obterá maior porcentagem de lucro.

**Situação 3.** Situação em que o preço final apresenta alteração e seja maior que o valor inicial, neste caso o comprador não consegue obter lucros na ação, pelo contrário, caso não tenha completado a quantia fechada com a empresa terá que investir capital próprio para cobrir o valor que falta. Isso acontece porque a empresa pagou por uma determinada quantia de pimenta que no prazo determinado precisa ser entregue, nas palavras de um comprador “você faz a venda, você já recebeu o dinheiro pela pimenta, tem que entregar a pimenta” (**Comprador-Intermediário de Mocajuba** em entrevista, Porto Grande, 2021).

Esta operação é considerada arriscada para os compradores-intermediários, haja vista que não detém o controle dos preços nem tampouco da produção, há uma corrida contra o tempo necessário para efetivar a compra, identificar os produtores e fechar o negócio, somado a isso tem-se os custos com o transporte do produto e

pagamento de carregadores. Apesar de os compradores-intermediários não efetuarem a compra com capitais próprios pode ocorrer de necessitarem utilizar o próprio dinheiro para cobrir eventuais contratempos e, em alguns, casos contraírem dívidas altíssimas tendo que se desfazer de bens próprios para quitar as dívidas.

Durante o período de levantamento de informações constatamos que a média dos preços entre os meses de julho a outubro 2021 foi de R\$16,43. No quadro 10 observa-se que o preço inicial pago no quilo (R\$/Kg) foi de R\$ 10,00 reais atingindo sua máxima em outubro quando chegou a R\$ 20,00, nos meses de novembro a dezembro os preços tendem a cair haja vista que o volume produzido se reduz com o fim da safra (**Quadro 10**).

**Quadro 10.** Preço pago ao produtor entre julho a outubro de 2021, Porto Grande e Bom Jardim, município de Cametá\*.

| <b>Nº de resposta-<br/>Produtores</b> | <b>Valor (Kg)</b> |
|---------------------------------------|-------------------|
| 2                                     | R\$ 10,00         |
| 1                                     | R\$ 15,00         |
| 3                                     | R\$ 16,00         |
| 10                                    | R\$ 17,00         |
| 6                                     | R\$ 18,00         |
| 2                                     | R\$ 19,00         |
| 3                                     | R\$ 20,00         |

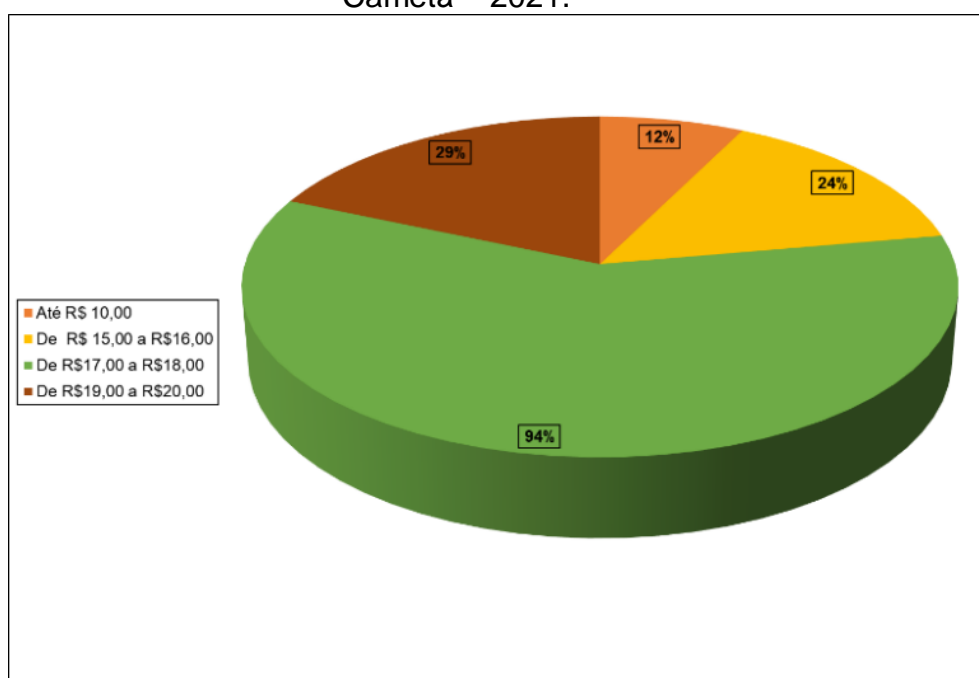
Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2021). \*Nota: Os valores foram referentes aos meses em que foram realizados os trabalhos de campo, ano 2021.

Os preços do mercado influenciam em grande parte a decisão de comercializar o produto ou armazená-los, ou seja, se é economicamente viável ou não. Os produtores com perfil empresarial rural optam por armazenar a maior parte da produção até que os preços alcancem os mesmos valores, ou até mesmo valor superior as safras de 2015 e 2016, quando o valor pago no quilo da pimenta atingiu a média de R\$ 28,90 (CONAB, 2021). Já os produtores com perfil familiar que não possuem outra fonte de renda são “forçados” pelas dívidas que contraem ao desenvolver a atividade (adubos, mao-de-obra e a manutenção dos pimentais) a venderem a maior parte do produto logo após a colheita pois,

[...] dependendo do que o serviço vai precisar, da necessidade, quando o serviço é grande o produtor vai ter que vender a pimenta para manter o pimental, até mesmo quando aumenta a área plantada, essa despesa e o adubo, ele vai ter que vender a pimenta para cobrir quando a pimenta tem um preço alto (**Comprador-intermediário local** em entrevista, Bom Jardim, 2021).

Do relato acima pode-se afirmar que os custos com a produção são um dos principais fatores que levam os produtores a comercializar o produto de forma imediata. Foi constatado que a maior parte dos produtores entrevistados comercializaram sua produção com valores entre R\$ 17,00 a R\$ 18,00 reais, este valor é considerado razoável entre os produtores, tendo em vista que pela inconstância dos preços que são comuns os produtores tendem a vender a produção com receio que o preço apresente baixa. Mas, há quem prefira arriscar e esperar que o preço atinja as altas, conforme indica o **Gráfico 11**.

**Gráfico 11.** Porcentual dos produtores segundo os valores de comercialização da produção, vilas de Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá – 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022.

É evidente que o sistema de precificação local não é vinculado legalmente as empresas exportadoras, é uma forma que os compradores-intermediários encontraram de obter lucros pelo fato de intermediar o processo de compra entre o produtor e comprador final e pela responsabilidade que assume de transportar o produto, ou seja, obtém lucros mesmo sem produzir. Segundo Braudel (2009, p.61) estes agentes “[...] pode, ocasionalmente, perturbar o mercado, dominá-lo, influir sobre os preços [...]”, quanto maior o número de compradores-intermediários envolvidos no processo de troca do produto, maiores são as tendências de redução dos preços, ou seja, mais compradores-intermediários precisam ser pagos “pelo

serviço que prestam”, pelo tempo que se dedicam na função, pelas estruturas de armazenamentos, pelo transporte do produto e contratação de pessoas.

Os valores reduzidos do preço inicial (comprador-final) até o preço final (produtores de pimenta) podem parecer simplório ao levarmos em consideração o valor unitário (centavos), todavia os compradores-intermediários chegam a somar quantias elevadas nesse tipo de transação sem ao menos produzir, apenas administrando os riscos deste comércio e pequenos custos com o transporte e pessoas encarregadas de transportá-las.

Dentro desse sistema de precificação os produtores com perfil familiar que tem o comprador-intermediário local como principal canal de comercialização é o mais afetado, isso porque acima destes compradores há outros grupos de compradores (da cidade e/ou de fora) e só então as empresas exportadoras, diante disso os preços sofrem duas alterações. Já os produtores com perfil-empresarial que comercializam o produto diretamente com os compradores de fora, por exemplo, já excluem desse processo os compradores-intermediários locais, sendo assim os preços sofrem uma única redução, tornando-se economicamente viável comercializar o produto.

Diante do que foi discutido e apresentado neste sub-tópico observa-se que o fato de ser uma *commoditie* os preços da pimenta do reino são controlados fora do território, essa falta de controle do comércio que em conjunto com a estrutura de comercialização, somatizam para a situação de vulnerabilidade do produtor, afetando a rentabilidade e sua permanência na atividade.

Com a identificação dos agentes da troca e da forma como estabelecem relações comerciais uns com os outros, foram identificados diferentes níveis de comercialização da pimenta do reino, conforme veremos a seguir.

#### **4.3.2. Níveis de comercialização do circuito espacial da pimenta do reino: Da escala local a escala nacional**

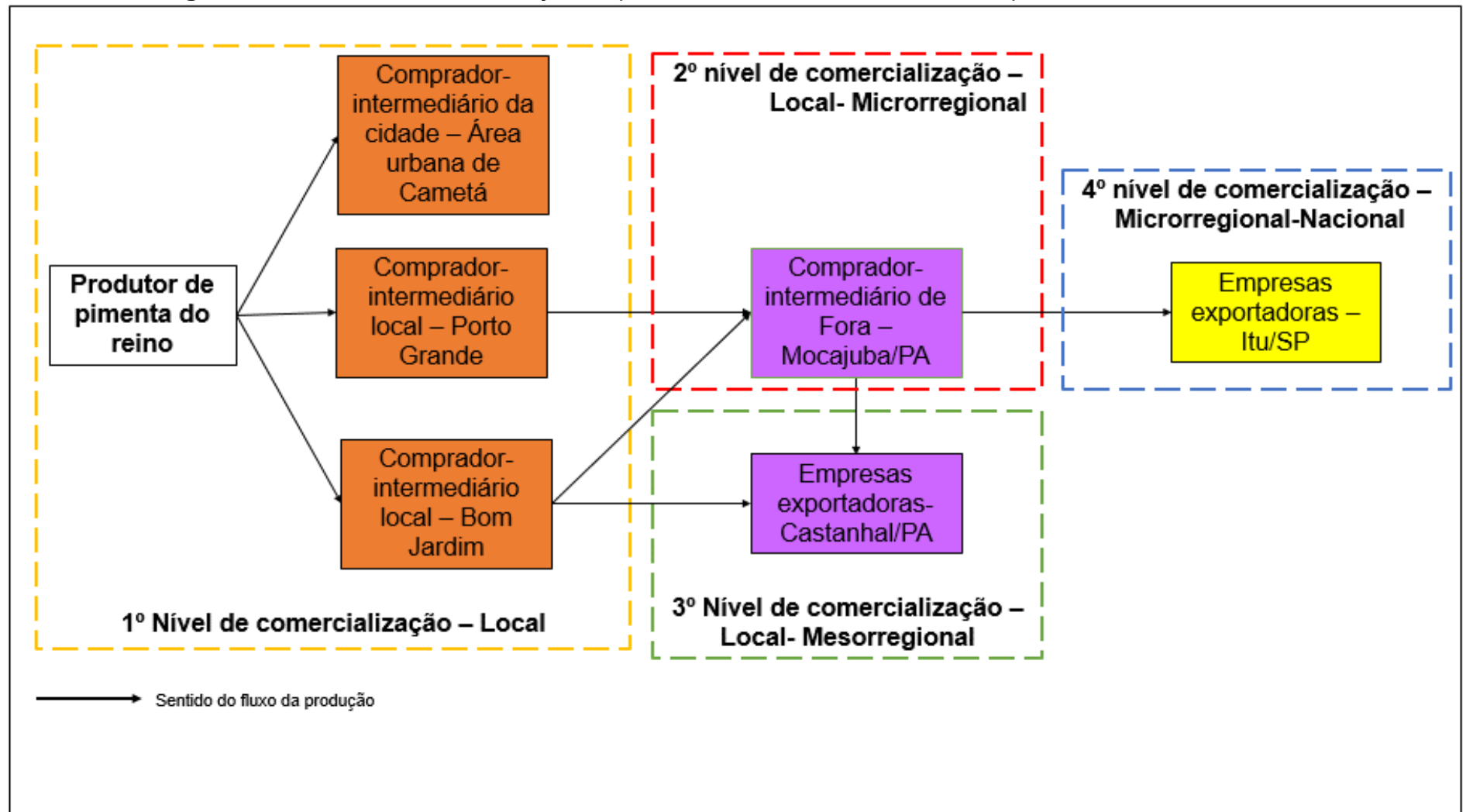
Para a compreensão da atuação dos agentes no comércio da pimenta do reino delimitamos níveis de comercialização do produto levando em consideração a sua escala geográfica de ação. Dito isso, temos:

- 1. Nível de comercialização Local:** Neste nível há negociação entre produtores e compradores-intermediários da cidade de Cameté e compradores-intermediários locais (entre as áreas de produção);

2. **Nível de comercialização local-microrregional** (entre as áreas de produção e municípios da microrregião de Cametá), negociação entre compradores intermediários locais (Bom Jardim e Porto Grande) e compradores de fora (Mocajuba);
3. **Nível de comercialização local-mesorregional** (entre a área de produção e Castanhal); Entre compradores da cidade de Mocajuba e empresas exportadoras de Castanhal;
4. **Nível de comercialização Microrregional- Nacional** (entre a cidade de Mocajuba e municípios de fora do estado do Pará) entre compradores intermediários de Mocajuba e empresas exportadoras com sedes na cidade de São Paulo.

Conforme se ampliam o nível de comercialização do produto maior o número de agentes envolvidos, ou seja, quanto mais distante do produtor está o comprador final, se amplia também o número de compradores-intermediários (**Fluxograma 2**).

**Fluxograma 2.** Níveis de comercialização da pimenta do reino no circuito, município de Cametá - 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022.

Diante do Fluxograma 1 observamos que o comércio da pimenta do reino rompe a escala local até a escala nacional, por meio de diferentes agentes. A circulação da produção entre esses compradores acontece de forma hierarquizada, inicia com as trocas de curta distância entre produtor e compradores-intermediários locais e conforme se amplia a escala de análise há também complexificação das trocas, com a inserção de novos agentes (*trocadas entre os próprios compradores-intermediários- locais, da cidade e/ou de fora; trocadas entre compradores-intermediários e empresas exportadoras; trocadas entre empresas exportadoras de diferentes portes*).

Ao nível de comercialização local – Trocadas de curtas distâncias entre produtor e compradores-intermediários- os compradores-intermediários locais (Bom Jardim e Porto Grande) e de fora (Cidade de Mocajuba) são os que concentram a comercialização do produto (**Tabela 15**).

**Tabela 15.** Volume comprado segundo o grupo de compradores-intermediários, Bom Jardim e Porto Grande, 2021.

| <b>Grupo de compradores</b>     | <b>Volume comprado (T.)</b> | <b>%</b>    |
|---------------------------------|-----------------------------|-------------|
| Grupo 1 (compradores locais)    | 1.540                       | 79,4%       |
| Grupo 2 (Comprador de Mocajuba) | 400                         | 20,6%       |
| <b>Total</b>                    | <b>1.940</b>                | <b>100%</b> |

Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2021).

Quando analisamos as trocadas mais complexas entre os próprios compradores –intermediários, foi constatado que 59% da produção comprada pelos compradores-intermediários locais é direcionada para compradores da cidade de Mocajuba; 38,9% segue diretamente para as empresas exportadora; e apenas 1,9% dessa produção segue para os compradores localizados na área urbana de Cametá (**Tabela 16**).

**Tabela 16.** Destino do volume comprador pelos compradores intermediários locais segundo o grupo de compradores receptores, Bom Jardim e Porto Grande, 2021.

| <b>Grupo de compradores</b>                  | <b>Volume comprado (T.)</b> | <b>%</b>     |
|--|-----------------------------|--------------|
| Grupo 2 (Comprador da área urbana de Cametá) | 30                          | 1,9%         |
| Grupo 3 (Comprador de Mocajuba)              | 910                         | 59%          |
| Grupo 4 (empresas exportadoras)              | 600                         | 38,9%        |
| <b>Total</b>                                 | <b>1.540</b>                | <b>99,8%</b> |

Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2021)

Tal situação explica-se pelo fato de a maior parte dos compradores-intermediários locais estão mais próximos dos compradores-intermediários da cidade de Mocajuba de quem recebem capitais para efetuar a compra. Os baixos índices de comercialização entre os compradores-intermediários locais com os situados na cidade – área urbana de Cametá reafirmam a baixa efetividade desses compradores nas vilas pesquisadas. A baixa porcentagem de volume de compra entre os compradores-intermediários locais e as empresas exportadoras, explica-se pelo fato de a maior parte desses compradores agirem na informalidade, todavia, as empresas exportadoras são as principais receptoras da produção, empresas que compram o produto no mercado nacional para comercializar no mercado internacional, a partir de então o nível de comercialização amplia-se para o mercado global.

A estrutura do comércio da pimenta do reino não é rígida, um único comprador-intermediário local pode comercializar tanto com compradores da área urbana de Cametá, da cidade de Mocajuba e até mesmo com empresas exportadoras que estão situadas fora da microrregião de Cametá e do estado do Pará. Tornando as trocas cada vez mais complexas de serem analisadas. Já o produtor não tem essa mesma flexibilidade de comercialização porque produz em pequenas quantidades, restando-lhe apenas um canal de comercialização que é o *compradores-intermediários*.

Diante do que foi exposto e discutido sobre a organização econômico-produtiva deste circuito passemos a discutir no sub-tópico 4.4 como se configura a sua dinâmica de funcionamento no próprio espaço.

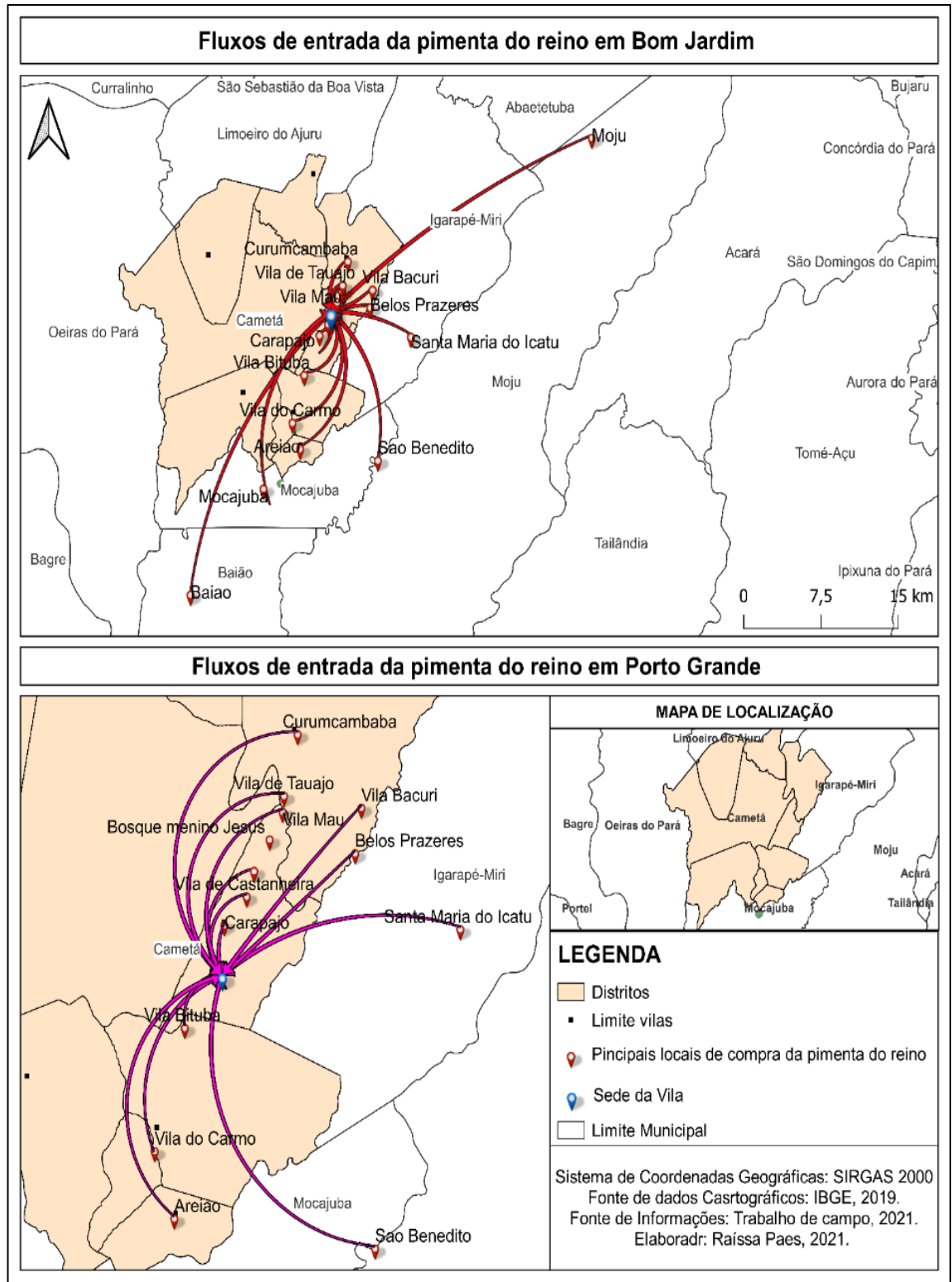
#### **4.4. Dinâmica (s) de funcionamento do circuito espacial da pimenta do reino**

Conforme se avançou na pesquisa foi possível verificar mais de uma dinâmica do circuito espacial da pimenta do reino; uma que se estabelece localmente, interna ao município de Cametá e outra dinâmica que vincula Cametá a outros municípios. Dito isso, neste sub-tópico objetivamos explicar como se dá essas dinâmicas de funcionamento em Cametá e como este se inter-relaciona com as outras etapas da circulação.

**DINÂMICA 1.** A primeira dinâmica de funcionamento do circuito espacial da pimenta do reino é desenvolvida localmente e envolvem produtores e compradores-intermediários locais. Compradores-intermediários locais vão as propriedades negociar o produto e transportam por meio de motocicletas, caminhões, tratores até

seus estabelecimentos onde armazenam o produto – pontos de compra-, localizados na sede das vilas onde aguardam completar a carga (**Mapa 11**).

**Mapa 11.** Dinâmica 1 do circuito espacial da pimenta do reino escala local (Cametá) – 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raissa Paes (2021)

Os tipos de transporte utilizado para deslocar a produção até as vilas são definidos segundo a quantidade comprada, por exemplo as motocicletas são utilizadas para transportar quantidades menores do produto, até 2 sacos de pimenta do reino (100 quilos), quando a quantidade negociada excede a capacidade deste veículo os compradores utilizam veículos maiores (carros, tratores ou caminhões) (**Figura 26**).

**Figura 26.** Tipos de transporte da pimenta do reino dos estabelecimentos agropecuários até as sedes das vilas de Bom Jardim e Porto Grande, município de Cametá - 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2021)

O sistema de modal utilizado para transportar o produto revela um espaço de pouca mobilidade, ou seja, sistema de circulação lento, para usar a expressão de Santos e Silveira (2020, p.261) “espaço da lentidão” que, em contraposição aos espaços que proporcionam maior fluidez da circulação, as vias utilizadas para o transporte do produto são precárias formados por caminhos estreitos e pontes de madeiras inacabadas, deste modo, é um espaço com baixo investimento em capitais fixos/sistema de infraestrutura.

Tal sistema modal dificulta o acesso dos veículos maiores até o produtor, com isso há a necessidade de terminar o trajeto por motocicletas ou a pé, é quase que um trabalho de “formiguinha”, um carregador segue o outro transportando pacote por pacote de pimenta até o veículo. Os produtores de pimenta do reino expõem a frustração em relação a falta de políticas públicas que proporcionem maior fluidez territorial entre os dois maiores centros de produção do município. Conforme o relato de um dos produtores “aqui já era para ter asfaltado essa estrada (Vicinal que permite o acesso à vila de Porto Grande a PA-151- *grifo nosso*) só esse pedacinho aqui, que no inverno fica terrível, fica só um trilho e passa “malmente<sup>125</sup>” uma moto o resto é só buraco e lama, aí vem os carros grandes e piora” (**Produtor de pimenta do reino**, em entrevista, Bom Jardim, 2021).

Quanto a isso, recentemente a prefeitura municipal em parceria com o governo do estado do Pará anunciaram a construção de uma ponte na vila de Porto Grande, segundo o portal de notícias do estado:

A nova estrutura terá 55 metros de extensão vai viabilizar o deslocamento dos moradores da área urbana para a zona rural, produtora de pimenta do reino. O alimento é um dos principais ativos econômicos da localidade. Com a obra, a produção será escoada com maior facilidade e segurança. [...] Leandro Mendes da Cruz trabalha realizando a entrega de sacas de pimenta em uma moto. O trabalhador conta que passar pelo local, do jeito que ele se encontra, não é uma tarefa simples. A expectativa do motociclista é que com a nova ponte a passagem fique mais tranquila. [...] “É muito ruim passar aqui. Já caiu a pimenta, já caiu gente. É muito bom ter uma ponte nova para melhorar. Com a ponte nova vai poder passar moto, carro para isso é importante para os produtores” (AGÊNCIA PARÁ, 10/09/2021)<sup>126</sup>

A falta de mobilidade é um dos principais obstáculos encontrados na atividade, tanto para produtores como compradores de pimenta do reino, este tipo de situação é frequente quanto ao transporte de pimenta dos estabelecimentos agropecuários para

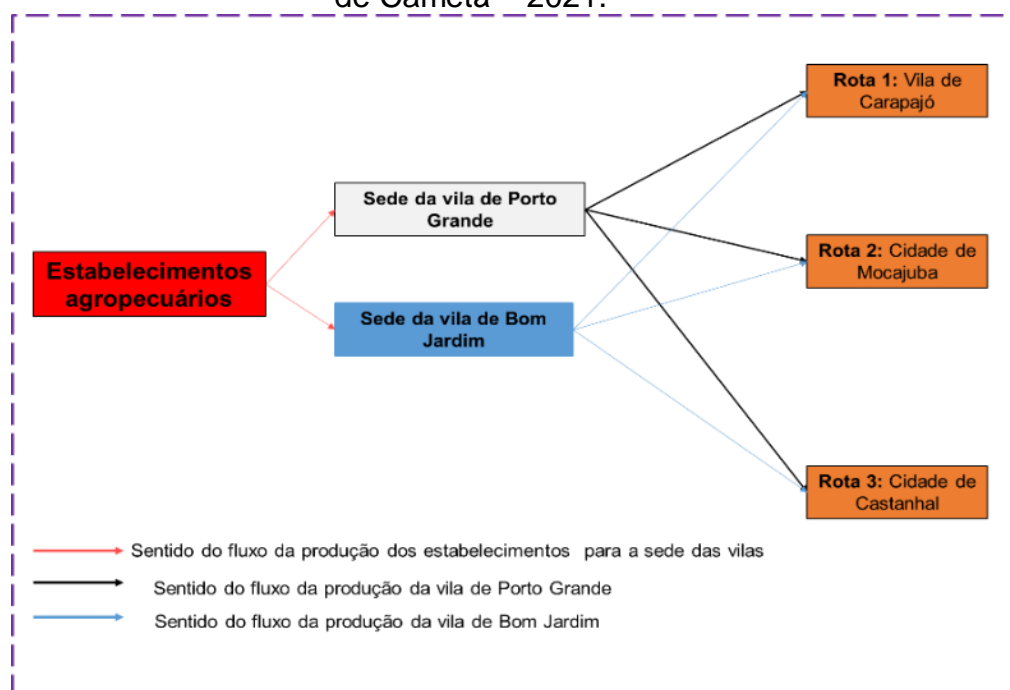
---

<sup>125</sup> Expressão popular utilizada para se referir ao que é precário, sem condições de circulação de vários veículos ao mesmo tempo.

<sup>126</sup> Trecho retirado do Portal de Notícias do governo do estado do Pará (Agência Pará) publicado em 10 de setembro de 2021.

as sedes das vilas, tendo em vista o distanciamento entre as áreas da produção *stricto sensu* e o lugar da comercialização. Com o produto já negociado e transferido para as sedes das vilas, foi constatado que a pimenta do reino segue rotas diferenciadas segundo o comprador-intermediário responsável, foram identificadas **03 rotas de distribuição do produto (Fluxograma 3)**, tanto as vilas de Porto Grande como a de Bom Jardim utilizam as mesmas rotas de distribuição do produto, tendo em vista a atuação dos mesmos compradores nestes espaços, cada uma dessas rotas evidencia as dinâmicas de funcionamento do circuito da pimenta do reino, as quais passaremos a descrevê-las neste sub-tópico.

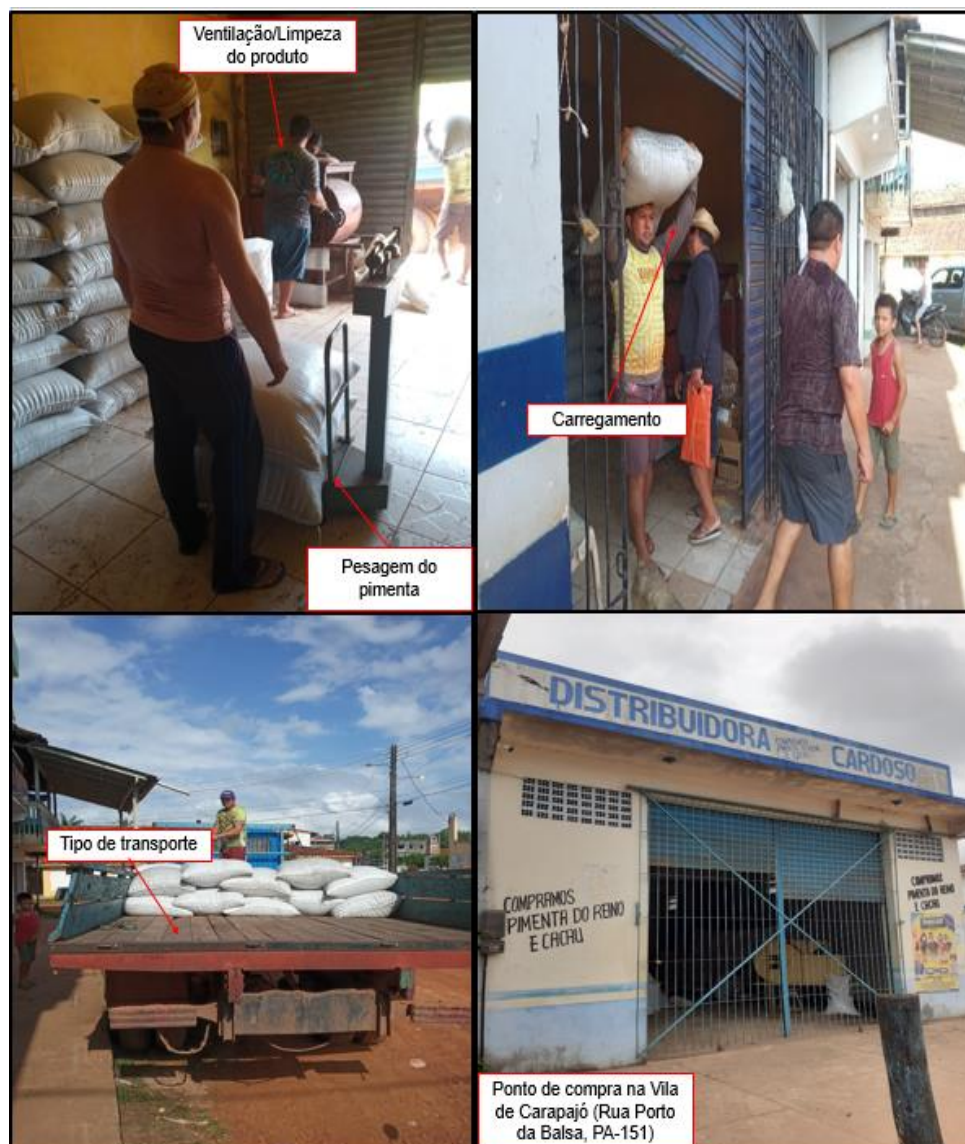
**Fluxograma 3.** Principais rotas de distribuição da pimenta do reino, município de Cameté – 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2021).

A produção de pimenta do reino que é vendida para o comprador-intermediário situado na área urbana de Cameté segue para a vila de Carapajó- distrito, onde está localizado seu ponto de compra, o produto é retirado das vilas produtoras por carregadores em caminhão próprio, cerca de cinco pessoas estão envolvidas nesse processo de transferência entre eles citamos os carregadores, motorista e representante do comprador da cidade (**Figura 27**).

**Figura 27.** Transferência da pimenta do reino da vila de Porto Grande para a vila de Carapajó, município de Cametá - 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2021)

O produto permanece nestes espaços até que se complete a carga para ser novamente comercializado, a presença destes pontos na vila de Carapajó explica-se pelo fato deste distrito ser situado geograficamente próximo aos centros de produção como também pelo fato de não ter que transportar o produto para a área urbana localizada na margem esquerda do rio Tocantins, o que elevaria os custos com o transporte.

**DINÂMICA 2.** Esta dinâmica envolve compradores-intermediários locais e da cidade de Mocajuba, neste caso o produto deixa de ser direcionado para a vila de Carapajó e segue, diretamente para o município vizinho. O comprador se desloca até as vilas para efetuar a retirada dos grãos, esta operação resulta no transporte de

quantidades elevadas necessitando do uso de caminhões de carroceria aberta e baús, o uso desses transportes revelam as condições do espaço e a logística de escoamento da produção (**Figura 28**).

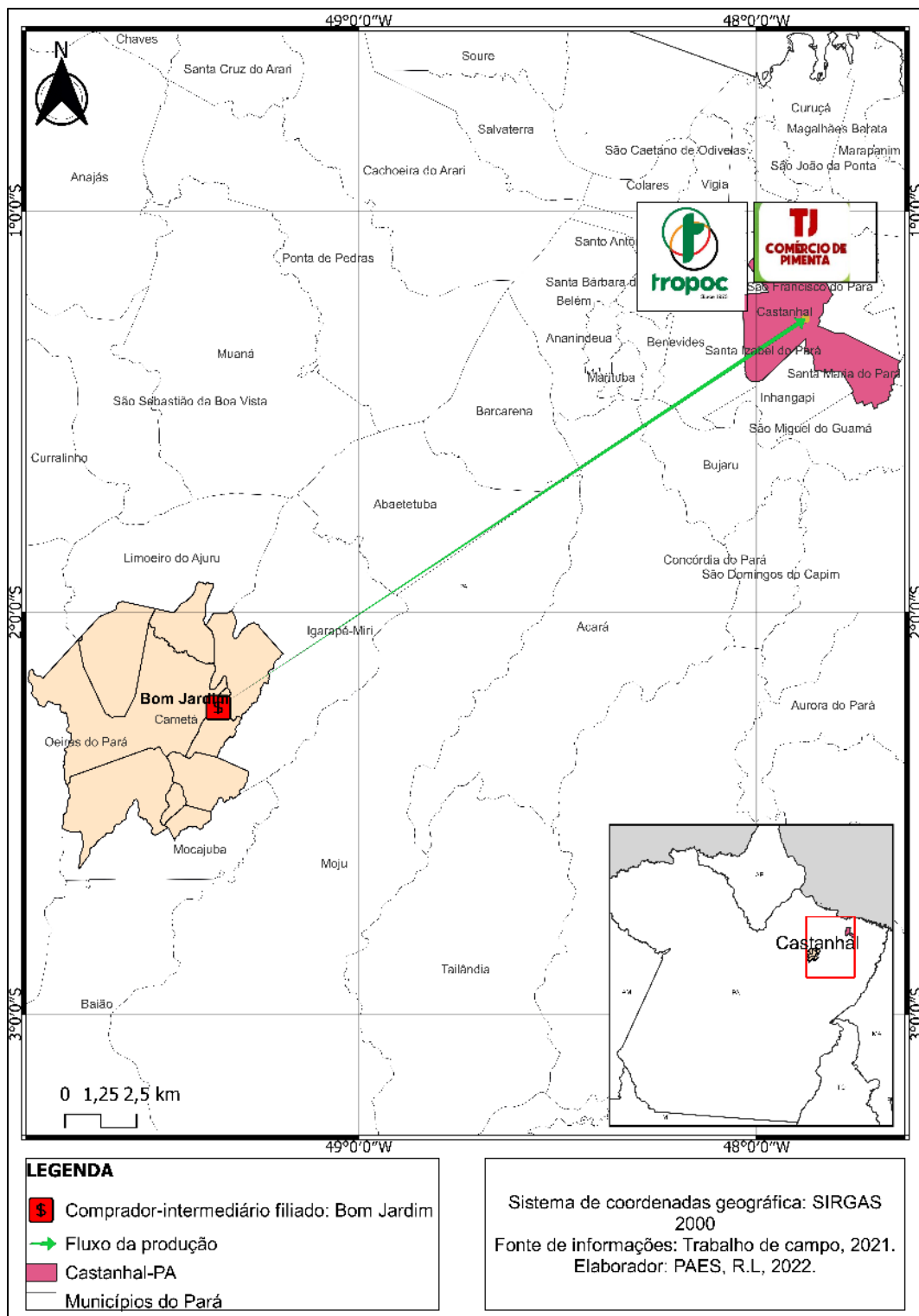
**Figura 28** Carregamento de Pimenta do reino em Bom Jardim com destino a Mocajuba-PA, 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2021).

**DINÂMICA 3-** A terceira dinâmica do circuito espacial da pimenta do reino revela o envio direto da produção, do locus de origem até a sede das empresas exportadora, neste caso o produto é negociado com compradores-intermediários locais que possuem filiação com as empresas exportadoras. A rota de escoamento da produção aponta que o produto é direcionado dos estabelecimentos produtores para as sedes das vilas onde são armazenadas, com a carga completa, este segue diretamente para as empresas exportadoras que se responsabilizam pelo transporte e seguro da carga (**Mapa 12**).

**Mapa 12.** Dinâmica 3 do circuito espacial da pimenta do reino da escala local à microrregional - 2021

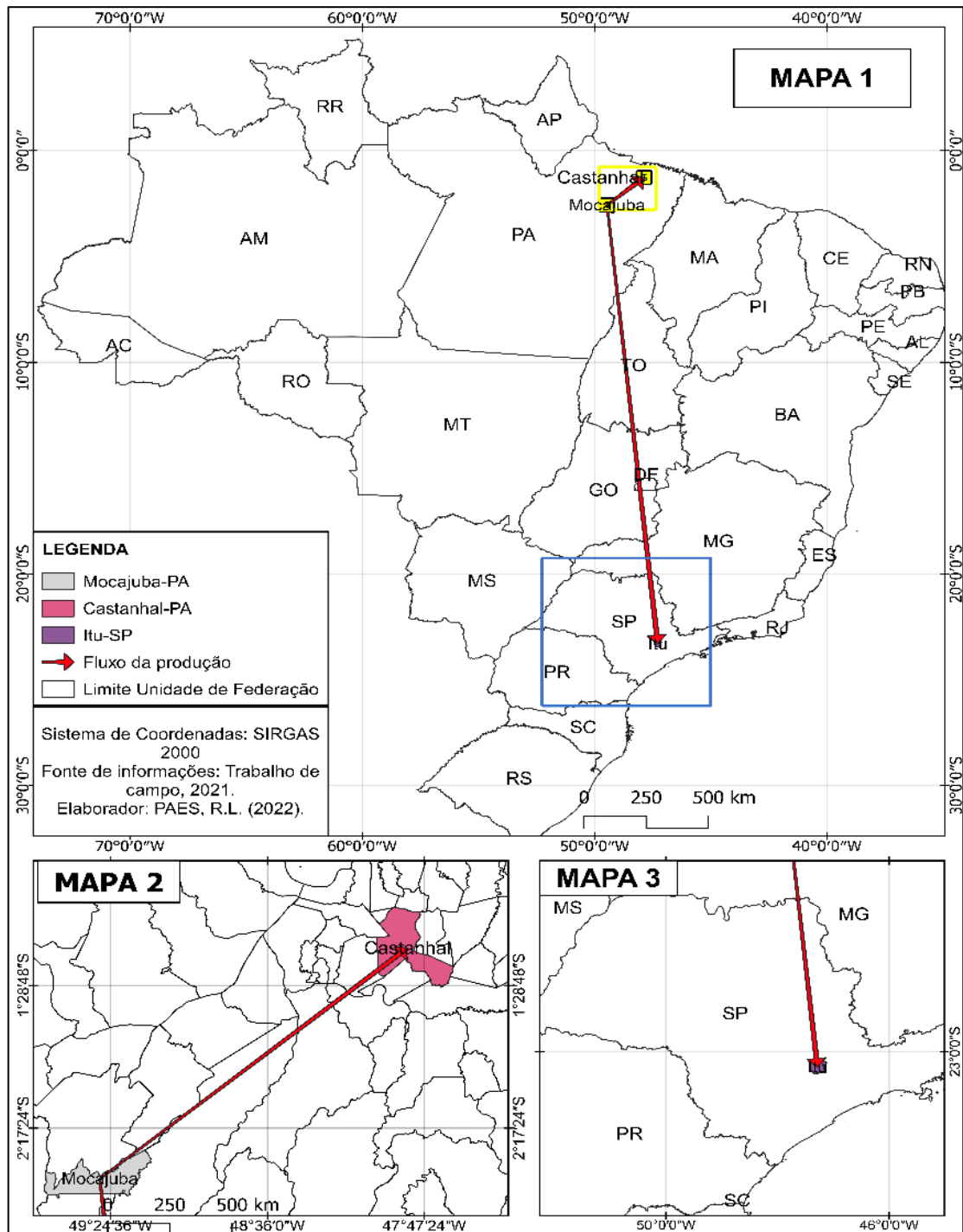


Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2021).

**DINÂMICA 4** – A quarta dinâmica traz em evidências trocas que não se realizam mais no local da produção *stricto sensu*, entre compradores-intermediários da cidade de Mocajuba e empresas exportadoras. Os compradores-intermediários da

cidade de Mocajuba direcionam o produto, comprado nas vilas, para as empresas de exportação, neste caso o produto foi encaminhado para as empresas situadas nas cidades de Castanhal-Pará e Itu-São Paulo (**Mapa 13**).

**Mapa 13.** Dinâmica 2 do circuito espacial da pimenta do reino da escala microrregional a nacional – 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2021).

Para não incorrer numa discussão regional deste circuito em complemento a essa análise se faz necessário destacar a circulação desse produto a escala nacional que seria **5º dinâmica**.

**DINÂMICA 5** - Em análise a escala estadual a dinâmica de funcionamento d do circuito espacial da pimenta do reino coloca em evidência a produção *stricto sensu* no nordeste do estado, onde estão localizados os principais produtores do estado. A presença de empresas exportadoras nos municípios Castanhal, Belém, Ananindeua, conforme visto no Gráfico 10. **Concentração das empresas com atividade de exportação da pimenta do reino por município, estado do Pará – 2020 a 2021.** (P. 137) explica o fato destes municípios centralizarem a circulação da produção no estado do Pará. O município de Castanhal apresenta o maior volume de pimenta do reino<sup>127</sup> exportada pelo estado do Pará, reafirmando a importância deste município na comercialização e circulação da produção (COMEXSTAT, 2021).

Nesta dinâmica de funcionamento foi observado que a pimenta do reino, produzida no estado Pará, comercializada por meio de empresas exportadoras é distribuída de diferentes pontos do território brasileiro para o mercado externo (ALF de Belém, Porto de Santos, Porto de Itaguaí, Porto do Rio de Janeiro, IRF- Porto de Suape, Porto de São Francisco do Sul, IRF- Santana do Livramento, ALF- Uruguiana, Jaguarão, Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos e Santarém) (**Mapa 14**).

---

<sup>127</sup> Para o nível de detalhamento por exportação municipal foram utilizados o Código de SH4-0904 *Pimenta (do gênero piper); pimentos dos gêneros Capsicum ou pimenta, secos ou triturados ou em pé*. Disponível para consulta em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/municipio>. Acesso: 03, outubro de 2021.



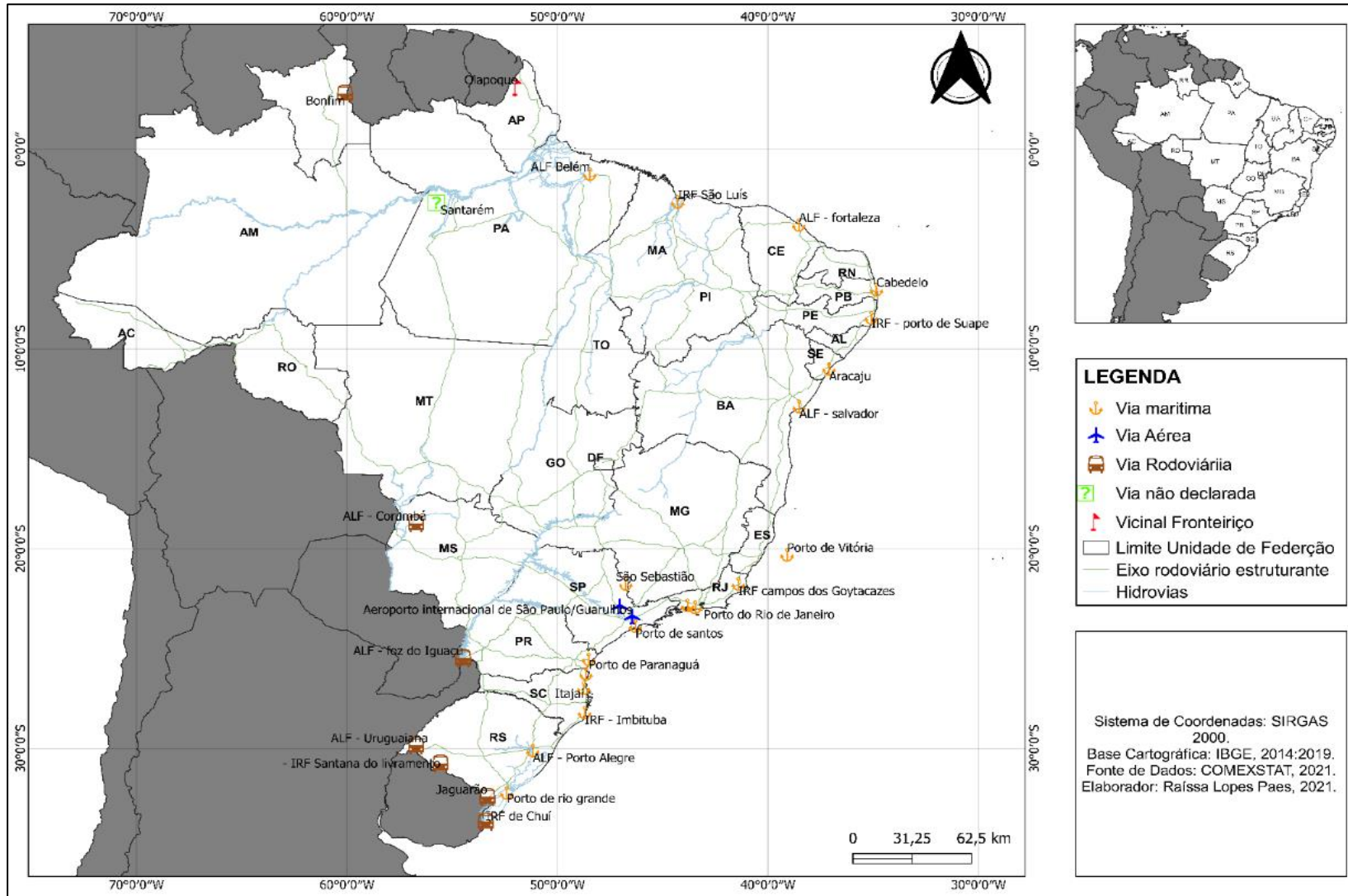
estado do Pará segue por vias marítimas para países da Europa, União Europeia, América do Norte, Ásia dentre os quais destacam-se a Alemanha, Estados Unidos, Países Baixos (Holanda), Vietnã, Índia, Egito e Emirados Árabes Unidos. Dos pontos de distribuição transfronteiriços este produto segue por rodovias internacionais para países da América do Sul (Uruguai e Chile) e um pequeno volume foi despachado por vias aéreas com destino ao Japão (COMEXSTAT, 2021)<sup>128</sup>.

**DINÂMICA 6** – A nível de escala nacional-global pôde-se identificar dois grandes fluxos da produção, um que tem origem no estado do Pará e outro no estado do Espírito Santo (**produção *stricto sensu***), representativos das duas grandes situações da produção de pimenta do reino no Brasil. Quanto a **distribuição** observa-se que produção brasileira segue de pelo menos 30 locais/estados diferentes do território, onde estão localizados os principais complexos portuários (**Mapa 15**).

---

<sup>128</sup> Vide informações no site do COMEXSTAT disponíveis no endereço eletrônico: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral/67514>. Acesso: 03, outubro, 2021.

**Mapa 15.** Principais pontos de distribuição da pimenta do reino produzida pelo Brasil – ano 2021.



Fonte: COMEXSTAT, 2021. Org. Raíssa Paes (2021).

O produto sai do Brasil por duas importantes rotas: **Rota A - Marítima**: que segue o curso marítimo representando 99% da produção exportada pelo país envolvendo grandes complexos portuários. **Rota B - Rodoviária**: que atende países da América do Sul<sup>129</sup>, sendo exportada através dos pontos de fronteiras. A pimenta brasileira segue para, aproximadamente, 94 países<sup>130</sup> sendo a Alemanha, Emirados Árabes Unidos, e Estados Unidos os principais parceiros comerciais neste mercado no ano de 2021 (COMEXSTAT, 2021) (**Tabela 17**).

**Tabela 17.** Principais países importadores de pimenta do reino do Brasil<sup>131</sup>, 2021.

| Países importadores     | Participação na exportação (%) |
|-------------------------|--------------------------------|
| Alemanha                | 15%                            |
| Emirados Árabes Unidos  | 13%                            |
| Estados Unidos          | 11%                            |
| Egito                   | 8%                             |
| Vietnã                  | 8%                             |
| Paquistão               | 8%                             |
| Índia                   | 5%                             |
| Marrocos                | 5%                             |
| Países Baixos (Holanda) | 4%                             |
| Senegal                 | 3%                             |
| Turquia                 | 3%                             |
| México                  | 3%                             |
| Argentina               | 2%                             |
| Itália                  | 2%                             |
| Espanha                 | 1%                             |
| Arábia Saudita          | 1%                             |
| França                  | 1%                             |
| Outros Países           | 9%                             |

Fonte: COMEXSTAT (2021). Org. Raíssa Paes (2021).

Em 2021 a Alemanha foi a principal parceira comercial desta especiaria do mercado de exportação do Brasil, país onde está localizado o grupo FUCHS-GRUPEE, empresa alemã que atua no mercado de indústria alimentícia. Até o início do segundo semestre de 2022 o Vietnã aparece como um dos principais exportadores da piper brasileira (COMEXSTAT, 2022), revelando que este comércio é dinâmico e sujeitos as constantes modificações.

<sup>129</sup> As exportações pelo modal rodoviário é comumente utilizado para os destinos que possuem fronteiras com o Brasil (Uruguai, Paraguai, Chile, Guiana e Bolívia) (COMEXSTAT, 2021).

<sup>130</sup> Período de referência: JAN-NOV de 2021.

<sup>131</sup> Ver lista completa dos países importadores da pimenta brasileira em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral/67515>. Acesso: 03, outubro de 2022.

O circuito espacial da pimenta do reino quando analisado segundo as escalas apresenta dinâmicas próprias e representativas do lugar. A produção cametaense é drenada da escala local até a global onde se realiza a mais-valia, foi observado a atuação, em cada interseção dessas escalas, de diferentes tipos de compradores-intermediários, o envolvimento destes agentes no circuito é revelador de um modelo de comercialização baseado nas trocas de favores. Essa rede de compradores está sempre sobre o domínio de um comerciante/empresário (local e/ou de fora) que mantém contato direto com as empresas exportadoras.

Diante do que foi exposto, observamos que a topologia do circuito espacial da pimenta do reino coloca em evidência cidades por onde circulam os fluxos de pessoas, insumos, mudas, estacas e a própria pimenta do reino. Daí a necessidade de incorporar o conceito de rede, para Dias (2005, p.23) “a ideia de rede certamente ilumina um aspecto importante da realidade – chama a atenção para a complexidade das interações espaciais, resultantes de um conjunto de ações desencadeadas em lugares mais ou menos longínquos”. Deste modo, o circuito espacial da pimenta do reino é um circuito formado por uma rede física composta por estradas, rios e rodovia e simbólica-imaterial formada por compradores-intermediários, a análise conjunta desses elementos dão subsídio para a compreensão da dinâmica dos fluxos (pessoas e mercadorias) no espaço evidenciando assim a interlocução do espaço regional ao nacional-global.

A circulação da produção deixa em evidência a topologia do circuito que reuni em um só feixe, diferentes agentes e lugares, organicamente articulados para que o produto chegue ao consumidor final. As trocas entre e no espaço explicam a dinâmica dos fluxos de matéria prima, pessoas, capitais como já nos evidenciava Santos e Silveira (2020), a análise conjunta permitiu-nos compreender, nas palavras dos autores “[...] o uso diferenciado [...] por parte das empresas, instituições, dos indivíduos e permitem compreender a hierarquia dos lugares desde a escala regional até a escala mundial” (SANTOS; SILVEIRA, 2020, p. 144).

Foi exatamente o que a análise da dinâmica do circuito espacial da pimenta do reino nos proporcionou, foi visto que apesar das mudanças nas dinâmicas ocorridas no arranjo espacial deste circuito no município de Cametá<sup>132</sup>, o desenvolvimento das sub-etapas do circuito espacial da pimenta do reino no município ressalta o papel do

---

<sup>132</sup> A perda do protagonismo da cidade na centralidade na comercialização e circulação da produção para as cidades de Mocajuba e Empresas exportadoras.

lugar em circuitos produtivos globais e não apenas regionais. A escala local-regional a dinâmica de funcionamento apresenta-se complexa e invisível a análise de escala nacional-global, por exemplo, daí a importância de investigar o mesmo fenômeno em diferentes escalas, tendo por finalidade compreender o processo produtivo como um todo levando em consideração que este é, em sua maior parte, multi-fragmentado.

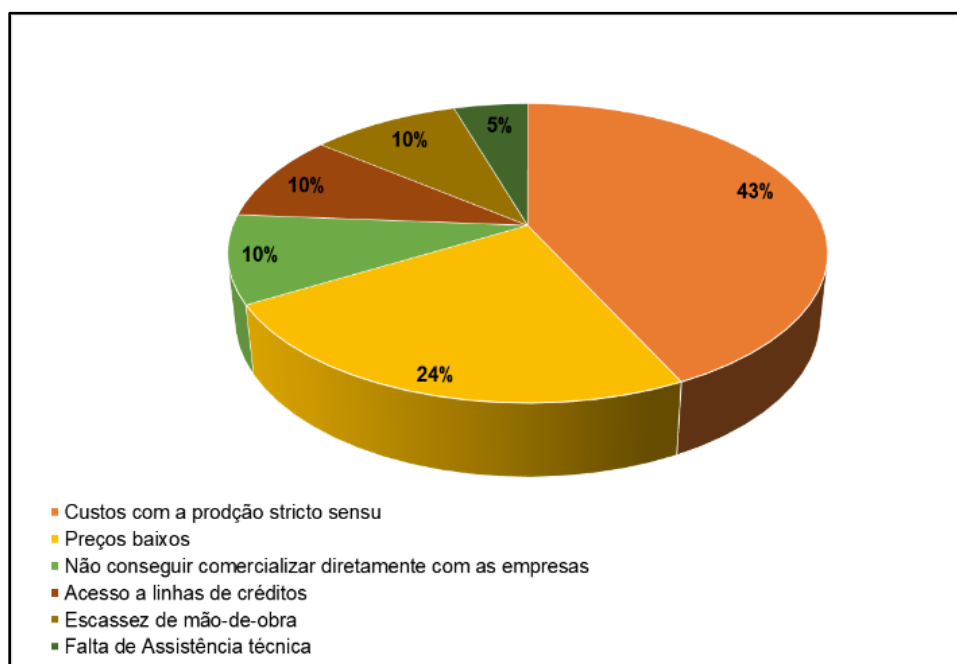
#### 4.5. Implicações na reprodução socioeconômica do produtor de pimenta do reino

*Ninguém fica rico só produzindo pimenta do reino, se alguém disser isso tá mentindo, eu tenho vinte anos nessa lida, fica rico quem vende, que não tem trabalho, não gasta com nada, só chega pega o produto e leva, assim é bom. A gente tem que vender pelo preço que tá porque precisa, quem tem condição de guardar pimenta é bom, mas se a gente não vender e guardar vai sobreviver do quê? (**Produtor de pimenta do reino, Vila Bom Jardim-Cametá-PA**)*

O trecho retirado da fala de um produtor de perfil familiar apresenta a insatisfação desta classe com o desenvolvimento árduo da cultura e o sistema de comercialização dos grãos. E ao analisarmos a organização e dinâmica do circuito espacial da pimenta do reino em Cametá pôde-se identificar fatores que estão relacionados diretamente com a produção *stricto sensu* e comercialização que limitam o produtor de perfil familiar na sua ascensão econômica.

Segundo os produtores os custos com a produção, o preço baixo, o fato de não conseguirem comercializar diretamente com as empresas exportadoras, a dificuldade de acesso a linhas de créditos, a escassez de mão de obra e assistência técnica tem sido pontos críticos no desenvolvimento da atividade (**Gráfico 12**).

**Gráfico 12.** Principais fatores que implicam na lucratividade dos produtores de pimenta do reino das vilas de Bom Jardim e Porto Grande, 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2021)

Dentre os fatores acima mencionados os **custos com a produção** e os **preços** considerados baixos foram os principais fatores destacados pelos produtores, logo, subentende-se que o ponto crítico da atividade está diretamente relacionado a **produção stricto sensu** e **comercialização**, devendo estes ser prioridades nas discussões sobre a atividade no município. De posse desses direcionamentos passemos a explicitar cada um desses mais detalhadamente.

*Custos com a produção* - quanto a produção *stricto sensu* observamos que as principais matérias primas utilizadas na abertura das áreas de cultivos (estacas, mudas e insumos) são compradas em outros municípios, ou seja, no município por si só não há fornecimento necessário desse tipo de matéria prima. O produtor tem domínio somente da mão-de-obra, que por hora é quem dita os preços, o fato da atividade apresentar baixo nível técnico de desenvolvimento e não ter acompanhamento técnico agrícola efetivo, incide diretamente na produtividade dos pimentais. Os altos custos com a produção *stricto sensu* torna a atividade onerosa para o produtor que para reduzir os gastos com os insumos apostam na adubação orgânica como o uso de caroços de açaí, talos de pimenta do reino, esterco e etc., para auxiliar na composição nutricional do solo.

*Preços* – Outro fator de relevância na análise é o fato de o produtor não controlar os preços daquilo que produz, ou seja, é o mercado que impõe os preços no produto do seu trabalho, convertendo-o em mercadoria. Conforme foi descrito anteriormente os preços da pimenta do reino sofrem reduções segundo o nível de comercialização, deste modo, os compradores-intermediários a partir do momento que não tem como expropriar o produtor da produção *stricto sensu* se apropria do produto do seu trabalho e o transforma em lucro.

*Não conseguir comercializar diretamente com as empresas exportadoras* – os compradores-intermediários apesar de não estarem envolvidos diretamente no processo produtivo são privilegiados por esta estrutura de comércio, controlando, parcialmente, os preços para que assim possam conseguir lucros. O Fato de não conseguirem comercializar seu produto diretamente com as empresas implica na renda líquida do produtor, haja vista, que quanto mais compradores-intermediários interpõem-se entre produtor e comprador final e o percentual da renda do produtor reduz-se demasiadamente. Além disso, os produtores dependem dos compradores-intermediários financeiramente para conseguir “empréstimos” para manter os pimentais recorrendo, em alguns casos, a venda da *Pimenta futura* ou *Pimenta na folha* (venda antecipada)<sup>133</sup>. Intensificando o sentimento de estar em dívida com estes compradores consolida a relação de subordinação e interdependência entre esses agentes. Outro agravante que podemos destacar é o fato de os produtores comercializarem o produto ainda *in natura* (**pimenta preta seca em grãos**) sem qualquer tipo de processamento (**pimenta tritura e/ou em pó**), tendo em vista o baixo nível técnico de desenvolvimento da atividade.

*Acesso a linhas de créditos* – 55% dos produtores entrevistados não tiveram acesso a nenhum tipo de linha de crédito, iniciaram o cultivo da pimenta com capitais próprios, os outros 45% dos produtores que tiveram acesso a linhas de créditos, investiram o capital recebido na compra de insumos, estacas, mudas. Segundo as informações obtidas em campo, a primeira forma de acesso a linhas de créditos era direcionada pelo sindicato dos produtores rurais, a ajuda de custeio era fornecida por pares, conforme o relato:

---

<sup>133</sup> São práticas comuns a atividade, o produtor realiza uma espécie de estimativa sobre a quantidade que irá produzir segundo as safras anteriores e o número de pés que tem cultivado, esse tipo de negociação é realizado antes da safra, o produtor recebe o pagamento do produto e no final entrega-o para pagar as dívidas

Uma vez eu entrei, lavoura branca, saiu esse dinheiro, saiu uma pequena importância, era um grupo de 20 pessoas, uma “avalisava<sup>134</sup>” o outro, eu avalisei um produtor aí, foi isso que dificultou para nós, porque muitos não pagaram, a gente ficou com o nome sujo até hoje. Eu fui no banco tentar negociar a conta, mas o outro produtor lá não teve condições de pagar, eu não ia pagar uma dívida que não era minha, isso tá fazendo uns 12 anos (**Produtor de pimenta do reino** em entrevista, Porto Grande, 2021).

Diante dessa situação muitos produtores contraíram dívidas que não eram suas o que fez com que seus nomes fossem incluídos no serviço de proteção ao crédito impossibilitando-os de acessar novamente as linhas de créditos bancárias, isso reforça a permanência da prática de aviamento no período atual. Todavia, muitos produtores que solicitaram linhas de créditos atualmente já o fazem diretamente nas agências bancárias e individualmente desvinculando-se dos compradores-intermediários.

*Escassez de mão-de-obra* – A questão mão-de-obra reside no fato da dificuldade de encontrar pessoas para trabalhar na lavoura o que ocasiona o custo desse fator de produção. Por hora, ainda é um problema citado por poucos produtores, todavia a tendência é que este problema se torne mais intenso daqui há alguns anos, isso porque a contratação de mão-de-obra pode tornar-se mais onerosa com a falta de trabalhadores para esse fim.

*Falta de assistência técnica*- Apesar de haver técnicos agrícolas atuantes nas vilas, não há ações voltadas especificamente para a pipericultura. Recentemente uma das empresas exportadoras têm reunido com produtores desta região para discutir sobre as boas práticas na atividade, instruem os compradores a ressaltar a importância do uso de instrumentos de segurança, para adequação dos espaços de secagem do produto entre outros. Os produtores de pimenta do reino no município são poucos assistidos tanto pelo poder público quanto pelo setor privado. A questão é, não há assistência técnica contínua em todas as sub-etapas do processo produtivo.

O conjunto de fatores acima relacionados resultam em uma situação geográfica específica da produção e comercialização da pimenta do reino no município de Cametá que reproduz a lógica produtiva global que separa produtor do resultado do seu trabalho, o produtor não controla a produção *stricto sensu* e é afetado pelos altos custos com a produção, a questão dos preços e pela própria estrutura do comércio intermediário que distancia o produtor das empresas exportadoras, tudo isso contribui para que a acumulação do capital se realize na circulação da produção.

---

<sup>134</sup> Expressão utilizada como sinônimo de avalista.

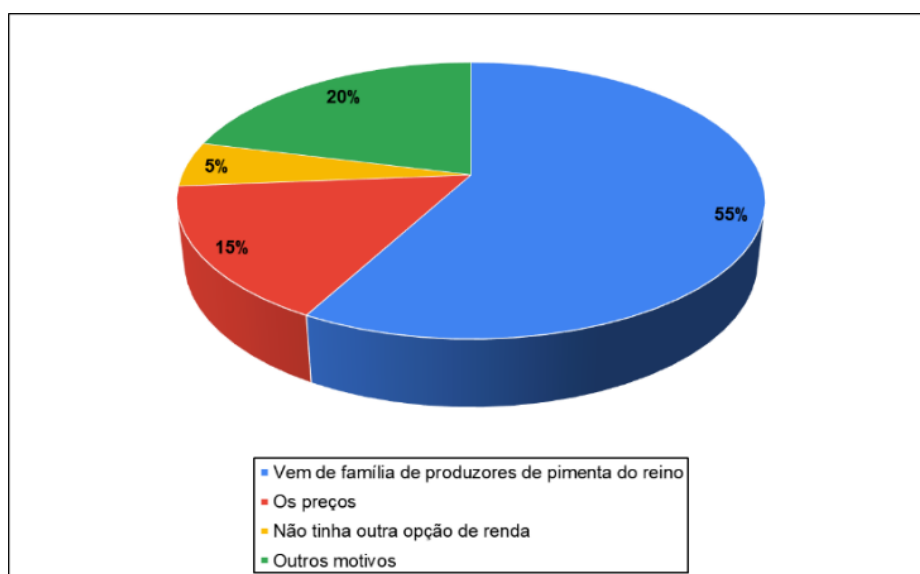
Questionados sobre o que era preciso ser feito para que a produção de pimenta do reino se tornasse mais rentável, os produtores destacaram as altas nos preços, o acompanhamento técnico agrícola, ampliação de novas áreas de cultivos, apoio financeiro e a formação de uma cooperativa. Esta última seria o ideal para romper com a dependência que há com os compradores-intermediários, com a criação da cooperativa se tornaria viável negociar o produto diretamente com as empresas exportadoras e/ou até mesmo, vender diretamente para o mercado externo.

A pimenta aqui nós, somos explorados, é só para o atravessador, eu participei de um encontro lá no Curuçambaba e eles disseram que a gente precisa vender a produção a nível de cooperativa. A gente vende a pimenta nossa para o atravessador, aí quem ganha com isso? São eles! Se hoje a gente for aí fora e perguntar quem planta pimenta do reino em Cameté, aparece eles (Laudelino, Dico, Edil), nós não valemos nada bem dizer, porque eles que vendem para as empresas, bem dizer que eles são os produtores (**Produtor de pimenta** em entrevista, Bom Jardim, 2021).

Os produtores já cogitaram na ideia de montar uma cooperativa, todavia essa iniciativa não tem ganhado força entre os demais pelo fato de muitos não se sentirem confiantes em entregar toda sua produção nas mãos de um único grupo de produtores.

Apesar dos fatores aqui discutidos continuar produzindo pimenta do reino excede a razões econômicas, a maior parte dos produtores iniciaram na atividade muito cedo, acompanhando os pais e reproduzindo o ideal de que só a pimenta do reino é capaz de gerar renda (**Gráfico 13**).

**Gráfico 13.** Razões pelas quais os produtores de Bom Jardim e Porto Grande foram motivados a produzir pimenta do reino, 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2021)

Indagados sobre o que motivou os produtores a produzir pimenta do reino, 55% dos entrevistados não tiveram escolha, cresceram em lares de produtores e desde pequeno foram “ensinados” a trabalhar com a cultura. Para 15% dos entrevistados a motivação foi pelos preços do produto, tendo sempre períodos inesperados de altas. Já para 5% dos produtores começaram a desenvolver a atividade devido à falta de opção, durante os relatos foi possível observar que para os produtores ‘é difícil emprego para gente, não dá para viver só de auxílio” (**Produtor de pimenta do reino** em entrevista, Porto Grande).

Entre as razões que motivaram 20% dos entrevistados destacam-se aqueles que começaram a cultivar após irem trabalhar em Tomé-Açu, por ser uma cultura de boa adaptação ao solo, por incentivo de outros produtores e, também, pelo fato de produzir pimenta do reino possibilitar o acesso a empréstimos com os compradores-intermediários, ou seja, “pelo crédito que a pimenta dá, o cara tem pimenta do reino tem financiamento na hora” (**Produtor de pimenta do reino** em entrevista, Porto Grande, 2021).

Em outras falas é possível encontrar semelhanças “a pimenta do reino te traz crédito, se tu chegar nesse pessoal que compra pimenta tu consegue na hora porque eles sabem que a pimenta dá dinheiro, não é que nem o açaí com a farinha, tu podes tá com a casa cheia, que não tem o mesmo valor que a pimenta” (**Produtor de pimenta do reino** em entrevista, Bom Jardim, 2021).

As razões pelas quais os produtores continuam a desenvolver a atividade reside no fato de não existir outro produto que possua a mesma liquidez e que possa ser armazenado por um longo período e, que possibilite ao produtor adquirir bens. Esse pensamento vem sendo reproduzido no núcleo familiar dos produtores de pimenta do reino que continuamente abrem novas áreas de cultivos, conforme a narrativa - “uma que eu sempre falo, é os terrenos que eu já comprei, propriedades, já mandei fazer um barco, construir essa casa que se não fosse pimenta eu não tinha” (**Produtor de pimenta** em entrevista, Bom Jardim, 2021) (**Figura 29**).

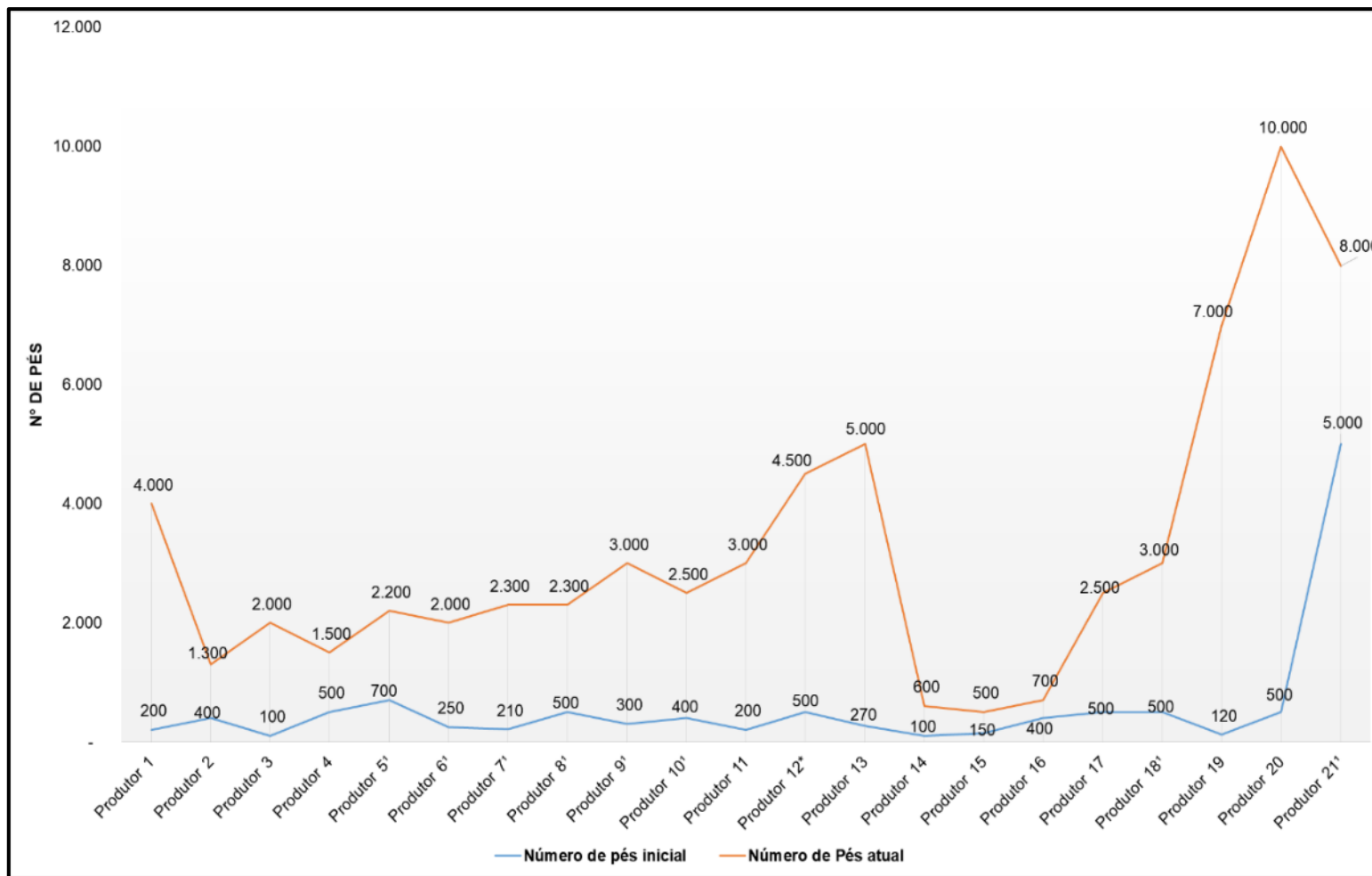
**Figura 29.** Garagem de um produtor de pimenta do reino com perfil familiar na vila de Porto Grande, Cametá/PA - 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes (2021)

A estrutura do comércio da pimenta do reino tem permitido níveis diferenciados de acumulação do capital em forma de bens duráveis e não duráveis, tanto os produtores com perfil familiar como os de perfil empresarial-rural voltam a reinvestir na atividade, todavia os produtores com perfil empresarial-rural buscam investir em atividades ligadas ao comércio, para usar a expressão dos economistas, possuem “giro de caixa”, ora o capital subsidia a produção *stricto sensu* ora esta subsidia atividades do comércio. Já os produtores com perfil familiar investem o capital em terrenos, melhorias nos estabelecimentos agropecuários, veículos e na própria produção. Apesar dos fatores que limitam a ascensão do produtor de pimenta do reino vê-se que há uma tendência a ampliação das áreas de cultivos (**Gráfico 14**) consolidando sua permanência na atividade e no campo.

**Gráfico 14.** Evolução do número de pés cultivados pelos produtores participantes da pesquisa, Bom Jardim e Porto Grande, município de Cameté- 2021.



Fonte: Trabalho de campo, 2021. Org. Raíssa Paes, 2022. **Nota:** Número de pés atual com ano de referência 2021, período em que se realizou o trabalho de campo.

Os produtores não se veem fora da atividade, produzir pimenta é sinônimo de facilidade de empréstimos segundo o sr. Raimundo de Bom Jardim. O sr. Antônio, de Porto Grande, revela que nunca pensou em deixar a atividade pelo simples fato de gostar de plantar, de gostar de estar entre as pimenteiras, de sentir o cheiro da pimenta seca, de acordar cedo e ir para o pimental. Para o sr Lairton, também de Porto Grande, só uma doença o impossibilitaria de plantar pimenta, segundo o sr Aclemilson não existe outra cultura à altura da pimenta do reino. Mas, para o sr. José Raimundo de Bom Jardim se os preços da pimenta “baixar muito” ele deixaria de produzir pimenta, é melhor ficar no comércio do que só ficar gastando e não ter retorno.

Há uma visão romantizada da produção, chegando a compará-la como um “vício”, a partir do momento que se dá o início ao cultivo dos primeiros pés a tendência é continuar pois, não importa se está lucrando ou não, produzir pimenta faz parte da história desses produtores. Para outros, produzir pimenta só é válido enquanto há geração de renda suficiente para manter a atividade, o núcleo familiar e renda líquida livre dos gastos com as despesas, a partir do momento que os gastos excedem a capacidade de ganhar dinheiro é preferível desenvolver outras atividades, mas isso só é possível para aqueles que possuem outras fontes de renda. Para o sr. Antônio “de lá de Porto Grande”, que cresceu em meio ao pimental e não tem outra alternativa, produzir pimenta, lucrando ou não, é a única opção!

Em suma, a permanência desta situação reafirma a ocorrência de vulnerabilidade socioeconômica dos produtores de pimenta do reino, principalmente por falarmos de uma atividade desenvolvida em sua maior parte em sistema monocultor. Ao longo da história foi constatado que a pipericultura é marcada por inconstâncias produtivas e de mercado (oferta e demanda) tudo isso é posto para segundo plano quando se anseia pela valorização do “ouro negro” da Amazônia e idealização de uma cultura “carro-chefe” capaz de mudar significativamente as condições econômicas dos produtores caso venha a alcançar altas nos preços.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Sem dúvidas a parte mais difícil de redigir deste trabalho fora as considerações finais, vimos que produzir, trocar e consumir são os pilares da economia globalizada. Produzir em larga escala, comercializar em larga escala para um consumo em larga escala são sinônimos dessa fase do capitalismo. Contudo, o processo produtivo é fragmentado, “unindo” espaços por meio das trocas, daí a importância das teorizações sobre o circuito espacial produtivo, em razão da proposição de uma pesquisa que objetiva compreender o espaço regional na sua interlocução com processos mais amplos, que escapam o lugar da produção *propriamente dita*, como já nos antecipava Antônio Carlos Robert de Moraes (1985).

A globalização da produção e do consumo tem projetado a idealização de um espaço uno, em que as distâncias não são mais uma fronteira intransponível, daí o aprofundamento da divisão territorial do trabalho e a intensificação das trocas entre os lugares. Milton Santos destaca as três faces dessa globalização, uma globalização que é produzida pelos agentes hegemônicos do capital e que tem disseminado a fantasia de um espaço movido pela instantaneidade das trocas, a sensação de proximidade é vista como progresso econômico e que beneficia a todos um espaço homogêneo, “como se o mundo se houvesse tornado, para todos, ao alcance da mão” (SANTOS, 2006, p. 9), o que não é verdade, seria a globalização como *fábula*. A outra face da globalização resulta em problemas econômicos-sociais cada vez mais presentes quando analisamos as particularidades, gera desemprego, pobreza local, “todas essas mazelas são, direta ou indiretamente, imputáveis ao presente processo de globalização” (*ibdi*.p.10) é a face *perversa* da globalização, que não expropria o produtor do processo produtivo, mas que o separa do produto, que o coloca a margem da mais-valia e que limita sua ascensão econômica. E por fim a globalização como *possibilidade*, em suas palavras:

[...] podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa de que falamos acima. Mas, essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas ao serviço de outros fundamentos sociais e políticos. Parece que as condições históricas do fim do século XX apontavam para esta última possibilidade. Tais novas condições tanto se dão no plano empírico quanto no plano teórico (IBIDI. 2006, p. 10).

Compreender a economia a partir dos olhares da geografia é uma tarefa árdua, mas que a partir das teorizações dos circuitos espaciais produtivos trouxe para os cientistas sociais a oportunidade trabalhar o objeto de estudo a partir do espaço geográfico. A partir das trocas foi possível compreender a luz do ramo produtivo as interações sócio-espaciais que nos ajudaram a compreender a dinâmica de funcionamento deste circuito espacial.

No caso deste circuito a produção *stricto sensu* está diretamente conectada a outros circuitos de onde provém as matérias primas e insumos utilizados na atividade, é uma atividade situada geograficamente (global, nacional e local), o produto oriundo desta produção é consumido em diferentes partes do globo, sendo utilizados pelas indústrias alimentícias, farmacológicas, cosmética e entre outras. Há, portanto, diferentes formas de consumir pimenta do reino, haveria também diferentes formas de produzi-la? Quando analisamos o mesmo fenômeno em diferentes escalas é possível identificar fatores que diferenciam uma produção da outra, aspectos históricos, técnicos-produtivos, econômicos, políticos, edaforclimáticas, entre outros.

Isto explicam os “porquês” da produção cametaense ser produzida e comercializada neste modelo no período atual, do mesmo que quando analisamos a produção a escala nacional encontramos duas grandes situações. Para efeito de recapitulação das ideias principais do trabalho, discutimos um circuito onde a capacidade de ganho (renda) dos agentes econômicos é diferenciada, podemos destacar algumas conclusões:

#### **1. Quanto a produção *stricto sensu***

- O processo produtivo envolve produtores com diferentes perfis (perfil familiar e empresarial-rural);
- Os produtores com maior capacidade de ganho na atividade são aqueles que conseguiram movimentar o excedente da produção para outros ramos produtivos (comércio, por exemplo);
- A produção de pimenta não possibilita retorno imediato dos capitais investidos;
- A maior parte das matérias primas (estacas, mudas e insumos) não são oriundos do lugar da produção;
- É uma atividade intensiva em uso de fertilizantes e mão-de-obra;

- O processo produtivo escapa ao controle dos produtores que se veem dependentes dos compradores-intermediários para provimento de capitais e matérias primas;
- É uma atividade com baixo nível técnico de desenvolvimento, ainda pouco assistida do ponto de vista do acompanhamento técnico-agrícola tanto pelo setor público como pelo setor privado.

## **2. Quanto à comercialização do produto:**

- A estrutura de comercialização da pimenta do reino coloca em evidência diferentes tipos de compradores-intermediários (situados nas próprias vilas; na área urbana de Cametá; e em outros municípios - Mocajuba, Baião e Castanhal) a maior parte dos que residem em Cametá atuam na informalidade (sem registros empresariais (CNPJ));
- Apesar da existência de diferentes compradores-intermediários as empresas exportadoras são as principais absorvedoras da produção das vilas analisadas;
- As vilas concentram os fluxos da produção e comercialização do produto;
- A dinâmica do circuito espacial da pimenta do reino apresenta diferentes níveis de comercialização: local, microrregional, mesorregional, estadual, nacional e global;
- A nível microrregional, a cidade de Cametá perdeu a centralidade que tinha no comércio do produto para a cidade de Mocajuba-PA em consequência da abertura de estradas e cooperação dos compradores-intermediários locais com compradores situados fora do município e até mesmo com empresas exportadoras;
- A nível de comercialização local os compradores-intermediários locais são os principais canais de comercialização do produto;
- A nível microrregional e mesorregional, os compradores-intermediários da cidade de Mocajuba, por exemplo, tem concentrado a comercialização do produto;
- A nível mesorregional, observa-se que Castanhal-PA tem atraído a produção de pimenta do reino por sediar um número expressivo de empresas exportadoras;

- A nível nacional, o estado do Pará se apresenta como o segundo maior produtor e exportador de pimenta do reino do Brasil, a notoriedade da produção paraense tem ganhado visibilidade tanto no mercado nacional como no mercado internacional;

### **3. Quanto à distribuição do produto**

- As vilas são os primeiros polos de distribuição do produto, tendo em vista que a produção sai dos estabelecimentos agropecuários para suas sedes, de onde são despachadas segundo o comprador;
- A nível microrregional a cidade de Mocajuba é um importante polo de distribuição da produção do Baixo Tocantins;
- A nível mesorregional Castanhal-Pa centraliza a distribuição da produção paraense em conjunto com demais municípios da região metropolitana de Belém;
- A topologia do circuito espacial da pimenta do reino deixa em evidência a participação das cidades paraenses (Mocajuba-PA e Castanhal-PA) e paulista (Itu- São Paulo) como nós na distribuição do produto da escala local a nacional;
- O produto segue, principalmente, por estradas (de terra) e rodovia (cobertura asfáltica);
- O produto sai dos pontos de compra das vilas (Porto Grande e Bom Jardim) e segue rotas diferenciadas, podendo ser direcionada para a vila de Carapajó (Cametá-PA), cidade de Mocajuba-PA e cidade de Castanhal-PA.
- Da cidade de Mocajuba-Pa o produto segue para as cidades de Castanhal-PA e Itu-SP.

Parte do processo produtivo é desenvolvido no município de Cametá que reúne condições edafoclimáticas favoráveis aos cultivos de pimenta do reino, apresenta um conjunto de produtores que apesar das limitações técnicas continuam a desenvolver a atividade e pela existência de uma estrutura de comercialização herdada da economia da borracha que faz com que essa produção saia da escala local e alcance a escala mesorregional e nacional.

Antes da abertura dos eixos rodoviários, a cidade de Cametá tinha centralidade da troca e na circulação da produção, após a abertura dos eixos rodoviários (PA-151) a mesma perde essa posição privilegiada para a cidade de Mocajuba e para as

empresas exportadoras. Os compradores-intermediários locais deixaram de fazer essa mediação, exclusivamente, com os compradores-intermediários localizados na área urbana e passaram a negociar com compradores-intermediários das cidades de Mocajuba, Baião e Castanhal e, até mesmo, diretamente com as empresas exportadoras. Tal mudança é vista como um ponto positivo, pois como bem colocou Braudel (2009) nos processos de trocas extensas envolve um número expressivo de pessoas e quanto mais se alongam, mais longe estará do controle local.

Ao final concluímos de que a hipótese foi, parcialmente, comprovada pois, apesar da atividade produtiva ser considerada arriscada ao produtor familiar do ponto de vista produtivo, a mesma continua sendo determinante na sua reprodução socioeconômica. Tem sido rentável para produtores com perfil familiar que com raras exceções conseguem a acumulação de capital em forma de bens duráveis e não duráveis e lucrativa para os produtores com perfil empresarial-rural que as têm como um investimento a longo prazo, não dependendo dela exclusivamente. Entende-se que as implicações socioeconômicas não resultam apenas da dinâmica do circuito espacial produtivo, que é global, mas de um conjunto de fatores que emergem tanto da produção *stricto sensu* como da *comercialização*.

A pimenta do reino não é uma produção urbana, é uma produção que chega à cidade por meio de compradores intermediários (locais, de fora e/ou da cidade) que possuem dupla ligação que os coloca em contato direto com os produtores de pimenta e com as empresas de exportação. A partir da análise da dinâmica do circuito espacial da pimenta do reino observamos que a topologia do circuito possui pontos na cidade (Cametá, Mocajuba, Castanhal e etc), já na região da cidade<sup>135</sup> as empresas exportadoras que, também, possuem características de agroindústrias, desenvolvem outras sub-etapas do circuito que envolvem alto nível de capital, tecnologia e ciência (Pós-Beneficiamento, pesagem, granulometria, coleta de amostragem, análises laboratoriais e exportação do produto). A distribuição do produto é desconcentrada espacialmente e segue de diferentes pontos do território brasileiro até se interconectar com circuitos globais.

Ao nível de análise local a dinâmica do circuito no município de Cametá é o lugar de atuação dos produtores, carregadores, colheitadores e compradores intermediários, o espaço de negociações informais, livres de papéis e notas fiscais,

---

<sup>135</sup> Quando usamos a expressão “região da cidade” estão nos referimos aos locais onde situam-se as sedes ou filiais de empresas de exportação, não a área urbana de Cametá.

baseadas nas relações de confiança. Enquanto que, apesar, das empresas de exportação não dominarem, totalmente, as sub-etapas iniciais do circuito definem como e de que forma a atividade precisa ser desenvolvida, monopolizam o comércio e controlam a circulação da produção, estabelecendo assim uma relação de subordinação, complementação e interdependência entre esses agentes.

Esta temática por si só daria um trabalho à parte, a partir do momento que nos questionamos *como este circuito se articula dentro da cidade?* Daí a proposição de novas pesquisas para discutir o tema sobre os direcionamentos dos circuitos da economia urbana proposto por Milton Santos (1979;2006;2009) onde se pode vislumbrar nexos entre o circuito produtivo, que é global, e os dois circuitos da economia urbana.

Foi analisado um circuito que se expande e incorpora diferentes frações do território local, nacional e global, vimos que é na circulação que aprece os agentes da etapa da troca que acaba sendo extensa e envolvendo diferentes tipologias de agentes e empresas. Recentemente muito se tem falado em circuito-curtos, definidos pela venda direta entre produtor e comprador-final, buscando ao máximo reduzir o número de intermediários no processo da troca (NAMDAR *et al.*, 2014 ). Para Bava,

Os circuitos curtos buscam que a produção e o consumo, sempre que possível, se dêem no mesmo território, beneficiando sua cidade ou região. Não se trata apenas de encurtamento de distâncias, mas de estruturar uma economia de empresas locais, pequenas e grandes, que estimulem a circulação de riqueza no local, articulem cadeias produtivas, absorvam a mão de obra local, necessitem pouco capital e utilizem baixa tecnologia, abrindo espaço para que estas iniciativas sejam também empreendimentos populares (BAVA, 2012, p.181)

A este conceito está vinculado a ideia de produzir no lugar e realizar no lugar é uma proposta que para este circuito é uma realidade longe de se concretizar isso porque **1.** O comércio da pimenta do reino reproduz uma tendência de um mercado que pressupõe a existencia do comprador-intermediário; **2.** A pimenta do reino é considerada uma *commodity* agrícola com preços regidos pelo mercado externo sendo este, também, o destino da produção; **3.** A estrutura do comércio da pimenta do reino em Cameté atual tem relação direta com o sistema de aviamento praticado na região amazônica; **4.** Há uma dependência, econômica e moral, do produtor em detrimento dos compradores-intermediários, que na ausência de políticas públicas efetivas para atividade acaba assumindo a função de regulador do comércio local;

Os agentes envolvidos no circuito que possuem maior capacidade de acumular capitais são os produtores com perfil empresarial rural e compradores-intermediários

(locais e/ou de fora) que, também, acumulam capitais em forma de terrenos, postos de gasolinhas, lanchas, automóveis, comércio sem ao menos obter nenhum custo com a produção *stricto sensu* e sim apenas administrando os riscos decorrentes da compra que envolve a variação de preço e inadimplência do financiamento de determinados produtores.

Dito isso, uma série de fatores listados acima levaram à situação geográfica específica da produção e comercialização da pimenta-do-reino em Cametá, a lógica de produção global que separa os produtores de seus resultados de trabalho, que não controla rigorosamente a produção, altos custos de produção, questões de preço, fatores como a estrutura de comércio intermediário que distancia os produtores das empresas compradoras transferiu a acumulação de capital para a circulação da produção.

Diante do que foi observado, relatado e discutido pesa sobre nossos ombros tecer considerações sobre algumas medidas que podem ser tomadas para mitigar os efeitos da estrutura produtiva e da comercialização no produtor situado no município investigado.

Notamos que o cultivo de pimenta do reino no município de Cametá ainda é desenvolvido em sistema monocultor e isso faz com que os produtores obtenham renda somente uma vez ao ano, intensificando ainda mais a sua dependência da produção de pimenta do reino. É importante destacar que a primeira experiência com a monocultura da piper no estado do Pará foi em Tomé-Açú sendo substituída após anos de crises produtivas causadas pelas doenças. Os produtores deste município percebendo que só o cultivo de pimenta do reino não era o suficiente para prover renda para os produtores, deram início ao cultivo consorciado, que foi inspirado em ribeirinhos daquela região (SHIBATA, 2021).

A experiência dos SAFTAS- Sistema Agroflorestal de Tomé-Açú é um exemplo de como o cultivo de vários produtos agrícolas em um mesmo espaço tem gerado aos produtores renda durante todo ano (curto, médio e a longo prazo). A implantação desse tipo de cultivo nas vilas se torna uma solução viável, a longo prazo, tendo em vista que o processo é lento dependendo do tipo de produto e capitais a ser investido. Este tipo de cultivo é uma possível resposta para o problema colocado como “falta de opções de renda” visto pelos produtores como motivo de iniciar e continuar produzindo pimenta do reino mesmo em tempos em que esta se torna economicamente menos rentável. Já é possível observar o cultivo consorciado em algumas áreas de produção

nas vilas, todavia, é preciso intensificar e consolidar essa ideia entre os produtores, para que assim se reduza a dependência, exclusiva, do produtor familiar da produção de pimenta do reino e amplie as variedades de cultivos nesta região.

Quanto à comercialização do produto entende-se que a implantação de uma cooperativa ainda é uma realidade longe de se realizar, mas enquanto isso não se materializa os produtores podem se unir (cooperar entre si) para comercializar o produto em larga escala. Tendo em vista que individualmente não possuem quantidades produzidas suficiente para comercializar diretamente com as empresas exportadoras. Paralelamente a isso, a cooperação entre os produtores seria benéfica, também, para a compra de insumos e mudas, reduzindo os custos com atividade elevando assim a renda dos produtores.

Propomos que sejam pensadas e executadas estratégias de valorização do produto e do território a partir da realização de feiras, amostras culturais, festivais, tais como é realizado em diversas regiões do território brasileiro e que geram agregação de valor do produto e possibilidades de venda no próprio local. Poderíamos ter em Cametá, ou nas vilas de Porto Grande e Bom Jardim, o *Festival da pimenta do reino?* Semana festiva com atrações culturais locais e apresentação do produto *in natura*, pratos típicos e entre outros, assim como se tem o *Festival do Açaí*, em Limoeiro do Ajuru, *Festival do Camarão* em Oeiras do Pará.

No que se refere as políticas públicas se faz necessário que o poder público municipal atue com mais frequência no campo e em cooperação com os produtores de pimenta do reino, principalmente nos pontos mais críticos que são enfrentados no exercício da atividade. Vimos que a SEMADRE já iniciou esta parceria fornecendo máquinas de arado para preparo do solo em algumas propriedades, a atuação pode estender-se, também, no fornecimento de insumos/adubos para os produtores, suporte técnico mais eficaz. Quando a fluidez do território para escoamento da produção o melhoramento das estradas e vias (cobertura asfáltica, construção de pontes). Na área da pesquisa é a parceria entre poder público, instituições de ensino atuantes no município para a formação de projetos de extensão e técnicos para atuarem mais efetivamente nessas áreas.

De todo modo, esperamos que esta pesquisa de alguma forma direcione outras pesquisas, que surjam outras discussões e que consigamos, a partir da ciência, contribuir para mudar nossa realidade e a realidade de quem investigamos!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Fernando Carneiro de; CONDURÚ, José Maria Pinheiro. **A cultura da pimenta do reino na região amazônica**. Belém: Instituto de Pesquisa Agropecuária do Norte (IPEAN), 1971.

\_\_\_\_\_. ET AL. **Pimenta-do-reino: Recomendações básicas para seu cultivo**. Belém: EMBRAPA-UEPAE DE BELÉM, 1989. 42 p. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/382652/pimenta-do-reino-recomendacoes-basicas-para-seu-cultivo>. Acesso em: 05 de janeiro 2022.

ANDER, Ezequiel. El método científico. *In*: ANDER, Ezequiel **Introducción a las técnicas de investigación social**. Argentina: Hvmantas, 1978. cap. 1, p. 270.

ARROYO, Mônica. A economia invisível dos pequenos. **Le Monde Diplomatique**, outubro 2008. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-economia-invisivel-dos-pequenos/>. Acesso em: 15 de abril 2021.

ASSOCIAÇÃO RECREATIVA ESPORTIVA CULTURAL ACLIMAÇÃO- ARECA. Caminho dos Imigrantes Japoneses - Brasil, século 20. **ARECA**, São Paulo, p. 47, 19 março 2021. Disponível em: Disponível em: <https://docplayer.com.br/291477-Caminho-dos-imigrantes-japoneses-brasil-seculo-20.html>. Acesso em: 19 e março 2021.

BARBOSA, Francisco Benedito da Costa; FALESI, Ítalo Cláudio. Modernização da agricultura e desenvolvimento do Pará. **INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA EM DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL- IPADES**, Belém, 2011. Disponível em: <https://www.ipades.com.br/publicacoes/MODERNIZACAO-DA-AGRICULTURA-DESENVOLVIMENTO-DO-PARA.pdf> Acesso em: 15 de abril 2021.

BARRIOS, Sonia. Dinamica social y Espacio. **IX Curso de Postgrado en Planificacion Del Desarrollo**, Venezuela, p. 18, Enero 1980.

\_\_\_\_\_. Dinâmica social do espaço. **Boletim Campineiro**, Campinas, v. 4, p. 18, 2014.

BAVA, Silvio Caccia. Circuitos curtos de produção e consumo. *In*: STIFTUNG, Heinrich Böll **Um campeão visto de perto: Uma análise do modelo de desenvolvimento brasileiro**. Heinrich Böll Foudation, 2012. p. 178-187.

BONTEMPO, Márcio. **Pimenta e seus benefícios à saúde**. São Paulo: Alaúde, 2007.

BRAUDEL, Fernand. **A dinâmica do Capitalismo**. Rio de Janeiro: ROCCO, 1987.

\_\_\_\_\_. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII Os jogos da troca**. São Paulo: WMF Martins Fontes, v. 2, 2009.

BRASIL. Instrução Normativa Nº 10, de 15 de maio de 2006. Institui o Regulamento Técnico de Identidade e Qualidade da Pimenta-do-reino; a Amostragem; os Procedimentos complementares; e o roteiro de classificação. **Diário Oficial da União**. Seção 1, Brasília, DF, ano 2006, nº 92, p. 1.

\_\_\_\_\_. Lei Nº 11.326, de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm). Acesso: 16 de novembro de 2021.

CARDOSO, Fernando Henrique; MÜLLER, Geraldo. **Amazônia expansão do capitalismo**. Rio de Janeiro: Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

CARIOLA, Cecília; MORENO, Oscar. Metodología Socio-política del MORVEN: Descripción de los niveles de análisis. **MORVEN: Metodología para el diagnóstico regional**, Venezuela, Enero 1980.

CASTILLO, Ricardo; FREDERICO, Samuel. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 22, p. 461-474, dezembro 2010.

CATAIA, Marcio; RIBEIRO, Luís Henrique Leandro. Análise de situações geográficas: Notas sobre metodologia de pesquisa em geografia. **ANPEGE**, p. 19, junho 2015.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: UFSC, 2011.

COMEXSTAT. Portal para acesso gratuito às estatísticas de comércio exterior do Brasil – **Exportação e Importação Geral**. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>. Acesso em: 21 novembro 2021.

\_\_\_\_\_. **Exportações e Importações Municípios**. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/municipio>. Acesso em: 21 de novembro de 2021.

COMMUNITY, International Pepper (IPC). **Site da IPC**, 2022. Disponível em: <https://www.ipcnet.org/>. Acesso em: 06, janeiro 2022.

\_\_\_\_\_. **Exporters/Importers**. Disponível em: <https://www.ipcnet.org/>. Acesso em: 15 de abril 2021.

\_\_\_\_\_. **History of Pepper**. Disponível em: <https://www.ipcnet.org/history-of-pepper/>. Acesso em: 15 de abril de 2021.

CONAB, COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Preços médios mensais. **CONAB**, 06 de junho 2022. Disponível em: <https://sisdep.conab.gov.br/precosiagroweb/>. Acesso em: 22 de junho 2022.

COOPBAC. Cooperativa de Agricultores Agropecuários da Bacia do Cricaré, 2021. Disponível em: <https://www.coopbac.coop.br/>. Acesso em: 05 de maio 2022.

CRUZ, Benedito Ely Valente da. **O alvorecer das indicações geográficas na Amazônia: a 'corrida' pela IG do queijo artesanal do Marajó/PA**. 389 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, Presidente Prudente- São Paulo, 2017.

DANTAS, Aldo; ARROYO, Mónica; CATAIA, Márcio (org.). **Dos circuitos da economia urbana aos circuitos espaciais de produção**: Um diálogo com a teoria de Milton Santos. Natal: Sebo Vermelho, 2017. 556 p.

\_\_\_\_\_. Circuito espacial de produção e lugar. **Sociedade e Território**, Natal, v. 28, p. 1933-199, junho 2016.

DEMO, Pedro. Metodologia Científica em ciências sociais. São Paulo: **ATLAS**, 1995, 146 p.

DEVASAHAYAM, S *et al.* **Black Pepper**. Kerala: ICAR- Indian Institute of Spices Research, 2012. Disponível em: <http://www.spices.res.in/>. Acesso em: janeiro de 2022.

DIAS, Leila Christina. Os sentidos da rede: Notas para a discussão. *In*: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da **Redes, sociedade e territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005. cap. 1, p. 11-28.

DUARTE, Maria de Lourdes Reis *et al.* **A cultura da-pimenta-do-reino**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, v. Coleção Plantar, 2006.

EMBRAPA. **Bases de Dados da Pesquisa Agropecuária**. Disponível em: <https://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/consulta/busca>. Acesso em: 12 de julho 2022.

EMBRATER/EMBRAPA/EMATER-ES/EMCAPA. **Sistemas de produção para a pimenta-do-reino- Espírito Santo**. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária e Assistência Técnica e Extensão Rural. Vitória, p. 32. 1981.

FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. **FOSTAT**, 2022. Disponível em: <https://www.fao.org/faostat/en/#data/QCL/visualize>. Acesso em: 06 de janeiro 2021.

FAPESPA. Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental da Região de Integração Tocantins. **Fundação de Amazônia de Amparo à Estudo e Pesquisas**, Belém, 2015. Disponível em: [www.fapespa.pa.gov.br](http://www.fapespa.pa.gov.br). Acesso em: 15 de janeiro de 2021.

\_\_\_\_\_. **Estatísticas Municipais Paraenses: Cameté**. Fundação Amazônia de Amparo à Estudos e Pesquisas do Pará (FAPESPA). Belém, p. 55. 2015.

FLOHRSCHÜTZ, Gerhard Hubert Hermann *et al.* **O processo de Desenvolvimento e Nível Tecnológico de culturas perenes**: O caso da pimenta-do-reino no nordeste paraense. Belém: EMBRAPA, 1983.

FURTADO, Celso. Economia da transição para o trabalho assalariado século XIX. *In*: \_\_\_\_\_. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

GARCIA, Ariel; ROFMAN, Alejandro. Circuitos productivos regionales: Apuntes para una renovada herramienta analítica sobre procesos económicos en América Latina a

princípios de século XXI. **Revista Brasileira de estudos urbanos e regionais**, v. 22, p. 26, 25 de agosto 2020.

GIL, Antônio Carlos. Método das Ciências sociais. *In: Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: ATLAS, 2008. cap. 2, p. 8-25.

GRUPPE, FUCHS. **Na trilha das especiarias**, 2021. Disponível em: <https://fuchsgruppe.com/de/ueber-uns/auf-den-spuren-der-gewuerze>. Acesso em: 01, julho 2022.

HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil**. TA Queiroz Editor, 1987.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama; MIRANDA FILHO, L. **Análise da estrutura da produção de pimenta-do-reino no Estado do Pará-1977/78**. 1979. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/385144>. Acesso em janeiro de 2021.

\_\_\_\_\_. **Oferta e demanda de pimenta-do-reino a nível mundial: perspectivas para o Brasil**. Embrapa Amazônia Oriental-Séries anteriores (INFOTECA-E), 1981. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/378778/1/Miscelanea8.pdf>. Acesso em: Acesso em janeiro de 2021.

\_\_\_\_\_. WORKSHOP SOBRE A CULTURA DA PIMENTA DO REINO. **A civilização da pimenta-do-reino na Amazônia**, Belém, 29 janeiro 2014. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/293146160\\_A\\_Civilizacao\\_da\\_Pimenta-do-reino\\_na\\_Amazonia](https://www.researchgate.net/publication/293146160_A_Civilizacao_da_Pimenta-do-reino_na_Amazonia). Acesso em: 7, março 2020.

\_\_\_\_\_. **A imigração Japonesa na Amazônia: Sua contribuição ao desenvolvimento agrícola**. 2. ed. Brasília: EMBRAPA, 2016.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/universo-caracteristicas-da-populacao-e-dos-domicilios>. 2010. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

\_\_\_\_\_. **Tabela 1378** - População residente, por situação do domicílio, sexo e idade, segundo a condição no domicílio e compartilhamento da responsabilidade pelo domicílio. Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA), 2010. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1378>. Acesso em: 10 janeiro 2022.

\_\_\_\_\_. **IBGE-CIDADES - 2014**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/cameta/panorama>. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro. 2001.

LEÃO, Valdemar Carneiro. **A crise da imigração japonesa no Brasil, 1930-1934: contornos diplomáticos.** Fundação Alexandre de Gusmão, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 1990.

LEMONS, Oriel Filgueira; POLTRONIERI, Marli Costa. **Pimenta do reino: cultivares.** EMBRAPA - Amazônia Oriental. Belém, p. 2. 2014.

MAESTRI, Mário. A formação do campesinato no Brasil. *In*: STEDILE, João Pedro **A questão agrária no Brasil - Interpretações sobre o camponês e o campesinato.** 1. Ed: Expressão popular, v. 9, 2016. p. 364.

MALHEIRO, Bruno Cezar Pereira; JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da Trindade. Entre rios, rodovias e grandes projetos: Mudanças e permanências em realidades urbanas do baixo Tocantins (Pará). **História Revista**, v. 14, n. 2, p. 30, junho 2009. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/9517>. Acesso em: 19 janeiro 2022.

MAP, TRADE. Lista dos mercados importadores do produto exportado pelo Brasil em 2020, 2020. Disponível em: [https://www.trademap.org/Country\\_SelProductCountry.aspx?nvpm=1%7c076%7c%7c%7c%7c090411%7c%7c%7c6%7c1%7c1%7c2%7c1%7c1%7c2%7c2%7c2%7c1](https://www.trademap.org/Country_SelProductCountry.aspx?nvpm=1%7c076%7c%7c%7c%7c090411%7c%7c%7c6%7c1%7c1%7c2%7c1%7c1%7c2%7c2%7c2%7c1). Acesso em: 05, janeiro 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARX, Karl. Introdução à contribuição à crítica da economia política. *In*: MARX, Karl **Contribuição à crítica da economia política.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 237-268.

\_\_\_\_\_. **O Capital, Crítica da Economia Política.** *In*: Livro I O processo de reprodução do capital. Tradução de Rubens Enderle. Boitempo, 2013. 1493 p.

\_\_\_\_\_. **O processo de Circulação do Capital.** *In*: Livro II. O Capital: Crítica da economia Política. Editora: BOITEMPO, 2014.

MDA, MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO-. PLANO TERRITORIAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL PTDRS TERRITÓRIO DA CIDADANIA DO BAIXO TOCANTINS, Barcarena, p. 83, 2008. Disponível em: [http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs\\_qua\\_territorio130.pdf](http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_qua_territorio130.pdf). Acesso em: 25 outubro 2021.

MELO, Célio Francisco Marques de *et al.* **ALTERNATIVAS PARA O APROVEITAMENTO INDUSTRIAL DA PIMENTA-DO-REINO (Piper nigrum L.).** Belém: EMBRAPA-CPATU, 1990. 30 p.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. Os círculos espaciais da produção e os círculos de cooperação no espaço, São Paulo, p. 32, março 1985.

MOREIRA, Wendel K.O *et al.* **PRODUCTION CHAIN OF BLACK PEPPER IN BRAZIL:** Nucleus, v. 18, 2021. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/355827774> Production Chain of Black Pepper in Brazil. Acesso em: 05 de janeiro 2022.

MUTO, Reiko et al. O Japão Amazônia: condicionantes para a organização e mobilidade dos imigrantes japoneses (1929-2009). 2010.

NAMDAR, Mina *et al.* **Agricultura familiar y circuitos cortos**: Nuevos esquemas de producción, comercialización y nutrición. Santiago, Chile: Publicación de las Naciones Unidas, 2014.

NINOMIYA, Masato. O centenário do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre Brasil e Japão. Revista USP, n. 28, pág. 245-250, 1996.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha. Imigração japonesa na história contemporânea do Brasil. Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1984.

ONU, COMTRADADE DA. Estatísticas de Comércio. **Nações Unidas Estatísticas de Comércio**, 2022. Disponível em: <https://comtrade.un.org/Data/mbs>. Acesso em: 15 de dezembro 2021.

PADINHA, Marcel Ribeiro. **Em terras precárias quem tem pouco é centro: O papel das pequenas Cidades na Rede Urbana Amazônica: uma análise a partir de Cametá-PA**. 221 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

PARÁ, AGÊNCIA. Em Cametá, Vila de Porto Grande ganhará ponte construída pelo governo do estado. **Agência Pará**, Belém, 10 setembro 2021. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/31288/>. Acesso em: 25 de fevereiro 2022.

PERES, Luís. Museu de Fotos. **Luís Peres Cametá**, Cametá. Disponível em: <http://luisperescameta.blogspot.com/p/museu-de-fotos.html>. Acesso em: 30 de janeiro 2022.

POLTRONIERI, Marli Costa; LEMOS, Oriel Filgueira. Cultivares de pimenta do reino, Fevereiro 2014. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/994798/1/FolderCultivaresPimenta.pdf>. Acesso em: 04 de abril de 2022.

PRADANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ermani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: [www.feevale.br/editora](http://www.feevale.br/editora). Acesso em: 06 de janeiro 2022.

PRAZERES, Joenia Nunes dos. **Sítios Agrícolas das Colônias São Vicente e Ponta Grossa: Uma experiência Agrícola desenvolvida nas décadas de 1970 e 1980 na comunidade de Carapajó, município de Cametá**. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura), Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura da Universidade Federal do Pará. Cametá, 2019.

ROFMAN, Alejandro. Notas sobre subsistemas espaciais e circuitos de acumulação regional. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, v. 6, p. 28, 2016.

SANTOS, Flodoaldo Moreira do. **O porto de Cameté no espaço da circulação**. Cameté: Lendoas, 2015. 136 p.

SANTOS, Milton. Circuitos espaciais da produção: Um comentário. *In*: SOUZA, Maria Adélia de *et al.* **A construção do Espaço**. São Paulo: Nobel, 1986. p. 135.

\_\_\_\_\_. O meio Técnico-científico-informacional. *In*: SANTOS, Milton **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: [s.n.], 1994. cap. 4, p. 59-81.

\_\_\_\_\_. O papel ativo da geografia: Um manifesto. **XII encontro Nacional de Geógrafos**, Florianópolis, julho 2000. *In*: <http://miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2011/08/O-papel-ativo-da-geografia-um-manifesto> MiltonSantos-outros\_julho2000.pdf. Acesso em: outubro, 2021.

\_\_\_\_\_. O espaço Total de nossos dias. *In*: SANTOS, Milton **Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. cap. 15, p. 201-2018.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

\_\_\_\_\_. **O espaço dividido: Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - EDUSP, 2008.

\_\_\_\_\_. O espaço e seus elementos: Questões de método. *In*: \_\_\_\_\_. **Espaço e Método**. São Paulo: Editora da EDUSP, 2014a [1985], p. 15-33.

\_\_\_\_\_. Categorias tradicionais, Categorias atuais. *In*: **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. São Paulo: Editora da EDUSP, 2014b [1988]. 5 ed, p. 51-63.

\_\_\_\_\_. Os atuais círculos de cooperação, consequência dos circuitos espaciais da produção. *In*: \_\_\_\_\_.; SILVEIRA, Maria Laura (org.). **O Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI**. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020. cap. 6, p. 143-164.

SECRETARIA DE ESTADO E DESENVOLVIMENTO AGROPECUARIO E DA PESCA. **Síntese Agropecuária Municipal- Divisão Regional de Integração**. SEDAP. Belém. 2021.

SEPLAN. Região de Integração do Tocantins. **Secretaria de planejamento e Administração**, Belém, 2022. Disponível em: [https://seplan.pa.gov.br/sites/default/files/PDF/ppa/ppa2020-2023/ri\\_tocantins.pdf](https://seplan.pa.gov.br/sites/default/files/PDF/ppa/ppa2020-2023/ri_tocantins.pdf). Acesso em: 25 dezembro 2021.

SERRANO, Luiz Augusto Lopes; LIMA, Inobert de Melo; MARTINS, Marlon Vagner Valetim. **A Cultura da pimenteira-do-reino do estado do Espírito Santo**. INCAPER-Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural. Vitória, p. 35. 2006.

SHANIN, Theodor. Lições camponesas. *In*: PAULINO, Eliane Tomiasi; FABRINI, João Edmilson. **Campesinato e Territórios em disputa**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. cap. 1, p. 23-48.

SIDRA. Sistema IBGE de Recuperação Automática. **Produção Agrícola Municipal**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas>. Acesso em: ano 2021.

\_\_\_\_\_. **Tabela 1613** – Área destinada à colheita, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção das lavouras permanentes. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1613>. Acesso em: 15 de janeiro de 2021.

\_\_\_\_\_. **Censo Agropecuário 2017**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017>. Acesso em: ano 2021..

\_\_\_\_\_. **Tabela 6955** - Produção, Valor da produção, Venda, Valor da venda, Colheita, Área plantada e Efetivos das plantações da lavoura permanente nos estabelecimentos agropecuários, por tipologia, produtos da lavoura permanente, condição do produtor em relação às terras e grupos de atividade econômica. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6955>. Acesso em: 15 de janeiro de 2021.

\_\_\_\_\_. **Tabela 6956** - Produção, Valor da produção, Venda, Valor da venda, Colheita, Área plantada e Efetivos das plantações da lavoura permanente nos estabelecimentos agropecuários, por tipologia, produtos da lavoura permanente e grupos de área total. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6956> Acesso em: 15 de janeiro de 2021.

SILVA, Cristina Silvana da. **Circuito espacial produtivo das confecções e explorações do trabalho na metrópole de São Paulo. Os dois circuitos da economia urbana nos bairros do Brás e Bom Retiro**. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 362 f. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SILVA, Luciano Pereira Duarte. **Circuito espacial produtivo do petróleo na Bacia de Santos e a economia política da região metropolitana da Baixada Santista**. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 414 f. Tese (Doutorado em Geografia), Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

SILVEIRA, María Laura. Uma situação Geográfica: Do método à metodologia. **Território**, v. 6, p. 8, junho 1999.

SOUSA, Raimundo Valdomiro de. **Campesinato na Amazônia: Da subordinação à luta pelo poder**. Belém: NAEA, 2002. 212 p.

SUZUKI, Teiti. A imigração japonesa no Brasil. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 39, p. 57-65, 1995.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da Trindade *et al.* Espacialidades e temporalidades urbanas na Amazônia ribeirinha: Mudanças e permanências a jusante do rio Tocantins. **ACTA geográfica**, p. 117-133, abril 2011. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/actageo/article/viewFile/544/607>. Acesso em: 19 janeiro 2022.

TRIVINHO, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: ATALAS, 1987.

TROPOC, Produtos Tropicais de Castanhal Ltda-, 2022. Disponível em: <https://tropoc.com.br/>. Acesso em: julho 2022.

VIDAL, Maria de Fátima. Evolução do cultivo de pimenta-do-reino na área de atuação do BNB. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, ano 5, n.146, dez. 2020. (Caderno Setorial ETENE). Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/s482-dspace/handle/123456789/657>. Acesso em: novembro de 2020.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: Um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, p. 203-220, agosto/dezembro 2014.

YAMAMURA, Roberto Jimmy Hideki. O estabelecimento das relações Brasil-Japão no século XIX. Textos de história, v. 4, n. 1, p. 125-148, 1996.

ZANCANARO, Raquel Daneliczeu. **Pimentas: Tipos, utilização na culinária e funções no organismo**. Brasília, 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Lato sensu em Gastronomia e Saúde), Centro de Excelência em Turismo - CET, Universidade de Brasília (UNB). Brasília, 2008.

## ANEXO I – O trabalho de Campo

---

### **1. Realização do 1º trabalho de campo em Bom Jardim: julho de 2021.**

Após o contato com a Secretaria de Agricultura e Desenvolvimento (SEMADRE) e a procura de informações e dados sobre a atividade nas vilas recebemos o convite para acompanhar os técnicos e estagiários do órgão na coleta dos dados referentes ao DRP- Diagnóstico Rural Participativo. Com a presença de produtores de pimenta do reino no local aproveitamos a ocasião para dialogar sobre a atividade e a realidade do produtor de pimenta do reino na vila de Bom Jardim.

Diante dos relatos pôde-se trabalhar em cima dos questionários e das entrevistas dialogadas, para então efetivar a coleta de dados primários.

### **2. Realização do 1º trabalho de campo em Porto Grande: 18 de outubro de 2021**

De posse dos questionários e do roteiro das entrevistas deu-se início no dia 18 de outubro de 2021 a coleta de dados primários, para isso contamos com o auxílio de “Neto”, o qual permitiu que acompanhássemos seu trabalho como comprador de pimenta. Conforme seguiam-se as negociações íamos observando e aplicando os questionários aos produtores. No primeiro dia visitamos 4 propriedades rurais, ou seja, 4 produtores de pimenta do reino, já na sede da Vila conversamos e aplicamos questionários a 3 compradores-intermediários locais, totalizando **7 entrevistados**.

### **3. Realização do 2º trabalho de campo em Porto Grande: 21 de outubro de 2021**

Do mesmo modo do que fora realizado no primeiro trabalho de campo voltamos a acompanhar a rotina de negociação do comprador, nesta ocasião foram entrevistados 5 produtores de pimenta e 1 comprador, totalizando **6 entrevistados**.

### **4. Realização do 3º trabalho de campo em Porto Grande e 2º em Bom Jardim: 03 de novembro de 2021**

Sabendo que nesta data haveria um carregamento de pimenta do reino na Vila de Porto Grande e Bom Jardim por um comprador de fora (Mocajuba) o objetivo principal desta visita era acompanhar, observar e entrevistar este comprador. Já na vila de Bom Jardim foram aplicados 2 questionários com compradores-intermediários locais, totalizando **3 entrevistados**.

### **5. Realização do 4º trabalho de campo em Porto Grande: 11 de novembro de novembro de 2021**

O último trabalho de campo na vila de Porto Grande foi realizado no dia 11 de novembro com a continuação da coleta de dados.

#### **6. Realização do 3º trabalho de campo em Bom Jardim: 09 de dezembro de 2021**

O último trabalho de campo a ser concluído foi na vila de Bom Jardim, na ocasião foram entrevistados 11 produtores de pimenta do reino e 01 comprador-intermediário local, totalizando **12 entrevistados**.

##### **O Tratamento dos dados**

Os dados obtidos em campo foram organizados e tabulados em planilhas do programa Microsoft Windows Office Excel 2013 e de posse dos dados em obtidos em campo buscou-se gerar tabelas, gráficos e mapas, estes últimos foram gerados a partir do programa Qgis, versão 3.16.11. As entrevistas foram gravadas e analisadas em conjunto aos dados quantitativos.

**ANEXO II- Questionários utilizados para coleta de dados em campo, 2021.**

**Questionário 1. Grupo “A” – produtor de pimenta do reino**

| <b>IDENTIFICAÇÃO DO PRODUTOR</b>    |  |
|-------------------------------------|--|
| 2.                                  | Gênero: <input type="checkbox"/> masculino <input type="checkbox"/> feminino    Idade:   |
| 3.                                  | Origem/Naturalidade:   |
| 4.                                  | Estado Civil:  |
| 5.                                  | Quantos membros possui na família?   |
| 6.                                  | Quantas membros da família trabalham no campo com o s.r.?  |
| 7.                                  | Quem são essas pessoas?  |
| 8.                                  | <input type="checkbox"/> filhos <input type="checkbox"/> Esposa <input type="checkbox"/> noras/genros <input type="checkbox"/> netos <input type="checkbox"/> sogros (as) <input type="checkbox"/> pais  |
| 9.                                  | Nível de escolaridade: <input type="checkbox"/> não frequentou escola; <input type="checkbox"/> frequentou até o 4º ano; <input type="checkbox"/> fundamental incompleto; <input type="checkbox"/> fundamental completo; <input type="checkbox"/> ensino médio completo; <input type="checkbox"/> ensino médio incompleto; <input type="checkbox"/> superior;  |
| 10.                                 | Recebe auxílio/benefício do governo? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO. Qual? <input type="checkbox"/> Aposentadoria <input type="checkbox"/> Bolsa Família <input type="checkbox"/> Auxílio da colônia dos pescadores <input type="checkbox"/> Pensão <input type="checkbox"/> outros.  |
| 11.                                 | Possui outra fonte de renda além da agropecuária? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO  |
| 12.                                 | Emprega/Investe esse dinheiro ou parte dessa renda na pimenta do reino? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO  |
| 13.                                 | O que motivou o s.r. a cultivar a pimenta do reino?  |
| 14.                                 | Iniciou o cultivo com quantos pés de pimenta do reino? _____. Pés.   |
| 15.                                 | Há quanto tempo atua na atividade? <input type="checkbox"/> Menos de 10 anos; <input type="checkbox"/> de 10 a 20 anos; <input type="checkbox"/> de 20 a 30 anos; <input type="checkbox"/> de 30 a 40 anos; <input type="checkbox"/> de 50 a 60 anos; <input type="checkbox"/> Mais de 60 anos.  |
| 16.                                 | Participa de alguma associação ou cooperativa? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO   |
| 17.                                 | Recebe ou recebeu algum financiamento para atividade? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO. Se a resposta for SIM, qual linha de crédito: <input type="checkbox"/> FNO <input type="checkbox"/> PRONAF <input type="checkbox"/> OUTROS. Qual agente financiador (instituição)? _____. Valor recebido: _____. Ano de recebimento: _____.   |
| 18.                                 | Possui assistência técnica? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO, Se a resposta for SIM, de quem? _____   |
| a.                                  | Quantas vezes por mês/ano recebe a visita dos técnicos? _____  |
| 19.                                 | Já realizou análise do solo da propriedade para o cultivo de pimenta do reino? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO   |
| 20.                                 | Reside na área onde cultiva a pimenta do reino? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO, se a resposta for NÃO, onde reside? _____   |
| <b>IDENTIFICAÇÃO DA PROPRIEDADE</b> |  |
| 21.                                 | Município: _____ Localidade: _____ coordenadas geográficas:  |
| 22.                                 | Tipo de moradia? <input type="checkbox"/> Alvenaria <input type="checkbox"/> Madeira <input type="checkbox"/> Palha  |
| 23.                                 | Possui energia elétrica? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> não   |
| 24.                                 | Nome da propriedade:   |
| 25.                                 | Possui título da propriedade: <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO  |
| 26.                                 | Tamanho da propriedade:<br>( <input type="checkbox"/> Mais de 0 a menos de 0,1; <input type="checkbox"/> de 0,1 a menos de 0,2; <input type="checkbox"/> de 0,2 a menos de 0,5; <input type="checkbox"/> de 0,5 a menos de 1; <input type="checkbox"/> de 1 a menos de 2; <input type="checkbox"/> de 2 a menos de 3; <input type="checkbox"/> de 3 a menos de 4; <input type="checkbox"/> de 4 a menos de 5; <input type="checkbox"/> de 5 a menos de 10; <input type="checkbox"/> de 10 a menos de 20; <input type="checkbox"/> de 20 a menos de 50; <input type="checkbox"/> de 50 a menos de 100; <input type="checkbox"/> de 100 a menos de 200; <input type="checkbox"/> de 200 a menos de 500; <input type="checkbox"/> de 500 a menos de 1.000; <input type="checkbox"/> de 1.000 a menos de 2.500; <input type="checkbox"/> de 2.500 a menos de 10.000; <input type="checkbox"/> de 10.000 ha e mais. |
| 27.                                 | Quantas hectares são destinadas, somente, ao cultivo de pimenta do reino?  |

( ) Mais de 0 a menos de 0,1; ( ) de 0,1 a menos de 0,2; ( ) de 0,2 a menos de 0,5; ( ) de 0,5 a menos de 1; ( ) de 1 a menos de 2; ( ) de 2 a menos de 3; ( ) de 3 a menos de 4; ( ) de 4 a menos de 5; ( ) de 5 a menos de 10; ( ) de 10 a menos de 20; ( ) de 20 a menos de 50; ( ) de 50 a menos de 100; ( ) de 100 a menos de 200; ( ) de 200 a menos de 500; ( ) de 500 a menos de 1.000; ( ) de 1.000 a menos de 2.500; ( ) de 2.500 a menos de 10.000; ( ) de 10.000 ha e mais.

### IDENTIFICAÇÃO DAS PRINCIPAIS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA PROPRIEDADE

28. Quais as culturas desenvolvidas na propriedade? ( ) mandioca; ( ) feijão; ( ) milho; ( ) açaí; ( ) abacaxi; ( ) pimenta do reino; ( ) banana; ( ) maracujá; ( ) coco; ( ) cupuaçu; ( ) bacuri; ( ) laranja; ( ) limão; ( ) cacau; ( ) arroz ( ) outros:

29. Entre as atividades citadas quais delas são consideradas as principais fontes geradoras de renda da família em grau de importância? 1. \_\_\_\_\_ 2. \_\_\_\_\_ 3. \_\_\_\_\_ 4. \_\_\_\_\_ 5. \_\_\_\_\_.

30. Em comparação as outras atividades, o senhor consegue estimar qual a participação/total de contribuição da renda obtida na venda da pimenta do reino na renda total da família? ( ) até 10%; ( ) 20%; ( ) 30%; ( ) 50%; ( ) 60%; ( ) 70%; ( ) 80%; ( ) 100%...

### IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO GERAL DE PIMENTA DO REINO

31. Possui quantos pés de pimenta do reino em sua propriedade?

32. Consegue estimar o valor investido na construção do pimental que tem hoje?

33. Qual a quantidade produzida (Toneladas)? Safra 2020: \_\_\_\_\_ Safra 2021: \_\_\_\_\_

34. Qual a quantidade de pimenta que o sr já vendeu até a data de aplicação deste questionário?

35. Vendeu a quanto (reais) o quilo? Safra 2020: \_\_\_\_\_ Kg Safra 2021: \_\_\_\_\_ Kg

36. Qual o valor total (Mil reais) obtido na venda da produção? Safra 2020: \_\_\_\_\_ Safra 2021: \_\_\_\_\_

### IDENTIFICAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA PIMENTA DO REINO NA PROPRIEDADE

37. Como é realizado o preparo da área? ( ) tradicional /manual ( ) "moderno"/Mecanizada (máquinas de aradar a terra).

38. Quais os tipos de tutores utilizados? ( ) tradicional (Estacas de madeira de lei) ( ) tutor vivo (Árvores).

39. Os tutores/estacas são próprios ou comprados de outros? Se a resposta for compra, qual o valor dado em cada estaca? \_\_\_\_\_. Quantas comprou nesse ano: \_\_\_\_\_

40. Quais as principais cultivares que o s.r. cultiva na propriedade: ( ) ARPRA; ( ) Bragantina; ( ) Cingapura; ( ) Guajarina; ( ) laçará; ( ) Kottanadan; ( ) Kuthiraavally; ( ) Sempre verde ( ) Tiracota ( ) Pimenta comum ( ) outras espécies:

41. Qual origem das mudas? ( ) Produz do pimental matriz ( ) Compra de terceiros, se a opção selecionada for compra, qual o lugar de origem: \_\_\_\_\_. Qual o valor pago em na unidade? \_\_\_\_\_. Quantas comprou nesse ano: \_\_\_\_\_

42. Possui sistema de irrigação nos pimentais? ( ) SIM ( ) NÃO.

43. Quais os principais insumos/fertilizantes utilizados na atividade? ( ) Adubação orgânica; ( ) Adubação química;

44. Qual a quantidade de insumos/fertilizantes utilizada por ano?

|                              | Adubação orgânica | Adubação química |
|------------------------------|-------------------|------------------|
| Quantidade utilizada por ano |                   |                  |
| Valor total gasto por ano    |                   |                  |

45. Quais os principais tipos de adubação orgânica utilizada:  Torta de mamona;  Esterco de gado;  Esterco de aves;  Farinha de osso  outros: \_\_\_\_\_

46. Quais os principais tipos de adubação química:  Ureia;  Superfosfato triplo –STP;  Cloreto de potássio- KCl;  NPK  Calcário  outros: \_\_\_\_\_.

47. De onde o s.r. (a) compra esses fertilizantes?

|        | Adubação orgânica | Adubação química |
|--------|-------------------|------------------|
| Origem |                   |                  |

48. Quais tratos culturais que realiza no plantio de pimenta-do-reino?  Limpeza da área  Adubação química/ orgânica  Capina  Roçagem  Drenagem  amontoa  Cobertura morta  Amarrio das mudas  Podas (formação e condução  outros: \_\_\_\_\_.

49. Quais as principais doenças que o s.r. enfrenta no seu pimental?  Fusariose  Podridão do pé  Queima-Fio  outras: \_\_\_\_\_.

50. O s.r. já teve perdas totais e/ou parciais de pimentais por causa de alguma doença?  SIM  NÃO.

51. Qual período do ano é realizado a colheita? \_\_\_\_\_ a \_\_\_\_\_.  
Como é feita a colheita?  manual;  mecanizada;

52. Em que modalidade é realizado a separação dos grãos?  manual/peneira;  mecanizado/máquina de debulhar

53. Possui lugar adequado para a separação dos grãos?  SIM  NÃO  
Possui instrumentos específicos para essa etapa?  Tocas  Botas  luvas  outros ...

54. Como é feita a secagem?  Natural (a pleno sol)  artificial (Estufas)

55. Em que modalidade é realizado a ventilação dos grãos?  Ventilador/manual;  ventilador mecânico;  não realiza;  outros

56. Onde o produto é armazenado?  em casa;  em galpões próprios;  em galpões alugados;  não armazeno, vendo logo.  em depósitos separados.

57. Quais as principais formas de pimenta produzida pela unidade familiar?  Pimenta preta  Pimenta Branca  Pimenta verde  Pimenta vermelha  outras.

58. Quais os principais instrumentos utilizados nessa atividade

|                        | Nº | Bombas de Borrifação     | Nº |
|------------------------|----|--------------------------|----|
| Ventiladores           |    | Roçadeiras               |    |
| Debulhadores           |    | Cavalos/escadas          |    |
| Enseirados             |    | Cestos/Bisacos de coleta |    |
| Sacos de polipropileno |    | Enxadas/Arecas/          |    |

#### MÃO DE OBRA

59. Quantas pessoas trabalham diretamente com o s.r. na atividade?  
 Até 5 pessoas;  acima de 5 até 10;  acima de 10 até 15;  acima de 15 até 20;  acima de 20 até 25;  acima de 25 até 30;  acima de 30 até 35;  acima de 35 até 40;  acima de 40 até 45;  acima de 45 até 50;  acima de 50: \_\_\_\_\_.

60. Quem são elas?  Só integrantes da família;  Só mão de obra contratada;  Integrantes da família e mão de obra contratada;

61. Caso haja contratação de mão de obra, qual o sistema de contratação?  empreita;  diárias;  de meia;  Quilo (kg) colhido;  outros: \_\_\_\_\_.

Identifique a quantidade de pessoas contratadas e o valor gasto por período e etapa nesse ano:

| Mão de obra | Plantio | Tratos Culturais | Colheita    | Beneficiamento |
|-------------|---------|------------------|-------------|----------------|
| Quantidade  |         |                  |             |                |
| Valor gasto |         |                  | KG colhido: |                |
|             |         |                  |             |                |

62. Qual a origem (local) desses trabalhadores?

63. Em média quanto (r\$) o s.r. gasta com mão de obra contratada para atuar na atividade?

Plantio: \_\_\_\_\_ Tratos culturais: \_\_\_\_\_ Colheita: \_\_\_\_\_

Beneficiamento: \_\_\_\_\_

### ETAPA COMERCIALIZAÇÃO

64. Para quem ou para onde vende a pimenta do reino?

65. Onde negocia/vende a produção?

( ) na propriedade onde cultiva ( ) na vila ( ) direto na sede do município (Cametá) ( ) outros municípios:

\_\_\_\_\_.

66. A venda é feita para quem?

( ) Consumidor final (comércios, indústrias, etc) ( ) compradores locais/Intermediários ( ) Empresas de exportações locais ( ) Representantes de empresas exportadoras de fora ( ) outros:

\_\_\_\_\_. Nome do comprador: \_\_\_\_\_. Local de origem do comprador:

67. De onde (Cidade/estado) são esses compradores?

68. Qual a principal via utilizada no escoamento da produção da unidade produtora ao comprador? ( ) Estrada de terra ( ) rodovia pavimentada ( ) rio ( ) ferrovia ( ) aerovia

69. Quem é o responsável pelo transporte do produto?

( ) comprador ( ) produtor

### ESTRATÉGIAS DE REPRODUÇÃO SOCIOECONÔMICA

70. Na sua opinião quais as principais dificuldades enfrentadas no desenvolvimento da atividade?

( ) constante oscilação dos preços ( ) Tempo de vida das pimenteiras ( ) Falta de assistência técnica ( ) Falta de linhas de créditos/financiamentos ( ) não realizar a venda direta com o consumidor final ( ) gastos na atividade ( ) Ausência de Cooperativa dos produtores ( ) Dependência do comprador intermediário ( ) outros:

71. Quais as melhorias de vida que a pimenta do reino tem proporcionado para o s.r. e sua família?

72. Por quais motivos o s.r. ainda cultiva pimenta do reino?

73. Qual a fonte de renda da família no período da entressafra?

74. Porque você gosta de plantar pimenta do reino?

75. Você gosta de plantar pimenta do reino?

76. Qual a importância da pimenta do reino na sua vida?

77. O que levaria você deixar de plantar pimenta?

78. O s.r. reinveste o valor obtido na venda da produção em novas áreas de cultivo de pimenta?

( ) SIM ( ) NÃO

79. Onde o sr investe o dinheiro que ganha com a venda da pimenta do reino?

80. Em sua opinião o que falta para a atividade ser mais rentável para o sr?

**Questionário 2. Questionário “B” – Compradores de pimenta do reino**

| <b>IDENTIFICAÇÃO DO COMPRADOR</b>                   |  |
|---|--|
| 1.  | Gênero: <input type="checkbox"/> masculino <input type="checkbox"/> feminino Idade: _____  |
| 2.  | Origem/Naturalidade:<br>Coordenadas geográficas: _____   |
| 3.  | Possui alvará de funcionamento como empresa? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO   |
| 4.  | Se a resposta for SIM, nome da empresa: _____  |
| 5.  | Números de funcionários? _____   |
| 6.  | Exerce outra atividade que não seja a compra da pimenta do reino? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO, se a resposta for SIM, qual? _____  |
| 7.  | Possui outra fonte de renda? Quais? _____  |
| 8.  | É filiado a alguma empresa de exportação? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO, se a resposta for SIM, qual? _____<br>. E de onde/localização? _____  |
| 9.  | Compra a pimenta com capital próprio ou de terceiros (Empresas de exportação)?<br><input type="checkbox"/> Capital próprio <input type="checkbox"/> Capital de terceiros   |
| 10.   | Se a resposta for Capital /dinheiro das empresas, como é feito seu pagamento? _____  |
| 11.   | Consegue estimar quanto (valor) recebe desses agentes, no período da safra, para efetuar a compra do produto?<br>Semana: _____. Mês: _____. Ano: _____   |
| 12.   | _____  |
| 13.   | Possui alguma meta de compra na semana/mês? <input type="checkbox"/> SIM: _____ KG/ton; <input type="checkbox"/> NÃO   |
| 14.   | O que motivou o s.r. a comprar pimenta do reino? _____   |
| 15.   | Quem procura para a compra de pimenta? _____   |
| 16.   | Quais os tipos de pimenta do reino que o s.r. compra?<br><input type="checkbox"/> preta <input type="checkbox"/> branca <input type="checkbox"/> verde <input type="checkbox"/> branca <input type="checkbox"/> outras. _____  |
| 17.   | Além de comprar a pimenta, o s.r. produz? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO. Se a resposta for SIM, quantos pés possui? _____  |
| 18.   | Vende insumos, adubos específicos para uso na produção de pimenta? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO, quais? _____   |
| 19.   | De onde (cidade) são os fornecedores desses adubos? _____  |
| <b>IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS DE ATUAÇÃO</b>           |  |
| 20.   | Quais as localidades/vilas/municípios que o s.r. compra a pimenta? _____   |
| 21.   | Compra de quem? <input type="checkbox"/> Direto do produtor <input type="checkbox"/> de outros compradores   |
| 22.   | Se a resposta for de outros compradores, especificar se esses compradores atuam ligados a outros agentes ou empresas. _____  |
| 23.   | O s.r. vai até as unidades produtores negociar a compra?<br><input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO, os produtores que vem até o comprador. <input type="checkbox"/> envia outras pessoas até as unidades familiares                                   |
| <b>IDENTIFICAÇÃO DO VOLUME DA PRODUÇÃO COMPRADA</b> |  |
| 24.   | Consegue estimar a quantidade (em toneladas) de pimenta que o s.r. comprou nesses últimos dois anos?<br>Safra 2020: _____ Safra 2021: _____  |
| 25.   | Como é feito o pagamento da produção ao produtor?<br><input type="checkbox"/> dinheiro em espécie <input type="checkbox"/> Depósitos bancários <input type="checkbox"/> transferência (pix) <input type="checkbox"/> Cartão de débito <input type="checkbox"/> outros... |

**IDENTIFICAÇÃO DO DESTINO DA PRODUÇÃO**

26. Para qual (is) empresas, empresários ou representantes que o s.r. compra pimenta do reino?

| Destinatário/ nome e lugar | Quantidade |
|----------------------------|------------|
|                            |            |
|                            |            |

**LOGÍSTICA DE ESCOAMENTO**

27. Qual o percurso que a pimenta do reino faz até chegar ao sr?

28. Qual a principal via de escoamento da produção?

29. Qual a forma de transporte?

30. A partir do sr, qual o percurso dessa produção até o comprador?

31. Qual a forma de transporte?

32. Quantas vezes na semana e no mês o s.r. envia carregamento de pimenta para esses compradores?

Semana: \_\_\_\_\_; Mês: \_\_\_\_\_

33. Sabe informar para onde as empresas que atua vende o produto?  SIM  NÃO

34. Quem é o responsável pelo transporte do produto até as sedes das empresas?

**CONDIÇÃO DE ATUAÇÃO DO COMPRADOR**

35. Tipo de moradia?

36. Possui transporte próprio? Se a resposta for sim, especificar:

37. Onde investe o dinheiro que ganha como comprador/intermediário de pimenta?

38. Qual sua fonte de renda no período da entressafra? Ou quando não compra pimenta?

39. O que levaria o sr a deixar de compra pimenta do reino?

40. Quais os principais riscos que a função de comprador lhe oferece?

41. Quais são as principais dificuldades no desenvolvimento de sua função de comprador?

42. Se sente seguro em compra pimenta do reino?  SIM  NÃO, porquê?

43. Encontra dificuldade em negociar o produto com os produtores?  SIM  NÃO, se a resposta for SIM, quais?

44. Existem compradores de fora da vila atuantes na compra do produto?  SIM  NÃO

45. Se a resposta for SIM, existe ou já existiu, algum conflito com outros compradores?  SIM,  NÃO.

### ANEXO III- Termo de consentimento

---

Prezado (a) participante.

Sou discente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Pará e estou desenvolvendo a Dissertação de Mestrado intitulada CIRCUITO ESPACIAL DA PIMENTA DO REINO: IMPLICAÇÕES NA REPRODUÇÃO SOCIOECONÔMICA DOS PRODUTORES FAMILIARES NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ, sob orientação do Prof. Dr. Benedito Ely Valente da Cruz. Sua contribuição envolve uma entrevista, que será gravada se assim você permitir. Ela é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo (a). Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas por Raíssa Lopes Paes ou por Benedito Ely Valente da Cruz.

Atenciosamente,  
Raíssa Lopes Paes  
Benedito Ely Valente da Cruz

**Consinto em participar deste estudo.**

---

Nome e assinatura do  
participante

---

Local e data

**ANEXO IV. Principais tabelas consultadas**

| <b>ÍNDICE DAS TABELAS CONSULTADAS</b>  | <b>LINK PARA ACESSO</b>   |
|--|---|
| <b>Produção Agrícola municipal- SIDRA, 2020</b>  |   |
| <b>Tabela 5457.</b> Área plantada ou destinada à colheita, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção das lavouras temporárias e permanentes   | <a href="https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5457">https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5457</a>   |
| <b>Tabela 1613.</b> Área destinada à colheita, área colhida, quantidade produzida, rendimento médio e valor da produção das lavouras permanentes   | <a href="https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1613">https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1613</a>   |
| <b>Censo Agropecuário - 2017</b>   |   |
| <b>Tabela 6956.</b> Produção, Valor da produção, Venda, Valor da venda, Colheita, Área plantada e Efetivos das plantações da lavoura permanente nos estabelecimentos agropecuários, por tipologia, produtos da lavoura permanente e grupos de área total   | <a href="https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6956">https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6956</a>   |
| <b>Tabela 6955.</b> Produção, Valor da produção, Venda, Valor da venda, Colheita, Área plantada e Efetivos das plantações da lavoura permanente nos estabelecimentos agropecuários, por tipologia, produtos da lavoura permanente, condição do produtor em relação às terras e grupos de atividade econômica | <a href="https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6955">https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6955</a>   |
| <b>TRADE MAP- 2020</b>   |   |
| <b>Lista de exportadores para o produto selecionado em 2020.</b> Produto: 090411. Pimenta do gênero Piper, não triturada nem moída.  | <a href="https://www.trademap.org/Country_SelectProduct.aspx?nvpm=1%7c%7c%7c%7c%7c090411%7c%7c%7c6%7c1%7c1%7c2%7c1%7c1%7c2%7c1%7c%7c1">https://www.trademap.org/Country_SelectProduct.aspx?nvpm=1%7c%7c%7c%7c%7c090411%7c%7c%7c6%7c1%7c1%7c2%7c1%7c1%7c2%7c1%7c%7c1</a>                             |
| <b>Lista de importadores para o produto selecionado em 2020.</b> Produto: 090411. Pimenta do gênero Piper, não triturada nem moída   | <a href="https://www.trademap.org/Country_SelectProduct.aspx?nvpm=1%7c%7c%7c%7c%7c090411%7c%7c%7c6%7c1%7c1%7c1%7c1%7c1%7c2%7c1%7c%7c1">https://www.trademap.org/Country_SelectProduct.aspx?nvpm=1%7c%7c%7c%7c%7c090411%7c%7c%7c6%7c1%7c1%7c1%7c1%7c1%7c2%7c1%7c%7c1</a>                             |
| <b>Lista de mercados importadores para o produto exportado pelo Vietnã em 2020.</b> Produto: 090411 Pimenta do gênero Piper, não triturada nem moída   | <a href="https://www.trademap.org/Country_SelectProductCountry.aspx?nvpm=1%7c704%7c%7c%7c%7c090411%7c%7c%7c6%7c1%7c1%7c2%7c1%7c1%7c%7c2%7c1%7c1%7c1">https://www.trademap.org/Country_SelectProductCountry.aspx?nvpm=1%7c704%7c%7c%7c%7c090411%7c%7c%7c6%7c1%7c1%7c2%7c1%7c1%7c%7c2%7c1%7c1%7c1</a> |
| <b>Lista de mercados importadores do produto exportado pelo Brasil em 2020.</b> Produto: 090411 Pimenta do gênero Piper, não triturada nem moída   | <a href="https://www.trademap.org/Country_SelectProductCountry.aspx?nvpm=1%7c076%7c%7c%7c%7c090411%7c%7c%7c6%7c1%7c1%7c2%7c1%7c1%7c%7c2%7c1%7c1%7c1">https://www.trademap.org/Country_SelectProductCountry.aspx?nvpm=1%7c076%7c%7c%7c%7c090411%7c%7c%7c6%7c1%7c1%7c2%7c1%7c1%7c%7c2%7c1%7c1%7c1</a> |

|  |  |
|--|--|
| <p><b>Lista de mercados importadores para o produto exportado pela Indonésia em 2020</b><br/>                 Produto: 090411 Pimenta do gênero Piper, não triturada nem moída</p>                             | <p><a href="https://www.trademap.org/Country_SelProductCountry.aspx?nvpm=1%7c360%7c%7c%7c%7c090411%7c%7c%7c6%7c1%7c1%7c2%7c1%7c1%7c2%7c1%7c1%7c1">https://www.trademap.org/Country_SelProductCountry.aspx?nvpm=1%7c360%7c%7c%7c%7c090411%7c%7c%7c6%7c1%7c1%7c2%7c1%7c1%7c2%7c1%7c1%7c1</a></p> |
| <p><b>COMTRADE ONU - 2020</b></p>  |  |
| <p><b>Tipo de produto, ano, classificação (HS), países, fluxo de comércio</b> - Exportação, código da mercadoria HS (090411- Especiarias; pimenta (do gênero piper), não triturada nem em pó.</p>              | <p><a href="https://comtrade.un.org/Data/">https://comtrade.un.org/Data/</a></p>   |
| <p><b>Tipo de produto, ano, classificação (HS), países, fluxo de comércio</b> - Importação, código da mercadoria HS (090411- Especiarias; pimenta (do gênero piper), não triturada nem em pó</p>               |  |
| <p><b>Tipo de produto, ano, classificação (HS), países, fluxo de comércio</b> - Reeimportação, código da mercadoria HS (090411- Especiarias; pimenta (do gênero piper), não triturada nem em pó</p>            |  |
| <p><b>Tipo de produto, ano, classificação (HS), países, fluxo de comércio</b> - Reexportação, código da mercadoria HS (090411- Especiarias; pimenta (do gênero piper), não triturada nem em pó</p>             |  |
| <p><b>COMEXSTAT</b></p>  |  |
| <p><b>Exportação e Importação Geral – País, UF do produto, Via, URF por NCM-</b> Nomenclatura Comum do Sul (09041100- Pimenta (do gênero Piper), não triturada nem em pó.</p>                                  | <p><a href="http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral">http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral</a></p>   |
| <p><b>Exportação e Importação por municípios – País, Município, UF do município, Posição SH4 (0904- Pimenta (do gênero piper); pimentos dos gêneros Capsicum ou pimenta, secos ou triturados ou em pó.</b></p> | <p><a href="http://comexstat.mdic.gov.br/pt/municipio">http://comexstat.mdic.gov.br/pt/municipio</a></p>   |



**Universidade do Estado do Pará  
Centro de Ciências Sociais e Educação  
Programa de Pós-Graduação em Geografia  
Travessa Djalma Dutra s/n – Telégrafo  
66113-200 – Belém-PA**